Limites precisos ou fronteiras que desapareceram? As construções impessoais e passivas com o clítico SE/SE no português brasileiro e no espanhol

Benivaldo José de Araújo Junior

ABH
Associação Brasileira de Hispanistas

Prêmio Mario González
Categoria: Estudos da Linguagem

2014

ABH
Associação Brasileira de Hispanistas

PRÊMIO MARIO GONZÁLEZ

Categoria: Estudos de Linguagem

Benivaldo José de Araújo Júnior

Limites precisos ou fronteiras que desaparecem? As construções impessoais e passivas com o clítico *SE*/SE no português brasileiro e no espanhol

2014

ISBN
978-85-66188-05-9

Título
Limites precisos ou fronteiras que desaparecem?
As construções impessoais e passivas com o clítico *SE*/SE no português brasileiro e no espanhol

Autor
Benivaldo José de Araújo Júnior

Edição
1ª

Tipo de Suporte
E-BOOK

Editora
ABH

Ano de edição
2014

NOME:

Benivaldo José de Araújo Júnior

TITULAÇÃO:

Doutor

TÍTULO E SUBTÍTULO:

Limites precisos ou fronteiras que desaparecem?

As construções impessoais e passivas com o clítico *SE*/SE no português brasileiro e no espanhol

ENDEREÇO:

Rua Caravelas, 111 ap. 24

Vila Mariana

04012-060 São Paulo SP

Tel.: (11) 5082 3776 / (11) 9 7332 1353

E-mail: beniaraujo63@gmail.com

BENIVALDO JOSÉ DE ARAÚJO JÚNIOR

Limites precisos ou fronteiras que desaparecem?
As construções impessoais e passivas com o clítico *SE*/SE
no português brasileiro e no espanhol

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientadora:
Profa. Dra. Neide T. Maia González

São Paulo
2013

Aos avós Concessa, Maria Edite e José Pergentino, por todo o amor que me deram.

Aos tios Selma, Benedito e Berônio, pelos muitos ensinamentos.

A George, Zé Ney e Edu Ortega, porque foram amigos de todas as horas.

In memoriam

AGRADECIMENTOS

À Universidade de São Paulo, que me possibilitou crescer academicamente.

A Neide T. Maia González, professora, orientadora e amiga, por guiar-me com sabedoria e segurança ao longo deste trabalho.

A Evani Viotti e Mirta Groppi, cujas sugestões foram fundamentais para a minha pesquisa.

A Adrián Fanjul, pelas sugestões e incentivo contínuo durante a realização deste trabalho.

A Ronald Beline e Lívia Oushiro, pelo acesso aos dados do GESOL-USP.

A Silvio Sato, companheiro de vida, pelo apoio e estímulo permanentes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	—	Ocorrências por construção (C1)	19
Gráfico 2	—	Ocorrências por construção (C2)	19
Figura 1.1	—	Representação do verbo IR (infinitivo)	29
Figura 1.2	—	Representação do verbo IR (particípio)	29
Figura 1.3	—	Cadeia de ação	30
Figura 1.4	—	Modelo de evento canônico	31
Figura 1.5	—	Esquema do evento com 2 participantes	34
Figura 1.6	—	Esquema do evento reflexivo	34
Figura 1.7	—	Esquema do evento médio	36
Figura 1.8	—	Grau de distinguibilidade dos participantes	37
Figura 1.9	—	*Comerse la pizza*	41
Figura 1.10	—	*Bailarse el tango*	41
Figura 1.11	—	Construção absoluta vs. construção energética	44
Figura 2.1	—	Níveis de proeminência da força indutiva	55
Figura 2.2	—	Construção absoluta	56
Figura 2.3	—	Construção média apresentacional	63
Figura 2.4	—	Construção média de atributo interno	64
Figura 2.5	—	Construção média prototípica de proeminência terminal	70
Figura 2.6	—	Construção impessoal perfectiva	75
Figura 2.7	—	Construção impessoal	76
Quadro 2.1	—	Predicados mutantes e estáveis	77
Tabela 2.1	—	Discordância entre V e SN por período de tempo	100
Tabela 2.2	—	Discordância verbal em relação à posição do argumento interno	113
Quadro 2.2	—	Construções-*SE*/SE: Correlação entre o aspecto e a indução	118
Figura 2.8	—	Níveis de proeminência da força indutiva	127
Tabela 3.1	—	Corpus PRESEEA (Alcalá de Henares)	134
Tabela 3.2	—	Amostra SP2010 (Piloto) (GESOL-USP)	135
Tabela 3.3	—	Resumo das concordâncias para o corpus CPA	137

Tabela 3.4 — Resumo das concordâncias para o corpus ASP 137
Tabela 3.5 — Construções-*SE*/SE nos *corpora* por nível de escolaridade 137
Gráfico 3.1 — Construções-*SE*/SE nos *corpora* por nível de escolaridade 138
Tabela 3.6 — Construções-*SE*/SE nos *corpora* por faixa etária 138
Gráfico 3.2 — Construções-*SE*/SE nos *corpora* por faixa etária 139
Tabela 3.7 — Construções reflexivas nos *corpora* por nível de escolaridade 142
Gráfico 3.3 — Construções reflexivas por nível de escolaridade 142
Tabela 3.8 — Construções reflexivas nos *corpora* por faixa etária 143
Gráfico 3.4 — Construções reflexivas por faixa etária 143
Tabela 3.9 — Construções médias nos *corpora* por nível de escolaridade 146
Gráfico 3.5 — Construções médias por nível de escolaridade 146
Tabela 3.10 — Construções médias nos *corpora* por faixa etária 147
Gráfico 3.6 — Construções médias por faixa etária 147
Tabela 3.11 — Construções médias por tipo nos *corpora* 148
Tabela 3.12 — Constr. impessoais intransitivas por nível de escolaridade 151
Gráfico 3.7 — Constr. impessoais intransitivas por nível de escolaridade 152
Tabela 3.13 — Constr. impessoais intransitivas por faixa etária 152
Gráfico 3.8 — Constr. impessoais intransitivas por faixa etária 153
Tabela 3.14 — Constr. impessoais intransitivas por tipo nos *corpora* 154
Tabela 3.15 — CPA: Classificação prévia das construções-*SE* 156
Tabela 3.16 — ASP: Classificação prévia das construções-SE 156
Tabela 3.17 — Construções alvo por nível de escolaridade 157
Tabela 3.18 — Construções alvo por faixa etária 158
Gráfico 3.9 — Construções impessoais por nível de escolaridade 159
Gráfico 3.10 — Construções impessoais por faixa etária 159
Tabela 3.19 — Constr. impessoais discordantes por nível de escolaridade 160
Tabela 3.20 — Constr. impessoais discordantes por faixa etária 161
Tabela 3.21 — Constr. imp. perfectivas e imperfectivas por escolaridade 163
Tabela 3.22 — Constr. imp. perfectivas e imperfectivas por escolaridade 163
Gráfico 3.11 — Constr. imp. imperfectivas por nível de escolaridade 164
Gráfico 3.12 — Constr. imp. imperfectivas por faixa etária 164
Tabela 3.23 — Constr. impessoais quanto à ordem e por escolaridade 165

Tabela 3.24 — Constr. impessoais quanto à ordem e por faixa etária 165
Gráfico 3.13 — Constr. imp. de objeto posposto por nível de escolaridade 166
Gráfico 3.14 — Constr. imp. de objeto posposto por faixa etária 167
Gráfico 3.15 — Construções MPT por nível de escolaridade 170
Gráfico 3.16 — Construções MPT por faixa etária 171
Tabela 3.25 — Constr. MPT perfectivas e imperfectivas por escolaridade 172
Tabela 3.26 — Constr. MPT perfectivas e imperfectivas por faixa etária 172
Gráfico 3.17 — Constr. MPT perfectivas por nível de escolaridade 173
Gráfico 3.18 — Constr. MPT perfectivas por faixa etária 173
Tabela 3.27 — Constr. MPT quanto à ordem e por escolaridade 174
Tabela 3.28 — Constr. MPT quanto à ordem e por faixa etária 175
Gráfico 3.19 — Constr. MPT com sujeito anteposto por escolaridade 175
Gráfico 3.20 — Constr. MPT com sujeito anteposto por faixa etária 176
Gráfico 3.21 — CPA: Posição do sujeito nas MPT por nível de escolaridade 177
Gráfico 3.22 — CPA: Posição do sujeito nas MPT por faixa etária 177
Tabela 3.29 — CPA: Classificação final construções-*SE* por escolaridade 179
Tabela 3.30 — CPA: Classificação final construções-*SE* por faixa etária 180
Tabela 3.31 — ASP: Classificação final construções-SE por escolaridade 180
Tabela 3.32 — ASP: Classificação final construções-SE por faixa etária 181
Gráfico 3.23 — Total de construções-*SE*/SE nos *corpora* 181
Tabela 3.33 — Incidências e percentuais das construções-*SE*/SE por escolaridade 186
Tabela 3.34 — Incidências e percentuais das construções-*SE*/SE por faixa etária 186

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASP — Amostra SP2010 (Piloto)
C1 — Corpus preliminar
C2 — Corpus Dados EEC
CLE — Corpus de língua escrita
CLF — Corpus de língua falada
CORDIAL-SIN — Corpus Dialectal com Anotação Sintática
CPA — Corpus PRESEEA-ALCALÁ
E — Espanhol
EEC — *Español en el Campus*
E/LE — Espanhol como língua estrangeira
GC — Gramática cognitiva
GESOL-USP — Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística da USP
FP — Figura de proeminência primária
FS — Figura de proeminência secundária
INDEF — Construções indefinidas
IP — *Inflectional phrase* (trad.: grupo de flexão (RAPOSO, 1992, p. 193))
LEX — Passivas lexicais
MAI — Média de atributo interno
MPT — Média de proeminência terminal
NGLE — *Nueva Gramática de la Lengua Española*
NURC — Norma Linguística Urbana Culta
O — Observador
OD — Objeto direto
PB — Português brasileiro
PE — Português europeu
PRESEEA — *Proyecto para el Estudio del Español de España y de América*
PRON — Passivas pronominais
RAE — *Real Academia Española*
S — Sujeito

SINT	—	Passivas sintáticas
SN	—	Sintagma nominal
SV	—	Sujeito-verbo
SVO	—	Sujeito-verbo-objeto
TR	—	Trajetor
V	—	Verbo
VS	—	Verbo-sujeito

RESUMO

ARAÚJO JÚNIOR, Benivaldo J. de. *Limites precisos ou fronteiras que desaparecem? As construções impessoais e passivas com o clítico* SE/*SE no português brasileiro e no espanhol*. São Paulo, 2013. 203 f. Tese (Doutorado em Língua Espanhola) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo constrastivo das construções impessoais e passivas com o clítico *SE*/SE no espanhol e no português brasileiro. A hipótese central deste estudo é que as passivas com *SE*/SE passaram a ser interpretadas como impessoais nas duas línguas, porém com diferentes implicações: no espanhol, o clítico *SE* se mantém; no português brasileiro, esse clítico se apaga em alguns casos e, em outros, sinaliza um sujeito humano genérico na construção. A partir dessa hipótese e utilizando como referencial teórico a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1991; KEMMER, 1993, 1994; MALDONADO, 2006, 2012), são examinados os critérios sintáticos e semânticos que possibilitam reconhecer as passivas e impessoais, considerando sua coexistência com outras construções com clíticos, especialmente as reflexivas e as médias. Igualmente, são avaliados alguns fenômenos relacionados às passivas e impessoais nas duas línguas, tais como a perda da concordância verbal, a supressão do clítico em construções finitas e sua inserção em construções infinitivas. O trabalho se divide em três partes. O primeiro capítulo trata da fundamentação teórica e discute conceitos importantes na análise, tais como os modelos cognitivos de conceitualização, a transitividade e a elaboração de eventos. O segundo capítulo descreve as passivas e impessoais com *SE*/SE no espanhol e no português brasileiro, enfatizando as tendências comuns e as assimetrias dessas construções em ambas as línguas. O terceiro capítulo analisa o comportamento das passivas e impessoais com *SE*/SE em dois *corpora* de falantes nativos, um para o espanhol e outro para o português brasileiro. Os resultados obtidos na análise dos *corpora* confirmam a baixa produção dessas construções no português brasileiro e sugerem que tal fenômeno está relacionado com mudanças de conceitualização nessa língua.

Palavras-chave: construções impessoais com *SE*/SE, construções passivas com *SE*/SE, Gramática Cognitiva, estudos contrastivos espanhol-português brasileiro, Linguística de Corpus.

ABSTRACT

ARAÚJO JÚNIOR, Benivaldo J. de. *Precise limits or disappearing borders? Impersonal* SE*/SE and passive* SE*/SE constructions in Brazilian Portuguese and Spanish*. São Paulo, 2013. 203 f. Tese (Doutorado em Língua Espanhola) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

The objective of this research is to conduct a contrastive study of impersonal *SE*/SE and passive *SE*/SE constructions in Spanish and Brazilian Portuguese. The main hypothesis of this study is that the usage of passive *SE*/SE came to be interpreted as impersonal in both languages, although, with different implications: in Spanish, the clitic *SE* is maintained; in Brazilian Portuguese, it is suppressed in some cases and, in others, it signalizes a human generic subject in the construction. Having this hypothesis in mind and using Cognitive Grammar (LANGACKER, 1991; KEMMER, 1993, 1994; MALDONADO, 2006, 2012) as theoretical framework, it has been examined syntactic and semantic criteria which make it possible to recognize passives and impersonals, considering their coexistence with other clitic constructions such as reflexives and middles. Moreover, some phenomena related to passives and impersonals, in both languages, are also assessed: the loss of verb agreement, clitic suppression in finite constructions and its insertion in infinitive constructions. This study is divided into three parts. In the first chapter, it is discussed the theoretical basis and important concepts in the analysis, such as the cognitive models of conceptualization, transitivity and elaboration of events. In the second chapter, it is described passive *SE*/SE and impersonal *SE*/SE constructions in Spanish and Brazilian Portuguese, and it is also highlighted common tendencies and asymmetries in both languages. In the third chapter, it is analysed the way SE/SE passive and impersonal constructions are produced in two native speakers' corpora, one for Spanish and other for Brazilian Portuguese. As a result, after extensively corpora analysis, it is confirmed a low production of those constructions in Brazilian Portuguese and it may suggest that such phenomenon is related to conceptualization changes in this language.

Keywords: impersonal *SE*/SE constructions, passive *SE*/SE constructions, Cognitive Grammar, contrastive studies Spanish-Brazilian Portuguese, Corpus Linguistics.

RESUMEN

ARAÚJO JÚNIOR, Benivaldo J. de. *¿Límites precisos o fronteras que desaparecen? Las construcciones impersonales y pasivas con el clítico* SE*/SE en el portugués brasileño y en el español*. São Paulo, 2013. 203 f. Tese (Doutorado em Língua Espanhola) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Este trabajo tiene por objetivo realizar un estudio constrastivo de las construcciones impersonales y pasivas con el clítico *SE*/SE en español y en el portugués brasileño. La hipótesis central de dicho estudio es que las pasivas con *SE*/SE pasaron a interpretarse como impersonales en las dos lenguas, pero con distintas implicaciones: en español, se mantiene el clítico *SE*; en el portugués brasileño, ese clítico se apaga en algunos casos y, en otros, señala un sujeto humano genérico en la construcción. A partir de esa hipótesis y utilizando como marco teórico la Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1991; KEMMER, 1993, 1994; MALDONADO, 2006, 2012), se examinan los criterios sintácticos e semánticos que posibilitan reconocer las pasivas e impersonales, considerando su coexistencia con otras construcciones con clíticos, especialmente las reflexivas y las medias. Igualmente, se evalúan algunos fenómenos relacionados con las pasivas e impersonales en las dos lenguas, tales como la ausencia de concordancia verbal, la supresión del clítico en construcciones finitas y su inserción en construcciones infinitivas. Este trabajo se divide en tres partes. El primer capítulo trata de la fundamentación teórica y discute conceptos importantes en el análisis, tales como los modelos cognitivos de conceptualización, la transitividad y la elaboración de eventos. El segundo capítulo describe las pasivas e impersonales con *SE*/SE en español y en el portugués brasileño, enfatizando las tendencias comunes y las asimetrías de esas construcciones en ambas lenguas. El tercer capítulo analiza el comportamiento de las pasivas e impersonales con *SE*/SE en dos *corpora* de hablantes nativos, uno para el español y el otro para el portugués brasileño. Los resultados obtenidos en el análisis de los *corpora* confirman la baja producción de esas construcciones en el portugués brasileño y sugieren que dicho fenómeno está relacionando con cambios de conceptualización en esa lengua.

Palabras clave: construcciones impersonales con *SE*/SE, construcciones pasivas con *SE*/SE, Gramática Cognitiva, estudios contrastivos español-portugués brasileño, Lingüística de Corpus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 17

CAPÍTULO I

Fundamentação teórica 22

I.1. Considerações preliminares 22

I.2. Quadro teórico 25

I.3. Modelos cognitivos de conceitualização 29

I.4. Transitividade e elaboração de eventos 32

I.5. Outros padrões médios 39

CAPÍTULO II

As construções-*SE*/SE impessoais e passivas no espanhol e no PB 46

II.1. Considerações iniciais 46

II.2. A proposta de Maldonado 53

II.2.1. A construção absoluta 56

II.2.2. A construção média apresentacional 63

II.2.3. A construção média de atributo interno 64

II.2.4. A MPT e as impessoais 70

II.2.5. O contínuo passivo-impessoal no diagrama de Maldonado (2006) 83

II.2.5.1. O requisito de agentividade humana e o aspecto 86

II.2.5.2. A concordância 87

II.2.5.3. A ordem 105

II.3. As construções impessoais intransitivas 119

II.4. Resumo do capítulo 126

CAPÍTULO III

As construções-*SE*/SE nos *corpora* 133

III.1. Os *corpora* de estudo 133

III.2. Levantamento e triagem das construções-*SE*/SE nos *corpora* 136

III.3. Classificação das construções-*SE*/SE nos *corpora* 140

III.3.1. Reflexivas 141

III.3.2. Médias 144
III.3.3. Impessoais intransitivas 150
III.3.4. Construções alvo 156
III.3.4.1. Impessoais 158
III.3.4.2. Médias de proeminência terminal (MPT) 169
III.4. Quadro final de classificação das construções-*SE*/SE 179
III.5. Resumo do capítulo 183

CONCLUSÕES 188

BIBLIOGRAFIA 195
Referências bibliográficas 195
Bibliografia consultada 201
Livros didáticos e paradidáticos consultados 204

INTRODUÇÃO

Este estudo tem raízes na pesquisa que realizamos para o mestrado, cujo tema foram as construções passivas na produção escrita de brasileiros aprendizes de espanhol como língua estrangeira[1] (doravante E/LE).

O assunto já nos interessava desde 1998, durante o curso de graduação; entretanto, foi somente a partir do segundo semestre de 2002, como monitor do *Español en el Campus*[2], que começamos a observar como apareciam as passivas nas produções escritas (em espanhol) dos nossos alunos. O que mais nos chamou a atenção nessas redações foi a alta incidência das passivas de particípio[3] e o baixo percentual de passivas com *SE* (ou pronominais), já apontado por González (1994). Os trabalhos que havíamos lido sobre as passivas no espanhol (em especial, BARRENECHEA & MANACORDA DE ROSETTI, 1979) apontavam exatamente o contrário: que nessa língua havia predileção pela passiva com o pronome *SE*. Igualmente, os estudos sobre as passivas no português brasileiro (doravante PB) — por exemplo, Duarte (1990) — mostravam a preferência dos falantes nativos pela passiva de particípio. Foi esse o ponto de partida da nossa investigação.

Quanto ao percurso seguido, começamos por sintetizar e comentar alguns dos estudos teóricos dedicados às construções passivas, tanto no espanhol como no PB; em seguida, utilizamos parte desses estudos para fazer uma análise contrastiva das passivas nas duas línguas, na qual discutimos as construções predominantes em cada uma delas, o estatuto teórico e as particularidades dos papéis temáticos envolvidos (agente e

---

[1] Araújo Júnior (2007).

[2] Trata-se de um curso extracurricular de E/LE que à época era oferecido pela Área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas e mantido pelo Serviço de Cultura e Extensão da USP/FFLCH. Doravante, grafaremos EEC.

[3] Estão divididas em passivas **sintáticas** e **lexicais** (MOINO, 1989, p. 36). As passivas sintáticas são formadas por uma perífrase de verbo ativo mais particípio (*Os passageiros foram avisados do atraso do voo*.), e têm comportamento marcadamente verbal. Já as passivas lexicais têm valor de adjetivo e ocorrem normalmente dentro do SN (*O primeiro-ministro do Iraque, Iyad Allawi, autorizou neste domingo a reabertura de um polêmico jornal fechado pelos Estados Unidos em março*. [*O Estado de São Paulo*, 19/07/2004]) ou em aposição ao SN (*A lei, aprovada no ano passado por um período inicial de um ano, foi ampliada por seis meses*. [*O Estado de São Paulo*, 19/07/2004]).

paciente), as funções pragmáticas relevantes (tema, rema, tópico e foco), assim como os usos das construções passivas.

O passo subsequente foi analisar dois *corpora* de aprendizes brasileiros de E/LE — que denominamos C1 e C2[4] — e discutir os resultados obtidos, lançando hipóteses sobre os fenômenos que influíam na produção de construções passivas, em espanhol, pelo referido grupo.

Foi nessa fase de análise dos *corpora* (ARAÚJO JÚNIOR, 2006: 57-70) que surgiram dúvidas quanto ao estatuto do pronome *SE*. Para maior clareza, consideremos os enunciados extraídos desses *corpora*:

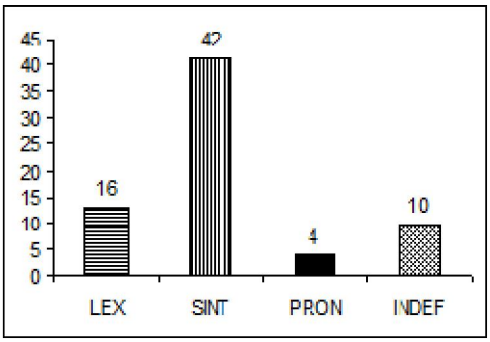
(1) *(...) El restaurante de primera categoría no era más que un balcón donde* ***se podían comer*** *bocadillos y beber tequila.* (C1:A1.3)

(2) *Algunas horas después nada más* ***se podía mirar****, solamente el agua por todo lado.* (C1:I2.B.4)

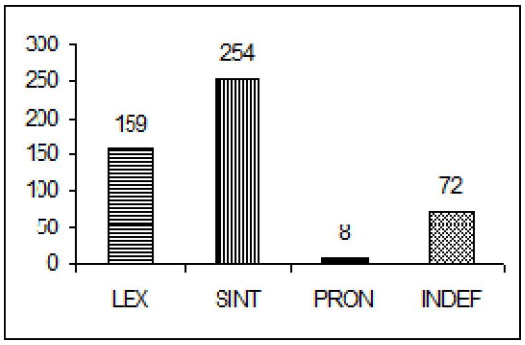
(3) *Los turistas brasileños son muy alegres y festivos, así es que para agradarlos hay que ser informal y cariñoso. A ellos les gusta que* ***se use expresiones*** *como: "(mi) cariño", "(mi) precioso", etc.* (C2: ED400214)

Classificamos (1) como **passiva pronominal**, com base na concordância entre o sintagma nominal/paciente (*bocadillos*) e a forma verbal ativa do enunciado (*podían*), ambos no plural. Já (2) e (3) foram classificadas no nosso trabalho como **indefinidas**: (2) poderia ser considerada uma construção passiva ou impessoal (há concordância, porém não é possível desfazer, apenas com esta, a ambiguidade do enunciado); já (3) seria tão ambígua quanto (2), levando-se em conta que a supressão da concordância nas construções-*SE*/SE é um dado emergente no PB e no espanhol. O termo **indefinidas**, embora controverso, foi utilizado nesse trabalho porque não dispúnhamos de outro que definisse com maior precisão essa ambiguidade entre passivas e impessoais, que se dá em parte pela supressão da concordância. Os resultados finais (e globais) da classificação para os dois *corpora* (C1 e C2) aparecem nos gráficos a seguir:

[4] C1 (ou *corpus* preliminar) compõe-se de 71 produções escritas de nossos alunos do EEC no período de 2002 e 2003. C2 (ou Dados EEC) foi constituído pelo Grupo de Aquisição do EEC entre 2003 e 2006, contando com 1.172 produções escritas e totalizando 178.066 palavras.



Gráf. 1: Ocorrências por construção (C1)



Gráf. 2: Ocorrências por construção (C2)

De acordo com os gráficos 1 e 2, das 94 ocorrências de construções-*SE* em C1 e C2, apenas 12 (13%) foram classificadas como passivas pronominais: pelo critério da concordância, a maioria das ocorrências (87%) foi encaixada na categoria **indefinidas**. Embora reconhecendo a necessidade e a importância de deslindar a citada ambiguidade entre as passivas pronominais e as impessoais, optamos à época por não abordar tal questão (que nos ficou como uma espécie de *asignatura pendiente*[5]) e a concentrar-nos nas passivas de particípio, por serem estas mais relevantes para nossa pesquisa naquele momento.

Outro caso observado no corpus C2 foi a incidência de construções de infinitivo com inserção do *SE*, que exemplificamos a seguir:

(4) *A mi me gustó mucho visitar Ouro Preto, una ciudad antigua, con muchas historias y lugares encantadores de* ***se conocer*** (C2: EB200284)

Trata-se de construções relativamente frequentes no PB, mas que não ocorrem no espanhol. Nelas, o verbo seleciona um sujeito humano e de caráter genérico, que está sinalizado na sintaxe por meio do clítico SE[6]. Enfim, o alto percentual de construções indefinidas que contabilizamos em C1 e C2, assim como a presença em C2 de construções infinitivas com inserção de clítico, foram questões que vieram à baila durante a nossa defesa de mestrado. Consequentemente, a banca nos animou a retomar esses temas no doutorado, de modo a complementar nossa pesquisa inicial.

---

[5] Tradução: matéria ou assunto pendente.

[6] Para alguns autores, como Bagno (2000), a posição pré-verbal do SE reflete a ordem SV predominante no PB e reforça a leitura desse pronome como sujeito nessas construções.

Portanto, neste estudo, realizamos uma análise contrastiva das construções impessoais e passivas com *SE*/SE no espanhol e no PB. Como hipótese central do nosso trabalho, assumimos que houve perda do valor passivo das construções com o clítico, de modo que estas passaram a ser interpretadas como impessoais nas duas línguas contrastadas, porém com diferentes implicações: no espanhol, o clítico *SE* se mantém; no PB, o clítico SE se apaga em alguns casos e, em outros, sinaliza um sujeito humano genérico na construção. A partir dessa hipótese, definimos como objetivos da nossa pesquisa:

- Examinar os critérios sintáticos e semânticos que nos permitam reconhecer cada uma dessas construções, considerando sua coexistência com outras pronominais, como a reflexiva e a média;
- Avaliar fenômenos recentes relacionados a essas construções nas duas línguas — tais como a perda de concordância (entre o verbo e o SN), a supressão do clítico em construções finitas e sua inserção em construções infinitivas — e quais seus efeitos nesses sistemas.

Nossa análise foi desenvolvida tendo como modelo teórico a Gramática Cognitiva (doravante GC). Alguns dos pressupostos desse modelo são comentados na parte inicial do capítulo I, totalmente dedicado à nossa fundamentação teórica. Ainda nesse capítulo discutimos os modelos cognitivos de conceitualização segundo Langacker (1991), assim como a transitividade, com base na proposta de Hopper & Thompson (1980). Na sequência, comentamos o conceito de voz média, domínio médio e elaboração relativa de eventos a partir dos trabalhos de Kemmer (1993, 1994). Na parte final, tratamos de alguns padrões médios do espanhol apontados por Maldonado (2006) e sua interpretação segundo os pressupostos da GC.

Na primeira parte do capítulo II, discutimos a proposta de Maldonado (2006), que relaciona a presença do *SE* nas construções médias, passivas e impessoais com o grau de elaboração da força indutora envolvida no evento. Essa proposta foi elaborada para o espanhol, de modo que analisamos a sua aplicabilidade ao PB e seus desdobramentos nessa língua. Na segunda parte desse capítulo, examinamos o contínuo passivo-impessoal no espanhol e no PB, a partir dos fatores definidos por Maldonado

(2006) como os mais importantes para uma adequada classificação das construções-SE/SE desse intervalo: o requisito verbal de agentividade humana, o aspecto (léxico e morfológico), a concordância e a ordem. Na última parte do capítulo, discutimos as construções impessoais intransitivas nas duas línguas e também dois fenômenos observáveis no PB que não ocorrem no espanhol: o surgimento de construções impessoais sem o clítico (*Aqui só serve comida vegetariana*) e a inserção do clítico em sentenças infinitas (*Com esse barulho, é impossível se trabalhar*).

Na primeira parte do capítulo III, descrevemos os *corpora* analisados na pesquisa, assim como as ferramentas empregadas na obtenção dos resultados. Na segunda parte desse capítulo, apresentamos os resultados e os discutimos, relacionando-os com as nossas hipóteses e os diversos estudos consultados. Como apêndice deste trabalho, incluímos um CD com as planilhas utilizadas na classificação dos dados dos *corpora*.

Por último, fazemos alguns comentários acerca das notações utilizadas no texto. Quando nos referimos às construções com o clítico no espanhol, sua grafia aparece em itálico (*SE*); no PB, a grafia é normal (SE). Os títulos dos capítulos e seus itens aparecem em negrito; também usamos o negrito para destacar expressões que consideramos relevantes no texto — normalmente denominações de conceitos e construções —, assim como para realçar as partes dos exemplos onde aparecem as construções *SE*/SE. Todos os exemplos, no espanhol e no PB, estão em itálico e sua numeração se reinicia a cada capítulo. As ilustrações (figuras, quadros, tabelas e gráficos) são designadas pelo número do capítulo (exceto na introdução), seguido de outro, indicativo da ordem: por exemplo, a tabela 3.5 corresponde à 5ª tabela do capítulo III.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

I.1. Considerações preliminares

Na primeira versão do nosso projeto de doutorado, tínhamos definido como propósito da pesquisa responder às seguintes questões:

1. A perda de concordância nas construções com *SE* (*Se vende productos importados*) é de fato um fenômeno considerável no Espanhol, tal como ocorre no PB?

2. Se afirmativa a resposta à questão anterior, uma das consequências do fenômeno é a ambiguidade entre construções impessoais e passivas em alguns casos, também observável no PB. Então, que critérios linguísticos nos auxiliariam a reconhecer cada uma dessas construções, de maneira a resolver (ou minimizar) a mencionada ambiguidade?

Durante a entrevista com a banca de seleção para ingresso no doutorado que avaliou o projeto, o professor Adrián Fanjul — falante nativo de espanhol — comentou que, embora fosse possível observar na sua variedade (o espanhol platino) a perda de concordância nas construções com *SE*, tal fenômeno sempre seria visto como marcado, mesmo nos registros mais informais da língua. Alertou-nos que percepção análoga provavelmente ocorreria nas demais variedades, aconselhando-nos, assim, a não reduzir a investigação da perda de concordância a uma análise quantitativa[7]. No momento, não percebemos o alcance dessa recomendação; entretanto, após cursar a primeira disciplina no doutorado — Domínio Médio e Domínio Passivo[8] — e, na ocasião, ler e discutir trabalhos como os de Ronald Langacker (1987,1991), Ricardo Maldonado (2006, 2012) e Suzanne Kemmer (1993, 1994), entrevimos a perspectiva de estudar o fenômeno através de outras abordagens, como a Gramática Cognitiva. Essas leituras nos levaram a concluir que a concordância era um elemento importante para distinguir as construções impessoais-*SE* das passivas-*SE*, porém não era o único (necessário, mas não

[7] Abordamos esse tema com mais detalhe no item II.1 do capítulo II desta tese.
[8] A disciplina em questão foi ministrada pelas Profas. Dras. Esmeralda Negrão e Evani Viotti, no primeiro semestre de 2009, no Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da FFLCH/USP.

suficiente): fatores como o requisito de agentividade verbal, o aspecto e a ordem dos constituintes também desempenham papel significativo nessa questão, conforme mostraremos oportunamente. Outro tema primordial para o nosso estudo é a transitividade, dado que algumas perspectivas teóricas — como a Gramática Gerativa e a Gramática Cognitiva — associam as construções com *SE* a uma redução nessa propriedade. Tal ocorre por motivos distintos em cada uma dessas perspectivas: na Gramática Gerativa, normalmente se relaciona à redução da valência verbal, como resultado de uma derivação que se obtém por meio da eliminação de um argumento (*Ana rompió el vaso* > *El vaso se rompió*); na Gramática Cognitiva, a queda na transitividade nas construções-*SE* está normalmente associada a eventos com baixa elaboração, nos quais a diferenciação entre sujeito e objeto é mínima.

Ainda na entrevista para ingresso no doutorado, foi-nos sugerido que ampliássemos nossa pesquisa (antes restrita ao espanhol), realizando uma análise contrastiva entre o espanhol e o PB com respeito às construções impessoais-*SE*/SE e às passivas-*SE*/SE; nesse estudo, poderíamos contemplar no PB ocorrências raras ou não observáveis no espanhol, tais como a ausência do SE em construções finitas (*Nos nossos dias, não usa mais saia*; *Esta camisa lava facilmente*) ou a inserção desse pronome em construções infinitas (*É impossível se achar lugar aqui*)[9].

Os comentários e sugestões feitos ao nosso anteprojeto — assim como as leituras que fizemos ao cursar as disciplinas do doutorado — serviram-nos de ponto de partida e nortearam nossas escolhas, desde os estágios iniciais da pesquisa até o momento em que delimitamos com clareza nosso objeto de investigação e definimos a perspectiva teórica mais adequada para tratá-lo. A pesquisa bibliográfica que realizamos durante o processo, como era esperado, nos mostrou algumas possibilidades de análise. Num primeiro momento, pensamos em abordar as construções-*SE*/SE passivas e impessoais do ponto de vista diacrônico, cotejando estudos feitos para o espanhol (KÄRDE, 1943; MONGE, 1955) e para o português (NARO, 1976; NUNES, 1990; DUARTE, 2002;

[9] Os exemplos do PB foram extraídos de Galves (2001, p. 46). Esclarecemos que tais ocorrências não incidem de modo generalizado no PB, ao menos no estágio atual dessa língua; com referência aos exemplos citados, podemos encontrar variantes com presença do SE (*Nos nossos dias, não* ***se*** *usa mais saia*; *Esta camisa* ***se*** *lava facilmente*) ou sem inserção do pronome (*É impossível achar lugar aqui*). Ou seja, trata-se, do ponto de vista da Sociolinguística, de construções em variação, cada qual disputando espaços e contextos de uso.

MARTINS, 2005; CAVALCANTE, 2006; CYRINO, 2007). Entretanto, não levamos essa ideia adiante por estarmos mais interessados nos fenômenos emergentes e suas consequências nas duas línguas focalizadas por nós, de maneira que julgamos mais produtivo trabalhar com dados mais recentes e *corpora* orais.

Outro caminho possível seria adotar a perspectiva teórica da Gramática Gerativa, a partir da qual têm surgido muitas análises sobre as construções-*SE*/SE nas últimas décadas: citamos, por exemplo, os estudos de Otero (1985), Campos (1989) e Suñer (1990) para o espanhol; no caso do português, os trabalhos de Nunes (1990, 1995), Galves (2001), Raposo & Uriagereka (1996), entre outros. Porém, embora reconhecendo a contribuição que esses estudos têm trazido para a descrição das construções-*SE*/SE impessoais e passivas, estávamos inclinados a uma abordagem que privilegiasse a semântica em vez da sintaxe.

Nossa escolha se fundamenta na própria evolução do latim às línguas românicas: os estudos diacrônicos que consultamos (KÄRDE, 1943; MONGE, 1955; GILI GAYA, 1978; MARTINS, 2005; KEMMER, 1993), de modo geral, apontam que a extensão do reflexivo latino *SĒ* a outros usos foi a responsável pela atual configuração das construções recíprocas, médias, passivas e impessoais na maioria das línguas românicas[10]. No caso específico do espanhol e do português, embora essas construções apresentem como característica comum a marcação morfológica com o *SE*/SE, é muito possível que o clítico tenha preservado propriedades semânticas específicas para cada uma delas; portanto, acreditamos que sua adequada descrição não poderia prescindir de uma base semântica. Nesse sentido, adotamos como modelo teórico a Gramática Cognitiva, fundamentando nossa análise nos trabalhos de Langacker (1987, 1991) e Maldonado (2006, 2012). Igualmente, utilizaremos como complementação ou contraponto a essa análise alguns estudos no âmbito da semântica (ou nos quais o aspecto semântico ocupa um lugar de destaque), como os de Kemmer (1993, 1994), Miguel (2000, 2004) e Mendikoetxea (1999).

---

[10] De acordo com Kemmer (1993), a referida extensão do reflexivo *sē* ocorre de modo concomitante à perda de outras marcações morfológicas antes existentes no latim; por exemplo, a relacionada aos usos passivos e médios (**-r**: *lavo-**r*** / *perluo-**r***, que evoluíram para *lavarse*/ *lavar-se* no espanhol e no português, respectivamente).

Nos itens subsequentes, apresentaremos o quadro teórico adotado para nossa análise e discorreremos sobre alguns dos temas já apontados neste item como relevantes para o estudo em questão.

I.2. Quadro teórico

Esta análise segue os princípios da GC, segundo a proposta de Langacker (1987, 1991). Com base em Maldonado (2006, 2012), fazemos uma breve apresentação desse modelo:

1. A clássica separação entre forma e significado, defendida por outros modelos de análise, é rechaçada pela GC em prol de um processo de formação de unidades simbólicas que pressupõe uma liga indivisível entre unidades fonológicas e unidades semânticas; para a GC, toda forma linguística responde a um mínimo requisito de conteúdo, de maneira tal que não pode haver unidades linguísticas sem conteúdo semântico ou carentes de representação fonológica. Desse modo, a postulação categorial de árvores, vestígios, marcas e outros tipos de formas abstratas comumente empregadas em outras abordagens não ocorre na GC.

2. Paralelamente, na GC não há duas expressões com diferenças morfológicas ou sintáticas que tenham o mesmo significado e a mesma estrutura composicional. A estrutura de qualquer enunciado responde a uma conceitualização específica conforme as necessidades comunicativas do falante. Portanto, o modo peculiar como o emissor conceitualiza uma cena não só constitui informação fundamental na estrutura de um enunciado, como também determina seus padrões composicionais. A título de ilustração, tomemos dois enunciados referentes a uma mesma situação e que diferem, porém, no modo como são conceitualizados:

   (1) (a) *Esta calle baja del casco antiguo a la playa.* [PB: *Esta rua desce do centro histórico até a praia.*]

   (b) *Esta calle sube de la playa al casco antiguo.* [PB: *Esta rua sobe da praia até o centro histórico.*]

Mais que a localização espacial do falante, o que determina o uso de *subir* ou *bajar* é o ponto de partida selecionado como início da trajetória que o falante percorre mentalmente de um ponto ao outro.

3. A conceitualização de um evento está determinada por uma variedade de fenômenos cognitivos de fundamental importância: nível de esquematicidade/elaboração, perfil e base, escala e âmbito, proeminência relativa das subestruturas, composicionalidade e perspectiva. O exame cuidadoso de cada um desses fatores permite explicitar o modo de construção (*construal*) de cada imagem conceitual. A possibilidade de elaborar *construals* alternativos com respeito à mesma realidade objetiva responde a um fenômeno de formação de imagens (*imagery*).

4. A GC preocupa-se não somente com desvelar o significado particular de uma expressão, mas também com identificar as estratégias cognitivas por meio das quais o falante produz um enunciado com sentido específico. Na GC, ao incorporar a conceitualização à análise linguística de um enunciado qualquer, consideram-se simultaneamente tanto os fenômenos referenciais (formação de imagens, figura/fundo, etc.) quanto os contextuais (sociais, psicológicos, emocionais, etc.). Dessa maneira, a sintaxe, a semântica e a pragmática não constituem módulos ou níveis independentes, passando a conformar um *continuum* analisável de forma simultânea.

5. Todo enunciado está inserido num domínio cognitivo, que constitui o conjunto de conhecimentos que circunscreve uma expressão. De fato, o mais comum é que uma expressão linguística esteja circundada por uma matriz de domínios cognitivos que permite obter conceitualizações alternativas com respeito ao mesmo objeto referencial. Maldonado (2006, p. 28) exemplifica com o objeto "lápis": normalmente visto como um instrumento para escrever, nada impede de vê-lo num contexto particular como um objeto perigoso ou arma de ataque/defesa pessoal. Não existem, portanto, expressões abstratas fora de pelo menos um domínio cognitivo.

6. Toda expressão linguística pode ser definida como um conjunto de unidades simbólicas postas em perfil, com relação a uma base. Está em perfil o que uma emissão linguística designa; está na base a informação necessária para entender o que a emissão designa. Conforme Maldonado (2012, p. 225), a partir da base "triângulo retângulo" é que se põe em perfil a "hipotenusa"; uma "ponta" só pode estar em perfil com relação a uma base alargada, como um "lápis". Igualmente, seria impossível entender o conceito de "sapato" (ou qualquer outro calçado) sem ter "pé" como base[11]. A base de uma predicação está constituída por seu domínio (ou por cada um dos domínios de uma matriz complexa). O perfil é uma subestrutura desse domínio que recebe especial proeminência. Conforme exemplifica Ferrari (2011, p. 64), palavras como "tio", "pai" e "irmão" compartilham a mesma base conceitual "relações de parentesco", porém possuem significados diferentes, pois perfilam diferentes aspectos dessa base.

7. Dos elementos postos em perfil numa conceitualização, aquele de maior proeminência constitui o **trajetor** ou **figura primária** (FP); o elemento que sucede o trajetor em nível de importância recebe o nome de **marco**[12] ou **figura secundária** (FS). No contraste sujeito/objeto estão subjacentes as noções de figura primária e secundária respectivamente[13]. Ou seja, no enunciado *Diego cortó el árbol* [PB: Diego cortou a árvore], o participante *Diego* é a figura primária (trajetor) da conceitualização; já *árbol* é a figura secundária (marco). Os verbos transitivos possuem na sua representação esquemática uma FP e uma FS, independente de que ambas sejam elaboradas numa instância específica; por exemplo, a representação esquemática de:

   (2) (a) *Renata cocinó los fideos*. [PB: *Renata cozinhou o macarrão*.]
   (b) *Renata está cocinando*. [PB: *Renata está cozinhando*.]

---

[11] Exemplo da Profa. Evani Viotti.
[12] Assim como Ferrari (2011), optamos pelas traduções **trajetor** e **marco** para os termos técnicos ***trajector*** e ***landmark***, utilizados por Langacker (1987, p. 217). Em Maldonado (2006), os referidos termos figuram como *trayector* e *punto de referencia*.
[13] Os termos **sujeito** e **objeto** são utilizados para identificar os sintagmas nominais que, no nível da oração, elaboram a FP e a FS de um verbo.

seria [FP *cocinar* FS], embora em (2b) o marco só exista de forma esquemática. A assimetria FP/FS é característica de toda expressão relacional em qualquer nível de organização linguística; por exemplo, tomando dois substantivos relacionados por meio de uma preposição, um deles será mais proeminente que o outro. No caso de:

(3) (a) *Los libros sobre el escritorio*. [PB: *Os livros sobre a escrivaninha*.]
(b) *El escritorio debajo de los libros*. [PB: *A escrivaninha sob os livros*.]

poderíamos dizer (3a) ou (3b) para referir-nos à mesma situação objetiva. Entretanto, essas construções diferem segundo o elemento escolhido como figura proeminente da conceitualização: em (3a) a escrivaninha funciona como ponto de referência (FS) para indicar a posição dos livros; em (3b), porém, a escrivaninha é o elemento mais proeminente da conceitualização (FP). Ou seja, conceitualizações distintas de um mesmo evento implicam a alteração do nível de proeminência dos participantes envolvidos; outro exemplo é a passagem da construção ativa para a passiva perifrástica, na qual o marco da construção ativa se converte no trajetor da passiva. Portanto, para o enunciado na ativa *Diego cortó el árbol* (PB: *Diego cortou a árvore*), teríamos as passivas:

(4) (a) *El árbol fue cortado por Diego*. [PB: *A árvore foi cortada por Diego*.]
(b) *El árbol fue cortado*. [PB: *A árvore foi cortada*.]

Em (4a) e (4b), o elemento "árbol" é a FP. A FS está em perfil em (4a) ("Diego") e existe de forma esquemática em (4b): embora não figure na superfície do enunciado, a FS foi conceitualizada. Citamos, ainda, um exemplo de Ferrari (2011, p. 64), que ilustra claramente a importância gramatical da noção de proeminência:

(5) (a) *Eu acho que você deve* ***ir*** *agora*.
(b) *Quando Pedro chegou, Maria já* ***tinha ido***.

Em (5a) e (5b), o verbo **ir** perfila a relação entre a entidade que se afasta (trajetor) e a que serve de ponto de referência (marco). Apesar de a base conceptual referente ao verbo **ir** ser a mesma, os tempos verbais apresentados em cada um dos exemplos indicam que diferentes aspectos dessa base são perfilados: em (5a), o emprego do infinitivo indica que todo o processo é colocado em proeminência (figura 1.1); já em (5b), o particípio perfila apenas o estado final (figura 1.2).

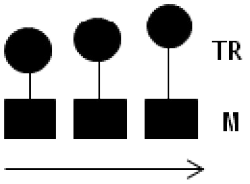


Fig. 1.1 – Representação do verbo IR (infinitivo) (FERRARI, 2011, p. 65)

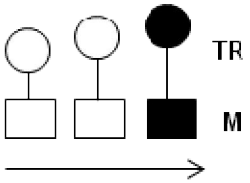


Fig. 1.2 – Representação do verbo IR (particípio) (FERRARI, 2011, p. 65)

Neste ponto, concluímos nossa breve apresentação da GC. Por motivos de concisão, enfocamos apenas os princípios gerais desse modelo. Dentre os conceitos abordados, nossa ênfase recaiu sobre aqueles relacionados aos fenômenos de construção de imagens (*imagery*) que julgamos mais relevantes para esta pesquisa: o perfil e sua relação com uma base conceptual; as figuras primária (trajetor) e secundária (marco) na conceitualização de um evento; o grau de proeminência com o qual os participantes de um evento são codificados numa expressão linguística.

I.3. Modelos cognitivos de conceitualização

Em se tratando da conceitualização de eventos, Langacker (1991) propõe dois modelos cognitivos prototípicos: o **modelo da bola de bilhar** e o **alinhamento de autonomia e dependência**. De acordo com o primeiro, tendemos a conceitualizar os eventos do mundo como uma cadeia de ação, na qual um elemento energético transfere energia e provoca efeitos em um elemento tipicamente não energético. Ou seja, uma cadeia de ação se origina quando um objeto tem um contato vigoroso com outro, resultando numa transferência de energia; esse segundo objeto é então levado a interagir com um terceiro, outra vez resultando numa transmissão de energia, e assim indefinidamente até que a energia se esgote ou nenhuma interação adicional aconteça. Segundo a terminologia de Langacker (1991, p. 283), o objeto inicial da cadeia de ação

chama-se *head* (cabeça) e o final, *tail* (cauda); pensando na origem e no destino final para onde escoa a energia transmitida, também são chamados respectivamente de "fonte" e "ralo". A cadeia de ação pode ser representada pela figura 1.3, na qual os círculos são os objetos e as setas correspondem à transmissão de energia de um objeto a outro:

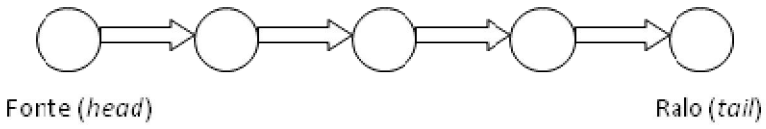


Fig. 1.3 - Cadeia de ação (LANGACKER, 1991, p. 283)

O alinhamento de autonomia e dependência — ao contrário do modelo da bola de bilhar — tem início com o participante afetado (*tail*) e inclui outros participantes até chegar à fonte de energia (*head*). No modelo em questão, a afetação do participante no evento é conceitualizada de modo autônomo em relação à fonte de energia que a provoca. Ou seja, no alinhamento de autonomia e dependência não há interesse em codificar o **processo**: o que necessariamente precisa ser codificado é a **mudança de estado** sofrida pelo participante em razão da energia que lhe é transferida. Exemplificamos com os enunciados abaixo:

(6) (a) *Ernesto rompió la estatuilla con un martillo*. [PB: *Ernesto quebrou a estatueta com um martelo*.]

(b) *La música cesó*. [PB: *A música cessou*.]

Em (6a), temos a codificação de um evento conceitualizado a partir do modelo da bola de bilhar: toda a cadeia de ação está representada e é possível visualizar não só os participantes, como também a transferência de energia que sai da fonte (*Ernesto*), passa ao instrumento (*martillo*) e, finalmente, provoca a mudança de estado no participante afetado (*la estatuilla*). Em (6b), a conceitualização do evento se dá através do alinhamento de autonomia e dependência, e na sua codificação nenhuma fonte de energia está presente: temos apenas a representação do participante afetado e da mudança de estado que este sofreu. Ou seja, nesse modelo, privilegia-se o estado resultante associado ao participante afetado, em detrimento do participante que

representa a fonte de energia (NEGRÃO & VIOTTI, 2010, p. 48). Para Langacker (1991, p. 287) (6b) trata-se de um tipo de conceitualização absoluta ou *construal* absoluto.

Langacker (1991, p. 285) estabelece ainda um vínculo entre o modelo da bola de bilhar e um outro, ao qual denomina **modelo do palco**. Este último relaciona-se à experiência perceptual e foi assim chamado porque nele o papel do conceitualizador é similar ao de um espectador assistindo a uma peça; ou seja, os eventos do mundo são observados por alguém que se encontra fora de cena, mas que constitui parte do evento global. Integrando os modelos da **bola de bilhar** e do **palco**, chegaríamos à representação do **modelo de evento canônico**, no qual o participante-fonte é o **agente** prototípico, o participante-ralo é o **paciente** prototípico e **O** é o observador, conforme se vê na figura 1.4:

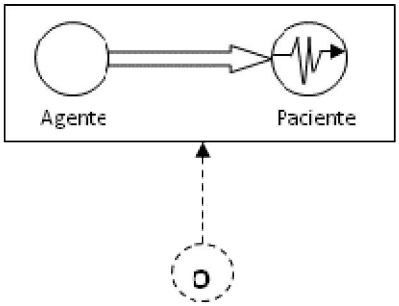


Fig. 1.4 – Modelo de evento canônico (LANGACKER, 1991, p. 285)

O modelo de evento canônico representa a observação usual de uma ação prototípica nas línguas do sistema nominativo-acusativo (como o PB e o espanhol), sendo, portanto, o modelo mais produtivo para nossa análise . Nessas línguas, a construção transitiva é a estrutura canônica, justamente porque é ela que, como já foi dito antes, codifica a conceitualização de um evento a partir da fonte de energia até o participante afetado (NEGRÃO & VIOTTI, 2010, p. 48). Já a preferência pelo alinhamento de autonomia e dependência é característica das línguas do sistema ergativo-absolutivo (como o tibetano e o híndi) e, nessas línguas, a construção intransitiva é a canônica.

Portanto, no modelo que adotamos, um evento canônico é aquele no qual temos dois participantes claramente distintos numa relação assimétrica, no qual o participante **agente** é animado e volitivo e afeta direta e totalmente o participante paciente por meio de uma força ou transferência de energia (GIVÓN: 1984 apud KEMMER: 1994, p. 191). Além disso, o agente é o sujeito e a figura primária (trajetor); o **paciente** é objeto direto

e a figura secundária do evento (marco). O evento canônico é, por definição, transitivo. Entretanto, há eventos nos quais a citada assimetria entre agente/sujeito e paciente/objeto é problemática, e isso traz consequências para a transitividade. Abordaremos a questão no item a seguir.

I.4. Transitividade e elaboração de eventos

Em se tratando da transitividade, o trabalho de Hopper & Thompson (1980) oferece uma abordagem exaustiva do tema, em termos universais e a partir de evidências translinguísticas. Os autores partem do conceito tradicional de transitividade — usualmente aplicado a eventos com pelo menos dois participantes, nos quais um agente atua sobre um paciente de modo efetivo — definindo-a como uma propriedade de toda a sentença[14], que se manifesta de modo gradual e se encontra vinculada a determinados parâmetros (participantes na ação/processo, cinese, pontualidade da ação, volição, afirmação, modo, grau de agentividade, grau de afetação, individuação, aspecto)[15]. Para Hopper & Thompson (1980), a transitividade alta ou baixa de uma dada sentença varia em função da intensidade com que tais parâmetros se manifestam na sentença. Essa concepção da transitividade como um *continuum* leva a que uma sentença com dois participantes possa ser considerada menos transitiva que outra com apenas um, conforme os exemplos:

(7) *Llamó Pedro*. [PB: *O Pedro ligou*.]

(8) *Alguien bebia cerveza*. [PB: *Alguém bebia cerveja*.]

Em (7), temos um sujeito/agente bem definido (*Pedro*) e uma ação pontual e perfectiva (*llamó*). Em (8), temos um sujeito/agente cuja referência é vaga (*alguien*) e uma ação durativa e imperfectiva (*bebía*). Considerando apenas esses traços (pois há outros que não foram levados em conta), (7) seria mais transitiva que (8).

---

[14] Hopper & Thompson vão mais longe ao afirmar que a transitividade é uma propriedade discursiva, buscando demonstrá-lo na segunda parte de seu trabalho; os resultados não chegam a ser convincentes como os mostrados na primeira parte (transitividade na sentença), o que não significa que a hipótese dos pesquisadores seja infundada.

[15] Por razões de brevidade, não detalharemos aqui os referidos parâmetros e como estes influenciam a transitividade. Neste estudo, o que consideramos mais relevante na análise de Hopper & Thompson é a concepção da transitividade como uma propriedade escalar, e como esse conceito se reflete nas análises de Kemmer (1993, 1994) e Maldonado (2006).

Já se sabe que uma abordagem da transitividade centrada unicamente na regência verbal afirma o contrário. Com base em Hopper & Thompson, Givón formulou sua definição de evento prototípico ou canônico (ver I.3, p. 28), pensando a transitividade em termos mais semânticos que morfossintáticos. Tal definição consegue abarcar os padrões mais frequentes de eventos com dois participantes; inclusive, na maioria das línguas, mesmo eventos nos quais não está envolvida qualquer transmissão de energia costumam ser codificados segundo o padrão transitivo prototípico. É o caso de eventos que representam estados mentais, como aqueles relacionados com a percepção ((9) e (10)) ou a cognição (11):

(9) *Desde mi ventana veo el parque*. [PB: *Da minha janela vejo o parque*.]

(10) *Escuchamos una canción de Gil*. [PB: *Escutamos uma canção de Gil*.]

(11) *El rector memorizó su discurso.* [PB: *O reitor memorizou seu discurso*.]

Segundo Kemmer (1994, p. 192), tais eventos se assemelham ao padrão transitivo porque podem ser facilmente construídos como relações assimétricas nas quais um participante estabelece contato mental com uma segunda entidade. Nesses eventos, o participante que inicia a atividade mental funciona como trajetor; o participante ao qual é dirigida a atividade funciona como marco[16]. Igualmente, há eventos possíveis de codificar como transitivos, nos quais não há transferência de energia ou atividade mental; é o caso de eventos estativos como:

(12) *Esta caja contiene libros usados*. [PB: *Esta caixa contém livros usados*.]

(13) *El Mississippi cruza algunos estados norteamericanos*. [PB: *O Mississippi cruza alguns estados americanos*.]

Para eventos com dois participantes claramente distintos, não importando sua natureza (energéticos, mentais, estativos, etc.), Kemmer (1994, p. 192) propõe o seguinte esquema:

[16] Kemmer (1994) emprega originalmente os termos ***Initiator*** e ***Endpoint***. Optamos por **trajetor** e **marco** por questões de uniformização da nomenclatura.

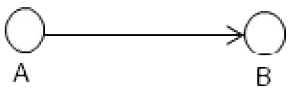


Fig. 1.5 – Esquema do evento com 2 participantes (KEMMER, 1994, p.192)

Na figura, os participantes A e B são respectivamente o trajetor (normalmente no papel de sujeito/agente) e o marco (normalmente no papel de objeto/paciente); a relação assimétrica entre A e B é representada pela flecha, também indicativa de que o vínculo entre as duas entidades parte de A rumo a B.

Entretanto, há eventos nos quais a citada assimetria entre os participantes é problemática. Nesse sentido, o nosso interesse nesta tese é por aqueles em cuja codificação morfossintática aparece o pronome *SE*/SE. Por exemplo, na sentença *Clara se vio en el espejo* (PB: *Clara se viu no espelho*), os papéis de trajetor/agente e marco/paciente são preenchidos pela mesma entidade referencial, de modo que a distinguibilidade entre esses dois participantes esmaece. Contudo, para Kemmer (1994, p. 207), é possível operar uma separação conceitual entre *Clara* como iniciadora da atividade (o participante que vê) e seu reflexo no espelho (o que é visto), de modo a poder distinguir dois participantes no evento. O mesmo ocorre com:

(14) *La presidenta se imaginó descansando en una playa desierta*. [PB: *A presidenta se imaginou descansando numa praia deserta.*]

Neste caso, o sujeito interage com uma representação de si mesmo situada em algum espaço mental distinto do discurso (MALDONADO: 2006, p. 270). A esse tipo de eventos, Kemmer (1994, p. 207) classifica como **reflexivos** e para eles propõe o seguinte esquema:

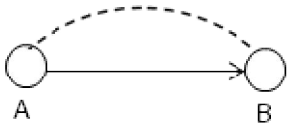


Fig. 1.6 – Esquema do evento reflexivo (KEMMER, 1994, p. 207)

Portanto, a figura 1.6 representa um evento com dois participantes ainda distinguíveis. A diferença é que, no esquema do evento reflexivo, A e B são preenchidos pela mesma entidade referencial, conforme indicado pela linha tracejada que conecta os

dois círculos. Ainda segundo a autora (1994), nos eventos reflexivos o iniciador (trajetor) atua sobre si mesmo como o faria sobre qualquer outra entidade. Vejamos o seguinte exemplo:

(15) *El patrón les dio a sus empleados una semana de vacaciones*. [PB: *O patrão deu aos seus empregados uma semana de férias*.]

(16) *El patrón se dio una semana de vacaciones*. [PB: *O patrão se deu uma semana de férias*.]

Em termos semânticos, o evento verbal (*dar*) funciona do mesmo modo nos dois enunciados, não importando se o beneficiário é o próprio patrão (16)[17] ou outras pessoas (15). Além dos tipos já citados e representados esquematicamente nas figuras 1.5 e 1.6, há ainda eventos nos quais a distinguibilidade dos participantes é claramente reduzida:

(17) *Felipe solo se afeita los domingos*. [PB: *Felipe só se barbeia aos domingos*.]

Num primeiro momento, pode-se pensar em (17) como um evento reflexivo, à semelhança de (14) e (16). Porém, um exame do evento em termos da semântica do verbo *afeitar* nos leva a uma interpretação distinta, uma vez que *afeitarse* (barbear-se) não é o mesmo que *afeitar a alguien* (barbear alguém). Ou seja, o paciente de (17) não é unicamente afetado: barbear o próprio rosto implica na atividade da parte diretamente envolvida (a cabeça), além de outras partes do corpo (o pescoço). Em eventos dessa natureza, fica difícil separar o sujeito/agente do objeto/paciente: ambos os participantes têm como referente uma única entidade cujos aspectos são conceitualmente indistinguíveis. Kemmer (1994) classifica esses eventos como **médios**, fundamentando-se no conceito de **voz média**, originalmente empregado para designar uma categoria inflexional das línguas clássicas indo-europeias. Assim como outras categorias, a voz média (ibid.) foi tradicionalmente definida em termos de forma e função: um conjunto paradigmático de sufixos verbais, cuja função, em termos semânticos, é "expressar eventos nos quais a ação ou estado afeta o sujeito do verbo ou seus interesses" (LYONS,

[17] Estas construções têm como participantes um agente, um paciente e um receptor/beneficiário, sendo o agente e o receptor/beneficiário correferenciais. Kemmer (1993, p. 74) as denomina ***reflexivas indirectas***; Maldonado (2006, p. 133) usa a expressão ***reflexivas de objeto indirecto***.

1970, p. 286)[18]. Para os eventos médios, Kemmer (1994, p. 207) propõe o seguinte esquema:

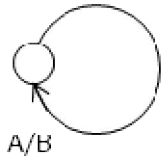


Fig. 1.7 – Esquema do evento médio (KEMMER, 1994, p. 207)

Na figura, a distinção conceitual mínima entre os participantes é simbolizada por um único círculo representando um único participante, designado por A/B.

Após minucioso estudo translinguístico, Kemmer enumera dez situações que configuram um domínio semântico no qual a voz média apresenta algum tipo de marcação morfológica. Por motivos de concisão, daremos apenas exemplos do espanhol e do PB, nos quais o *SE*/SE funciona como marcador médio: (1) cuidados corporais (*peinarse*; *frotarse* [PB: *pentear-se*; *esfregar-se*]); (2) movimento não-translacional (*inclinarse* [PB: *inclinar-se*]); (3) mudança na postura corporal (*levantarse*; *sentarse* [PB: *levantar-se*; *sentar-se*]); (4) movimento translacional (*irse* [PB: *ir-se*]); (5) eventos naturalmente recíprocos[19] (*abrazarse*; *besarse* [PB: *abraçar-se*; *beijar-se*]); (6) média indireta (*preguntarse* [PB: *perguntar-se*], referente a uma atividade mental[20]); (7) média

---

[18] Lyons (1970, p. 286) exemplifica com as formas verbais do grego ***loúo*** 'lavo [algo]' e ***loúomai*** 'me lavo', estando a última na voz média. Camara Jr. (1977, p. 182-3) fornece um exemplo do sânscrito, referente a duas formas verbais na 3ª pessoa do singular, empregadas para designar um sacrifício feito aos deuses: a forma ativa ***yájati*** indica que o sacrificador pratica a cerimônia por conta e no interesse de outrem; a forma média ***yájate*** indica que ele realiza o sacrifício por sua conta e em seu benefício.

[19] Nesta situação, Kemmer (1994, p. 210-11) considera que o relevante não é a distinguibilidade dos participantes, mas sim a distinguibilidade das subpartes componentes da ação recíproca. Por exemplo, contrastando os enunciados *Samuel y Rosa se besaron el uno al otro* [PB: *Samuel e Rosa (se) beijaram um ao outro*] vs. *Samuel e Rosa se besaron* [PB: *Samuel e Rosa se beijaram*], enquanto o último sugere um único evento simultâneo (um beijo ininterrupto), o segundo sugere eventos sequenciais (beijos sucessivos e alternados). O evento simultâneo é o que apresenta semântica média, uma vez que as subpartes que o compõem não são vistas como distintas pelo falante.

[20] Para maior clareza, oferecemos o exemplo *Tras la condena, el acusado se preguntó qué haría con su vida* [PB: *Após a condenação, o réu se perguntou o que faria da sua vida*]. No enunciado em questão, a pergunta que o participante se faz é **interna**, no intuito de buscar uma resposta em seu interior. Trata-se, pois, de uma **atividade mental** na qual é difícil estabelecer uma separação entre sujeito e objeto; portanto, estamos diante de uma construção **média**. Tal construção é uma média indireta porque segue o esquema [X preguntar Y a Z], no qual X e Z têm o mesmo referente e distinção conceitual mínima. De acordo com Maldonado (2006, p. 135), caso a ação

de emoção (*enfadarse* [PB: *irritar-se*]); (8) discurso emotivo (*quejarse*[21] [PB: *queixar-se*]); (9) média de cognição (*acordarse* [PB: *lembrar-se*)]; (10) eventos espontâneos (*originarse* [PB: *originar-se*]).

Em sua análise sobre transitividade, Hopper & Thompson (1980, p. 277) propõem as construções reflexivas como intermediárias entre as transitivas (evento canônico de dois participantes) e as intransitivas (evento canônico de um participante). Kemmer (1993, p. 73, 1994, p. 209) amplia essa proposta, incluindo no conjunto as construções médias e utilizando o grau de distinguibilidade dos participantes como parâmetro semântico para diferenciar uma construção da outra. Dessa forma, a autora constrói um diagrama no qual num dos extremos estão os eventos com apenas um participante (*Pedro salió* [PB: *Pedro saiu*]), e no outro os eventos com dois participantes (*Miguel destruyó el jardín* [PB: *Miguel destruiu o jardim*]). Entre esses dois extremos, estão os eventos nos quais a distinção entre os participantes é baixa, caso dos reflexivos (*Cristina se dio un regalo inolvidable* [PB: *Cristina se deu um presente inesquecível*]) e dos médios (*Ese hombre no se arrepiente de nada* [PB: *Esse homem não se arrepende de nada*]). Reproduzimos a seguir o diagrama de Kemmer:

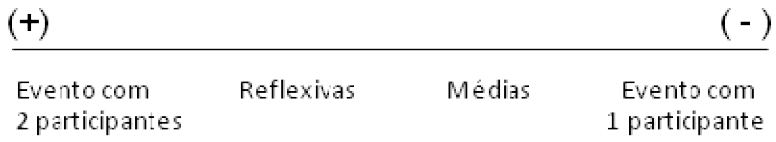


Fig. 1.8 – Grau de distinguibilidade dos participantes (KEMMER, 1993, p. 73)

Segundo o diagrama, nas construções reflexivas/recíprocas, pelo fato de conceitualmente podermos distinguir dois participantes (embora se refiram à mesma entidade), temos uma maior proximidade a um evento com dois participantes e,

---

de *preguntarse* tivesse projeção exterior — como numa emissão oral audível — a construção seria **reflexiva**: *Tras la condena, el acusado se preguntó a sí mismo, no a su abogado, qué haría con su vida* [PB: *Após a condenação, o réu perguntou a si mesmo, não ao seu advogado, o que faria da sua vida*].

[21] Verbos como *quejarse* (*arrepentirse*, *vanagloriarse*,etc.) figuram apenas com marcação média (*La víctima se quejó de malos tratos* [PB: *A vítima se queixou de maus tratos*]), por não possuírem contrapartida transitiva (**La víctima quejó al policía* [PB: **A vítima queixou ao policial*]). São os chamados verbos **depoentes**. É importante mencionar que a perda dos clíticos no PB, em algumas variedades (como a mineira), também pode ocorrer com os verbos dessa classe, tal como atestam alguns estudos. Voltamos ao tema no final do item I.4, com exemplos extraídos de situações de uso.

portanto, maior transitividade. Já nas construções médias, a baixa distinguibilidade entre os participantes aproxima-as das intransitivas, com um só participante. Kemmer (1994) relaciona a maior ou menor distinguibilidade dos participantes com uma propriedade semântica a qual denomina **elaboração relativa de eventos**. Nas palavras da autora[22]:

> Relative elaboration of events can be thought of as the degree to which different schematic aspects of a situation are separated out and viewed as distinct by the speaker. The speaker in effect can choose to "turn up" or "turn down" the resolution with which a particular event is viewed in order to highlight its internal structure to a greater or lesser extent (KEMMER, 1994, p. 211).

Em sua pesquisa, Kemmer (1994, p. 188-9) encontrou sistemas (russo, turco) nos quais há dois marcadores, um para a voz reflexiva e outro para a voz média; nesses sistemas, ademais, observa-se uma relação icônica entre o marcador e a construção: formas livres ("pesadas") marcam as reflexivas (mais distinção entre participantes e mais transitividade) e formas presas ("leves", clíticos) marcam as médias (menor distinção entre participantes e menos transitividade). Tomemos exemplos do russo (KEMMER, 1994, p. 204 apud HAIMAN, 1983, p. 804) para os marcadores de 1ª pessoa do singular *sja* (médio) e *sebja* (reflexivo):

(18) (a) *Ja každyj den' moju+**sja**.* [PB: *Eu me lavo*.]

(b) *Ja myl **sebja**.* [PB: *Eu me lavei a mim mesmo (não a outra pessoa)*.]

A marcação morfológica das reflexivas/recíprocas e médias no PB e no espanhol, quando ocorre, normalmente se dá com o mesmo marcador SE/*SE*, conforme já mostrado em exemplos anteriores. Nas referidas línguas, portanto, a distinção entre essas construções não é imediata e requer uma análise acurada do verbo em termos semânticos. No caso do PB, salientamos a existência de um fator que complica ainda mais essa classificação: a perda dos clíticos (inclusive o SE) que vem acontecendo nessa língua. Tal fenômeno foi analisado em estudos como os de Kliffer (1981), Kato & Tarallo

---

[22] Nossa tradução: A elaboração relativa de eventos pode ser pensada como o grau no qual os diferentes aspectos esquemáticos de uma situação são separados e vistos como distintos pelo falante. O falante pode efetivamente escolher entre "aumentar" ou "reduzir" a resolução com a qual um determinado evento é visualizado, a fim de focalizar a sua estrutura interna com maior ou menor amplitude.

(1986) e Galves (2001); também González (1994) leva em conta a perda dos clíticos no PB, ao falar das assimetrias entre o espanhol e o PB na descrição do preenchimento vs. não preenchimento das posições argumentais de sujeito e objeto nessas línguas. Citamos alguns exemplos de González (1994: 215), recolhidos de falas de programas de televisão:

(19) (a) *Ele Ø cansou rápido*.

(b) *Meu marido Ø levanta cedo*.

(c) *Ø Tem que torcer pra gente Ø classificar*.

A perda dos clíticos no PB pode inclusive ser observada em verbos depoentes, conforme as seguintes ocorrências que recolhemos da Internet:

(20) (a) *[O programa Advanced IP Scanner] É show, quem baixar não Ø arrepende, ele realmente faz o que promete* (www.baixaki.com.br, em 25/03/13)

(b) *Ele Ø queixou de dor na canela direita, que o estava incomodando nas atividades* (www.mg.superesportes.com.br, em 25/03/13)

Portanto, em algumas variedades do PB (como a mineira), as duas ocorrências citadas seriam aceitáveis.

I.5. Outros padrões médios

Assim como Kemmer (1993, 1994), Maldonado (2006) realizou um minucioso estudo dos eventos médios, enfocando especialmente a sua incidência na língua espanhola. Dentre os padrões citados e discutidos pelo autor, a maioria se enquadra em algum dos dez tipos de situação medial propostos por Kemmer (ver I.4). Entretanto, há alguns desses padrões que não cabem precisamente na classificação de Kemmer. É importante comentá-los brevemente, uma vez que costumam ocorrer com frequência no espanhol e, certamente, serão contabilizados no nosso corpus.

Começamos pelas chamadas **construções de exploração total**[23], nas quais a presença do *SE* impõe uma leitura na qual o objeto é afetado ("explorado", nos termos de

[23] No original, ***construcciones de explotación total***; a tradução ao PB é nossa.

Maldonado) em sua totalidade pela ação que realiza o sujeito. Vejamos o seguinte exemplo:

(21) (a) *Miguel bebió la cerveza y comió la pizza*. [PB: *Miguel bebeu a cerveja e comeu a pizza.*]

(b) *Miguel* ***se*** *bebió la cerveza y* ***se*** *comió la pizza*. [PB: *Miguel bebeu a cerveja até a última gota e devorou a pizza.*]

Para um falante nativo de espanhol, em (21a) se descreve a ação do sujeito (*Miguel*) sobre os objetos (*la cerveza*; *la pizza*), porém não se explicita em que grau tais objetos são afetados: Miguel poderia ter bebido alguns goles, metade ou toda a cerveja; igualmente, poderia ter comido a pizza inteira ou apenas parte dela. Em (21b), com a presença do clítico, o referido falante percebe os objetos como afetados em sua totalidade; ou seja, para ele a cerveja e a pizza foram totalmente consumidas pelo sujeito[24]. Como as construções de exploração total com o SE não ocorrem no PB, recuperar o valor expressivo e a sutileza dos exemplos em espanhol, nas traduções, só é possível se utilizarmos recursos da língua tais como substituições e/ou acréscimos lexicais (ver (21b)), ou inclusive traços suprassegmentais (acento de intensidade e duração, entonação) — por exemplo, em (21b), a pronúncia enfática das expressões "até a última gota" e "devorou" realçaria ainda mais a afetação total do objeto.

As construções de exploração total normalmente aparecem com verbos de interação direta e de consumo: os já citados *comer* e *beber* (ver exemplo 16), *saber* e *aprender* (ver nota 24), *fumar* (*Tiago se fuma dos paquetes de cigarrillos al dia* [PB: *Tiago fuma duas carteiras de cigarro inteirinhas por dia*]), *leer* (*Se leyó la novela de Bolaño de un tirón* [PB: *Leu o romance do Bolaño de cabo a rabo e de um fôlego só/ Devorou o romance do Bolaño de um fôlego só*]), etc.

Também recorrentes no espanhol são as **construções de envolvimento total**[25], que o autor (2006, p. 233) considera como uma extensão do padrão de exploração total. Trata-se dos casos nos quais se observa tanto a afetação do objeto, como também o nível

[24] Maldonado (2006, p. 217) ressalta que nas construções de exploração total se esperam objetos bem delimitados e identificados; se estes não possuem limites precisos ou apresentam uma noção genérica, o uso do *SE* é agramatical. Tomemos os seguintes pares como exemplo: **Milena se sabe (el) inglés* vs. *Milena se sabe la canción de memoria* [PB: *Milena sabe a canção de cor e salteado*]; **Se aprendió a leer a los cuatro años* vs. *Se aprendió los números del 1 al 20* [PB: *Aprendeu de cor e salteado os números de 1 a 20*].

[25] No original, ***construcciones de involucramiento total***; a tradução ao PB é nossa.

de participação e compromisso do sujeito; o juízo de valor acerca do envolvimento do sujeito no evento aparece geralmente na forma de expressões de caráter adverbial. Os exemplos a seguir são típicos desse padrão:

(22) *La señora se cantó un fado con toda el alma*. [PB: *A senhora cantou um fado com* ***TO****da a alma*.]
(23) *La pareja se bailó un tango como nunca lo había hecho*. [PB: *O casal dançou um tango como* ***NUN****ca havia dançado antes*.]

Assim como as construções de exploração total, tampouco há incidência das construções de envolvimento total com SE no PB. Portanto, para tentar reproduzir a expressividade dos exemplos em espanhol nas versões ao PB, recorremos aos traços suprassegmentais: nas palavras "toda" e "nunca", a grafia em maiúsculas das sílabas tônicas é indicativo de que estas devem ser pronunciadas com mais intensidade e duração que o normal; esse recurso, juntamente com o próprio significado das expressões modais ("com toda a alma" e "como nunca havia dançado antes"), reforçam a ideia de um sujeito totalmente comprometido com a ação que executa.

Nessas construções, a relevância que se atribui ao grau de envolvimento do sujeito faz com que este participante seja visto "como mais expressivo, mais eloquente ou persuasivo e mais eficiente ao executar a ação" (MALDONADO, 2006, p. 233). Os dois padrões podem ser mais bem visualizados a partir dos diagramas a seguir:

Fig. 1.9 – *Comerse la pizza*
(MALDONADO, 2006, p. 413)

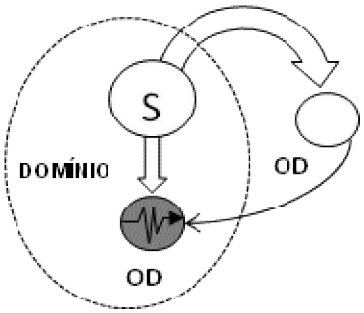
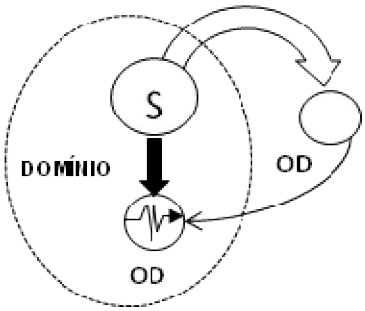


Fig. 1.10 – *Bailarse el tango*
(MALDONADO, 2006, p. 414)



Em ambos os eventos, o objeto (OD) passa para o domínio do sujeito (S) e o marcador *SE* acentua a relação entre esses dois participantes; a flecha quebrada no interior do círculo OD representa a mudança de estado do objeto sob ação do sujeito. No primeiro caso (fig. 1.9), o *SE* enfatiza o pleno controle do sujeito sobre o objeto, de modo

que este resulta totalmente afetado; na figura, a **exploração total** do objeto é representada pelo círculo escurecido no domínio do sujeito. No segundo caso (fig. 1.10), o *SE* põe em relevo o nível máximo de participação do sujeito na ação; na figura, esse **envolvimento total** é representado, no domínio do sujeito, pela seta escurecida que vai do sujeito ao objeto.

O último padrão que comentaremos é o observado em construções médias que estão intimamente relacionadas com verbos intransitivos. Nessas construções, Maldonado (2006, p. 362) identifica a presença de uma força ou indução energética, sendo esta codificada na estrutura do enunciado por meio do clítico *SE*. O autor as denomina construções **energéticas**, em oposição às construções **absolutas** (sem o clítico *SE*): nestas, a indução de energia não está presente no enunciado. Comentamos as diferenças entre ambas a partir dos exemplos na sequência:

(24) (a) *Hace poco **cayó** una lluvia torrencial que inundó mi barrio*. [PB: *Há pouco caiu uma chuva torrencial que inundou meu bairro*.]

(b) *En otoño las hojas **caen** de los árboles*. [PB: *No outono as folhas caem das árvores.*]

(c) *En la competición de clavados, el atleta ruso **cayó** al agua con mucha clase*. [PB: *Na competição de saltos, o atleta russo caiu na água com muita elegância*.]

(25) (a) *Con el fuerte viento, **se cayeron** muchas hojas de los árboles del patio*. [PB: *Com o forte vento, (*se) caíram muitas folhas das árvores do quintal.*]

(b) *El florero **se cayó** de la mesa y ahora está roto*. [PB: *O vaso (*se) caiu da mesa e agora está quebrado*.]

(c) *El cocinero patinó y **se cayó** al suelo*. [PB: *O cozinheiro escorregou e (*se) caiu no chão*.]

Em (24), as ocorrências do verbo *caer* estão associadas a fenômenos naturais, esperados e que transcorrem segundo o curso normal dos fatos. Em (25), de maneira oposta, as incidências de *caer* se relacionam a fenômenos inesperados e acidentais; a presença do *SE*, segundo Maldonado (2006, p. 374), impõe uma leitura na qual tais ações são concebidas como fora da normalidade — afinal, em condições normais, se espera que as folhas permaneçam presas aos galhos (caso não estejamos no outono), que objetos imóveis numa superfície plana fiquem em repouso e que as pessoas consigam

manter-se em equilíbrio. Através do modelo da bola de bilhar de Langacker (1991) e da teoria da dinâmica de forças de Talmy (2003), tem-se uma explicação física dos eventos citados em (25): no modelo de Langacker, um dado elemento sofre mudança de estado quando lhe é transmitida energia; para Talmy, entretanto, pode haver resistência a essa mudança, em decorrência de algum tipo de energia antagônica. Por exemplo, a dinâmica de forças em (25a) se explica pelo embate entre a força do vento (elemento antagonista) sobre as folhas (elemento agonista[26]) e a resistência imposta pela árvore, que tende a conservar as folhas agarradas aos galhos. Em (25b), de um lado temos a superfície da mesa, que neutraliza a força de gravidade e impede o vaso de cair no chão; do outro lado, uma força não especificada (um agente humano que esbarra acidentalmente no vaso; o vento) que move o vaso para além da extremidade da mesa, suspendendo assim seus efeitos de neutralização. No caso de (25c), em condições normais, a força de gravidade é neutralizada pela resistência que opõe a superfície do chão; porém, um chão salpicado com azeite pode ter provocado a perda de aderência da superfície, com o consequente escorregão e queda do cozinheiro.

A mesma situação de dinâmica de forças está presente nas versões de (25) ao PB. A diferença entre os exemplos nas duas línguas é que no espanhol é possível marcar no enunciado, por meio do *SE*, o afastamento do padrão natural; ou seja, a presença do clítico está associada a uma interpretação na qual as ações descritas são concebidas como contrárias ao que normalmente ocorre. Tal possibilidade, como vemos, não existe no PB.

O esquema de Maldonado (2006, p. 378) para as construções absolutas e as energéticas está representado na figura 1.11, a seguir:

[26] Os termos antagonista e agonista são de Talmy (2003).

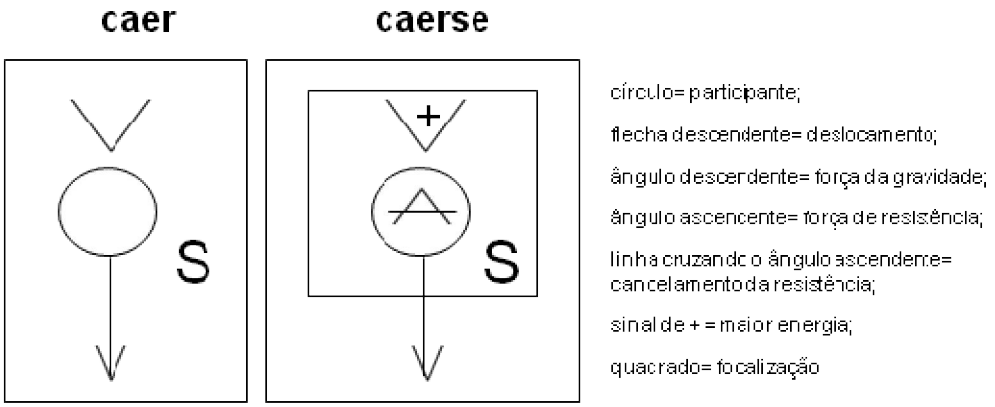


Fig. 1.11 – Construção absoluta vs. construção energética (MALDONADO, 2006, p. 378)

No diagrama da construção energética, o quadrado representa a função focalizadora do clítico *SE*. Para Maldonado (2006, p. 379), todas as construções energéticas têm como propriedade comum a focalização no ponto crítico da mudança de estado, deixando de lado a informação contextual; segundo o autor, a falta de conhecimentos com respeito às circunstâncias que provocam o evento é o que determina a visão de um fato inesperado[27].

Os exemplos que fornecemos (25) evidenciam a base física que alicerça a dinâmica de forças. Maldonado (2006, p. 381), porém, amplia o alcance dessa teoria ao postular sua validade em contextos abstratos, nos quais as forças resistentes se configuram em termos de desejos e expectativas. Transcrevemos, a título de ilustração, os seguintes exemplos do autor[28]:

(26) (a) *La lana (*se) encoge*. [PB: *Lã (*se) encolhe*.]

(b) *Los pantalones de polyester no (*se) encogen*. [PB: *Calças de polyester não (*se) encolhem*.]

(27) (a) *A pesar de que estos pantalones son prelavados, se (*Ø) encogieron*. [PB: *Embora estas calças sejam pré-lavadas, (*se) encolheram*.]

---

[27] No espanhol, esse tipo de focalização com *SE* é frequente em construções médias de movimento translacional. Tomemos como exemplo os enunciados *Jorge subió la escalera* e *Jorge se subió la escalera*: no primeiro, perfila-se o trajeto inteiro, da origem (base) ao topo da escada (meta); no segundo, o que está em perfil é o momento crucial em que a mudança de locação acontece, ou seja, a chegada à meta. De acordo com Maldonado, a restrição do evento ao seu momento crucial é atribuída à função focalizadora do clítico SE.

[28] No texto original, os exemplos estão no capítulo 6, numerados como (39) e (40) respectivamente.

(b) *La etiqueta lo advertía, pero yo no hice caso y el suéter se (*Ø) encogió*. [PB: *A etiqueta advertía, mas eu não liguei e a malha (*se) encolheu.*]

(c) *El suéter se (*Ø) me encogió*. [PB: *A malha (*se) me encolheu./ A minha malha (*se) encolheu*.][29]

Maldonado (2006, p. 281) afirma que os exemplos de (26) descrevem as tendências naturais de mudança dos materiais citados (a lã e o poliéster), de modo que a construção desses eventos ocorre em termos absolutos. Nos exemplos de (27) — à semelhança de (25) —, o *SE* está presente e estabelece uma leitura energética, na qual os eventos ocorrem de modo oposto ao esperado; afinal, o encolhimento das calças e do suéter contraria uma expectativa natural do falante.

Neste ponto, finalizamos o capítulo e julgamos oportuno fazer uma síntese dos temas nele tratados. Primeiramente, apresentamos de modo breve os princípios da GC (Langacker, 1991), com ênfase nos que se relacionam aos fenômenos de construção de imagens (*imagery*): proeminência relativa de subestruturas (trajetor e marco), perfil e base. Na sequência, discorremos sobre os modelos cognitivos de conceitualização de eventos (bola de bilhar e palco) e o esquema do evento canônico (LANGACKER, 1991), assim como os desvios desse modelo no que concerne à transitividade, conforme as propostas de Hopper & Thompson (1980) e de Kemmer (1993,1994). Igualmente, comentamos o conceito de voz média, domínio médio e elaboração relativa de eventos (KEMMER, 1993, 1994). Na parte final, tratamos de alguns padrões médios do espanhol e sua interpretação segundo os pressupostos da GC (MALDONADO, 2006). Os princípios e conceitos referidos neste capítulo (e sua abordagem pelos autores citados) constituem os fundamentos teóricos da nossa pesquisa.

[29] Estas são construções de dativo de afetação, segundo a classificação de Maldonado (2006, p. 252). Nestas, um participante não ativo é afetado por uma ação que se desenrola dentro do seu domínio. Aparecem também no PB, embora com menos frequência que no espanhol (Ex.: *O carro me quebrou justo quando eu mais precisava dele*.).

CAPÍTULO II

As construções *SE*/SE impessoais e passivas no espanhol e no PB

II.1. Considerações iniciais

Tal como fizemos em Araújo Júnior (2006), iniciamos nosso percurso com um rápido exame de algumas publicações didáticas para ensino do PB e do espanhol e do que nelas aparece sobre as construções-SE/*SE* passivas e impessoais.

Acerca das construções impessoais-SE no PB, Neves (2000, p. 464) afirma que são "tipicamente genéricas, isto é, de sujeito maximamente indeterminado, já que todas as pessoas do discurso ficam abrangidas"; na sequência, acrescenta que os verbos dessas construções são intransitivos ou de complemento preposicionado, "já que, com verbos que se constroem com objeto direto, a construção com o pronome SE tem valor passivo" (2000, p. 465). Citamos na sequência alguns dos exemplos recolhidos por Neves, sendo (1) e (2) para as impessoais-SE (2000, p. 464) e (3) e (4) para as passivas-SE (2000, p. 465):

(1) *Pensa-se em reduzir as importações fomentando a produção interna no setor manufatureiro.* (FEB)[30]

(2) *Falava-se de Pedro.* (A)

(3) *Na prática, porém, viram-se cenas como os dois rapazes palestinos amarrados sobre o capô dos jipes militares, formando um escudo humano contra as pedradas dos manifestantes.* (VEJ)

(4) *Entre os papéis, encontrou-se um documento sobre a exploração do urânio em Minas Gerais.* (MP)

No geral, o que afirma Neves é reproduzido em publicações similares disponíveis no mercado brasileiro, cuja consulta[31] nos permite resumir o assunto da seguinte forma:

---

[30] As letras entre parêntesis se referem aos textos dos quais Neves extraiu os exemplos. No caso: FEB= *Formação Econômica do Brasil*. FURTADO, C. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963; A= *Angela ou as areias do mundo*. FARIA, O. Rio de Janeiro: José Olympio; VEJ= *Revista Veja*; MP= *A morte da porta-estandarte*. MACHADO, A. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

[31] Consultamos gramáticas (BECHARA, 1976 e 1999; CUNHA, 1990; CUNHA & CINTRA, 2008; LUFT, 2002; SACCONI, 1998; ANDRÉ, 1997), livros didáticos para o ensino médio (NETO & INFANTE, 2004; NICOLA & INFANTE, 2004) e para o ensino fundamental (CEREJA & MAGALHÃES, 2004; FARACO & MOURA, 2004). A referência completa dessas publicações está na Bibliografia (seção "Livros didáticos e paradidáticos consultados").

1. Nas construções passivas-SE, o verbo é transitivo direto e aparece conjugado apenas na 3ª pessoa (do singular ou plural), em concordância com o SN sujeito, cujo papel temático é o de paciente; a entidade agente não figura na construção[32].

2. Nas construções impessoais-SE, o verbo é intransitivo ou transitivo indireto, e aparece conjugado apenas na 3ª pessoa do singular. O sujeito é desconhecido ou não há interesse em explicitá-lo.

As obras consultadas, em sua maioria, são de cunho normativo e, como tal, não recomendam o uso de construções sem concordância entre o verbo e o SN — a exemplo de (5) e (6) —, embora estas sejam frequentes na fala culta dos brasileiros.

(5) *Aluga-se bicicletas*.
(6) *Vende-se carros usados*.

Nessas publicações, as construções impessoais com verbos transitivos só aparecem com o verbo na 3ª pessoa do plural, sem o clítico SE:

(7) *Criticaram o prefeito pelo descaso com o ensino público*.
(8) *Picharam todos os muros da universidade*.

Para o espanhol, parte das gramáticas e livros didáticos que consultamos define as construções passivas-*SE* e impessoais-*SE* de maneira análoga à que aparece em

[32] Em nossa pesquisa, não dispomos de exemplos do PB contemporâneo que contrariem essa afirmação. Segundo Camara Jr (1975, p. 175-6), na língua portuguesa, as passivas-SE com expressão do agente eram mais frequentes na literatura (*Aqui se escreverão novas histórias* / ***por gentes estrangeiras*** *que virão – Os Lusíadas*, c. VII, est. 55); tal uso, porém, já não ocorreria na língua literária moderna, nem sequer como possibilidade estilística. É certo que no espanhol moderno é possível encontrar o agente expresso por meio de sintagma preposicional em algumas construções com *SE* (que a RAE classifica como passivas), embora em contextos muito específicos, conforme os exemplos extraídos da *Nueva Gramática de la Lengua Española* (NGLE) da RAE (2009, p. 3090): *Se sostiene* ***por el gobierno*** *que el narcotráfico representa una amenaza* (...) (ARRIETA, *Narcotráfico*); *En el plazo máximo de diez días desde la presentación del convenio en el registro se dispondrá* ***por la autoridad laboral*** *su publicación obligatoria y gratuita en el Boletín Oficial del Estado (Estatuto Trabajadores).*

publicações correlatas para o PB[33]. É o caso de Domínguez & Bazo (1994, p. 130-31), de quem recolhemos os exemplos (9), (10) (*SE*-passivas), (11) e (12) (impessoais-*SE*)[34]:

(9) *Se suspendió la reunión*. [PB: *Suspendeu-se a reunião*.]

(10) *Se escucharon sus palabras con atención*. [PB: *Escutaram-se* [mais formal] */Escutou-se as palavras dele(a) com atenção*.]

(11) *¿Por dónde se va a la estación?* [PB: *Por onde se vai para a estação*?]

(12) *¡Qué bien se está aquí!* [PB: *Como se* [mais formal] */a gente está bem aquí!*]

Para alguns dos autores consultados[35], entretanto, enunciados como (9) e (10) também são classificados como impessoais, não importando o fato de haver concordância do verbo com o SN. Igualmente, seriam considerados impessoais:

(13) *Aquí se habla español*. (MATTE BON, 1992, p. 42) [PB: *Aquí se fala español*.]

(14) *El primer día se recibió a las participantes y se las distribuyó entre los distintos grupos*. (MATTE BON, 1992, p. 43) [PB: *No primeiro dia foram recebidas as participantes e distribuídas entre os distintos grupos*.]

(15) *En España se publican muchas novelas al año*. (MARTÍN & SANS, 1998, p. 122) [PB: *Na Espanha se publicam/são publicados muitos romances por ano*.]

(16) *En la corte de Luis XV de Francia, se creó la figura del portacorbatas, un criado cuyo único cometido era abrocharle y desabrocharle la corbata al rey*. (CORONADO, GARCÍA & ZARZALEJOS, 2001, p. 163) [PB: *Na corte de Luis XV da França, criou-se/foi criada a figura do* portacorbatas[36]*, um criado cuja única obrigação era atar e desatar a gravata do rei*.]

---

[33] No espanhol, a nomenclatura tradicional classifica os verbos apenas em **transitivos** e **intransitivos**, conforme a admissão ou não de um objeto direto. De acordo com Alarcos Llorach (1994, p. 280-81), em tradução nossa: "A possibilidade ou impossibilidade de que o verbo admita objeto direto foi o critério de classificação dos verbos em transitivos e intransitivos. Quando a atividade denotada pela raiz verbal requer a especificação trazida pelo substantivo que funciona como objeto direto, considera-se o verbo transitivo; caso contrário, o verbo é intransitivo". Cabe esclarecer que aqui os termos "transitivo" e "intransitivo" estão sendo usados com os valores que têm na gramática do espanhol.

[34] Seguem a mesma classificação dos autores: Sánchez (2001), Fanjul (2006), Aragonés & Palencia (2007). A referência completa dessas publicações está na Bibliografia (seção "Livros didáticos e paradidáticos consultados").

[35] A saber: Castro (1997), Cerrolaza, Cerrolaza & Llovet (2000) Coronado, García & Zarzalejos (2001), Martín & Sans (1998a, 1998b), Matte Bon (1992).

[36] Como não encontramos um equivalente desse vocábulo no PB, optamos por mantê-lo no original.

(17) *En ese tipo de reuniones, a veces se dicen bastantes tonterías.* (CERROLAZA, CERROLAZA & LLOVET, 2000, p. 136) [PB: *Nesse tipo de reuniões, às vezes se dizem/se diz/são ditas muitas bobagens.*]

Em (14), o SN "las participantes" é complemento direto [+humano] e [+específico], portanto, vem regido pela preposição *A*, conforme as regras de marcação de caso acusativo em espanhol[37]. Nos casos em que o SN não possui esses traços e não ocorre marcação de caso, o mais frequente é que o referido SN concorde com o verbo (*Se buscan vendedores*, em vez de *Se busca vendedores*), muito embora as construções sem concordância — como (18) e (19) — estejam registradas em todas as variedades do espanhol, tanto na língua oral como na escrita (em blogs, jornais, escritos literários, jurídicos, etc.):

(18) *Hoy se lee muchos más libros que antes.* [PB: *Hoje se lê muito mais livros que antes.*]

(19) *Se vende productos importados en esa tienda.* [PB: *Vende(-se) produtos importados nessa loja.*]

Sobre as construções *SE* + verbo singular + SN plural, Alcina Franch & Blecua (2001, p. 921) atestam sua incidência na língua espanhola, atribuindo a algumas (*Se veía en el almacén una enorme máquina y sus accesorios* [PB: *Via-se no armazém uma máquina enorme e seus acessórios*]) mais aceitabilidade que a outras (*Se vende zapatos* [PB: *Vende-se sapatos*], considerada pelos autores vulgar e descuidada). Gili Gaya (1978, p. 128) assume postura igualmente conservadora ao enxergar nessas construções preferências regionais (porém sem especificar lugares, seja na Espanha, seja na América) ou individuais (estilo), pouco prestigiadas na língua literária; nesse âmbito, o autor afirma que predomina a passiva e, em seu favor, pesaria a tradição do idioma e o seu emprego pelos autores clássicos. Na *Nueva Gramática de la Lengua Española* (doravante NGLE), publicada em 2009, a RAE afirma ser habitual a construção sem concordância em

[37] Embora também possível no PB, a marcação de caso acusativo tem baixíssima incidência nessa língua. Citamos os seguintes exemplos, recolhidos da Internet: (i) *O diabo "tem glória" no meio cristão, como se fosse um igual a Deus. De fato, teme-se* ***ao diabo****, e não se teme* ***a Deus****.* (www.caiofabio.net, consultada em 19/03/13); (ii) *Saudades daquele tempo em que se respeitava* ***aos pais****, e assim, aprendíamos a respeitar* ***aos outros****.* (www.christianonunes.no.comunidades.net, consultada em 19/03/13)

determinados contextos, como na linguagem dos anúncios (*Se alquila pisos* [PB: *Aluga-se apartamentos*]), porém, condena seu uso com tempos verbais que não o presente *(*Se alquiló varios pisos* [PB: *Alugou-se vários apartamentos*]) ou com complementos diretos determinados *(*Se vende estos pisos* [PB: *Vende-se estes apartamentos*]). Molina Redondo (1974, p. 25) considera legítimas essas construções e destaca sua crescente incidência no espanhol. Matte Bon (1992, p. 45), porém, está em desacordo com essa afirmação: segundo o autor, as construções ora discutidas são percebidas pela maioria dos falantes nativos como muito estranhas e artificiais, e que se trata de uma peculiaridade estilística destinada a desaparecer rapidamente. Concordamos com a primeira parte dessa afirmação, a partir de depoimentos que obtivemos de hispanoparlantes de nacionalidades e graus de escolaridade diversos; quanto a ser uma peculiaridade estilística com os dias contados, nos parece problemático defender essa posição sem o respaldo de pesquisas quantitativas e/ou qualitativas que ilustrem o estágio atual das referidas construções nas diversas variedades e nos diversos registros dessa língua.

Para os autores de quem recolhemos os exemplos de (13) a (17), parece ser que a construção passiva é a que se constrói com auxiliar (normalmente *ser*) + particípio, e não com o pronome *SE*. A abordagem sintética do tema nessas obras não nos explica exatamente o porquê, porém nos arriscamos a afirmar que os referidos autores enxergam nas construções com o clítico um caráter impessoal sobrepujante, relacionado a fatores semânticos. Ainda sobre o ponto de vista adotado por esses autores, seria precipitado classificá-lo como uma tendência, uma vez que nossa amostra foi bastante restrita. Entretanto, essa tomada de posição nos desperta interesse porque se opõe ao que prescreve a NGLE (RAE, 2009), para a qual as passivas e as impessoais com *SE* continuam sendo construções distintas e bem delimitadas. Os critérios prescritivos para solucionar possíveis ambiguidades entre as passivas-*SE*/SE e as impessoais-*SE*/SE baseiam-se normalmente na concordância (PB e E) e na marcação de caso (E):

(20) (a) *Se alquila bicicletas*. [PB: *Aluga-se bicicletas.*] [impessoal]
(b) *Se alquilan bicicletas*. [PB: *Alugam-se bicicletas*.] [passiva]

(21) (a) *Se prefiere a los discretos*. [PB: *Prefere-se os discretos*.] [impessoal]
(b) *Se prefieren los discretos a los valientes*. [PB: *Preferem-se os discretos aos corajosos*.] [passiva]

Para o espanhol peninsular, a NGLE (RAE, 2009, p. 3094) aponta certa tendência à distribuição complementar entre as passivas-*SE* e impessoais-*SE*, no sentido de que se usa cada uma delas com estruturas sintáticas que rejeitam a outra:

(22) (a) *Se valora el arte*. [PB: *Valoriza-se a arte*.] [passiva]

(b) *Se valora a los artistas*. [PB: *Valoriza-se os artistas*] [impessoal]

(23) (a) *Se premiaron las mejores escuelas*. [PB: *Premiaram-se as melhores escolas./ Foram premiadas as melhores escolas*.] [passiva]

(b) *Se premió a los mejores profesores*. [PB: *Premiou-se os melhores professores*.] [impessoal]

Ainda segundo a NGLE (RAE, 2009, p. 3094), essa tendência à distribuição complementar diminui nas variedades andina, chilena e platina do espanhol, uma vez que nelas se solapam com mais claridade os contextos sintáticos das passivas-*SE* e impessoais-*SE*[38]:

(24) *Señaló que en su partido se respeta las libertades individuales de todos sus integrantes – Expreso [Perú]* 22/4/1990) [PB: *Ressaltou que em seu partido se respeita as liberdades individuais de todos os integrantes*.]

No caso do PB, podemos assumir que não existe tendência à distribuição complementar entre as passivas-SE e as impessoais-SE: além da baixa ocorrência das passivas-SE na língua e da marcação de caso em desuso, a preferência no PB é pelas passivas de particípio[39]. Por exemplo, no PB, os estudos consultados indicam que o exemplo (23) apareceria com mais frequência como:

(25) *Foram premiadas as melhores escolas. / Foram premiados os melhores professores*.

Dos critérios que a abordagem prescritiva utiliza para diferenciar as passivas-*SE*/SE das impessoais-*SE*/SE, normalmente se atribui maior peso à concordância. Entretanto, há ocorrências nas quais nem sempre esse critério é suficiente para uma

[38] A NGLE, entretanto, não menciona nenhum estudo quantitativo que respalde suas afirmações.
[39] Em Araújo Júnior (2007), usamos os estudos quantitativos de Duarte (1990) e Moino (1989) para comprovar essa hipótese. Empregamos a expressão **passivas de particípio** para referir-nos tanto às **passivas sintáticas** (com auxiliar "ser" ou outros + particípio) quanto às **passivas lexicais** (com auxiliar elidido, como em *O galpão invadido pela polícia era um depósito de armas e drogas*).

delimitação precisa. As construções com verbos modais, por exemplo, além de favorecerem a falta de concordância entre o verbo e o SN, também aceitam a substituição do SN por pronomes átonos:

(26) E: *Se deben pavimentar las calles del centro.* → *Se debe pavimentar las calles del centro.* → *Se las debe pavimentar.*

PB: *Devem-se pavimentar as ruas do centro*. → *Deve-se pavimentar as ruas do centro* → *Deve-se pavimentá-las*.

(27) E: S*e pueden oír los gritos de los manifestantes.* → *Se puede oír los gritos de los manifestantes.* → *Se los puede oír.*

PB: *Pode-se ouvir os gritos dos manifestantes*. → *Pode-se ouvi-los*.

Como exemplos, também podemos citar as construções-*SE*/SE cuja estrutura sintática é complexa (com mais de uma oração):

(28) *Se esperaba* <u>*que la oposición ganara las elecciones*</u>. [PB: *Esperava-se* <u>*que a oposição ganhasse as eleições*</u>.]

(29) *Se exige* <u>*que el dinero sea devuelto*</u>. [PB: *Exige-se* <u>*que o dinheiro seja devolvido*</u>.]

(30) *Se ignora* <u>*cómo ha sido el accidente*</u>. [PB: *Ignora-se* <u>*como foi o acidente*</u>.]

Os enunciados acima dividem opiniões no que concerne à sua classificação. Há estudos (RAE, 2009; MENDIKOETXEA, 1999; GUTIÉRREZ ORDÓNEZ, 1997, para o espanhol; NEVES, 2000, para o PB) que interpretam as orações sublinhadas como sujeitos oracionais e, desse modo, (28), (29) e (30) são consideradas *SE*/SE-passivas Outros autores (MALDONADO, 2006, para o espanhol; BAGNO, 2000; SAID ALI, 2008, para o PB), porém, interpretam as orações destacadas como objetos oracionais, o que converteria os exemplos citados em construções impessoais-*SE*/SE.

Por último, consideremos o exemplo citado por Maldonado (2006, p. 264):

(31) *Véanse las páginas siguientes*. [PB: *Vejam-se as páginas seguintes*.]

Segundo o enfoque prescritivo, a concordância entre o verbo e o SN impõe a esse exemplo uma leitura passiva inequívoca. Entretanto, o autor refuta essa interpretação, baseando-se no fato de que (31) é um enunciado imperativo e, como tal, dirige-se a um

sujeito, mesmo que este não se encontre especificado. Dessa maneira, apesar da concordância, considera que (31) não contém passividade alguma; para o autor, tanto o tema (*las páginas siguientes*) quanto o sujeito esquemático (sinalizado pelo clítico *SE*) competem por proeminência no enunciado.

Em suma, as soluções prescritivas para diferenciar as passivas-*SE*/SE das impessoais-*SE/*SE — embasadas sobretudo na concordância e na marcação de caso —, parecem funcionar nos extremos, quando o contraste entre essas construções é evidente (ver exemplos (20) e (21) deste capítulo). Entretanto, os referidos critérios se revelam mais problemáticos na zona em que as categorias passiva e impessoal se sobrepõem, conforme mostrado nos exemplos de (26) a (31). Na sua análise, desenvolvida a partir da GC, Maldonado (2006) se propõe a identificar as características centrais de cada construção e mostrar os critérios fundamentais para reconhecer formações periféricas. No nosso estudo, utilizaremos a proposta de Maldonado como central, fazendo o contraponto desta com outras perspectivas de análise.

II.2. A proposta de Maldonado

Para Maldonado (2006: 273), a presença do *SE* nas construções médias, passivas e impessoais se relaciona com o grau de elaboração da força indutora envolvida no evento. Na formulação de sua proposta, esse autor (2006, p. 269) se apoia em estudos diacrônicos (KÄRDE, 1943; MONGE, 1955), segundo os quais o enfraquecimento do valor reflexivo do *SE* na passagem do latim clássico às línguas românicas deu origem, na maioria destas, às construções médias, passivas e impessoais[40]. No processo de debilitação do reflexivo, reduz-se o contraste nítido entre o sujeito e o objeto correferenciais e tem-se, como consequência, a simplificação do evento. Nas palavras do autor[41]:

> En lugar de poder observar el inicio de la acción desde el dominio del sujeto hasta el cambio de estado impuesto en el dominio del objeto, por medio de una acción que se

[40] Os trabalhos de Gili Gaya (1978), Kemmer (1993, 1994) e Martins (2005) também endossam essa hipótese.

[41] Nossa tradução: Em vez de poder observar o início da ação do domínio do sujeito até a mudança de estado imposta no domínio do objeto, por meio de uma ação que transcorre de distintas maneiras ao longo do tempo, o evento tende a centrar-se no momento crucial em que ocorre a mudança de estado.

> desarrolla de distintas maneras a lo largo del tiempo, el evento tiende a centrarse en el momento crucial en que se da el cambio de estado. (MALDONADO, 2006, p. 270)

Portanto, segundo o autor (2006, p. 270), o evento chegaria ao seu grau mínimo de elaboração quando a mudança de estado sofrida pelo objeto afetado passa a ter mais saliência, em detrimento da força indutora esquemática que provoca essa alteração. Ou seja, o foco está na porção terminal do evento (a mudança de estado devido a uma força esquemática) e não na sua fase indutiva, conforme mostram os seguintes exemplos:

(32) (a) *La puerta se abrió*. [PB: *A porta (se) abriu*.]
(b) *La ropa se mojó*. [PB: *A roupa (se) molhou*.]

Nos exemplos (32a) e (32b), a fonte de energia não é especificada, nem claramente identificável, porém pode ser elaborada em forma oblíqua:

(33) (a) *La puerta se abrió con el viento*. [PB: *A porta (se) abriu com o vento*.]
(b) *La ropa se mojó con la lluvia*. [PB: *A roupa (se) molhou com a chuva*.]

Adotando a terminologia de De Lancey (1981), Maldonado (2006, p. 271) considera (32a) e (32b) fenômenos de proeminência terminal e classifica ambas as construções como **médias prototípicas de proeminência terminal** (ou MPT, na forma abreviada). Nestas, confluem uma força esquemática (sinalizada pelo clítico *SE*) e um objeto afetado, porém a focalização está na mudança de estado do objeto, e não na força indutora que a provoca.

Para o autor (2006, p. 271), a MPT representa a máxima simplificação do evento e permite deduzir que a força indutora pode ter distintos graus de esquematicidade; em consequência, distintas facetas do elemento indutor podem integrar o significado central de uma expressão[42]. Com base nessa hipótese, o autor propõe a escala de classificação representada na figura 2.1:

[42] Voltaremos a abordar no item II.2.4 as características da força externa na MPT, assim como outras particularidades dessa construção.

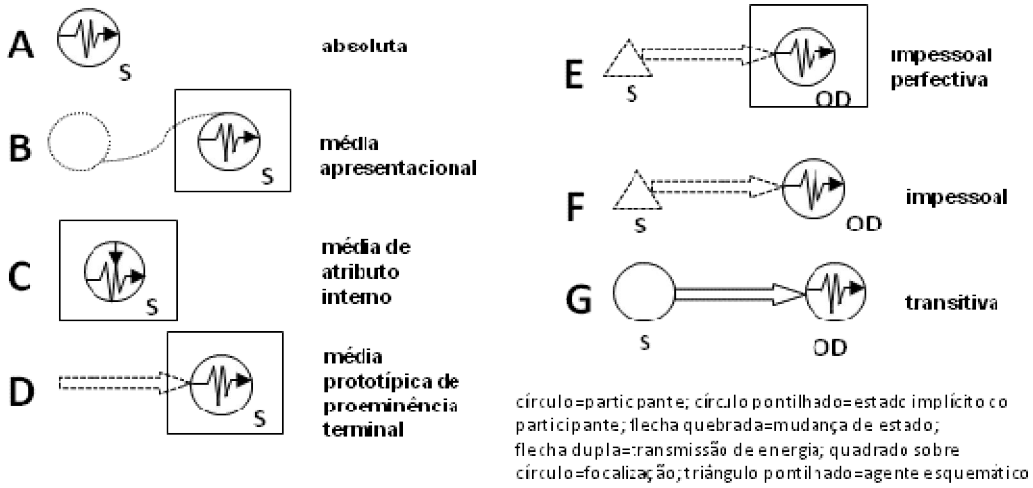


Fig. 2.1 – Níveis de proeminência da força indutiva (MALDONADO, 2006, p. 273)

Na zona intermediária (que vai de B a F), situam-se os eventos nos quais a força indutora é esquemática e possui diferentes graus: parte-se daqueles nos quais a energia envolvida é mínima, quase nula (B), representados pelas construções **médias apresentacionais** (*Las Islas Fiji se encuentran en el Pacífico*. [PB: *As Ilhas Fiji se encontram no Pacífico*.]) e chega-se aos eventos nos quais o indutor é necessariamente humano e não especificado, que é o caso das construções **impessoais** (*Estos productos se fabrican con materiales sintéticos*. [PB: *Estes produtos se fabricam/são fabricados com materiais sintéticos*.]). Num dos extremos da escala (G) estariam os eventos canônicos[43], codificados em sua totalidade — mostram-se as figuras primária (trajetor/sujeito/agente) e secundária (marco/objeto/paciente), a transferência de energia da primeira à segunda e a mudança de estado resultante dessa interação — e representados pelas construções **transitivas prototípicas** (*Miguel encendió la televisión.* [PB: *Miguel ligou a televisão.*]). No outro extremo (A), estariam as construções absolutas, nas quais a indução energética, apesar de existente, não é conceitualizada (*El ruido disminuyó*. [PB: *O ruído diminuiu*.]). Ou seja, o esquema (fig. 2.1) representa distintos graus de elaboração da força indutora, do nível mais alto ao mais baixo: parte de um evento cuja fonte de energia está codificada na sentença (G), passa por eventos nos quais a energia indutora é esquemática (B a F) e termina em um evento cuja indução energética não é conceitualizada (A).

[43] Conforme definição mostrada no capítulo I (I.3, p. 28).

Podemos, portanto, estabelecer uma correlação entre os esquemas de Maldonado (2006, p. 273) e o de Kemmer (cap. I, p. 34, fig. 1.8): tendo como ponto de partida a construção transitiva prototípica (G), observamos a diminuição no grau de elaboração da porção inicial do evento (que origina as construções-*SE* médias, passivas e impessoais, de B a F) até sua ausência total, observável na construção absoluta (A). Segundo Maldonado (2006, p. 273), nesse diagrama, os graus de manifestação da força indutora variam de acordo com fatores semântico-sintáticos relacionados principalmente ao requisito de agentividade humana do verbo, ao aspecto (léxico e morfológico), à concordância e à ordem dos constituintes, dos quais trataremos oportunamente. Ora nos dedicamos a detalhar as construções que integram o diagrama de Maldonado, à exceção das transitivas (G), já abordadas no capítulo I (itens I.3 e I.4).

II.2.1. A construção absoluta

A construção **absoluta** (A) (fig. 2.2), nos termos de Langacker (1991, p. 291), resulta da codificação de um evento no qual a conceitualização da mudança de estado sofrida por um participante ocorre autonomamente em relação à fonte de energia responsável por essa afetação[44]; ou seja, em construções dessa natureza a energia não é conceitualizada e, portanto, não está em perfil. Essa definição é adotada por Maldonado (2006, p. 272) em sua proposta, conforme a figura 2.2:

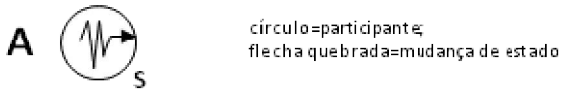


Fig. 2.2 – Construção absoluta (MALDONADO, 2006, p. 273)

De acordo com a imagem (fig. 2.2), a figura do evento é o participante afetado. A mudança de estado sofrida por esse participante aparece representada pela flecha quebrada no interior do círculo. O único argumento presente na codificação linguística desse evento normalmente assume os papéis temáticos de paciente, afetado ou tema;

---

[44] Conforme comentamos no capítulo I (I.3, p. 27-28), o *construal* absoluto é próprio do modelo de conceitualização definido por Langacker (1991, p. 286) como alinhamento de autonomia e dependência, preferido pelas línguas do sistema ergativo-absolutivo.

para simplificar, faremos referência a esse argumento como **argumento temático**[45]. As construções absolutas costumam aparecer com verbos intransitivos, conforme os exemplos a seguir:

(34) (a) *El jardín floreció*. [PB: *O jardim floresceu*.]
(b) *La música cesó*. [PB: *A música cessou*.]

No PB, entretanto, há construções intransitivas com verbos prototipicamente transitivos que, por suas características, podem ser classificadas como absolutas: assim como estas, aquelas possuem um único participante que sofre uma mudança de estado, sem que a energia envolvida no processo tenha sido conceitualizada. Construções com esse comportamento foram anotadas por Negrão & Viotti (2010) a partir de situações de comunicação oral espontânea, da qual participavam nativos de diferentes regiões do Brasil, todos falantes da norma urbana culta. Citamos a seguir duas dessas ocorrências[46]:

(35) *Meu jardim destruiu todo com a reforma*.
(36) *Este prédio tá construindo desde que a casa do vovô vendeu*.

Negrão & Viotti (2010) observaram que essas construções: a) demovem o argumento agente; b) promovem o argumento temático para uma posição pré-verbal; c) equivalem, de modo geral, a algum tipo de construção-SE no português europeu (doravante PE). Considerando essas características e agregando o fato de que o PB tem mostrado uma tendência à perda dos clíticos[47], incluindo os de 3ª pessoa, as autoras investigam se as construções apontadas poderiam ser impessoais, passivas sintéticas, médias ou ergativas, das quais o clítico SE teria sido eliminado.

A classificação das construções como impessoais é descartada pelas autoras (2010, p. 41-2) com base nos critérios propostos por Maldonado (2006) para o espanhol, que igualmente se aplicariam ao PB: segundo esse autor, as impessoais apresentam alto grau de distinguibilidade entre os participantes do evento (sujeito e objeto) e, ademais, o sujeito, sinalizado pelo clítico SE, refere-se a um agente/experienciador necessariamente humano. Porém, de acordo com testes

[45] Adotamos essa denominação com base em Negrão & Viotti (2010, p. 39).
[46] Os exemplos (35) e (36) estão numerados em Negrão & Viotti (2010) como (7) e (8), respectivamente. Ambos foram produzidos por falantes do dialeto mineiro.
[47] Fazemos referência ao fenômeno e a alguns dos estudos acerca do mesmo no capítulo I (p. 36).

experimentais, comprovou-se que as construções examinadas rejeitam o clítico SE e, portanto, não podem ser consideradas impessoais:

(37) **Meu jardim se destruiu todo com a reforma*.

(38) **Este prédio tá se construindo desde que a casa do vovô vendeu*.

Para averiguar se construções como (35) e (36) poderiam ser passivas sintéticas, Negrão & Viotti (2010: 42-5) fundamentam-se na análise formal de Raposo & Uriagereka (1996) para o SE-indefinido no PE[48]. Nas palavras das autoras:

> No âmbito da Gramática Gerativa, entende-se que a propriedade compartilhada pelas passivas sintética e perifrástica é o deslocamento do argumento temático para a posição de especificador de IP. Entretanto, o que Raposo & Uriagereka mostram é que, em PE, o local de pouso do argumento temático, nas chamadas passivas sintéticas, é diferente do das passivas perifrásticas: nas perifrásticas, o argumento temático sobe para uma posição A, enquanto nas chamadas passivas sintéticas do PE, o argumento temático termina em uma posição A-barra, na periferia esquerda da sentença (NEGRÃO & VIOTTI, 2010, p. 43-4)

Raposo & Uriagereka demonstram sua proposta usando, entre outros, argumentos de extração. Transcrevemos seus exemplos:

(39) [*Esses livros*]$_i$ [*em que loja*]$_k$ *se compraram* ec$_i$ ec$_k$?

(40) *[*Em que loja*]$_i$ [*esses livros*]$_k$ *se compraram* ec$_i$ ec$_k$?

De acordo com os exemplos, o constituinte *esses livros* ocupa uma posição na periferia esquerda, acima do constituinte interrogativo *em que loja*, e não abaixo dele. Negrão & Viotti (2010, p. 44) utilizam o mesmo procedimento para as construções similares a (35) e (36), obtendo resultados diferentes:

(41) *[*Meu jardim*]$_i$ [*por que*]$_k$ *destruiu* ec$_i$ ec$_k$?

(42) [*Por que*]$_i$ [*meu jardim*]$_k$ *destruiu* ec$_i$ ec$_k$?

(43) *[*Esse prédio*]$_i$ [*em que lugar*]$_k$ *construiu* ec$_i$ ec$_k$?

(44) [*Em que lugar*]$_i$ [*esse prédio*]$_k$ *construiu* ec$_i$ ec$_k$?

---

[48] Nessa categoria, Raposo & Uriagereka (1996) incluem tanto as passivas sintéticas quanto as impessoais. Negrão & Viotti (2010) discutem apenas o que esses autores propõem acerca das passivas sintéticas.

Ou seja, em construções como (35) e (36) os argumentos temáticos não estão na periferia esquerda da sentença. Por esse motivo, não se comparam às construções-SE do PE, geralmente tratadas na literatura como passivas sintéticas.

No intuito de verificar se construções como (35) e (36) poderiam ser médias, Negrão & Viotti (2010, p. 45-7) partem da análise de Keyser & Roeper (1984). Esse estudo é realizado no âmbito da Gramática Gerativa e tem por finalidade mostrar as diferenças entre as sentenças médias (45) e as chamadas ergativas (46) no inglês. Os exemplos citados são dos autores:

(45) *Bureaucrats bribe easily.* [PB: *Burocratas são subornados facilmente*.]
(46) *The ice melted.* [PB: *O gelo (se) derreteu*.]

Como bem observam Negrão & Viotti (2010, p. 45), sentenças como (45) não constituem médias prototípicas segundo Kemmer (1993, 1994); entretanto, podem ser consideradas parte de um grande domínio médio, uma vez que representam eventos com baixa elaboração, nos quais a distinguibilidade entre os participantes é reduzida (ver cap. I, I.4, p. 33). Como correlatos de (45) no PB, Negrão & Viotti (2010, p. 45) fornecem os seguintes exemplos:

(47) *Esse feijão cozinha fácil*.
(48) *Aquela camiseta lava bem*.

Em sua análise, desenvolvida a partir de uma série de contrastes entre pares de sentenças, Keyser & Roeper (1984) concluem que, nas médias, o agente do evento continua implícito; nas ergativas, contrariamente, tal não acontece. De acordo com a proposta dos autores, as ergativas são derivadas por uma operação de Mova-α no léxico, que transforma um verbo transitivo em intransitivo e faz com que este entre na sintaxe com apenas um argumento (*The sun melted the ice* [PB: *O sol derreteu o gelo*] → *The ice melted* [PB: *O gelo (se) derreteu*]). No caso das médias, a operação Mova-α acontece na sintaxe: o movimento do argumento temático para a posição pré-verbal ocorre por questões de Caso, e o papel temático de agente é absorvido por um morfema nulo, de modo semelhante ao que se dá nas passivas.

Segundo Negrão & Viotti (2010, p. 46), embora a maior parte dos contrastes analisados por Keyser & Roeper não se apliquem ao PB, alguns são relevantes para essa

língua. Um deles mostra que sentenças ergativas aceitam a forma progressiva, ao contrário do que acontece com as médias:

(49) *The ice is melting*.
(50) **Bureaucrats are bribing*.

Além disso, sentenças médias requerem a presença de um advérbio chamado facilitador[49] (como *easily*); as ergativas, não:

(51) *Bureaucrats bribe easily*.
(52) *The ice melted*.

Embasando-se nesses contrastes, Negrão & Viotti (2010, p. 47) mostram que sentenças como (35) e (36) não só dispensam a presença de advérbios facilitadores, como também podem aparecer na forma progressiva:

(53) *Com essa reforma aqui do lado, meu jardim tá destruindo todo*.
(54) *Este prédio tá construindo desde que a casa do vovô vendeu*.

Por conseguinte, de uma perspectiva morfossintática, construções como (35) e (36) não podem ser consideradas médias. Também do ponto de vista semântico, as construções como (35) e (36) diferem das médias propostas por Keyser & Roeper (1984): as primeiras expressam eventos (*Meu jardim destruiu todo com a reforma*), enquanto que as segundas são estativas (*Aquela camiseta lava bem*) — evidenciam "uma propriedade intrínseca do argumento que desencadeia um certo processo" (KEMMER, 1993, p. 147, apud NEGRÃO & VIOTTI, 2010, p. 47).

Após demonstrar que as sentenças (35) e (36) (e similares) não se classificam como passivas, impessoais ou médias, Negrão & Viotti (2010, p. 48-52) verificam se as mencionadas construções poderiam ser ergativas. Conforme as autoras, a partir dos trabalhos de Perlmutter (1978) e Burzio (1981), a Gramática Gerativa tem estudado um

[49] De acordo com Kemmer (1993, p. 147), trata-se de uma expressão que indica a facilidade ou dificuldade com que ocorre o evento expresso pelo verbo. Ainda segundo essa autora, o tipo de sentença em discussão também pode incorporar expressões que denotem juízos de valor/qualidade (*This book sells well*. [PB: *Este livro vende bem*.]; *This wine drinks like water* [PB: *Este vinho se bebe como água*.]).

tipo de alternância verbal denominada alternância ergativa ou alternância causativa. Esse fenômeno sucede com alguns tipos de verbos (*abrir*, *fechar*, *quebrar*, *afundar*, entre outros), os quais podem constituir dois tipos de construção: uma biargumental (55) e outra monoargumental (56).

(55) *O João abriu a porta.*
(56) *A porta (se) abriu.*

De acordo com Negrão & Viotti (2010, p. 48), sentenças como (56) são inacusativas (PERLMUTTER, 1978) porque o verbo passa a não poder atribuir Caso acusativo a seu argumento temático; também são chamadas ergativas (BURZIO, 1981) porque se comportam de modo semelhante ao de sentenças de línguas do sistema ergativo-absolutivo: nestas, o único argumento de verbos intransitivos recebe o mesmo Caso que o complemento de verbos transitivos. E como bem observam as autoras (2010, p. 48), no par (55) e (56) vê-se que o argumento do verbo intransitivo e o complemento do verbo transitivo têm as mesmas características semânticas: são participantes afetados. Muitos linguistas defendem que, no PB, as ergativas se constroem com o clítico SE, à semelhança do observado em outras línguas românicas:

(57) (a) *Les portes s'ouvrent à dix heures*. [francês]
(b) *Le porte si aprono alle dieci*. [italiano]
(c) *Las puertas se abren a las diez.* [espanhol]

Em (56), o SE aparece entre parênteses porque no PB é possível encontrar tanto a construção com clítico, quanto a sem este. De acordo com alguns estudos[50], esse fenômeno é parte de uma mudança mais geral do PB, que envolve a perda de morfologia de flexão — incluindo-se o clítico de 3ª pessoa. Negrão & Viotti (2010, p. 49) mostram que as duas possibilidades de (56) não são equivalentes, ou seja, não se trata de variantes em competição em um processo de mudança. O acréscimo de modificadores, conforme argumentam as autoras, confere maior ou menor aceitabilidade a essas construções. Vejamos:

(58) (a) *A porta Ø abriu sozinha*.

[50] Kliffer (1981), Kato & Tarallo (1986) e Galves (2001), já citados no capítulo anterior, p. 36

(b) **A porta se abriu sozinha*. [indução externa]

(59) (a) *A porta Ø abriu antes das 10*.

(b) *A porta se abriu antes das 10*.

De acordo com Maldonado (2006), a presença do *SE* em construções similares do espanhol relaciona-se a uma fonte de energia implícita: se o clítico aparece em construções com verbos transitivos (*La ropa se secó*. [PB: *A roupa secou*.]), o elemento inicial de uma cadeia de ação (trajetor), vinculado à indução de energia, perde relevância; se, ao contrário, o clítico se combina com um verbo intransitivo (*El florero se cayó de la mesa*. [PB: *O vaso caiu da mesa*.]), ele impõe uma interpretação de dinâmica de forças ao evento[51]. Ou seja, em ambos os casos a fonte de energia é conceitualizada. A ausência do *SE* codifica uma conceitualização que enfatiza o estado resultante do argumento temático, independente da força que o induziu; conforme referido anteriormente (p. 53), é o que Langacker (1991, p. 286) chama *construal* absoluto. Segundo Negrão & Viotti (2010, p. 50-2), as afirmações de Maldonado para o espanhol poderiam aplicar-se ao PB. A presença do SE em (58b) denota a conceitualização de uma força indutora no evento; se a indução for externa (o vento ou alguém que abriu a porta), esta é incompatível com o modificador *sozinha* e, consequentemente, a construção é agramatical. O único modo de (58b) ser aceitável é se a indução for interna (um mecanismo próprio ou uma falha intrínseca da porta)[52]. A presença do SE em (59b) pressupõe a conceitualização de um indutor externo, usualmente humano (alguém que abriu a porta no horário mencionado); já a ausência do SE em (59a) impõe uma leitura na qual a força indutora não é conceitualizada, e que privilegia o estado resultante do argumento temático: em suma, uma conceitualização absoluta[53]. Como mostram Negrão

---

[51] Discutimos a dinâmica de forças no item I.5 do capítulo anterior (p. 39-42)

[52] Voltaremos a essa discussão no item II.2.4, ao tratarmos da média de proeminência terminal.

[53] Embora Negrão & Viotti considerem (59a) duvidosa, encontramos alguns exemplos na Internet, dos quais transcrevemos os seguintes: (i) *As portas [das Lojas Marechal] abriram às 9h e o movimento de clientes foi intenso durante o dia todo* (http://jornaluniao.net, em 23/08/13); (ii) *Em uma agência do bairro de Batista Campos* [Belém], *as portas* [das lotéricas] *abriram às 6h30 para receber os apostadores mais ansiosos* (http://g1.globo.com, em 23/08/13). Observamos a alternância entre a presença e a ausência do clítico também no italiano, segundo mostram exemplos extraídos da Internet: (iii) *Il concerto inizia alle 22.00, le porte aprono alle 21.00* [PB: *O show começa às 10:00, as portas abrem às 21:00* – de: http://www.radiopopolareverona.com, 12/04/13]; (iv) *All'Auditorium le porte si aprono alle 9 per la proiezione di "Masquerade", di Joseph L. Mankiewicz.* [PB: *No Auditorium as portas se abrem*

& Viotti (2010, p. 50), a presença ou ausência do SE em (56) faz diferença, e não é possível explicá-la unicamente pelo fato de o PB estar perdendo o clítico de 3ª pessoa em alguns contextos linguísticos. A diferença entre as duas possibilidades de (56) está no *construal*: na sentença com clítico (*A porta se abriu*) foi conceitualizada uma força externa, originando assim uma construção energética; na sentença sem clítico (*A porta abriu*) não foi conceitualizada força alguma, o que resultou numa construção absoluta. Em suma, a análise das autoras para as construções do PB como (35) e (36) descarta sua categorização como impessoais, passivas ou ergativas, e reforça sua classificação como absolutas.

II.2.2. A construção média apresentacional

No item anterior comentamos as construções absolutas, cuja característica é a ausência da energia indutora do evento. De acordo com Maldonado (2006, p. 276), há eventos nos quais ocorre uma conceitualização da energia indutora, sem que esta desempenhe um papel relevante. O autor inclui em seu esquema (fig. 2.1) duas construções que representam eventos dessa natureza: a **média apresentacional** e a **média de atributo interno**. Neste item trataremos da primeira delas, que corresponde à letra B no referido esquema. Para maior clareza, destacamos essa construção na figura 2.3.

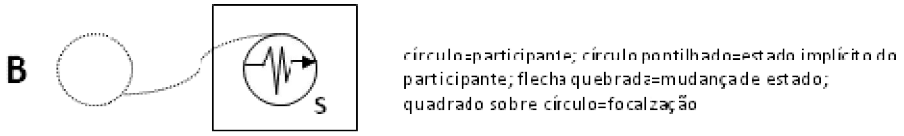


Fig. 2.3 – Construção média apresentacional (MALDONADO, 2006, p. 273)

Segundo o autor (2006, p. 276), o que se observa em construções desse tipo é a simples apresentação de um evento num domínio qualquer, do ponto de vista do conceitualizador. No caso, o fluxo de energia se reduz a um mínimo, e o que daí resulta é a focalização de uma mudança de estado: isto é, obtém-se a informação mínima necessária para contar com um evento. A seguir, citamos exemplos de médias apresentacionais fornecidos pelo autor (2006, p. 277):

às 9 para a projeção de "Masquerade", de Joseph L. Mankiewicz – de: http://www.archiviostorico.it, 12/03/13. Ambos os sites foram consultados em 29/07/13.

(60) *Las montañas se encuentran en el desierto.* [PB: *As montanhas se encontram/ ficam no deserto*.]

(61) *Ese tipo de problema se presenta muy rara vez en la escuela.* [PB: *Esse tipo de problema se apresenta/ ocorre muito raramente na escola*.]

(62) *Antes esas cosas pasaban todos los días, ahora simplemente no se dan.* [PB: *Antes essas coisas aconteciam todos os días, agora simplesmente não se dão/ ocorrem*.]

(63) *Se está haciendo tarde.* [PB: *Está ficando tarde*.]

Com base nesses exemplos, observamos que as médias apresentacionais se constroem normalmente com o clítico *SE* e verbos no presente. A presença do clítico, conforme defende Maldonado (2006), aponta para algum tipo de conceitualização de energia, mesmo que esta se manifeste num nível quase nulo. Embasando-nos na já comentada perda de clíticos observável no PB (p. 36), poderíamos afirmar que, nessa língua, a incidência das médias apresentacionais é baixa. Ou seja, para expressar conteúdos similares a (60), (61) e (62), os falantes de PB provavelmente utilizariam com mais frequência construções sem o SE; por isso, na tradução desses exemplos para o PB, oferecemos duas possibilidades: uma com o clítico, e outra sem ele.

II.2.3. A construção média de atributo interno

Conforme propõe Maldonado (2006, p. 278), nas construções **médias de atributo interno** (doravante MAI) um elemento temático sofre uma mudança de estado que depende mais de suas propriedades e configuração interna, do que propriamente da atuação de uma força externa. Isto é, na conceitualização do evento há um indutor externo envolvido, porém este é secundário no que diz respeito à concretização do evento em si. Conforme veremos, dessa conceitualização resulta uma construção estativa, de aspecto genérico. A MAI corresponde à letra C na figura 2.1, e a ilustração abaixo permite visualizar melhor a construção em referência:

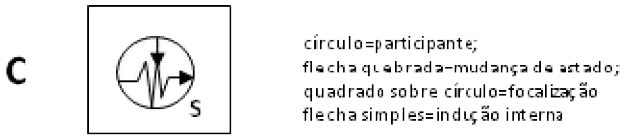


Fig. 2.4 – Construção média de atributo interno (MALDONADO, 2006, p. 273)

Como exemplos de MAI, mencionamos os seguintes enunciados:

(64) *Estos muebles se venden bien.* [PB: *Estes móveis vendem bem/ são fáceis de vender*.]

(65) *Las camisas de poliéster se planchan fácil.* [PB: *(As)Camisas de poliéster passam fácil / são fáceis de passar*.]

(66) *Este pescado se come con dificultad.* [PB: *Este peixe se come com dificuldade/ é difícil de comer*.]

As ações denotadas pelos verbos *vender*, *planchar* e *comer* requerem um agente prototipicamente humano para sua realização. Esses indutores humanos foram conceitualizados e estão sinalizados nas construções acima por meio do clítico *SE*. Entretanto, não é a tais agentes implícitos que se atribui a afetação do participante temático nos eventos (64), (65) e (66), e sim às características e propriedades que esse elemento possui. Em (64), o sucesso nas vendas pode ser creditado à boa qualidade do material ou a outros fatores como preço e *design*, antes que ao desempenho de um exímio vendedor. No caso de (65), é a natureza do material (poliéster) que torna fácil passar as camisas, e não a destreza de algum agente humano. Finalmente, em (66), o peixe provavelmente tem muitas espinhas e/ ou é pouco palatável, o que dificulta sua ingestão por quem quer que seja.

Maldonado (2006, p. 279) ressalta cinco características das MAI:

a) o participante temático é o sujeito da oração, fato corroborado pela concordância observada entre o tema e o verbo;

b) há um agente humano implícito que realiza a ação designada pelo verbo;

c) a afetação do elemento temático depende mais de suas características e propriedades, que da atuação do agente implícito;

d) a construção ocorre sempre no presente e põe em relevo as tendências naturais do participante temático[54];

[54] É o presente que Fernández Ramírez (1986, p. 212) define como "geral": não descreve fatos, mas faz referência a características ou propriedades dos que participam neles.

e) a predicação normalmente vem acompanhada de advérbios modais que expressam a facilidade ou dificuldade com que ocorre a ação verbal (ver nota 49, em II.2.1, p. 57).

Esse conjunto de características está presente em outras análises da construção que ora discutimos, com poucas diferenças. Nos trabalhos de Keyser & Roeper (1984), Rapoport (1999), Fagan (1988) e outros, para o inglês, a MAI é chamada média. Kemmer (1993), em sua análise translinguística da voz média, inclui as MAI no mesmo grupo das passivas e construções relacionadas, nas quais se observa a destituição do agente/experienciador e a predominância do tema como figura do evento[55]. Em razão dessa proximidade, a autora (1993, p. 149) utiliza o termo média-passiva para as MAI, porém posterga para estudos futuros o detalhamento dessa construção.

A MAI também é chamada média-passiva por Mendikoetxea (1999, p. 1654) em sua análise para o espanhol. A autora realiza um estudo minucioso dessa construção e chega inclusive a considerá-la uma subclasse das passivas-*SE*, com base na proximidade formal e semântica que observa entre as duas construções. No que diz respeito aos verbos que aparecem nas MAI, a autora (1999, p. 1655) afirma que a maioria destes é do tipo *accomplishment*[56], de acordo com a classificação de Vendler (1967): trata-se de verbos que expressam eventos durativos e delimitados, como é o caso de *comer*, *comprar*, *construir*, *lavar*, *leer*, *limpiar*, *vender* etc. Acerca das características morfossintáticas e semânticas do elemento temático na construção, Mendikoetxea (1999, p. 1667) ressalta que esse participante aparece em posição pré-verbal como sujeito, é determinado e, geralmente, inanimado. Os exemplos (64), (65) e (66) confirmam essas afirmações para o espanhol. Entretanto, a autora (1999, p. 1660) cita exemplos nos quais o sujeito/tema é animado:

(67) *Los hijos no se escogen.* [PB: *Filho não se escolhe*.]

(68) *Los maridos no se encuentran fácilmente.* [PB: *Marido não se acha fácil*.]

---

[55] A proximidade das passivas com outras construções é analisada por Shibatani (1985), em estudo translinguístico de base pragmática. No caso do japonês, por exemplo, Shibatani coteja as passivas com construções formalmente distintas, tais como as potenciais, as honoríficas e as espontâneas, sendo que todas têm em comum o rebaixamento ou obscurecimento do agente.

[56] Optamos por manter o termo em inglês, já que normalmente é assim que este aparece em estudos linguísticos feitos no Brasil. No espanhol, autoras como Mendikoetxea (1999) e Miguel (1999) utilizam o termo *realizaciones* [PB: realizações].

Em ocorrências dessa natureza, o tema está sempre no plural e faz referência a um grupo genérico (filhos, maridos etc.).

A coexistência de um agente implícito e um tema numa construção imperfectiva com verbo no presente não é exclusiva das MAI. Portanto, em determinados contextos, pode haver leituras ambíguas. É o que se vê no enunciado a seguir:

(69) *Estos libros no se venden*. [PB: 1. *Estes livros não vendem*; 2. *Estes livros não estão à venda/são vendidos/são pra vender*.]

No primeiro caso, interpreta-se que o tema (*libros*) não possui as propriedades necessárias para que a venda seja concretizada; por exemplo, são desinteressantes para a maior parte dos leitores ou têm um preço elevado que desestimula possíveis compradores. No segundo caso, considerando o livreiro como emissor, nega-se seu interesse em vender os livros. A ambiguidade do enunciado pode ser desfeita pelo acréscimo de uma subordinada causal, conforme sugere Mendikoetxea (1999, p. 1656):

(70)(a) *Estos libros no se venden porque son muy caros.* [PB: *Estes livros não vendem porque são muito caros*.]

(b) *Estos libros no se venden porque son ejemplares gratuitos.* [PB: *Estes livros não estão à venda/são vendidos/são pra vender porque são exemplares gratuitos*.]

De acordo com Maldonado (2006, p. 281), nas leituras possíveis de (69) dois fatores são fundamentais: o aspecto e a ancoragem com respeito ao conceitualizador. Para que (69) tenha uma interpretação referencial, é necessário que o evento esteja ligado à presença do conceitualizador, ou seja, que este faça parte da cena. Quanto ao aspecto, se o evento é perfectivo, o que se focaliza é a mudança de estado do tema, e a indução do agente passa a fazer parte da composição global do evento. Portanto, no caso de (69), a mudança do aspecto imperfectivo (*Estos libros no se venden* [PB: *Estes livros não vendem*]) para o perfectivo (*Estos libros no se vendieron* [PB: *Estes livros não foram vendidos/ ninguém vendeu*]) invalida sua leitura como MAI — na qual a afetação do tema se deve essencialmente às suas propriedades —, uma vez que na construção perfectiva

emerge um agente esquemático como indutor da ação. Entretanto, se o referente em (69) é genérico — um **tipo**, e não uma **instância** particular — pode-se usar a construção no passado:

(71)(a) *El año pasado estos libros no se vendieron bien.* [PB: *No ano passado estes livros não venderam bem*.]

(b) **El año pasado estos libros que vemos aquí no se vendieron bien.* [PB: **No ano passado estes livros que vemos aqui não venderam bem*.]

Conforme mostram os exemplos citados, a maior ou menor saliência do agente implícito na MAI também está relacionada à semântica do verbo presente nessa construção. Verbos como *quebrar* (*Este tipo de cristal se quebra fácil*. [PB: *Este tipo de vidro quebra fácil*.]) e *derretir* (*El chocolate con leche*[57] *se derrite fácil*. [PB: *O chocolate ao leite derrete fácil*.]) vinculam-se mais a propriedades intrínsecas do tema que à ação de um agente externo, ao contrário de verbos como *vender* [PB: vender] e *comer* [PB: ler], presentes nos exemplos (64) e (66).

Na descrição de Mateus et alii (2003) para o PE, a MAI recebe a denominação **média** e possui basicamente as mesmas características apontadas por Maldonado:

a) presença obrigatória de advérbios facilitadores (bem, facilmente) ou outras expressões com valor adverbial (com mais prazer, com grande facilidade);
b) argumento interno (tema) em posição pré-verbal;
c) interpretação estativa, devido à incidência de tempos verbais imperfectivos, como o presente e o imperfeito do indicativo;
d) impossibilidade de codificar o argumento externo (agente) de forma oblíqua, por meio de um sintagma encabeçado pela preposição *por* (*Estas memórias leem-se com facilidade*[58]. / **Estas memórias leem-se com facilidade por adultos e adolescentes*.)

A partir de nossas observações e de outras análises (CYRINO, 2007; CAVALCANTE, 2006), é possível afirmar que as mesmas características observadas por

[57] Considerar a expressão *chocolate con leche* como correspondente a *milk chocolate* no inglês.
[58] Adaptamos o exemplo do site português http://lisboacity.olx.pt, consultado em 07/08/13.

Maldonado (2006) e por Mateus et alii (2003) também são válidas para o PB. Entretanto, enquanto no PE e no PB a construção MAI pode ocorrer com alguns verbos sem exigir morfologia média — ou seja, sem o clítico SE — tal é mais restrito no espanhol:

(72)(a) PE/ PB: *Este pavio queima mal.*

(b) E: **Esta mecha quema mal.* / *Esta mecha se quema mal.*

Acerca dessa possibilidade, não tivemos acesso a dados do PE. Quanto ao PB, pelo menos na região Sudeste, a ocorrência da MAI sem o clítico tem considerável incidência, além de ser aceitável com verbos que, se utilizados no PE, resultariam em construções agramaticais. É o caso dos exemplos em (73):

(73)(a) PE: **Os ovos cozinham rápido.* [aceitável: *Os ovos cozinham-se rápido*.]

(b) PE: **Os livros do Dan Brown vendem bem.* [aceitável: *Os livros do Dan Brown vendem-se bem*.]

Outro ponto de divergência com respeito à MAI no PB e no PE relaciona-se à presença na construção de temas indeterminados. No PB, a MAI aceita mais facilmente o tema sem determinação (*Ovo(s) cozinha(m) rápido*. / *Camisa(s) de poliéster passa(m) fácil*), o que, inclusive, aumenta a genericidade desse elemento e, por conseguinte, da construção. No PE, os temas determinados têm incidência bem superior, embora em certos gêneros, como a notícia, eles possam aparecer sem determinantes (*Apartamentos de luxo vendem-se bem em Portugal*[59]).

Para o espanhol, Maldonado (2006, p. 282) identifica na MAI três características fundamentais:

a) a energia externa permanece na base;
b) a cena não é perfectiva, nem está ligada ao conceitualizador no momento da emissão;
c) o elemento temático é um tipo, não uma instância.

Consideramos discutível a primeira dessas características, portanto, é oportuno comentá-la. Em vários pontos de seu trabalho, Maldonado (2006) considera que as construções-*SE* do espanhol são energéticas: nestas, algum tipo de energia é

[59] Título de notícia encontrada no site http://pt.euronews.com, consultado em 07/08/13.

conceitualizada e está presente em cada construção de forma esquemática; tal esquematicidade apresentaria distintos graus, o que representaria maior ou menor proeminência da energia no evento. Portanto, no nosso entender, o autor se contradiz ao afirmar que na MAI a energia externa permanece na base. Concordamos com o autor em que na MAI há baixa participação e saliência do agente implícito na construção, uma vez que a mudança de estado do tema se deve primordialmente às propriedades desse elemento. Desse modo, por considerar essa energia externa insignificante para o evento, Maldonado opta por excluí-la da representação da MAI (figura 2.4). Porém, de acordo com nossa interpretação, a presença do *SE* na construção sinaliza que essa energia foi conceitualizada, embora num grau mínimo. Por outro lado, o fato de que a MAI no PB apareça frequentemente sem o clítico (*Este carro vende bem*; *Chocolate ao leite derrete fácil*) poderia significar que, para esse tipo de construção na língua mencionada, a energia externa em muitos casos já não esteja sendo conceitualizada.

II.2.4. A construção média de proeminência terminal e as impessoais

No início do item II.2, ao introduzir o modelo de Maldonado (fig. 2.1), fizemos comentários sobre as construções médias prototípicas de proeminência terminal (MPT). Adiantamos que, nesse tipo de construção: a) confluem uma força esquemática (codificada pelo clítico *SE*) e um objeto afetado; b) a focalização está na mudança de estado do objeto, e não na indução energética que a provoca. Por fim, comentamos que, segundo o autor (2006, p. 271), a MPT representa a máxima simplificação do evento e permite deduzir que a força indutora pode ter distintos graus de esquematicidade. A construção de que falamos pode ser vista em detalhe na figura a seguir.

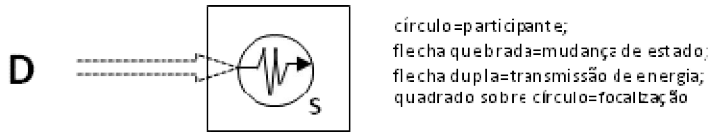


Fig. 2.5 – Construção média prototípica de proeminência terminal (MALDONADO, 2006, p. 273)

Diferente do que ocorre na MAI, na MPT as propriedades do participante temático não têm o mesmo grau de importância: nesta construção, os temas se comportam como **instâncias**, e não como **tipos**. Além disso, a MPT codifica um evento

perfectivo e pontual (e não genérico), que é induzido por uma fonte externa. Assim como os enunciados de (30), também constituem exemplos de MPT:

(74) (a) *La maleta se perdió en el aeropuerto.* [PB: *A mala (se) perdeu no aeroporto*.]

(b) *La pared se ensució.* [PB: *A parede (se) sujou*.]

Segundo Maldonado (2006, p. 283), é de extrema importância identificar se um determinado evento foi induzido internamente ou devido a forças externas, uma vez que o modo de indução implica construções de distinta natureza, conforme veremos mais adiante. No caso de (74a) e (74b), está claro que a mudança de estado no tema é consequência de forças externas: malas não se perdem sozinhas, assim como paredes não se sujam por conta própria. Entretanto, há ocorrências nas quais fica difícil identificar se a indução é interna ou externa, de acordo com o exemplo na sequência:

(75) *El reloj de la torre se paró.* [PB: *O relógio da torre parou*.]

É possível desfazer essa ambiguidade através de informação contextual, como se pode ver nas seguintes reformulações:

(76)(a) *El reloj de la torre ya no funcionaba bien y llegó el día en que se paró.* [PB: *O relógio da torre já não funcionava bem e chegou o dia em que parou*.] →indução interna

(b) *Tan intenso fue el sismo que el reloj de la torre se paró.* [PB: *O tremor foi tão intenso que o relógio da torre parou*.] → indução externa

Entretanto, em construções como (75), não é unicamente o contexto que nos auxilia a identificar a origem da indução energética. Maldonado (2006, p. 283) afirma acertadamente que, nesses casos, a informação léxica do tema e do verbo também é fundamental para interpretar corretamente o enunciado. Se dentre as propriedades do tema a autoativação é mais evidente, maior é a tendência de a indução de energia ser interna; portanto, máquinas e aparelhos elétricos são mais propensos à autoativação que mesas e cadeiras, conforme mostram os exemplos:

(77)(a) *La caldera se paró.* [PB: *A caldeira parou.*] →aceita indução interna

(b) **La mesa se deslizó.* [PB: *A mesa deslizou*.] → não aceita indução interna

Ou seja, (77b) só é aceitável se a mudança de posição da mesa for devido à ação de uma força externa: alguém a empurrou, puxou ou a mesa está numa rampa inclinada, de modo que a força de gravidade provoque seu movimento. Igualmente, se o verbo denota uma ação que pode ser realizada sem um agente externo, a indução energética tende a ser interna. Verbos como *triturar* e *romper* normalmente pressupõem uma interação entre o tema e alguma força externa (*El motor del coche se rompió (con el choque)*. [PB: *O motor do carro (se) quebrou (com a batida)*]). Já verbos como *reventar*, *explotar* e *descomponer* são associados com frequência a situações nas quais um tema é afetado por indução interna:

(78)(a) *El globo se reventó.* [PB: *O balão estourou.*]

(b) *La bicicleta se descompuso de tan oxidada.* [PB: *A bicicleta se desfez/ se fez em pedaços de tão enferrujada*.]

Os verbos *reventar* e *explotar* podem inclusive aparecer sem o clítico, como em (79)[60], o que reforça nossa argumentação. Nesse caso, pode-se dizer que a construção resultante é absoluta:

(79)(a) *Luego que el globo reventó, como estaba planeado, la carga cayó con paracaídas de regreso a la Tierra.* [PB: *Assim que o balão arrebentou, como estava planejado, a carga caiu de paraquedas de retorno à Terra.*]

(b) *Explotó la caldera de un edificio en Rosario y hay peligro de derrumbe.* [PB: *Explodiu a caldeira de um edifício em Rosário e há perigo de desmoronamento*.]

Em enunciados como os de (78), o verbo denota atividade, porém não existe um elemento agentivo independente que induza o câmbio observado no balão e na bicicleta. Nesses casos, de acordo com Maldonado (2006, p. 286-7), estamos diante de construções típicas de voz média, conforme especificadas por Kemmer (2003, 2004), nas quais entre o sujeito e o objeto há uma distinção conceptual mínima. Nesse sentido, as construções de (78) possuem estrutura paralela às de *sentarse* (*La señora se sentó*. [PB:

[60] (77a) está no site http://astro.org.sv, consultado em 12/08/13; (77b) está na versão digital do jornal argentino *Los Andes* (http://www.losandes.com.ar), consultada em 12/08/2013.

A senhora (se) sentou.]) y *levantarse* (*Nada más entrar el maestro, los niños se levantaron*. [PB: *Assim que o professor entrou, as crianças (se) levantaram./ Foi só o professor entrar e as crianças (se) levantaram.*]), porém com referentes inanimados.

Por outro lado, os verbos cujo significado subentende indução externa, em combinação com o clítico *SE*, constituem o caso prototípico da MPT. Conforme propõe Maldonado (2006, p. 287), o *SE* desempenharia dupla função: a) focaliza a mudança de estado que o elemento temático sofre, dando mais proeminência à porção terminal do evento que à sua fase indutiva; b) codifica na construção uma força externa esquemática, cuja fonte específica não é claramente identificável, mas possível de ser elaborada em forma oblíqua. A MPT foi exemplificada nos enunciados de (32) (p. 51) e (74) (p. 68), porém fornecemos um exemplo adicional para maior clareza. Observe-se que em (80b) ampliou-se a construção de modo a inserir a fonte de energia:

(80)(a) *El mantel se manchó.* [PB: *A toalha de mesa (se) manchou.*]

(b) *El mantel se manchó con la salsa.* [PB: *A toalha de mesa (se) manchou com o molho.*]

Para Maldonado (2006, p. 272), a MPT codificaria um evento com dois participantes distintos e simplificado ao extremo, no qual a ênfase está na porção terminal (a mudança de estado), embora a indução se faça presente de forma esquemática, mas não desprezível. Visualizando o diagrama que o autor propõe (fig. 2.1), podemos assumir que a MPT constitui um ponto de inflexão no que diz respeito ao aumento ou decréscimo da força externa nos eventos representados. Tomando essa construção como ponto de partida, se nos movemos de D em direção a A, teremos outras nas quais a força externa gradativamente perde relevância, até estar totalmente ausente da conceitualização (construção absoluta); contrariamente, se nos movemos de D em direção a G, a indução externa vai ganhando cada vez mais saliência e especificidade, até ser codificada explicitamente (transitiva prototípica). A porção do diagrama (fig. 2.1) que vai de B a F é definida por Maldonado (2006, p. 427) como **domínio médio**. Neste ponto, é possível estabelecer um paralelo entre os diagramas de Maldonado e o de Kemmer (capítulo I, fig. 1.8): em ambos, as construções médias estão compreendidas entre as de um só participante (intransitivas) e as de dois participantes claramente

distintos (transitivas); a diferença é que Kemmer fundamenta-se no grau de distinguibilidade dos participantes como parâmetro semântico para diferenciar uma construção da outra, enquanto Maldonado estabelece sua classificação com base na maior ou menor proeminência da energia externa na realização do evento[61].

Considerando a figura 2.1 e tomando a MPT como ponto de referência, à medida que nos deslocamos de D em direção a A, a força indutora gradualmente vai se tornando menos definida e perde saliência no evento. Como consequência direta da menor definição do indutor, teríamos o aumento na proeminência do tema. Devido ao destaque do participante temático, que no nível sintático aparece como sujeito e desencadeia a concordância verbal, muitos estudos classificaram as construções dessa zona como passivas-*SE*. Maldonado (2006, p. 425) discorda dessa posição, afirmando que tal passividade é aparente, uma vez que resulta mais da perda de proeminência do indutor que da escolha do tema como figura do evento.

Na proposta de Maldonado, além da presença/ ausência de um indutor externo e de seus graus de esquematicidade, também é um fator determinante a identificação desse indutor como humano ou não. Segundo o autor (2006, p. 291), a presença implícita de um agente humano força uma conceitualização na qual esse agente, embora esquemático, preserva sua qualidade de figura do evento. A MPT, portanto, é uma construção limítrofe no que diz respeito à natureza da indução. Na MPT, conforme vemos nos enunciados de (32), (74) e (80a), a fonte da energia externa esquemática não é claramente identificável. Por exemplo, na MPT *La puerta se abrió* [PB: *A porta (se) abriu*], o acréscimo da expressão adverbial *sola* elimina qualquer possibilidade de força externa (*La puerta se abrió sola*. [PB: *A porta abriu sozinha*.]), humana ou não, atribuindo-se, por exemplo, a mudança de estado do participante a um mecanismo próprio ou uma falha intrínseca da porta. Ao adicionar a expressão *con el viento* (*La puerta se abrió con el viento*. [PB: *A porta (se) abriu com o vento*.]), a indução seria externa e não humana. Por fim, se agregamos ao enunciado expressões adverbiais do tipo *sin dificultad* (*La puerta se abrió sin dificultad*. [PB: *A porta (se) abriu sem dificuldade*.]) ou *con la llave* (*La puerta se abrió con la llave*. [PB: *A porta (se) abriu com a*

[61] Em nossa opinião, o conceito de transitividade como uma propriedade gradual é o que rege as propostas de Kemmer (1993, 1994) e Maldonado (2006). Nesse sentido, consideramos que ambas são desdobramentos da análise de Hopper & Thompson (1980).

chave.]), fica implícita a intervenção de um agente humano na mudança de estado do participante temático[62]. Nesses dois últimos casos, Maldonado denomina as construções de **impessoais**. Mais adiante detalharemos os argumentos que o autor oferece para justificar sua classificação, porém adiantamos que, dentre todos, a qualidade humana do indutor externo é o que tem mais peso. No diagrama (fig. 2.1) aparecem dois tipos de construção impessoal, cuja distinção é de ordem aspectual: as perfectivas estão identificadas pela letra E, e as típicas (ou simplesmente impessoais) pela letra F. A figura 2.6 representa graficamente a construção impessoal perfectiva:

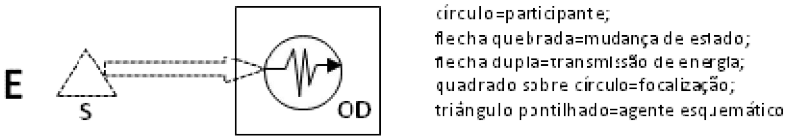


Fig. 2.6 – Construção impessoal perfectiva (MALDONADO, 2006, p. 273)

Como exemplos desse tipo de construção, fornecemos os seguintes enunciados:

(81) (a) *Se aprobó la ley.* [PB: *Aprovou-se a lei./ A lei foi aprovada.*]

(b) *Se pagaron las deudas.* [PB: *Pagaram-se as dívidas./ As dívidas foram pagas.*]

As traduções no PB nas quais aparece o SE são observáveis nessa língua, porém menos frequentes frente à passiva perifrástica, conforme comentamos em Araújo Júnior (2006). Com a forma verbal no plural, essa incidência é menor ainda, conforme mostra uma pesquisa que fizemos no Google (17/08/13) com a expressão "pagaram-se as dívidas": a busca forneceu 17 resultados, dos quais a maioria é do PE e apenas 3 são do PB.

Em (81), a marcação perfectiva denota eventos demarcados, télicos e pontuais. O marcador perfectivo também realça a porção terminal do evento (MALDONADO, 2006, p. 293), daí o quadrado sobre o círculo que representa a mudança de estado do participante afetado. Já nas impessoais típicas (fig. 2.7), a marcação imperfectiva designa eventos homogêneos, associados à habitualidade e à continuidade.

---

[62] Em enunciados desse tipo, a participação de um agente humano e volitivo (ainda que implícito) possibilita o uso da passiva perifrástica (cf. FERNÁNDEZ RAMÍREZ, 1986; MENDIKOETXEA, 1999; MALDONADO, 2006): *La puerta fue abierta sin dificultad/con la llave* [PB: *A porta foi aberta sem dificuldade/com a chave*].

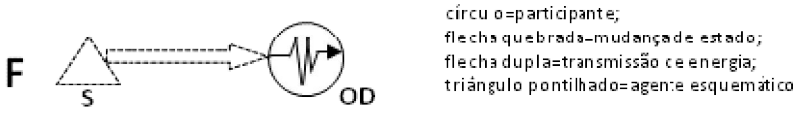


Fig. 2.7 – Construção impessoal (MALDONADO, 2006, p. 273)

No caso dessas construções, os marcadores imperfectivos ampliam o âmbito da conceitualização, obscurecendo, assim, a função focal do clítico SE: reduz-se a proeminência da mudança de estado, ao passo que a força indutora ganha saliência na construção do evento. Com isso, a marcação imperfectiva também favorece o que há de homogêneo no evento (MALDONADO, 2006, p. 297), projetando-o como repetitivo ou habitual, conforme mostram os enunciados:

(82) (a) *Estos juguetes se fabrican con materiales reciclados.* [PB: *Estes brinquedos se fabricam/ são fabricados com materiais reciclados.*]

(b) *En ese curso se enseñaban técnicas de fotografía.* [PB: *Nesse curso se ensinavam/ eram ensinadas técnicas de fotografia.*]

Apesar das diferenças apontadas, os enunciados (81) e (82) têm em comum o fato de que os verbos neles presentes (*aprobar*, *pagar*, *fabricar* e *enseñar*) pressupõem um indutor humano.

Além do aspecto morfológico, as propriedades aspectuais dos verbos devem ser levadas em conta. Portanto, no intuito de especificar como incide o aspecto na MPT e nas impessoais, Maldonado (2006, p. 294) divide os predicados em dois grupos: os **mutantes**[63], que denotam mudanças na composição interna do participante afetado; e os **estáveis**, que englobam processos homogêneos e constantes. Em seguida, o autor aplica a esses grupos a classificação de Vendler (1967) e propõe o quadro que reproduzimos a seguir[64]:

---

[63] No original, o termo utilizado é *cambiantes*. Nossa tradução ao PB foi sugerida pela Profa. Neide González.

[64] Maldonado utiliza os termos em espanhol ***logros*** e ***realizaciones*** como tradução de ***achievements*** e ***accomplishments***, respectivamente. Optamos por manter essas expressões no original, uma vez que assim figuram nos estudos produzidos no Brasil.

PREDICADOS MUTANTES	PREDICADOS ESTÁVEIS
***Achievements*:** mudanças que não sucedem ao longo de um tempo extenso. Exemplos: *morirse* [PB: *morrer*], *perder* [PB: *perder*].	**Estados:** *ser* [PB: *ser*], *estar* [PB: *estar*], *saber* [PB: *saber*], *gustar* [PB: *gostar*].
***Accomplishments*:** mudanças que de modo natural pressupõem duração. Exemplos: *Ayer escribió la carta* [PB: *Ontem escreveu a carta*]; *El año pasado construyó dos casas* [PB: *No ano passado construiu duas casas*].	**Atividades:** processos homogêneos para os quais cada parte do processo é da mesma natureza que a totalidade do evento. Exemplos: *Escribir por una hora* [PB: *Escrever por uma hora*]; *observar algo indefinidamente* [PB: *observar algo indefinidamente*].

Quadro 2.1 – Predicados mutantes e estáveis (MALDONADO, 2006, p. 294)

Segundo o autor (2006, p. 295), nos predicados mutantes a indução do evento não tem que ser humana. Dessa forma, o enunciado (83a) pode ser uma construção MPT ou impessoal, conforme o tipo de indutor: se o vento foi o responsável pela mudança de estado na porta, teríamos uma MPT; se o responsável pelo fechamento da porta foi uma pessoa, a construção seria impessoal. Já o enunciado (83b) é impessoal, pois só aceitaria um indutor humano.

(83) (a) *Se cerró la puerta.* [PB: *A porta (se) fechou./ Fechou-se a porta.*[65]]

(b) *Se construyó esta autopista en tres años.* [PB: *Construiu-se esta rodovia em três anos./ Esta rodovia foi construída em três anos.*]

Já os predicados estáveis, caso aceitem a marcação com *SE*, pressupõem necessariamente um agente humano e, portanto, originam construções impessoais como as de (84):

[65] No PB, entendemos que a primeira tradução favorece a interpretação do indutor como não humano e teríamos uma MPT. Na segunda, o SN na posição canônica do objeto favoreceria a leitura desse enunciado como impessoal.

(84) (a) *Hasta ahora no se sabe la verdad sobre ese crimen.* [PB: *Até agora não se sabe a verdade sobre esse crime.*]

(b) *Se caminó con cuidado por la floresta.* [PB: *Caminhou-se com cuidado pela floresta.*]

Maldonado (2006, p. 295) ainda ressalta a correlação entre o aspecto do predicado e a marcação aspectual. Para o autor, os predicados mutantes aceitam a marcação perfectiva sem quaisquer restrições (85), o que não ocorre exatamente com os predicados estáveis (86).

(85) (a) *Se quemó la casa.* [PB: *A casa (se) queimou./ Queimou-se a casa.*[66]]

(b) *Se pagó la deuda.* [PB: *Pagou-se a dívida./ A dívida foi paga.*]

(86) (a) **Se fue suegra.* [PB: **Foi-se sogra.*]

(b) **Se estuvo a gusto.* [PB: **Esteve-se à vontade.*]

(c) ?? *El libro se leyó. / Se leyó el libro*. [PB: Leu-se o livro./ O livro foi lido.]

Os exemplos de (86) são de Maldonado (2006, p. 295). Ressaltamos que, embora o autor classifique (86b) como agramatical, encontramos um número considerável de ocorrências dessa construção na Internet. Selecionamos duas das incidências encontradas:

(87) (a) *Yo estuve en una cena de graduación y se estuvo a gusto.* (http://www.yelp.es, em 18/08/13) [PB: *Eu estive em (fui a) um jantar de formatura e a gente ficou/ se sentiu à vontade.*]

(b) *Sólo se estuvo a gusto con los Sunday Drivers porque era de noche y corría algo de viento.*(http://margotdean.blogspot.com, em 18/08/13) [PB: *A gente só ficou/ se sentiu à vontade com os Sunday Drivers porque era de noite e ventava um pouquinho.*]

Maldonado (2006, p. 294) afirma ainda que construções como (86c) passam a ser aceitáveis se seus predicados estáveis se convertem em mutantes. Essa mudança é

[66] Ver nota anterior sobre a tradução no PB. No caso dessa língua, a ordem é importante para a interpretação do enunciado: a anteposição do elemento temático (*A casa queimou*) favorece uma leitura espontânea, sem a participação de um indutor humano; já sua posposição (*Queimou a casa*) comporta ambiguidade.

possível por meio do acréscimo de advérbios modais que enfatizem o valor pontual do evento:

(88) (a) ??*El libro se leyó.* [PB: *Leu-se o livro./ O livro foi lido.*]

(b) *El libro se leyó de una sentada.* [PB: *Leu-se o livro de um fôlego só./ O livro foi lido de um fôlego só.*]

Para o autor (2006, p. 299), o uso de predicados estáveis com marcadores imperfectivos é mais natural devido ao fato de ambos denotarem situações constantes e homogêneas. Esse tipo de construção se utiliza com frequência para codificar eventos durativos, interpretados como habituais ou rotineiros, porém não necessariamente genéricos ou universais. Tomemos o seguinte enunciado:

(89) *En ese curso se estudiaba física cuántica.* [PB: *Nesse curso se estudava física quântica.*]

Em (89), a extensão do âmbito temporal coincide com a do evento; ou seja, a duração do estudo da física quântica coincide com a duração do curso. Desse modo, a cena inteira é conceitualizada como um processo contínuo, no qual cada parte do evento é idêntica à sua totalidade.

O uso de marcadores imperfectivos com verbos mutantes dá ao evento características homogêneas, convertendo a mudança de estado num processo repetitivo ou habitual:

(90) *En la tienda al lado se venden bebidas importadas.* [PB: *Na loja ao lado se vendem bebidas importadas.*]

Entretanto, nos casos em que a requisição de um indutor externo é baixa, a marcação imperfectiva impõe uma leitura que ressalta as tendências intrínsecas de mudança do elemento temático; no caso, este opera como tipo e não como instância. Conforme os exemplos de Maldonado (2006, p. 298):

(91) (a) *La taza se rompió.* [PB: *A xícara (se) quebrou.*] [perfectivo] → *La taza se rompe*. [PB: *A xícara (se) quebra.*] [imperfectivo]

(b) *La casa se quemó.* [PB: *A casa (se) queimou/(se) incendiou/pegou fogo*.] [perfectivo] → *La casa se quema*. [PB: *A casa (se) queima/(se incendeia/pega fogo*.] [imperfectivo]

Concluindo suas considerações sobre o aspecto, Maldonado (2006, p. 302) ressalta que é mais restrito o uso de marcação perfectiva com elementos temáticos genéricos, conforme podemos ver nos seguintes enunciados:

(92) (a) *Se reparan computadoras.* [PB: *Conserta(m)-se computadores.*]

(b) ??*Se repararon computadoras.* [PB: *Consertaram(-se) computadores./ Foram consertados computadores*.]

(93) (a) *Se contratan ingenieros.* [PB: *Contrata(m)-se engenheiros*.]

(b) ?? *Se contrataron ingenieros.* [PB: *Contrataram(-se) engenheiros./ Foram contratados engenheiros.*]

Com respeito aos enunciados (92) e (93), julgamos importante fazer alguns comentários sobre suas versões no PB. No caso de (92a), oferecemos como possibilidades: (1) *Consertam-se computadores* (considerada duvidosa no espanhol por Maldonado na forma perfectiva) e (2) *Conserta-se computadores*. Uma pesquisa no Google (em 19/08/13) nos mostrou que (2) (25.200 incidências) ocorre mais que (1) (apenas 73, sendo parte do PE). Resultados semelhantes foram observados para (93a): *Contratam-se engenheiros* forneceu 245 resultados (parte deles do PE), enquanto *Contrata-se engenheiros* apareceu com 2.110[67]. Nos dois casos, os enunciados sem concordância verbo-SN foram os mais frequentes. Mesmo reconhecendo que o SN posposto e na posição do objeto favorecem a perda de concordância, entendemos que a explicação dos resultados tem mais relação com o gênero (anúncios) em que aparecem os enunciados: com o verbo no singular, violando a concordância, enfatiza-se a ação do agente humano implícito (*consertar*, *contratar*) sobre o participante temático. Em se tratando de (92b) e (93b), os enunciados com o clítico (*Consertaram-se computadores* / *Contrataram-se engenheiros*), embora possíveis no PB, tiveram baixíssima ocorrência na pesquisa. Em Araújo Júnior (2006) já tínhamos apontado a baixa incidência das construções-SE em casos semelhantes no PB, e a clara preferência nessa língua pela

[67] No PB também é possível encontrar *Conserta-se computador*, com o referente sendo um tipo, e não uma instância.

passiva perifrástica; daí oferecermos as alternativas *Foram consertados computadores* para (92b) e *Foram contratados engenheiros* para (93b), assim como nas versões de outros exemplos presentes neste estudo.

O autor (2006, p. 303) acrescenta que enunciados como (92b) e (93b) têm maior aceitabilidade com acréscimo de informações que permitam interpretar o evento como uma realização singular, e não como atividade habitual.

(94) *La nueva dirección quería impresionar, por eso se reformaron salas, se pintaron puertas, se cambiaron muebles, se repararon computadoras y se contrataron empleados en menos de un año.* [PB: *A nova diretoria queria impressionar, por isso reformaram-se salas, pintaram-se portas, trocaram-se móveis, consertaram-se computadores e contrataram-se empregados em menos de um ano./ A nova diretoria queria impressionar, por isso salas foram reformadas, portas foram pintadas, móveis foram trocados, computadores foram consertados e empregados foram contratados em menos de um ano*.]

Igualmente, o enunciado torna-se mais aceitável à medida que é ampliada a referencialidade do elemento temático, de modo a ancorá-lo a situações específicas. Os numerais cumprem bem essa função, conforme exemplo do próprio autor (MALDONADO, 2006, p. 303):

(95) *Se solicitaron doscientos arquitectos para reconstruir los edificios afectados por el terremoto.* [PB: *Solicitaram-se duzentos arquitetos para reconstruir os edifícios afetados pelo terremoto./ Foram solicitados duzentos arquitetos para reconstruir os edifícios afetados pelo terremoto.*]

Em suma, Maldonado (2006, p. 303) afirma que o aspecto — tanto o léxico quanto o morfológico — tem mais importância do que pode parecer à primeira vista. No caso das construções-*SE*, o autor aponta a clara tendência dos verbos mutantes de operarem com marcadores perfectivos (conforme (85)), assim como a mesma inclinação dos verbos estáveis para operar com marcadores imperfectivos (conforme (89)). Combinações discordantes são possíveis, porém pressupõem uma transformação do aspecto léxico do verbo, conforme se vê em (88).

Com base no exposto e pensando inicialmente no espanhol, podemos estabelecer algumas diferenças entre a MAI (*Este coche se vende fácil*. [PB: *Este carro vende fácil*.]), que tratamos no item II.2.4, e a MPT (*La camisa se mojó*. [PB: *A camisa (se) molhou*.]:

a) Na MAI, a energia externa é esquemática e está em perfil, porém sua participação no evento é irrelevante, uma vez que as propriedades do participante temático é que são cruciais para sua mudança de estado. Na MPT, a energia externa é esquemática, está em perfil e efetivamente contribui para a mudança de estado do tema.

b) A MAI é uma construção que se dá, em geral, no presente e realça as tendências naturais de mudança do participante temático; trata-se, pois, de uma construção imperfectiva, de sentido genérico e que não está ligada ao conceitualizador no momento da emissão. A MPT, ao contrário, codifica um evento perfectivo e pontual, com ênfase na porção terminal; portanto, é usual que apareça no *perfecto simple* (*La camisa se mojó*. [PB: *A camisa (se) molhou*.]) ou outros tempos perfectivos, como o *perfecto compuesto* (*La camisa se ha mojado*. [PB: *A camisa (se) molhou*.]).

c) Na MAI, o participante temático é um tipo, não uma instância. Ou seja, no enunciado *Este coche se vende fácil*, o emissor não se refere a um carro em particular, e sim a uma classe de carros com as mesmas propriedades (no caso, o emissor poderia estar falando de carros econômicos, que consomem pouco combustível). Na MPT ocorre o oposto: o participante temático é uma instância, e não um tipo; portanto, no enunciado *La camisa se mojó*, interpreta-se a camisa como um objeto particular (e não genérico), estabelecido com anterioridade no discurso.

Acerca dos contrastes entre a MAI do espanhol e a do PB, já fizemos alguns comentários (ver p. 65-66), os quais retomamos de forma breve. Uma das diferenças diz respeito à crescente incidência da MAI sem o clítico e com temas não determinados no PB, ao menos no Sudeste (*Camisa(s) de poliéster passa(m) fácil*). Segundo afirmamos, a ausência de determinação é bem mais aceitável no PB (fortalecendo inclusive a interpretação genérica da construção) que no espanhol, onde os contextos possíveis são

mais restritos. Quanto ao clítico, a frequente ausência no PB se contrapõe à sua presença praticamente obrigatória no espanhol (**Camisas de poliester planchan fácil*.)[68].

Em se tratando da MPT no PB, particularmente nos dialetos do Sudeste, é possível encontrar ocorrências em que essa construção aparece sem o clítico, independente do tipo de indução energética. Disponibilizamos em (96) alguns exemplos já citados, para melhor visualização:

(96) (a) *A roupa molhou com a chuva.* [E: *La ropa se mojó con la lluvia.*] → indução não humana

(b) *A porta abriu com o vento.* [E: *La puerta se abrió con el viento.*] → indução não humana

(c) *A toalha de mesa manchou com o molho*. [E: *El mantel se manchó con la salsa*.] → indução humana, normalmente involuntária

(d) *A porta abriu sem dificuldade.* [E: *La puerta se abrió sin dificultad*.] → indução humana

A ausência do clítico em muitas incidências das MAI e das MPT no PB não pode ser explicada unicamente pela perda da morfologia observável nessa língua em alguns contextos linguísticos. Conforme sugerem Negrão & Viotti (2010, p. 52), o fenômeno poderia estar vinculado a uma mudança de conceitualização no PB. No caso, eventos como *Camisas de poliéster passam fácil* (MAI) ou *A porta abriu sem dificuldade* (MPT) estariam sendo conceitualizados no PB como espontâneos, sem incorporar uma força indutora; dito de outra forma, o PB estaria conceitualizando, em muitos casos, a MAI e a MPT como construções absolutas.

II.2.5. O contínuo "passivo"-impessoal no diagrama de Maldonado (2006)

No item anterior, fizemos alguns comentários sobre o diagrama de Maldonado (fig. 2.1), que retomamos aqui resumidamente:

a) no referido esquema, considerando a MPT como ponto de referência, se vamos de D em direção a A, a força indutora gradualmente vai se

[68] Os processos de especificação e generalização no espanhol e no PB são analisados contrastivamente em González (2006).

tornando menos definida e perde saliência, enquanto o tema vai ganhando proeminência;

b) no nível sintático, como o tema figura como sujeito e desencadeia a concordância verbal, muitos estudos classificam as construções dessa zona (B-D) como passivas-*SE;*

c) Maldonado (2006, p. 425) discorda dessa posição, afirmando que essa aparente passividade resulta mais da perda de proeminência do indutor que da escolha do tema como figura do evento.

Em se tratando da outra porção do diagrama, entre a MPT (D) e a impessoal (F), tem lugar a mesma polêmica: se enunciados como os de (97) são passivas-*SE* ou impessoais-*SE*.

(97) (a) *El problema se solucionó.* [PB: *O problema se solucionou.*]
(b) *El problema se soluciona a partir de las instrucciones del técnico.* [PB: *O problema se soluciona/é resolvido a partir das instruções do técnico.*]

Em (97a), temos um evento com marcação perfectiva, no qual a mudança de estado está focalizada e a força indutora não é identificável, podendo ser humana ou não[69]. No caso de (97b), não resta dúvida de que a indução é humana e corresponde a um agente implícito. Enquanto o pretérito em (97a) focaliza o acontecer do evento de forma singular e pontual, o presente em (97b) particulariza o modo habitual segundo o qual o referido evento se realiza. Segundo Maldonado (2006, p. 304), observa-se uma competição entre os participantes do evento no intuito de obter mais proeminência: de acordo com o diagrama (fig. 2.1), à medida que a força indutora se torna mais relevante até adquirir as feições de um agente humano esquemático (trecho D-F), a função focal do clítico *SE* decresce ao ponto em que a mudança de estado é somente parte de uma cena mais complexa na qual o indutor passa para o primeiro plano. Enquanto o autor chama de impessoais-*SE* as construções dessa zona, a maioria das análises feitas para o espanhol acerca do tema as considera passivas-*SE* (FERNÁNDEZ RAMÍREZ, 1986; GILI

[69] O evento em questão ainda poderia ser interpretado como espontâneo, se pensamos em falhas observáveis em equipamentos eletrônicos, as quais podem surgir e logo desaparecer sem que haja qualquer intervenção externa.

GAYA, 1978; GÓMEZ TORREGO, 1998; MOLINA REDONDO, 1974; PORTO DAPENA, 1986; CAMPOS, 1989; OTERO & STROZER, 1973; SUÑER, 1990; MENDIKOETXEA, 1999; MIGUEL, 2000). Ressaltamos que esses estudos foram realizados a partir das mais variadas perspectivas, que incluem a gramática normativa, a gramática descritiva, análises formais e outras abordagens que incorporam questões semânticas e aspectuais. A classificação das construções D-F como passivas-*SE* ocorre em função de critérios sintáticos, dentre os quais a concordância tem maior peso; essas construções têm a composição *SE* + verbo transitivo + SN (ou SN + *SE* + verbo transitivo), na qual a frequente concordância entre o verbo e o SN conduzem à interpretação do último como sujeito e, por conseguinte, a interpretação das construções como passivas. Maldonado (2006, p. 312) considera a concordância um fator determinante para definir se dada construção-*SE* é passiva ou impessoal, porém enfatiza que outros fatores igualmente importantes precisam ser levados em conta na análise: o requisito de agentividade humana do verbo, o aspecto léxico e o aspecto morfológico, assim como a ordem dos constituintes no enunciado. Mais adiante detalharemos cada um desses fatores.

Maldonado (2006, p. 305) comenta de modo sintético como as passivas-*SE* e as impessoais-*SE* aparecem nas análises formais: as passivas costumam ser definidas como construções que têm um SN na posição de sujeito ligada com uma posição de objeto que ficou vazia; as impessoais atribuem um traço arbitrário a um elemento ausente na posição de sujeito. Embora reconheça o avanço que representaram algumas dessas análises para a discussão do comportamento passivo ou impessoal das construções-*SE*, Maldonado (2006, p. 305) critica nesses estudos a preocupação por estabelecer limites nítidos entre as duas possibilidades, como se as passivas-*SE* e as impessoais-*SE* nada tivessem em comum. Em seu modelo, o autor (2006, p. 304) propõe a existência de um contínuo "passivo"-impessoal, cuja análise requer um nível de sutileza não implícito nos aparatos formais, que lidam melhor com categorias discretas. No contínuo proposto por Maldonado, quanto menor a influência da indução externa, mais proeminência tem o tema e, portanto, maior o comportamento "passivo" da construção; contrariamente, quanto maior a saliência do indutor e mais nítidas suas características de agente humano esquemático, mais a construção se configura como impessoal. Maldonado usa o termo **passivo** entre aspas porque, em realidade, rejeita qualquer passividade nas

construções-*SE*; para o autor, trata-se de uma passividade aparente, que resulta mais da baixa elaboração da força indutora que da escolha do tema como figura do evento. Embora concordemos com Maldonado, optamos por grafar o termo **passivo** (e suas variações de gênero e número) sem as aspas, tendo em conta que assim aparece em outras análises às quais faremos referência neste trabalho.

II.2.5.1. O requisito de agentividade humana e o aspecto

Maldonado (2006, p. 312) sugere que, no contínuo passivo-impessoal, o requisito de agentividade humana do verbo tem forte associação com as determinações aspectuais. Já tratamos o aspecto léxico e o morfológico em II.2.4, portanto, aqui apenas resumimos os pontos mais importantes:

a) Os verbos estáveis pressupõem necessariamente o envolvimento de agentes humanos (*No se sabe el final de la historia* [PB: *Não se sabe o final da história*]; *Desde aquí se observa mejor el parque* [PB: *Daqui se observa melhor o parque*]). Nos enunciados com verbos mutantes, é precisamente o requisito de agentividade que determina o caráter impessoal da construção (*Se abrieron las ventanas para airear el salón* [PB: *Abriram(-se) as janelas para arejar a sala/ As janelas foram abertas para arejar a sala*]); *Se construyó esta escuela en seis meses* [PB: *Construiu-se esta escola em seis meses/ Esta escola foi construída em seis meses*[70]]).

b) A perfectividade transforma os verbos estáveis em mutantes, sem alterar seus requisitos de agentividade[71] (*El libro se leyó de una sentada* [PB: *Leu-se o livro de um fôlego só/ O livro foi lido de um fôlego só*]). A imperfectividade converte os verbos mutantes em homogêneos, igualmente respeitando os requisitos de agentividade verbal (*En esta agencia se alquilan coches de lujo* [PB: *Nesta agencia se alugam carros de luxo*]).

---

[70] No PB, conforme Negrão & Viotti (2010), poderíamos ainda ter uma construção absoluta: *Esta escola construiu em seis meses*.

[71] Cabe ressaltar que as construções resultantes tornam-se mais aceitáveis com o acréscimo de expressões modais que reforcem o evento como pontual, como no exemplo que fornecemos.

De acordo com a formulação de Maldonado, as mudanças de marcação morfológica impõem ajustes no aspecto léxico dos predicados, porém fica preservado o requisito de agentividade humana. Em todos os exemplos citados em **a** e **b** estão implícitos agentes humanos como responsáveis pela mudança de estado, o que ressaltaria o caráter impessoal (e não passivo) dessas construções. Para o autor, portanto, é evidente o peso inquestionável do requisito de agentividade humana na gênese das construções impessoais.

II.2.5.2. A concordância

Maldonado (2006, p. 313) questiona se, num enunciado, a concordância entre o verbo e algum nominal converte invariavelmente este último no elemento com maior proeminência, ou seja, o sujeito. Em sua argumentação, o autor parte de enunciados nos quais se descrevem procedimentos ou se dão instruções, como as receitas culinárias. Citamos um fragmento retirado de uma receita para preparar lagostins:

> (98) *Se pone en una olla grande agua a hervir con bastante sal, granos de pimienta, una hoja de laurel, una rama de tomillo y una cucharada de aceite de oliva. Cuando hierva, se echan los langostinos y se dejan hasta que el agua vuelva a hervir.* (CHAMORRO GUERRERO et alii, 2001, p. 86) [PB: *Coloca-se numa panela grande água para ferver com bastante sal, grãos de pimenta, uma folha de louro, um galho de tomilho e uma colherada de azeite de oliva. Quando ferver, jogar os lagostins e deixar até a água ferver de novo.*]

A concordância verbal com nominais no singular (como *agua*) e no plural (como *langostinos*) em algumas construções leva muitos linguistas a classificá-las como passivas. Maldonado (2006, p. 313) discorda dessa posição ao afirmar que, em enunciados do gênero, o núcleo está na ação do agente e não na mudança de estado que venha a sofrer o tema. Tal afirmação é reforçada pela presença de verbos com requisito alto de agentividade (*poner*, *echar*, *dejar*), o que tornaria esse critério mais importante que a concordância: ele determinaria a escolha do sujeito, e igualmente asseguraria o caráter ativo da construção.

Para o autor (2006, p. 314), quanto maior o requisito verbal de agentividade humana, mais evidente é a leitura impessoal e ativa. Isso ocorre inclusive em casos nos quais o SN da construção ocupa uma posição pré-verbal, que tende a ser interpretada como própria do sujeito. Vejamos os exemplos a seguir:

(99) (a) *En esta bahía los delfines se ven desde la playa.* [PB: *Nesta baía os golfinhos se veem/ são vistos da praia.*]

(b) *Los juegos escolares se celebran en octubre.* [PB: *Os jogos escolares se comemoram/ são comemorados em outubro.*]

Conforme se vê em (99), os SNs antepostos aos verbos desencadeiam a concordância[72]. Apesar das características sintáticas nas construções (anteposição do tema e sua concordância com o verbo) apontarem sua classificação como passivas, o mais relevante nesses enunciados continua sendo o modo de atuar de um agente humano genérico, requerido pelos verbos *ver* e *celebrar*. Portanto, as construções de (99) são impessoais. Conforme sugere o autor (2006, p. 315), o uso de marcação perfectiva não alteraria essa classificação:

(100) (a) *En esta bahía los delfines se vieron desde la playa.* [PB: ?? *Nesta baía os golfinhos se viram da praia./ Nesta baía os golfinhos foram vistos da praia.*][73]

(b) *Los juegos escolares se celebraron en octubre.* [PB: *Os jogos escolares se comemoraram/ foram comemorados em outubro.*]

Portanto, de acordo com a proposta de Maldonado, teríamos em (100) construções impessoais perfectivas, nas quais tanto a mudança de estado quanto o agente esquemático são importantes. Em suma, ao tratar dos fatores cruciais para a classificação das construções-*SE*, o autor (2006, p. 315) estabelece a seguinte hierarquia: requisito de agentividade humana do verbo > aspecto léxico ou morfológico > concordância > posição.

---

[72] Para Maldonado (2006) e Mendikoetxea (1999), os SNs (*los delfines*, *los juegos escolares*) ocupam uma posição de tópico em (99), em função de razões discursivas. Tratamos essa questão com mais detalhe no item subsequente (II.2.5.3).

[73] Conforme se vê na tradução ao PB, a anteposição do tema numa construção com clítico nessa língua é mais aceitável com marcação imperfectiva. No caso de anteposição com marcação perfectiva, a preferência no PB é pela passiva perifrástica (cf. ARAÚJO JÚNIOR, 2006).

Maldonado (2006, p. 315) afirma que as características semânticas do verbo não se alteram com a simplificação do evento imposta pelo clítico *SE*, e por esse motivo elas são determinantes: a presença do clítico restringe o nível de elaboração do agente, porém não afeta a estrutura argumental do verbo. De acordo com o autor, nessas construções o agente não é eliminado como se postula nas análises formais: este ainda está presente, porém de forma esquemática. O autor (2006, p. 316) igualmente atribui à concordância uma função mais geral:

a) a concordância impõe um grau especial de topicalidade sobre um elemento proeminente, que não necessariamente é o sujeito da construção;

b) a concordância se estabelece sempre com o sintagma nominal expresso que tem maior proeminência numa construção.

Pensando nas afirmações **a** e **b**, como o sujeito é o participante mais proeminente de uma construção, o esperado é que a concordância ocorra com ele na maioria dos casos. É de fato o que ocorre com as transitivas prototípicas (*El turista compró frutas en el mercado* [PB: *O turista comprou frutas no mercado*]; *Los bomberos rescataron un perro* [PB: *Os bombeiros resgataram um cão*]). Entretanto, quando temos eventos com baixa elaboração, nos quais o sujeito se apresenta na forma de uma terceira pessoa genérica ou não identificada, a concordância passaria a realçar um elemento de menor relevo, em geral o objeto direto. A proposta de Maldonado está de acordo com a de Givón (1976), quanto à hierarquia da concordância observável nas línguas: sujeito > objeto direto > objeto indireto > genitivo. A seguir disponibilizamos alguns enunciados no espanhol (101) e no PB (102)[74], nos quais a concordância ocorre com o verbo e um complemento oblíquo. Tais exemplos são encontrados normalmente na modalidade escrita, em especial nos gêneros de informação (notícias, crônicas, editoriais, etc.) e nas redes sociais.

(101) (a) *El volante brasileño pidió que se acaben con las actitudes xenófobas en los estadios.* (http://www.cooperativa.cl, 19/11/2010) [PB: *O*

[74] Ao buscar exemplos para o PB, observamos maior frequência desses casos no PE. Também encontramos ocorrências nas variedades africanas do português (Moçambique, Angola e Guiné Bissau).

volante brasileiro pediu que se acabem com as atitudes xenófobas nos estádios.]

(b) *Traba judicial impide que se avancen con las obras de estadios en el Bosque.* (http://www.infoplatense.com.ar, 17/02/2012) [PB: *Obstáculo judicial impede que se avancem com as obras de estádios no Bosque.*]

(c) *En toda reunión hay una persona molesta que no deja que se avancen con los temas.* (https://twitter.com/imarieverdin, 12/07/13) [PB: *Em toda reunião tem uma pessoa chata que não deixa que se avancem com os temas.*]

(d) *Si se dan crédito a los porcentajes de abstención informados por la O.E.A., esto significaría que de los 6.1 millones de votantes, solo concurrieron a las urnas 2.14 millones de electores*[75] (...) (http://www.diarioelpeso.com, 17/05/10) [PB: ?? *Se se dão crédito a* (...)/ *Se se dá crédito às porcentagens de abstenção informadas pela O.E.A., isto significaria que dos 6,1 milhões de votantes, só foram às urnas 2,14 milhões de eleitores.*][76]

(102) (a) *Ele diz que momento de incertezas não impede que se avancem com os estudos e estruturação dos investimentos (...)* (http://aeroportosnobrasil.blogspot.com.br, 20/04/2009)

(b) *Há uns 20 dias chegaram o batery grip e um dos flashs, o que comprei por último, mas o kit radio flash e um dos flashs, embora pagos em meados de fevereiro não chegaram. Para que os demais fotógrafos não sejam passados para trás, como eu fui, coloco abaixo os links para que não se comprem com eles.* (http://forum.mundofotografico.com.br, 26/04/12)

(c) *Quando assumirmos o poder, faremos tudo para que se terminem com os marajás e as negociatas.* (http://forum.cifraclub.com.br, 06/01/2013)

---

[75] O *Diccionario Panhispánico de Dudas* (http://lema.rae.es/dpd, consultado em 25/09/13) recomenda o uso da vírgula nos numerais para separar a parte inteira da decimal ($\pi = 3{,}1416$). Não obstante, está permitido o uso do ponto como separador ($\pi = 3.1416$), nos países que adotam a notação anglo-saxã; é o caso da República Dominicana, de onde recolhemos o exemplo (101d). Usamos a vírgula na tradução ao PB, por ser a notação adotada no Brasil.

[76] Não encontramos exemplos com o verbo no plural para o PB, por isso consideramos duvidosa a primeira possibilidade. Para o PE encontramos poucas incidências, das quais citamos as seguintes: (i) *Só numa sociedade de suspeição* ***se dão crédito a*** *cartas anônimas* (http://www.destak.pt, em 15/09/09); (ii) *Em parte nenhuma do mundo* ***se dão crédito a*** *baboseiras de bêbados* (http://expresso.sapo.pt, fragmento de comentário de leitor à notícia "Galliano pede desculpas por declarações racistas", em 03/03/11).

É possível, inclusive, encontrar no espanhol inúmeras ocorrências nas quais a concordância se estabelece entre o verbo e um complemento direto plural com marcação de caso (objeto humano e específico), muito embora essa construção seja desaconselhada pela gramática prescritiva[77]:

(103) (a) *En Frutillar se premiaron a los mejores bailarines de cueca escolar.* (http://www.soychile.cl, em 09/09/2011) [PB: *Em Frutillar premiou-se/ se premiaram/ foram premiados os melhores bailarinos de cueca escolar*.] Recomendada: *En Frutillar se premió a los mejores bailarines...*

(b) *Se buscan a los culpables del caso Heaven.* (http://www.cronica.com.mx, em 26/08/2013) [PB: *Procura(m)-se os culpados do caso Heaven*.] Recomendada: *Se busca a los culpables...*

De acordo com Maldonado (2006, p. 318), através do uso de clíticos é possível demonstrar que a concordância ocorre com qualquer sintagma nominal expresso. No caso de (104), a concordância se estabelece com o objeto direto. Prova disso é a possibilidade de substituir os sintagmas *amarras* e *calles* pelo pronome complemento *las*.

(104) (a) *Se tiraron las amarras para arrastrar el barco a la orilla.* → *Se las tiró*... [PB: *Jogaram(-se)/ Jogou-se/ Foram jogadas as amarras para arrastar o barco para a margem*.]

---

[77] Outro fenômeno relacionado pode ser observado em sequências de clíticos no espanhol hispano-americano, conforme observado por Kany (1969): nos casos de verbos com três argumentos (*dar*, *entregar*, *decir*, etc.), nos quais se tem um dativo plural e um acusativo singular, muitas vezes o morfema do plural vai para o acusativo (*Les di el juguete a los niños* → *Se los di*; *Ya les dije la verdad a las alumnas* → *Ya se las dije*). Isso ocorre porque o dativo (*les*) perde a marca de pluralidade ao ser substituído por *se*, segundo as normas da língua; a colocação do morfema *-s* no acusativo seria, pois, uma forma de o falante manter a referência plural do dativo na sequência pronominal. Segundo Kany (1969), a sequência inteira se interpreta como uma unidade morfológica. Gili Gaya (1978) também registra esse fenômeno no espanhol peninsular, porém com o emprego de *le* (*Les entregué el paquete a los vecinos* → *Se les entregué*). Em seu estudo, Fernández Soriano (1999, p. 1257-1258) cita Kany e Gili Gaya, respaldando a ideia da sequência pronominal como unidade morfológica que Kany propõe. A NGLE (RAE, 2009, v.1, p. 1233; v.2, p. 2663-2664) também atesta a expansão progressiva do fenômeno nos registros cultos de algumas áreas linguísticas (México, Caribe Continental, parte da América Central e parte da América do Sul, especificamente as regiões platina e andina) e sua baixa incidência em outras (Chile, Espanha e parte das regiões andina e antilhana); só condena o uso dessas construções quando no complemento acusativo se dá indicação de gênero, além da indicação de número (*Aquello se las dije bien claro a tus hermanas*).

(b) *Se lavaron las calles para quitar el mal olor.* → *Se las lavó*... [PB: *Lavaram(-se)/ Lavou-se/ Foram lavadas as ruas para eliminar o mau cheiro*.]

Conforme vemos nas traduções ao PB de (104), estão ausentes os clíticos que funcionam como complemento direto. Tal se deve à perda dessas formas na língua em questão, conforme comprovam diversos estudos já citados neste trabalho (ver capítulo I, p. 36).

Acerca das construções-*SE* compostas por *SE* + verbo no singular + SN plural, as opiniões se dividem. Alcina Franch & Blecua (2001, p. 922) afirmam que enunciados como *Se vende zapatos* [PB: *Vende-se sapatos*] são percebidos como agramaticais e sua forma é considerada vulgar e descuidada. Nesse ponto, discordamos da agramaticalidade conferida ao exemplo em questão: enunciados desse tipo, além de frequentes e aceitáveis, podem ser encontrados tanto na variedade peninsular quanto nas demais variedades do espanhol. O fato de alguns o considerarem uma peculiaridade estilística (como MATTE BON, 1992, p. 45) que causa estranhamento nos falantes nativos não impede que tais expressões e outras semelhantes sejam produtivas na língua[78]. Na contramão do que afirmam esses autores, citamos os resultados de uma busca que realizamos no Google (24/05/11) para *Se vende zapatos*, especificando três domínios diferentes (Espanha [.es], Argentina [.ar] e México [.mx]): o número de ocorrências para a variedade espanhola (96.700) é em muito superior aos das variedades argentina (1.560) e mexicana (452). Portanto, em se tratando de determinados fenômenos da língua que indicam algum tipo de mudança, constata-se que ainda há muita resistência entre os gramáticos do espanhol — mais gramáticos do que linguistas —, e que o tom normativo ainda aparece de modo forte até nos trabalhos descritivos (a própria NGLE, que combina descrição e norma, é prova disso).

---

[78] Sobre o assunto, destacamos citação de Molina Redondo (1974: 25): "Aunque la norma oficial se muestre reacia a aceptarlas, creemos que las construcciones con verbo en singular y nombre en plural son legítimas, en el sentido de que manifiestan una posibilidad sistemática latente del español — que, según una opinión a la cual nos sumamos, está convirtiéndose de modo acelerado en una realidad patente." [Nossa tradução: Embora a norma oficial resista a aceitá-las, acreditamos que as construções com verbo no singular e nome no plural são legítimas, no sentido de que manifestam uma possibilidade sistemática latente do espanhol — que, segundo uma opinião à qual aderimos, está se convertendo de modo acelerado numa realidade patente.]

A NGLE (RAE, 2009, p. 3099) afirma ser habitual a "impessoal com complemento de coisa na linguagem sincopada dos anúncios", estando o verbo no presente (*Se vende helados* [PB: *Vende-se sorvetes*]; *Se arregla muebles de caña* [PB: *Conserta-se móveis de cana*]). Ao substituir-se o presente por outros tempos, especialmente os perfectivos, a construção não concordante é duvidosa (??*Se vendió helados*) — embora comece a ter aceitação em alguns países (a RAE não especifica quais) — , enquanto a concordante é a recomendada (*Se vendieron helados*) pela RAE, que a classifica como passiva.

Em posição contrária à da NGLE (RAE, 2009), Mendikoetxea (1999, p. 1677) refuta que enunciados como *Se vende botellas* [PB: *Vende-se garrafas*] sejam impessoais, e os considera "variantes" das passivas-*SE* (*Se venden botellas* [PB: *Vendem-se garrafas*]). A autora observa que a variante em questão não é de aparição recente, tendo sido constatada já no espanhol antigo[79] e, embora seu uso tenha se estendido nos últimos tempos (especialmente no espanhol da América), essa construção nunca chegou a generalizar-se. Mendikoetxea (1999, p. 1677) acrescenta que o uso da construção-*SE* discordante é tradicionalmente considerado "anômalo" ou "desviado", e com frequência associado à língua oral de falantes de pouca escolaridade[80]. Entretanto, segundo a autora, há gramáticos que observam uma alta incidência dessa construção nas obras de escritores célebres, como Unamuno, assim como entre os falantes cultos de algumas zonas da América; tal fenômeno foi atribuído a um processo de hipercorreção, ao associar a construção do espanhol (*Se vende botellas*) com a que ocorre no francês com a forma *on* (*On vend des bouteilles*), de concordância singular. De acordo com a autora, a construção-*SE* discordante tem caráter restrito e sua aparição é favorecida por alguns fatores. Um deles é o grau de determinação do SN presente no enunciado: a construção

---

[79] Monge (1955, p. 68) recolhe exemplos desse tipo de construção já no espanhol antigo, como este do século XIII, extraído do *Lapidario* (5,14): *E, si se cree los mágicos, expellen las tempestades con el cerco de aquesta e contrastan a los relampagos y rayos*. Também oferece exemplos (recolhidos por Kärde (1943)) dos séculos XVI e XVII (*Seria cosa conveniente que se deputase para esta gentezilla Iglesias o hospitales*. – *Epistolario espiritual*, 172, 10), além de outros do espanhol moderno.

[80] Em algumas análises de linguistas espanhóis, os fenômenos considerados "anômalos" ou "desviados" no espanhol peninsular são referidos como típicos das variedades americanas da língua, embora em muitos casos também estejam presentes na variedade espanhola. Não raro, essas afirmações são feitas sem o devido respaldo de pesquisas teoricamente fundamentadas e feitas a partir de *corpora* consistentes. Daí a necessidade de realizar análises de grandes volumes de dados em todas as variedades, por meio da linguística de *corpus*, a fim de comprovar ou refutar hipóteses sobre a língua a partir de uma base científica.

discordante costuma aparecer com sintagmas nominais no plural e sem determinantes, porém é pouco aceitável quando o SN vem com artigos definidos ou outras expressões de determinação, conforme se vê em (105):

(105) *Se vende coches.* [PB: *Vende-se carros*.] / ?**Se vende los mejores coches*. [PB: *Vende-se os melhores carros*.]

Outro fator comentado pela autora (1999, p. 1678), relacionado com o anterior, é a posição: a construção discordante é inaceitável quando o SN está anteposto ao verbo, como em **Albañiles se necesita aquí* [PB: **Pedreiros se precisa aqui*] ou **Los libros importados se vende en esta tienda* [PB: **Os livros importados se vende nesta loja*]. Mendikoetxea (1999, p. 1678) ainda sugere que o aspecto verbal imperfectivo favorece a aparição de construções-*SE* discordantes (*Se compra muebles usados* [PB: *Compra-se móveis usados*] / ??*Se compró muebles usados* [PB: *Comprou-se móveis usados*]), assim como a "distância" entre o verbo e o SN (*Se conoce en la mayoría de los casos los nombres de los culpables*[81] [PB: *Conhece-se na maioria dos casos os nomes dos culpados*]). Essas observações de Mendikoetxea também são compartilhadas por Maldonado (2006); o ponto de discórdia entre ambos (e que faz toda a diferença) é que a primeira considera as construções em questão como variantes das passivas-*SE*, com base em critérios sintáticos; já o segundo as considera variantes das impessoais-*SE*, adotando como critério preponderante o requisito de agentividade humana do verbo.

Maldonado (2006, p. 320) faz críticas à sobrevalorização da concordância quando se trata de distinguir as chamadas passivas-*SE* das impessoais-*SE*, especialmente nas análises em que se busca separar a sintaxe da semântica. Dessa maneira, o autor discorda totalmente de Gómez Torrego (1992, p. 18) no julgamento de enunciados como os de (106):

(106) (a) *Ya se han elegido los nuevos representantes*. [PB: *Já se elegeram/ foram eleitos os novos representantes*.]

(b) *Ya se ha elegido a los nuevos representantes*. [PB: *Já se elegeu os novos representantes*.]

[81] Exemplo da autora (1999, p. 1678).

Gómez Torrego (1992, p. 18) reconhece a impessoalidade de (106a) e (106b) apenas no nível semântico. No nível sintático, (106a) seria uma construção passiva devido à concordância do verbo com o SN (*los nuevos representantes*); já (106b) seria uma construção impessoal, em razão da falta de concordância verbo-SN. Para Maldonado (2006, p. 320), esse seria o "pior dos cenários". Nas palavras do autor[82]:

> La división entre semántica y sintaxis no hace más que ocultar la naturaleza misma del sistema lingüístico. Mientras no haya una argumentación profunda que indique por qué la sintaxis debería ir hacia un rumbo y la semántica hacia otro, más valdría pensar que los ajustes sintácticos responden a necesidades comunicativas cuya primera cristalización se da precisamente en la semántica. (MALDONADO, 2006, p. 320)

Em se tratando do PB, comentamos no início de II.1 que muitos estudos nessa língua (NEVES, 2000; BECHARA, 1976 e 1999; CUNHA, 1990; CUNHA & CINTRA, 2008) consideram a concordância como o critério diferenciador entre passivas-SE e impessoais-SE. Entretanto, há linguistas que não se alinham com essa posição. Said Ali (2008, p. 105), com base nos usos da língua, discorda da passivização com SE, por considerá-la uma interpretação contra a qual "protesta a prática de todos os dias" (2008, p. 105), já que as duas construções — a pronominal e a passiva perifrástica — não se substituem mutuamente "a bel-prazer"[83]. Como reforço ao seu ponto de vista, Said Ali comenta que, nos exemplos *compra-se o palácio* e *morre-se de fome*, o pronome SE sugere, na consciência dos falantes, a idéia de alguém que compra, de alguém que morre, mas que não conhecemos ou não queremos nomear. Igualmente, Said Ali (2006: 162-63) refuta a interpretação passiva das construções-SE baseada na concordância verbal e, para tanto, toma exemplos como *consulte-se o dicionário*, *leia-se a obra de*, *leiam-se as*

---

[82] Nossa tradução: A divisão entre semântica e sintaxe não faz mais que ocultar a própria natureza do sistema linguístico. Enquanto não houver uma argumentação profunda que indique por que a sintaxe deveria ir numa direção e a semântica na outra, seria mais válido pensar que os ajustes sintáticos respondem a necessidades comunicativas cuja primeira cristalização se dá precisamente na semântica.

[83] Sobre esse fato, com seu humor peculiar, escreve Said Ali (2008, p. 115): "*Aluga-se esta casa* e *esta casa é alugada* exprimem dois pensamentos, diferentes na forma e no sentido. Há um meio muito simples de verificar isso. Coloque-se na frente de um prédio o escrito com a primeira das frases, na frente de outro ponha-se o escrito contendo os dizeres *esta casa é alugada*. Os pretendentes sem dúvida encaminham-se unicamente para uma das casas, convencidos de que a outra já está tomada. O anúncio desta parecerá supérfluo, interessando apenas aos supostos moradores, que talvez queiram significar não serem eles os proprietários."

obras de, as quais configuram ordem, conselho ou convite. Segundo o autor (2006, p. 162), ao proferir enunciados como os anteriores, pensamos, antes de tudo, "na pessoa ou pessoas inominadas a quem nos dirigimos, e na ação, na atividade física ou intelectual que devem exercer para cumprir o que propomos". Portanto, seria difícil atribuir um significado passivo a essas construções, que nada mais são que impessoais[84]. A possibilidade de converter os enunciados à passiva perifrástica — apontada por gramáticos mais tradicionais como prova de que efetivamente são construções passivas (*seja consultado o dicionário*, *sejam lidas tais obras*) — é rejeitada por Said Ali, para quem tal conversão resulta estranha ou pouco habitual no que se refere aos usos da língua.

Para Bagno (2000, p. 219), enquanto Said Ali tenta reunir os critérios sintático e o semântico no estudo da questão, os gramáticos normativistas se equivocam exatamente por ir na direção oposta: além de separar esses dois critérios no momento de classificar as construções-SE, menosprezam também aspectos de ordem pragmática. Assim como Maldonado (2006) para o espanhol, Bagno (2000, p. 220) igualmente destaca a relevância do critério semântico para uma análise adequada das construções-SE no PB, mais especificamente o requisito de agentividade humana do verbo: em enunciados do tipo *aluga-se salas*, *joga-se búzios*, *vende-se ovos*, *avia-se receitas*, *amola-se facas*, etc., os verbos requerem, além de complementos diretos, sujeitos com traço semântico [+humano]. É justamente ao requisito de agentividade humana que o autor atribui a tendência de os falantes manterem esses verbos no singular, sem concordar com os sintagmas nominais (*salas*, *búzios*, *ovos*, etc.). Concordamos com essa afirmação pelo seguinte motivo: do ponto de vista semântico, ao manter-se o verbo no singular, a ênfase do enunciado estaria na ação do agente, e não no que acontece com o tema. Ou seja, a violação da concordância dá mais proeminência ao agente genérico e reforça o fato de que os enunciados em questão são percebidos pelos falantes como impessoais, não como passivos.

Assim como Pezatti (1993), Bagno (2000, p. 227) assume que nas construções do tipo SE + verbo transitivo + SN, no PB falado, a tematização do verbo e a posposição do SN faz com que este último se descaracterize como sujeito, desobrigando-o de manter a

---

[84] Maldonado (2006, p. 264) faz o mesmo comentário para o espanhol (ver item II.1, p. 49).

concordância, o qual resultaria em construções ativas e impessoais. De nossa parte, julgamos mais consistente a argumentação de Maldonado, segundo a qual o critério preponderante para termos uma impessoal-SE não é a concordância, e sim o requisito de agentividade humana do verbo: se tal requisito é alto, a construção — concordante ou não — será sempre impessoal e a proeminência é do agente, mesmo implícito. E conforme já comentamos (ver p. 84), não necessariamente a concordância do verbo com um SN faz deste o sujeito do enunciado: em eventos com baixa elaboração, com sujeitos na forma de uma terceira pessoa genérica ou não identificada, a concordância passaria a realçar um elemento de menor relevo, em geral o objeto direto. As análises feitas por Bagno (2000, p. 243-50) para dois *corpora* de PB — um de língua falada (CLF) e outro de língua escrita (CLE)[85] comprovam sua hipótese com respeito à concordância nas impessoais-SE e, conforme vemos, os resultados são reversos. No CLF, foram computadas 24 ocorrências, das quais 18 (75%) são discordantes (*então constrói-se muitos prédios ali e aí depois muda...* – SAO – D2 343: 81) e apenas 6 (25%) mantêm a concordância verbo-SN (*Normalmente se perdem dois fins de semana...* – RIO – D2 158: 257). Na análise do CLE, Bagno (2000, p. 247) levantou apenas 8 construções, das quais 75% são concordantes.

Camacho (2000, 2006) reúne no mesmo grupo as construções SE + verbo transitivo + SN, concordantes ou não, sob a denominação de impessoais[86]. Também fazem parte desse grupo as construções com as mesmas características, nas quais houve perda do clítico. Vejamos alguns exemplos que o autor (2006, p. 177) coleta:

(107) (a) *quer dizer além de chegar ao plano muscular... se retiram os elementos musculares... ou sejam... os peitorais... grandes e pequenos* (EF-AS-049)

---

[85] Cf. Bagno (ibid.: 179-84), o CLF se compõe de 10 inquéritos pertencentes ao acervo do Projeto NURC, e contempla as variedades do PB em todas as cidades que integraram o projeto: Recife (2), Salvador (2), Rio de Janeiro (2), São Paulo (2) e Porto Alegre (2); o CLE está composto de textos jornalísticos (notícias, mais precisamente) dos 5 núcleos urbanos mencionados, mantendo-se, assim, o paralelismo com o CLF; para constituir o CLE, foram coletados 492.507 caracteres de textos de 5 jornais na versão digital (*Jornal do Commercio* (Recife), *A Tarde* (Salvador), *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), *O Estado de São Paulo* (São Paulo), *Zero Hora* (Porto Alegre)) e da revista *Isto É*.

[86] Os dados que o autor examina nessas análises foram extraídos do corpus compartilhado do Projeto de Gramática do Português Falado, que consiste numa amostragem do material coletado pelo Projeto da Norma Linguística Urbana Culta (NURC)/ Brasil, gravado com informantes cultos procedentes de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

> (b) *também se faz aquelas compras pequenas que... alimentos assim que não se pode guarda(r)por muito tempo, né?[...] só outros tipos de alimentos que podem ser conservados* (DID-POA-044)
>
> (c) *então, naquele arroz mexe, quebra dois ovos aí e, e depois então comprime esse arroz num pirex, bate-se um ovo, põe a gema* (D2-POA-291)

De acordo com Camacho (2006, p. 178), ocorrências concordantes como (107a) foram escassas no *corpus* e o autor as relaciona à tradição normativa que rege a modalidade escrita. No caso particular de (107a), Camacho (2006, p. 177) afirma que o cuidado especial do falante com a regra normativa de concordância verbal o leva a produzir um caso típico de hipercorreção mais adiante, ao usar o verbo *ser* no plural na locução explicativa *ou seja* (*ou seja* → *ou sejam*). Na maioria das construções do *corpus* não houve concordância entre o verbo e o SN posposto (107b) e em algumas delas, segundo o autor (2006, p. 177), a ausência do clítico (107c, nos verbos *mexer*, *quebrar* e *pôr*) igualmente favoreceria a construção discordante. Nessas ocorrências, a maioria dos verbos também estava no singular. Para Camacho (2006, p. 178), a preferência estatística por construções impessoais no singular é um indício evidente de que se acha subjacente a interpretação cognitiva de que o SN não é de fato o sujeito sintático. Nas palavras do autor:

> Além de ocupar uma posição destinada ao objeto, não é absoluta a codificação morfossintática que regula o comportamento nominativo desses SNs, tal como costuma aparecer nas gramáticas tradicionais. Cria-se, assim, uma espécie de voz ativa indeterminadora, em que o argumento paciente não recebe função de sujeito, cuja posição fica marcada formalmente pela presença do clítico *se*. (CAMACHO, 2006, p. 178)

Concordamos em parte com a argumentação de Camacho, mais especificamente no que se refere à percepção que os falantes têm do SN posposto como complemento, e não como sujeito. Entretanto, no nosso entender, tal aconteceria independente ou não de haver concordância nessas construções. Em conformidade com Maldonado, consideramos que o julgamento dos falantes tem por base o requisito de agentividade humana do verbo: um agente humano é conceitualizado e, dada sua esquematicidade, na codificação do evento a concordância se dá com o SN mais próximo; a violação da

concordância serve apenas para dar mais proeminência ao agente esquemático e reforçar a impessoalidade da construção — ou seja, o mais relevante no evento é a atuação do agente esquemático, e não a mudança de estado do tema.

Ao comentar as construções com SE de uma perspectiva diacrônica, Naro (1976, p. 788) afirma que as passivas (verbo transitivo e SN concordantes) reinavam absolutas no português antigo até aproximadamente meados do século XVI, quando passaram por um processo de reanálise que resultou na sua interpretação como ativas[87]. Após a reanálise, surgiram construções com SE até então não atestadas na língua: por um lado, nos documentos escritos emergiram sentenças transitivas sem concordância entre o verbo e o SN (*Cantam, bailam, comem e bebem pela ordem dos tupinambás, onde se declarará sua vida e costumes* (GABRIEL SOARES DE SOUSA, *Tratado Descritivo do Brasil*, 1587, cap. XIII); por outro lado, apareceram construções não restritas aos verbos transitivos, nas quais figuravam verbos intransitivos (*Defronte desta baía estão os baixos de S. Roque, os quais arrebentam em três ordens, e entra-se nesta baía por cinco canais* (GABRIEL SOARES DE SOUSA, *Tratado Descritivo do Brasil*, 1587, cap. VIII) ou copulativos (*Aqui, sr. Pancrácio, está-se optimamente* (ALI, 2008: 114; séc. XIX)[88].

Nunes (1990) estuda sincrônica e diacronicamente as construções-SE concordantes (*Alugam-se casas*) e discordantes (*Aluga-se casas*), tendo como pressuposto teórico a Teoria da Regência e Ligação[89]. O autor complementa esse estudo com uma análise variacionista, no intuito de melhor explicar alguns resultados da abordagem diacrônica e certas assimetrias não previstas pelo modelo formal adotado (1990, p. iv-v). Nunes parte da hipótese de que o surgimento das construções-SE sem concordância provocou um processo de mudança linguística no PB, no qual a forma concordante foi aos poucos perdendo força frente a sua concorrente. A análise dos

---

[87] Conforme o autor (1976, p. 781), as passivas-SE no português são construções "clássicas", exercitadas nas escolas e prestigiadas pelos gramáticos normativistas.
[88] Os exemplos citados neste parágrafo foram recolhidos por nós.
[89] O autor se refere às concordantes como **construções com SE apassivador**, e as discordantes como **construções com SE indeterminador**. Nessa análise, Nunes (1990, p. 18) agrupa esses dois tipos de construção sob a denominação comum de **passivas pronominais**, no intuito de contrastá-las com as **passivas perifrásticas** (*A casa foi alugada*). Em nota, o autor (1990, p. 68) reconhece que tal denominação é inadequada, porém, na falta de melhor terminologia, opta por mantê-la "como mero rótulo para designar construções quer com SE apassivador, quer com SE indeterminador."

corpora[90] comprova sua hipótese, conforme se vê na tabela 2.2: a forma discordante chega a suplantar a discordante ainda no século XIX (62% de ocorrências) e torna-se a forma canônica no século XX (com frequência de 84%).

	PERÍODO					
	Séc. XVI	**Séc. XVII**	**Séc. XVIII**	**Séc. XIX**	**Séc. XX**	**TOTAL**
TOTAL	8	16	154	26	25	229
%	0	13	19	62	84	30

Tabela 2.1 – Discordância entre V e SN por período de tempo (NUNES, 1990, p. 76)

Nunes (1990, p. 77) considera essa mudança linguística praticamente finalizada e, assim como Naro (1976), sugere que a mesma foi desencadeada a partir de um processo de reanálise sintática; no caso, a reanálise da categoria vazia na posição de sujeito, que força a interpretação do argumento interno das passivas- SE como objeto direto, portador de caso acusativo. Assim, de acordo com as análises de Naro (1976) e Nunes (1990), quando as construções-SE discordantes são introduzidas na história do português, a passiva-SE perde força e passa a ser analisada como impessoal-SE[91].

Outra mudança linguística analisada por Nunes (1990, p. 99) nas construções-SE do PB, não observável no espanhol, é o apagamento do clítico em sentenças finitas (*Aqui conserta sapatos*). Esse fenômeno relaciona-se com uma peculiaridade do PB, apontada por Galves (1987): nessa língua, em sentenças finitas, a identificação do pronome nulo de 3ª pessoa do singular pode ter referência indeterminada. Tomemos o seguinte exemplo:

---

[90] Nunes utilizou 4 *corpora*, constituídos segundo a metodologia laboviana de coleta, quantificação e análise de dados. O primeiro *corpus* está composto de cartas, diários e documentos, abarcando o período entre 1555 e 1989. O segundo foi constituído a partir de entrevistas com informantes paulistanos de diferentes níveis de escolaridade (do ensino fundamental ao superior). O terceiro compõe-se de dados coletados em entrevistas do português europeu, e o último *corpus* está formado por reportagens da revista *Veja*, do período entre maio de 1988 e maio de 1989 (neste, destinado à análise sincrônica, foram recolhidas apenas as ocorrências com SE apassivador e SE indeterminador que a gramática normativa considera "erros", como é o caso do apagamento do clítico (*aqui não vende fiado*) ou de sua inserção (*trabalho difícil de se fazer*)(exemplos nossos).

[91] Na terminologia de Naro (1976), construção com SE indefinido; para Nunes (1990), construção com SE indeterminador.

(108) *Nesta loja vende comida congelada.*

Para o enunciado em questão, dois tipos de construção impessoal poderiam ser apontados como origem — o primeiro é a construção impessoal pela marca de concordância da 3ª pessoa do plural (109a); o segundo, a impessoal-SE (109b):

(109) (a) *Nesta loja vendem comida congelada.*
(b) *Nesta loja se vende comida congelada.*

A hipótese inicial tem sua justificativa no fato de a concordância do PB admitir paradigmas como "ele/eles vende". A segunda hipótese se respalda no fenômeno de supressão dos clíticos no PB. De acordo com Nunes (1990, p. 100), a escolha da hipótese mais adequada leva em conta a exclusão ou inclusão do enunciador em construções como (109a) e (109b). Portanto, uma vez que a referência indeterminada de (108) pode eventualmente incluir o enunciador, o autor considera que é possível analisá-la como evolução das construções com SE impessoal. O mapeamento feito por Nunes (1990, p. 103) no *corpus* diacrônico forneceu uma média de apagamento do SE de 8% em construções simples com verbos transitivos diretos e 10% em construções simples com verbos transitivos indiretos; nas construções compostas (locuções verbais) esse percentual é maior, atingindo, respectivamente, 22 e 57% (NUNES, 1990, p. 103). No *corpus* de entrevistas, esse percentual é ainda maior, chegando a 79% (NUNES, 1990, p. 104)[92]. Nunes (1990, p. 105) observa ainda que, em sua amostra, o percentual do apagamento é sensível à influência da escolaridade: no que hoje corresponde ao ensino fundamental e ao médio, os percentuais se situam acima de 90%; no ensino superior, esse valor cai para 47%, porém está próximo de 50%, patamar neutro quanto à inibição ou favorecimento do fenômeno. Portanto, o autor (1990, p. 105) avalia que a influência da escolaridade parece já estar em decréscimo, o que propiciaria ainda mais a proliferação das construções com apagamento do clítico.

Em sua análise, Bagno (2000, p. 244) destaca a baixa incidência de construções-SE, tanto no *corpus* oral (CLF) quanto no escrito (CLE), creditando o fato ao evitamento

[92] Quanto a essa questão, Nunes (ibid.) põe em evidência a distância entre o português brasileiro e o europeu: neste, a porcentagem de apagamento do SE no *corpus* de entrevistas é de apenas 2% (2 ocorrências em 97 construções).

dessas construções no PB. No CLF, o apagamento do SE é apontado por Bagno (2000, p. 244) como a estratégia mais frequente de evitamento do clítico. Outras estratégias igualmente observadas nesse *corpus* foram as construções de sujeito indeterminado na 3ª pessoa do plural, assim como o uso de *a gente* e *você* genéricos, preservando a ordem SVO com um sujeito neutro[93]. Vejamos dois exemplos do CLF nos quais figuram as estratégias mencionadas:

(110) *Doc. — e para se andar? [a cavalo]*

Inf. — ah: pra Ø andar aí Ø bota a sela... Ø bota a se:la Ø amarra assim... com a fivela embaixo da barriga de:le... e::... que mais? tem aquele estribo né?... e tem também:... os arreios que Ø bota aqui no pescoço dele e na boca... tem um negócio que ***chamam*** *de bridão que é pro pobrezinho não correr...* (REC – DID 150: 154-158)(BAGNO, 2000, p. 244)

(111) *L1 (...)* ***você*** *tem que ter máquina Schield para cavar... e proteger as paredes... porque se* ***você*** *cava sem Schield desaba tudo que está cheio de prédio em cima né?...* ***você*** *vai fazer... metrô... na TErra...****você*** *corta toda São Paulo (...)* (SAO – D2 343: 402-414) (BAGNO, 2000, p. 245)

No *corpus* escrito (CLE), Bagno comprova que a escassez de construções com SE é contrabalançada pelo uso considerável da passiva perifrástica com agente não explícito e que, de acordo com o pesquisador (2000, p. 247), demonstra a preferência dos autores dos textos pelos efeitos pragmáticos de maior clareza e rapidez de processamento que permite a construção [SER (ou outro auxiliar) + particípio]. Em Araújo Júnior (2006), já tínhamos apontado a forte presença da passiva perifrástica nos gêneros jornalísticos do PB, também atendendo necessidades de ordem pragmática (tematização do paciente, demoção do agente).

Em se tratando do PE, citamos a já comentada análise formal de Raposo & Uriagereka (1996)[94], na qual os autores analisam as construções-SE concordantes — tradicionalmente classificadas como passivas pronominais —, adotando como referencial teórico o programa minimalista. Por meio de vários testes, os autores demonstram que, contrariamente ao estabelecido pela norma padrão, essas sentenças

---

[93] Cf. Pezatti (1993, p. 164), o sujeito em questão é aparentemente temático, uma vez que o dado semântico mais importante está no verbo.
[94] Ver capítulo II, item II.2.1, p. 55.

são ativas: para Raposo & Uriagereka (1996, p. 750), tratam-se de construções de SE-indefinido, nas quais o argumento interno não é o sujeito sintático da construção, podendo ser um tópico (se cumprir com os requisitos exigidos para tal, como a definitude) ou assumir outra função discursiva.

Igualmente para o PE, Martins (2005) estuda a evolução histórica das construções-SE passivas e impessoais. Em sua análise, Martins (2005, p. 21) conclui que a passiva-SE do Português Antigo (*Pescam-se sardinhas*/ *Pesca-se sardinha*) deu origem a dois tipos de construção ativa no Português Moderno Padrão: uma concordante (*Pescam-se sardinhas*) e outra discordante (*Pesca-se sardinhas*). A autora (2005, p. 17-21) analisa ainda um terceiro tipo de construção impessoal com SE, contabilizada em dialetos continentais e insulares do PE não pertencentes ao padrão: as construções-SE de duplo sujeito, nas quais o clítico e um sintagma nominal associado assumem o papel de sujeito[95]. Segundo Martins (2005, p. 21), os dados dialetais sustentam a hipótese de que a construção-SE concordante do Português Moderno Padrão é ativa, uma vez que, dessa perspectiva, ela aparece como uma ligação natural entre a passiva do Português Antigo e as recentes construções-SE de duplo sujeito. Igualmente, a autora (2005, p. 21-2) discute determinadas construções-SE, nas quais a concordância se manifesta entre o verbo e um complemento verbal oblíquo. É possível encontrá-las com frequência na imprensa portuguesa e pertencem a um dialeto urbano de falantes escolarizados. A autora (2005, p. 22) exemplifica com os seguintes enunciados:

(112) *A Espanha pretende que, ainda antes das adesões previstas para 1996, se avancem com as reformas institucionais.* (*Público*, Peres & Móia 1995: 236)

(113) *Nos matrimónios terminar-se-ão com esperas absurdas, como as que decorrem enquanto duram os "banhos"*. (*Expresso*, Peres & Móia 1995: 236)

---

[95] De modo resumido, nessas construções o clítico se comporta como um dos sujeitos, para fins de concordância; a relação entre o SE e seu associado é rigorosa e requer compatibilidade semântica (MARTINS, 2005, p. 17). Citamos dois exemplos recolhidos pela autora (2005, p. 18): (i) *E era assim que* ***se a gente*** *vivia* (Lavre, Alentejo, CORDIAL-SIN, LVR 04); (ii) *Não sabem o que* ***a gente se*** *passámos aí* (Câmara dos Lobos, Madeira, CORDIAL-SIN, CLC 15). Por estar fora do nosso escopo, não trataremos o tema neste trabalho.

Segundo Martins (2005, p. 22), esses exemplos mostram que a concordância entre o verbo e um constituinte não necessariamente identifica esse constituinte como nominativo e, por conseguinte, como sujeito da sentença. Portanto, enquanto na gramática padrão essa opção se restringe à concordância entre o verbo e o complemento direto, nos dialetos urbanos de mais prestígio está permitida a concordância entre o verbo e um complemento oblíquo. Enunciados como (112) e (113) também ocorrem no PB, conforme mostramos nos exemplos (101) e (102).

Considerando as análises que comentamos para o PE (RAPOSO & URIAGEREKA, 1996; MARTINS, 2005) e para o PB (SAID ALI, 2006 e 2008; NARO, 1976; NUNES, 1990; PEZATTI, 1993; BAGNO, 2000; CAMACHO, 2000 e 2006; às quais adicionamos CAVALCANTE, 2006 e CYRINO, 2007), tanto para a variedade ibérica quanto para a brasileira em seus estágios atuais, a posição mais defendida é que as construções-SE (com verbo transitivo e SN) são ativas, e não passivas[96]. Com base no que propõe Maldonado (2006) para o espanhol, classificamos essas construções no PB como impessoais sempre que os eventos por elas representados tiverem um alto requisito de agentividade humana, independente da concordância. Em eventos de baixa elaboração como esses (cf. KEMMER, 1993, 1994), o fato de termos um sujeito esquemático (na forma de uma terceira pessoa genérica ou não identificada) leva à concordância com o sintagma nominal expresso de maior proeminência, normalmente o objeto direto (*En esta tienda se vendem productos importados* [PB: *Nesta loja se vendem produtos importados*]). Por outra parte, nos casos em que a concordância é violada (*En esta tienda se vende produtos importados* [PB: *Nesta loja se vende produtos importados*]), ou nos quais há marcação de caso (*Se eligió al candidato de la oposición para presidente* [PB: *Elegeu-se/Foi eleito o candidato da oposição para presidente*])[97], realça-se a qualidade humana do sujeito implícito. No caso específico das construções discordantes, Maldonado (2006, p. 340) observa que a violação da regra de concordância raramente acontece no discurso cotidiano oral ou escrito: trata-se de um fenômeno com fins

---

[96] Naro (1976) acredita, entretanto, que a passiva-SE sobreviveu ao processo de reanálise, persistindo no português em coexistência com outras construções-SE, como a impessoal.

[97] De acordo com a tradução do exemplo no PB e conforme já comentado em II.2.1, nessa língua a marcação de caso tem baixíssima incidência, aparecendo normalmente com verbos como **amar** (*Deve-se amar a Deus/ao próximo*), **respeitar** (*Nesta casa não se respeita aos mais velhos*), **temer** (*Teme-se ao diabo e não se teme a Deus*).

enfáticos, observável em contextos de alta formalidade (discursos políticos oficiais, falas pomposas, hipercultismos típicos da linguagem jornalística) e, portanto, de incidência esporádica e irrelevante frente às construções nas quais se dá a concordância verbo-tema. No PB, a maioria dos estudos que consultamos (NUNES, 1990; BAGNO, 2000; CAMACHO, 2000, 2006) aponta maior tendência à aparição de construções discordantes na modalidade oral, uma vez que a modalidade escrita está mais sujeita à pressão normativa, seja no ambiente escolar ou nos meios de comunicação impressa (livros, jornais, revistas, etc.). No PB atual, com a emergência de determinados gêneros escritos no âmbito digital (*chats*, mensagens de texto em celulares, comentários em blogs e em redes sociais) que demandam uma interação instantânea e próxima do discurso oral, é provável que aumente a incidência de construções discordantes também na modalidade escrita.

II.2.5.3. A ordem

Givón (1979) propõe que a posição de um sintagma nominal determina seu nível de topicalidade num enunciado; dessa forma, quando um SN aparece anteposto, o seu grau de topicalidade é alto.

Fernández Ramírez (1986, p. 416), em seu estudo quantitativo[98] sobre as passivas-*SE* no espanhol (*Se vendieron las motos* [PB: *Venderam-se as motos*/ *As motos foram vendidas*]), conclui que a preferência nessa língua é pela posposição do SN classificado como sujeito (*las motos*). Igualmente, afirma que a inversão (ordem VS) é um fenômeno "constante e tradicional" na língua espanhola e, portanto, não leva em conta a implicação que tem a anteposição ou posposição do SN/sujeito na constituição do enunciado. Já a análise de Mendikoetxea (1999) para as mesmas construções corrobora as afirmações de Givón. De acordo com Mendikoetxea (1999, p. 1674), o SN/sujeito dessas construções aparece normalmente posposto, o que revelaria o baixo grau de topicalidade que esse constituinte tende a apresentar em enunciados do gênero.

[98] A frequência relativa (anteposição – posposição) observada por Fernández Ramírez (1986, p. 416) em seu *corpus* de análise foi de 100/145. O autor não detalha esse *corpus*, porém todos os exemplos que fornece em seu estudo são da língua escrita, recolhidos de autores/pensadores de língua espanhola (majoritariamente do espanhol peninsular), nos moldes das análises prescritivas.

Ainda segundo Mendikoetxea (1999, p. 1674), o que favorece a posposição (e, por conseguinte, a baixa topicalidade) é o fato de que o sujeito gramatical da construção (*las motos*) é o objeto nocional ou lógico do verbo (*vender*). Nos casos em que o SN/sujeito aparece anteposto, este passa a ser interpretado, do ponto de vista discursivo, como tópico ou foco, conforme se vê nos exemplos da autora (1999, p. 1674):

(114) (a) *Pusieron a la venta unos pisos sin construir en la carretera de Madrid a muy bajo precio;* ***los pisos*** *se vendieron rápidamente, y luego los promotores se escaparon con el dinero sin construirlos.* [PB: *Puseram à venda uns apartamentos na planta, na rodovia de Madri, a preços muito baixos; os apartamentos (se) venderam/foram vendidos rapidamente, e depois os promotores fugiram com o dinheiro sem construí-los.*]

(b) *¡****Cangrejos así de grandes*** *se cogían en este río!* [PB: *¡Caranguejos enormes se pegavam/se apanhavam/eram apanhados neste rio!*]

Em (114a), o SN *los pisos* funciona como tópico: é informação conhecida, já mencionada, cujo referente é o mesmo que o do SN *unos pisos*, presente na oração anterior. Mendikoetxea (1999, p. 1659) utiliza o mesmo raciocínio para explicar a anteposição do SN nas construções que denomina **médias-passivas** (as médias de atributo interno (MAI), no modelo de Maldonado): em um enunciado como *Las camisas de algodón se lavan fácilmente* [PB: *As camisas de algodão (se) lavam facilmente/são fáceis de lavar*], o SN/sujeito (*las camisas de algodón*) tem função discursiva de tópico: é o ponto de partida da informação veiculada pelo enunciado, o elemento do qual se predica uma propriedade (a facilidade de lavar). Em (114b), o SN anteposto funciona como foco: é informação nova, cujo realce no enunciado busca enfatizar o tamanho dos caranguejos que se costumava pegar/apanhar no rio. Mendikoetxea (1999, p. 1675) afirma que, em ambos os casos, a anteposição dos SNs vem determinada por razões discursivas concretas.

Neste ponto, chamamos a atenção para as possibilidades do espanhol e do PB no que diz respeito à anteposição de SNs. Partindo do enunciado (115a), com SN posposto, oferecemos possibilidades de anteposição por meio de reformulações em (115b), (115c) e (115d).

(115) (a) *Se aparcó el coche en una calle desierta .* [PB: *Estacionou-se o carro numa rua deserta*.]

(b) *El coche se aparcó en una calle desierta.* [PB: *O carro se estacionou numa rua deserta*[99].]

(c) *El coche lo aparcaron en una calle desierta.* [PB: *O carro, estacionaram-no* [muito formal]*/ estacionaram ele numa rua deserta.*]

(d) *El coche fue aparcado en una calle desierta.* [PB: *O carro foi estacionado numa rua deserta.*]

No espanhol, conforme a análise de González (1994), as possibilidades (b) e (c) são as mais produtivas, dada a preferência da língua pelas construções com clíticos; em contrapartida, o uso reduzido da passiva perifrástica reflete a baixa primazia dessa construção no espanhol. No PB, González (1994) aponta uma tendência inversa: os enunciados (b) e (c) teriam frequência reduzida, devido ao declínio das construções com clíticos nessa língua (note-se que em (c), caso quiséssemos explicitar um pronome, este seria tônico [*ele*] e dificilmente átono, construção possível, porém excessivamente formal e cada vez mais rara), de maneira que a passiva perifrástica se converteria na possibilidade mais frequente de anteposição. As preferências distintas nas duas línguas, no que diz respeito à anteposição, constituem parte do que González (1994, 1998, 2005) denomina inversas assimetrias entre o espanhol e o PB: enquanto o PB é uma língua de sujeito pronominal predominantemente pleno e que privilegia as categorias vazias ou as formas tônicas para a expressão dos complementos, o espanhol é claramente uma língua de sujeitos pronominais predominantemente nulos e de complementos clíticos abundantes, às vezes duplicados por uma forma tônica (*A tu cuñado lo han despedido por irresponsable* [PB: *O teu cunhado, despediram(-no)/ele por ser irresponsável*]). No caso específico da inversa assimetria quanto ao uso da passiva perifrástica, comprovamos as hipóteses de González em Araújo Júnior (2006), analisando *corpora* escritos de espanhol, PB e produções não nativas de aprendizes brasileiros de E/LE.

---

[99] Construções do gênero têm baixa ocorrência no PB, onde a topicalização preferencial se dá pela passiva perifrástica (*O carro foi estacionado numa rua deserta*). Entretanto, não as consideramos duvidosas, uma vez que encontramos diversas incidências na Internet (consulta em 01/10/13). Citamos dois exemplos: *Ouvimos uma buzinada e logo o carro se estacionou* (http://alltimefics.com/fics/f/fivenewdirections/, sem data); *O carro se estacionou bem à frente do bar* (http://faroberto.blogspot.com.br, 14/03/12).

Em algumas análises formais (GRIMSHAW, 1982; FAGAN, 1988; entre outros), é comum assumir que o clítico *SE* elimina o argumento externo do verbo e que, como consequência, o argumento interno poderia mover-se para a posição pré-verbal (*El ejército rebelde destruyó todas las casas* [PB: *O exército rebelde destruiu todas as casas*] → *Todas las casas se destruyeron* [PB: ??*Todas as casas se destruíram / Todas as casas foram destruídas*]). Maldonado (2006, p. 329) considera tais análises limitadas por não explicarem determinados casos, nos quais o movimento do argumento interno para a posição pré-verbal resultaria em construções duvidosas (*Los inspectores vieron todas las casas* [PB: *Os inspetores viram todas as casas*] → ??*Todas las casas se vieron* [PB: ??*Todas as casas se viram / Todas as casas foram vistas*]). Portanto, apoiando-se nas afirmações de Givón (1979) sobre a topicalidade, Maldonado (2006, p. 321) propõe que, nas construções-*SE*, a anteposição do SN é determinada pelo requisito de agentividade humana do verbo. Em função desse critério, o SN anteposto teria duas possibilidades: poderia ocupar a posição de sujeito ou constituiria um tópico.

O autor (2006, p. 321-2) busca demonstrar sua hipótese a partir do exame das restrições de movimento do SN com distintos tipos de verbo. Nesse sentido, Maldonado estende para as construções-*SE* do espanhol, em alguns casos, a análise que Raposo & Uriagereka (1996) fizeram para o português, e propõe os seguintes cenários:

a) caso o movimento do argumento temático se dê para a posição canônica do sujeito (especificador de IP), a construção deve ser interpretada como passiva-*SE*; por conseguinte, as restrições observadas para a passiva perifrástica (com *ser* + particípio) e para a passiva-*SE* seriam as mesmas;
b) se os resultados forem díspares, o movimento do argumento é para uma posição de tópico e teríamos uma construção ativa com sujeito esquemático.

Assim como Raposo & Uriagereka (1996) mostraram para o português em relação com quantificadores universais, na passiva perifrástica o tema pode preceder o verbo. Por meio de exemplos, Maldonado (2006, p. 322) atesta o mesmo para o espanhol (116), e acrescenta que a anteposição nas construção-*SE* dessa língua pode levar a resultados duvidosos (117):

(116) (a) *Fueron vistas todas las casas.* [PB: *Foram vistas todas as casas.*]

(b) *Todas las casas fueron vistas*. [PB: *Todas as casas foram vistas*.]

(117) (a) *Se vieron todas las casas*. [PB: *Viram-se todas as casas/ Se viram (viu) todas as casas*. (coloquial)]

(b) ??*Todas las casas se vieron*. [PB: ??*Todas as casas se viram*.]

Segundo Maldonado (2006, p. 322), a qualidade humana do agente é tão relevante nesse tipo de verbos que, caso o tema também seja humano, sua anteposição é aceita na passiva perifrástica, porém bloqueada na construção-*SE*, conforme mostram os exemplos do autor:

(118) *Todas las familias fueron visitadas/ atendidas.* [PB: *Todas as famílias foram visitadas/ atendidas*.]

(119) (a) *Se visitaron todas las familias*. [PB: *Visitaram-se todas as famílias./ Se visitaram (visitou) todas as famílias*.]

(b) **Todas las familias se visitaron*. [PB: **Todas as famílias se visitaram*.]

(120) (a) *Se atendieron todas las familias*. [PB: *Atenderam-se todas as famílias./ Se atenderam (atendeu) todas as famílias*.]

(b) **Todas las familias se atendieron*. [PB: **Todas as famílias se atenderam*.]

Os enunciados (119b) e (120b) só são aceitáveis com uma leitura reflexivo/ recíproca: no caso, o SN anteposto tem função sintática de sujeito e, no nível semântico, desempenha os papéis de agente e paciente. De qualquer forma, essa interpretação é consistente com a exigência de agentividade humana do verbo proposta pelo autor.

Outro dado que reforça a hipótese de Maldonado provém do comportamento das construções-*SE* em orações complexas com verbos de controle, como *querer*. O autor (2006, p. 323) fundamenta-se na observação de Burzio (1986) segundo a qual os verbos de controle são incompatíveis com as construções-*SE* de sintagmas nominais antepostos. O requisito dos fenômenos de controle é que o sujeito humano da oração principal controle o sujeito também humano da oração subordinada. Considerando os exemplos de Maldonado (2006, p. 323), esse requisito é atendido apenas na passiva perifrástica; na construção-*SE*, o resultado é inaceitável:

(121) (a) *Los prisioneros quieren ser ayudados*. [PB: *Os prisioneiros querem ser ajudados*.]

(b) **Los prisioneros quieren ayudarse*. [PB: **Os prisioneiros querem ajudar-se*.]

(122) (a) *Persuadí a los prisioneros de que fueran ayudados*. [PB: *Persuadi os prisioneiros a serem ajudados*.]

(b) **Persuadí a los prisioneros de ayudarse*. [PB: **Persuadi os prisioneiros a ajudar-se*.]

Do mesmo modo que com outros verbos com requisito alto de agentividade humana, a anteposição só é aceitável quando produz uma interpretação reflexivo/ recíproca. Resultados similares são obtidos com o uso de construções causativas: de acordo com os exemplos do autor (2006, p. 324), enquanto nas passivas perifrásticas a anteposição do SN não representa problema algum (123), nas construções-*SE* os resultados são duvidosos (124):

(123) (a) *El guardia dejó/ permitió/ ordenó que fueran robados varios automóviles*. [PB: *O guarda deixou/ permitiu/ ordenou que fossem roubados vários automóveis*.]

(b) *El guardia dejó/ permitió/ ordenó que varios automóviles fueran robados*. [PB: *O guarda deixou/ permitiu/ ordenou que vários automóveis fossem roubados*.]

(124) (a) *El guardia dejó/ permitió/ ordenó que se robaran varios automóviles*. [PB: *O guarda deixou/ permitiu/ ordenou que se roubassem vários automóveis*.]

(b) ??*El guardia dejó/ permitió/ ordenó que varios automóviles se robaran*. [PB: ??*O guarda deixou/ permitiu/ ordenou que vários automóveis se roubassem*.]

Por outro lado, a anteposição do SN a uma posição de tópico melhora sensivelmente a aceitação do enunciado, conforme exemplifica Maldonado (2006, p. 324):

(125) (a) *Varios automóviles, el guardia permitió dejó/ permitió/ ordenó que se los robara*. [PB: *Vários automóveis, o guarda deixou/ permitiu/ ordenou que se roubasse(m)*.]

(b) *Algunas canciones de protesta, el guardia permitió dejó/ permitió/ ordenó que se las cantara*. [PB: *Algumas canções de protesto, o guarda deixou/ permitiu/ ordenou que se cantasse(m)*.]

Em (125), nos enunciados em espanhol, os SNs antepostos (*varios automóviles* / *algunas canciones de protesta*) são retomados por clíticos de objeto direto (*los* em (125a) e *las* em (125b)); igualmente, a ausência de concordância do SN com o verbo reforça sua interpretação como objetos, e não como sujeitos. Nos enunciados em PB, os SNs vão para a posição de tópico, porém sem retomada na sentença como clíticos, em razão da perda dessas formas na língua. A ausência de clíticos possibilitaria tanto o verbo no singular (*roubasse*/ *cantasse*) como no plural (*roubassem*/ *cantassem*), em concordância com os tópicos. Entretanto, apesar da concordância, o requisito de agentividade humana desses verbos é mais relevante, o que leva à interpretação dos SNs como objetos.

Portanto, de acordo com a formulação de Maldonado, a presença de verbos com requisito alto de agentividade humana nas construções-*SE* normalmente sinaliza a presença de um agente esquemático com a função de sujeito; dessa forma, a anteposição do SN constituiria um movimento para uma posição de tópico. Segundo o autor (2006, p. 328), caso os verbos tenham menor exigência de um sujeito agente, não haveria restrições à anteposição:

(126) (a) *Los bomberos impidieron que se quemara la casa*. [PB: *Os bombeiros impediram que se queimasse a casa*.]

(b) *Los bomberos impidieron que la casa se quemara*. [PB: *Os bombeiros impediram que a casa se queimasse*.]

Se forçarmos uma topicalização do SN (128), esta tem características idênticas às da topicalização do sujeito (127): os pronomes de retomada são de sujeito (e não clíticos) e sua codificação é opcional:

(127) *Los Alonso, (ellos) viajaron y solo regresan el mes que viene*. [PB: *Os Alonso, eles viajaram e só retornam no mês que vem*.][100]

(128) *La casa, los bomberos impidieron que (ella) se quemara*. [PB: *A casa, os bombeiros impediram que ela se queimasse*.]

Nas versões ao PB, a exigência cada vez maior de um sujeito expresso nessa língua, principalmente na 3ª pessoa, faz com que os pronomes de retomada sejam codificados na construção.

[100] Exemplo nosso.

Em suma, Maldonado (2006, p. 329) propõe duas construções com anteposição determinada pelo nível de proeminência do agente humano esquemático:

a) se o agente é mais proeminente, o SN anteposto ocupa a posição de tópico e a construção é impessoal (*Aquí los problemas se discuten de modo civilizado* [PB: *Aqui os problemas se discutem de forma civilizada*] → *los problemas*= tópico)[101].
b) se o agente tem baixa proeminência, o SN anteposto ocupa a posição de sujeito e a construção é MPT (*La casa se quemó en solo dos dias* [PB: *A casa (se) queimou em apenas dois dias*] → *la casa*= sujeito).

Como verbos mais propensos a constituir construções impessoais-SE, Maldonado (2006, p. 330) destaca os de percepção (*ver*, *oír*, *escuchar*, etc.), os de processamento mental (*considerar*, *suponer*, *pensar*, *recordar*, etc.) e os de processamento comunicativo (*declarar*, *predecir*, *hablar*, *prohibir*, *permitir*, etc.), nos quais o requisito verbal de agentividade humana é alto. Em se tratando de verbos nos quais esse requisito não é preponderante (como *abrir* e *cerrar*), o autor (2006, p. 330) propõe que:

a) quando o SN é posposto, a construção resultante pode ser uma impessoal, se pressupõe um agente humano (*Se abrieron las puertas con cuidado* [PB: *Abriram-se as portas com cuidado*]); uma MPT, se a força indutora não é humana e está em segundo plano (*Se abrieron las puertas con el viento* [PB: *Abriram-se as portas com o vento*]); ou uma média espontânea, na qual não há indução externa alguma (*Se abrieron las puertas por sí solas* [PB: *Abriram-se as portas sozinhas*]);
b) quando o SN é anteposto, a construção resultante normalmente é uma MPT (*Las puertas se abrieron con el viento* [PB: *As portas (se) abriram com o vento*]) ou uma média espontânea (*Las puertas se abrieron por sí solas* [PB: *As portas (se) abriram sozinhas*); mas se for possível atribuir a força indutora a um agente humano, teríamos uma impessoal com o SN na posição de tópico (*Las puertas se abrieron a eso de las diez* [PB: *As portas (se) abriram por volta das dez*]).

[101] Os exemplos fornecidos em **a** e **b** são nossos.

Em se tratando do PB, tivemos acesso a duas análises diacrônicas nas quais se estuda o fator ordem nas construções-SE. Nunes (1990) analisa a relação entre a posição do argumento interno e a discordância, obtendo resultados análogos aos observados para o espanhol; ou seja, a posposição do SN no PB, além de mais frequente, também favorece a discordância. No caso de Nunes (1990), quando o argumento interno está posposto ao verbo, a discordância verbal é exatamente o dobro da situação inversa. Igualmente, segundo os dados da tabela, o número de incidências de SNs antepostos é de apenas 27% do total, contra 73% de SNs pospostos. Podemos ver esses resultados na tabela mostrada a seguir:

POSIÇÃO	DISCORDÂNCIAS	TOTAL	%
Anteposto	9	53	17
Posposto	49	144	34
Total geral	**58**	**197**	**29**

Tabela 2.2 – Discordância verbal em relação à posição do argumento interno (NUNES, 1990, p. 79)

O estudo de Cyrino (2007) faz uma análise diacrônica sobre as estruturas cuja reanálise teriam levado ao aparecimento de construções-SE (passivas-SE e impessoais-SE) com promoção de argumento no PB. Na conclusão desse estudo, Cyrino (2007, p. 108) observa que a maioria das construções com anteposição observadas tem como característica um SN argumento interno com traço [-animado]. Entretanto, a autora (2007, p. 108) acrescenta que ainda é necessário analisar a emergência dessas construções e as classes de verbos com os quais ocorrem, bem como verificar a relevância de traços aspectuais que parecem estar envolvidos no fenômeno.

Neste ponto, concluímos nossos comentários acerca do contínuo passivo-impessoal no espanhol e no PB. Nosso percurso partiu da proposta de Maldonado (2006), segundo a qual os fatores preponderantes para analisar esse contínuo e estabelecer classificações são o requisito verbal de agentividade humana, o aspecto (léxico e morfológico), a concordância e a ordem. À medida que descrevíamos a proposta de Maldonado (2006), procuramos cotejá-la com outras análises e apontar convergências e divergências. Ao mesmo tempo, tratamos de verificar a incidência dos fatores mencionados no funcionamento das duas línguas. Como desfecho desse

percurso, resumimos as conclusões de Maldonado (2006) sobre tais fatores e, com base nos estudos que consultamos, assumimos que essas considerações também se aplicam ao PB:

a) o requisito verbal de agentividade tem mais peso que os demais fatores, quando se trata de especificar se a construção é passiva ou impessoal;
b) a concordância se estabelece sempre com o elemento expresso de maior proeminência numa construção, que não necessariamente é o sujeito;
c) a mudança de ordem confere maior relevância a elementos que normalmente possuem um nível secundário de proeminência na construção.

Feitas as considerações sobre o requisito de agentividade humana, o aspecto, a concordância e a ordem no contínuo passivo-impessoal, ora comentamos as construções-*SE*/SE de estrutura sintática complexa, citadas no final do item II.1 (p. 49) e cuja classificação divide opiniões. Consideremos os exemplos a seguir:

(129) (a) *Se prohíbe fumar en los pasillos*. [PB: *Proíbe-se fumar nos corredores./É proibido fumar nos corredores*.]

(b) *Se dice que habrá pronto elecciones*. [PB: *Diz-se que logo haverá eleições*.]

A NGLE (RAE, 2009, p. 3091) afirma que a sentença infinitiva em (129a) e a sentença introduzida por *QUE* em (129b) não devem ser interpretadas como complementos diretos, já que rejeitam os pronomes de acusativo (**Se lo prohíbe en los pasillos*; **Se lo dice*); portanto, em (129) teríamos passivas-*SE* com sujeitos oracionais. De nossa parte, consideramos que ambas as construções são impessoais-*SE*, fundamentando-nos no requisito verbal de agentividade humana (MALDONADO, 2006; BAGNO, 2000; SAID ALI, 2008): tanto *prohibir* quanto *decir* têm alta requisição de agentes humanos. Além disso, se substituímos o agente esquemático em (129) por um referente explícito, teremos enunciados ativos (130) nos quais não há dúvida sobre a classificação sintática das sentenças subordinadas: ambas funcionam como complementos diretos.

(130) (a) *La administración prohíbe fumar en los pasillos*. [PB: *A administração proíbe fumar nos corredores*.]

(b) *El portavoz dice que habrá pronto elecciones*. [PB: *O porta-voz diz que logo haverá eleições*.]

A NGLE (RAE, 2009, p. 3091) classifica os enunciados como (131) como passivos, porém afirma que a concordância do SN com os verbos *desear* [PB: *desejar*] e *esperar* [PB: *esperar*] se deve à interpretação implícita desses verbos como auxiliares por parte dos falantes, quando na realidade não o são. Portanto, recomenda que tais verbos sejam usados no singular:

(131) (a) *Cuando se desean obtener éxitos que están fuera de nuestro alcance*…(RAE, 2009, p. 3091) → Recomendado: *Cuando se desea obtener éxitos que están fuera de nuestro alcance*… [PB: *Quando se desejam obter triunfos que estão fora do nosso alcance… → Quando se deseja obter triunfos que estão fora do nosso alcance…* .]

(b) *Se esperan alcanzar las quinientas mil firmas necesarias para el referéndum*. (RAE, 2009, p. 3091) → Recomendado: *Se espera alcanzar las quinientas mil firmas necesarias para el referéndum* [PB: *Esperam-se conseguir as quinhentas mil assinaturas necessárias para o referendo*. → *Espera-se conseguir as quinhentas mil assinaturas necessárias para o referendo*.]

A posição que defendemos é que a concordância de *desear* e *esperar* com os SNs no plural (*éxitos* e *quinientas mil formas*) pode ser melhor explicada pela proposta de Maldonado (2006, p. 316): em eventos com baixa elaboração, nos quais o sujeito se apresenta na forma de uma terceira pessoa genérica ou não identificada, a concordância passaria a realçar um elemento de menor relevo[102]. Igualmente, o alto requisito de agentividade humana de *desear* e *esperar* nos leva a classificar os enunciados de (131) como impessoais.

No que diz respeito às construções-*SE* com verbos modais seguidos de infinitivo, Monge (1955, p. 24) atesta sua presença no espanhol a partir dos primeiros documentos da língua, por volta do século XII. Acerca dessas construções, o autor (1955, p. 24) faz os seguintes comentários:

---

[102] Ver os enunciados de (101), na página 86 deste capítulo.

a) se o verbo no infinitivo é intransitivo, a construção é ativa (*Se debe catar e conocer de las dos cuadraduras de la luna e de su opposicion* (MONGE, 1955, p. 26) [PB: *Deve-se observar e conhecer as duas quadraturas da lua e de sua oposição*]);

b) se o verbo é transitivo, a construção é passiva (*Yo ueo que's deuen poner las cosas en tres maneras* (MONGE, 1955, p. 25) [PB: *Eu vejo que se devem colocar as coisas de três modos*])[103].

Maldonado (2006, p. 335) propõe revisar as apreciações de Monge com especial cuidado. Para melhor ilustrar seu ponto de vista, Maldonado (2006, p. 336) recorre ao seguinte exemplo:

(132) (a) *Se puede fumar*. [PB: *Pode-se fumar*.]
(b) *Se puede fumar mariguana*. [PB: *Pode-se fumar maconha*.]

Segundo esse autor (2006, p. 336), se fosse adotada a classificação de Monge (1955), (132a) seria impessoal e (132b) seria passiva. Entretanto, Maldonado (2006, p. 336) não identifica em (132b) nenhum traço de passividade; ao contrário, defende que a presença de um verbo modal na construção acaba por dar mais proeminência ao agente humano esquemático do que à mudança de estado sofrida pelo tema.

Outra razão pela qual Maldonado (2006, p. 336) rejeita a ideia de que os verbos modais com *SE* produzam construções passivas é que tais verbos não são transitivos: o processo de gramaticalização de verbos como *deber* [PB: *dever*] implica necessariamente na eliminação do seu *status* transitivo para funcionar como auxiliares e introduzir um valor deôntico (*debo mucho dinero* > *debo pagar mucho dinero*). Portanto, de acordo com o autor (2006, p. 337), a noção de obrigação em *deber* faz com que o sujeito dos verbos com os quais se combina cumpram também com a exigência de ter um sujeito humano. Ilustramos essa afirmação com o exemplo a seguir:

(133) (a) *Se cerró la puerta*. [PB: *Fechou(-se) a porta./ A porta fechou*.]
(b) *Se debe cerrar la puerta*. [PB: *Deve-se fechar a porta*.]

---

[103] Os exemplos citados foram recolhidos por Monge de uma obra escrita no espanhol medieval. A referência completa é: LC. Aly ben RAGEL. *Libro complido de los judizios de las estrellas* (1254). Ed. De GEROLD HILTY, RAE, Madrid, 1954.

Conforme já comentado neste capítulo (p. 109), verbos como *cerrar*, *abrir*, *quebrar*, etc. possuem baixo requisito de agentividade humana. Portanto, o evento codificado em (133a) não pode ser atribuído necessariamente a um agente humano: outros fatores como o vento ou um mecanismo próprio da porta poderiam ter ocasionado seu fechamento. Já em (133b), a presença do modal *deber* implica necessariamente a atuação de um agente humano no processo; dessa forma, de acordo com o requisito verbal de agentividade humana, (133b) é uma construção impessoal. Para Maldonado (2006, p. 337), no passo seguinte da gramaticalização o verbo passaria a ter um valor epistêmico, que consiste precisamente na perda da obrigação imposta ao agente indutor (*La puerta se debe abrir/cerrar automáticamente, (me imagino/supongo)* [PB: *A porta deve (se) abrir/fechar automaticamente, (imagino/suponho)*]). Assumimos que as apreciações feitas sobre as construções-*SE* complexas (com orações subordinadas, perífrases e verbos modais) no espanhol são igualmente válidas para o PB, conforme se vê na tradução dos exemplos fornecidos.

Com respeito ao comportamento passivo ou ativo das construções-*SE*/SE abordadas até o momento neste estudo, parece-nos esclarecedor o seguinte comentário de Maldonado (2006, p. 331)[104]:

> La larga discusión respecto de la pasividad o actividad de las construcciones con se responde pues al reconocimiento de una situación de competencia entre la agentividad y la porción terminal por obtener el grado máximo de prominencia en la construcción. Nótese primero que en ello no hay un contraste de voz activa/pasiva. Lo que hay son distintos grados de focalización sobre el cambio de estado que sufre un elemento temático. Tal focalización tiene rasgos de pasividad, pero no constituye una construcción pasiva en sí.

Segundo o autor (2006, p. 331), a focalização sobre a mudança de estado só se neutraliza quando o agente é humano (*Se estudió el problema antes de ofrecer una solución* [PB: *Estudou-se o problema antes de oferecer uma solução*]). No caso, já nos encontramos na zona das construções impessoais (cf. a figura 2.1), onde a

[104] Nossa tradução: "A longa discussão a respeito da passividade ou atividade das construções com se responde, pois, ao reconhecimento de uma situação de competição entre a agentividade e a porção terminal para obter o grau máximo de proeminência na construção. Note-se, primeiramente, que não há nisso um contraste de voz ativa/passiva. O que há são distintos graus de focalização sobre a mudança de estado que sofre um elemento temático. Tal focalização tem traços de passividade, mas não constitui em si uma construção passiva."

conceitualização do evento se abre para incluir tanto a indução de energia quanto a mudança de estado — ou seja, o evento é conceitualizado do ponto inicial (trajetor) ao final (*landmark*). Portanto, o grau de elaboração do evento nas construções impessoais permite considerá-las como ativas, só diferindo das transitivas (*El equipo estudió el problema...* [PB: *A equipe estudou o problema...*]) por apresentarem um agente esquemático.

Para finalizar as considerações sobre o contínuo passivo-impessoal, reproduzimos o quadro que Maldonado (2006, p. 332) elaborou e que sintetiza os resultados da sua proposta de análise. No intuito de ilustrar as combinações possíveis, optamos por fornecer exemplos em espanhol e suas traduções no PB, os quais não constam no quadro original do autor.

ASPECTO LÉXICO E MORFOLÓGICO	INDUÇÃO	CONSTRUÇÃO
verbo perfectivo + aspecto perfectivo	humana	**Impessoal perfectiva** E: *Se pagaron las deudas.* PB: *Pagaram-se as dívidas.*
	não humana	**MPT** E: *La casa de mi vecino se quemó.* PB: *A casa do meu vizinho (se) queimou.*
verbo imperfectivo + aspecto perfectivo	humana	**Impessoal perfectiva** E: *Se escuchó la música con atención.* PB: *Escutou-se a música com atenção.*
	não humana	**MPT** E: *La casa se destruyó con los años.* PB: *A casa se destruiu com os anos.*
verbo imperfectivo + aspecto imperfectivo	humana	**Impessoal** E: *En mi escuela se enseñaba árabe.* PB: *Na minha escola se ensinava árabe.*

verbo perfectivo + aspecto imperfectivo	humana	**Impessoal** E: *Aquí se venden buenos vinos.* PB: *Aqui se vende(m) bons vinhos.*
	não humana	**MPT** E: *Muchos objetos se pierden en los estadios.* PB: *Muitos objetos se perdem nos estádios.*

Quadro 2.2 – Construções-*SE*/SE: Correlação entre aspecto e indução (MALDONADO, 2006, p. 332)

II.3. As construções impessoais intransitivas

Os estudos diacrônicos que consultamos para o espanhol e o português (para o espanhol: KÄRDE, 1943; MONGE, 1955; GILI GAYA, 1978; para o português: NARO, 1976; NUNES, 1990; MARTINS, 2005; CAVALCANTE, 2006; CYRINO, 2007) assumem que, nessas línguas, a aparição de distintas construções com o *SE*/SE provém de um processo de erosão semântica do reflexivo latino e sua posterior gramaticalização e extensão a outros usos. Nesse percurso, o último estágio que esses estudos apontam é o surgimento das impessoais intransitivas.

No caso do espanhol, Monge (1955, p. 80) afirma que a origem das impessoais-*SE* com verbos intransitivos está claramente documentada desde fins do século XV. Para Monge (1955) e Martín Zorraquino (1979), o provável surgimento das impessoais-*SE* intransitivas teria ocorrido como extensão de construções transitivas cujo complemento é passível de elisão; o percurso seria, pois: *se cantan las canciones* [PB: *cantam-se as canções*] > *se canta las canciones* [PB: *canta-se as canções*] > *se canta* [PB: *canta-se*] > *se va* [PB: *vai-se*]. Essa hipótese é discutível, até porque o próprio Monge (1995, p. 70) reconhece que a construção discordante (*se canta las canciones*), embora encontrada na língua espanhola desde épocas remotas, nunca se generalizou. Igualmente, Maldonado (1989, p. 347) mostra que a combinação do clítico com verbos intransitivos já ocorre no século XIII, particularmente com verbos de movimento (*uandent se*).

Em se tratando do PB, de acordo com Naro (1976) e Nunes (1990), quando as construções-SE discordantes são introduzidas na língua, a passiva-SE perde força e

passa a ser analisada como impessoal-SE (ver comentários em II.2.5.2, p. 96). Nunes (1990, p. 94) aponta que o processo de expansão das impessoais-SE viria na sequência, dando origem a construções intransitivas, conforme especificado na citação a seguir:

> Uma vez que o português passou a admitir construções em que um pronome referencial nulo na posição de sujeito é indeterminado pelo clítico se, era de se esperar que qualquer verbo — e não apenas os transitivos — que pudesse ter um pronome referencial nulo em sua posição de sujeito (possuindo traço [+humano]) pudesse também fazer parte de uma construção com se indeterminador. (NUNES, 1990, p. 94-5)

Por motivos de concisão, não iremos além com essas questões diacrônicas neste trabalho, optando, assim, por focar-nos na descrição das impessoais intransitivas no espanhol e no PB em seu estado atual. As construções desse gênero e que são comuns às duas línguas estão especificadas a seguir:

a) com verbos transitivos usados intransitivamente: *Aquí se come y se bebe sin gastar mucho* [PB: *Aqui se come e se bebe sem gastar muito*];
b) com verbos inergativos: *En esta oficina se trabaja demasiado* [PB: *Neste escritório se trabalha demais*];
c) com verbos ergativos: *No se crece tanto sin una dieta sana* [PB: *Não se cresce tanto sem uma dieta saudável*];
d) com verbos que têm complemento preposicionado: *Aún no se pensó en las soluciones para este problema* [PB: *Ainda não se pensou nas soluções para este problema*];
e) com verbos copulativos: *Se es feliz cuando se es joven* [PB: *É-se feliz quando se é jovem*];
f) com verbos em construções passivas perifrásticas: *Amar es doloroso cuando se es rechazado* [PB: *Amar é doloroso quando se é rejeitado*].

As construções mostradas em **a**, **b** y **d** podem constituir enunciados genéricos (*Aquí se come y se bebe sin gastar mucho* [PB: *Aqui se come e se bebe sem gastar muito*]) ou existenciais (*Aquí se comió y se bebió sin gastar mucho* [PB: *Aqui se comeu e se bebeu sem gastar muito*]; *En esta oficina se trabajó demasiado* [PB: *Neste escritório se trabalhou*

demais])[105]. De acordo com Mendikoetxea (1999, p. 1644), no primeiro caso, o aspecto imperfectivo favorece uma leitura universal do enunciado, na qual o sujeito tem interpretação genérica ("*todo el mundo*" [PB: "*todo mundo*"], "*la gente*" [PB: "*as pessoas*"], "*uno*" [PB: "*a gente*"], etc.). No segundo caso, o aspecto perfectivo favorece uma leitura existencial ("*alguien*" [PB: "*alguém*"], "*cierta gente*" [PB: "*certas pessoas*"], etc.): para que o enunciado seja verdadeiro, basta existir um indivíduo que tenha realizado a ação denotada pelo verbo.

Mendikoetxea (1999, p. 1701) afirma que as construções ergativas (**c**) geralmente são genéricas, de modo que sua incidência em enunciados impessoais com referência aspectual específica ou pontual é discutível (?**No se creció sin una dieta sana* [PB: ?**Não se cresceu sem uma dieta saudável*]). Entretanto, em construções com verbos ergativos que expressam movimento (*descender* [PB: *descer*], *bajar* [PB: *baixar*], *salir* [PB: *sair*], *llegar* [PB: *chegar*], etc.), desde que esteja expressa a direção ou o ponto inicial/final da trajetória, Mendikoetxea (1999, p. 1701) considera possível o aspecto perfectivo pontual. Vejamos os exemplos da autora:

(134) (a) ?**Se llegó tarde por la nueva carretera*. [PB: ?**Chegou-se tarde pela nova rodovia*.]

(b) *A causa del atasco, se llegó tarde al Bernabéu*. [PB: *Por causa do engarrafamento, chegou-se tarde ao Bernabéu*.]

(135) (a) ?**Se salió sin molestar*. [PB: ?**Saiu-se sem incomodar*.]

(b) *Se salió de la sala después del concierto*. [PB: *Saiu-se da sala depois do concerto*.]

(c) *Se salió a la calle después del concierto.* [PB: *Saiu-se pra rua depois do concertó.*]

Igualmente, as construções com verbos ergativos de emissão involuntária (MENDOKOETXEA, 1999, p. 1702), como *estornudar* [PB: *espirrar*], *toser* [PB: *tossir*], etc., podem aparecer tanto em contextos imperfectivos quanto perfectivos:

(136) (a) *Cuando se está resfriado, se estornuda mucho*. [PB: *Quando se está resfriado, espirra-se muito*.]

---

[105] Embora estejamos tratando as interpretações genéricas e existenciais ao falar das impessoais-*SE*/SE intransitivas, elas são válidas para qualquer construção impessoal com o clítico.

(b) *Como el aire acondicionado estaba a tope, ayer en mi trabajo se estornudó mucho*. [PB: *Como o ar condicionado estava no máximo, ontem no meu trabalho se espirrou muito*.]

As impessoais intransitivas com verbos copulativos (**e**) só costumam aparecer em contextos imperfectivos e de leitura genérica. Em contextos perfectivos, essas construções são agramaticais:

(137) (a) *Cuando se es optimista, la vida parece menos complicada*. [PB: *Quando se é otimista, a vida parece menos complicada*.]

(b) **Cuando se fue optimista, la vida pareció menos complicada*. [PB: **Quando se foi otimista, a vida pareceu menos complicada*.]

(138) (a) *Los momentos en que se está aburrido duran una eternidad*. [PB: *Os momentos em que se está entediado duram uma eternidade*.]

(b) **Los momentos en que se estuvo aburrido duraron una eternidad*. [PB: **Os momentos em que se esteve entediado duraram uma eternidade*.]

Finalmente, as impessoais intransitivas com verbos na passiva perifrástica (**f**) são consideradas de baixa incidência no espanhol, segundo Mendikoetxea (1999, p. 1704). A autora afirma que os enunciados do gênero parecem restringir-se ao presente (*En este tipo de empresa se es explotado por los patrones* [PB: *Neste tipo de empresa se é explorado pelos patrões*]) e ao *perfecto compuesto* (*A causa de la crisis económica, se ha sido obligado a vender la propia casa* [PB: *Por causa da crise econômica, foi-se obrigado a vender a própria casa*]). Entretanto, encontramos incidências dessas construções com outros tempos verbais:

(139) (a) *(...)¿antes si suspendías más de tres asignaturas no* ***se era obligado*** *a repetir?* (Extraído de: http://harrypotter.lsf.com.ar, em 23/09/2013) [PB: *(...) antes se você reprovava em mais de três disciplinas, não* ***se era obrigado*** *a repetir?*]

(b) *Es como si* ***se fuera invitado*** *por esa familia a comer y con su sabor característico familiar*. (Extraído de: http://mx.answers.yahoo.com, em 23/09/2013) [PB: *É como se* ***se fosse convidado*** *por essa família para comer e com seu sabor característico familiar*.]

No caso do PB, não temos dados quantitativos acerca da incidência da referida construção, que combina o uso do *SE*/SE com a estrutura verbal da passiva perifrástica.

Com base em González (1996) e Araújo Júnior (2006), nossa hipótese é de que, assim como no espanhol, essas construções tenham baixa ocorrência no PB, porém por motivos diferentes: no espanhol, devido à baixa produção de passivas perifrásticas na língua; no PB, devido ao uso decrescente das construções com o clítico.

Em se tratando das mudanças mais recentes com respeito à expansão das construções-SE no PB, Nunes (1990, p. 99) destaca aquelas em que ocorre o apagamento do clítico (*Aqui vende móveis usados*) ou sua inserção em sentenças infinitas (*É impossível se achar lugar aqui*). Ambos os fenômenos não se produzem na língua espanhola (**Aqui vende muebles usados*; **Es imposible encontrarse lugar aquí*). As construções com apagamento do SE já foram devidamente comentadas no item II.2.5.2 (p. 97-99), de maneira que ora nos atemos à presença do SE em construções infinitivas. Ao estudar o tema, Galves (1987) o classifica como um padrão do PB que também o distancia do português europeu: neste, usualmente não há clítico inserido (*É complicado chegar na hora com esse trânsito*). Segundo a autora (1987, p. 38), essa divergência se deve a diferenças na interpretação do sujeito nulo das infinitivas: no PB, a referência para esse sujeito nulo é um antecedente na sentença ou no discurso; no português europeu, a referência é um antecedente na sentença ou tem-se uma interpretação indeterminada. Portanto, a aparição do SE nas sentenças infinitivas do PB tem como finalidade impedir que o sujeito destas seja referencialmente vinculado ao tópico. Isso pode ser ilustrado com o seguinte exemplo da autora (1987, p. 40):

(140) *O João é difícil de pagar*.

Segundo Galves, a sentença resulta ambígua no PB, dando margem às interpretações (139a) e (139b), enquanto que apenas a primeira delas é avalizada no português europeu:

(141) (a) *É difícil de pagar o João.*
(b) *É difícil de o João pagar.*

Portanto, a estratégia de que se vale o PB para garantir a interpretação de (141a) é por meio da inserção do clítico SE, que resulta em:

(142) *O João é difícil de se pagar*.

Em seu estudo, Nunes (1990, p. 111) respalda a análise de Galves e constata que, em termos quantitativos, as construções infinitivas com SE chegam a ultrapassar as finitas a partir do século XIX. Dessa forma, o autor (1990, p. 115) destaca o século XIX como o período de maior expansão das construções-SE no PB, uma vez que: 1) a construção discordante (*Aluga-se bicicletas*) se consolida como a forma preferida na língua; 2) tem início a supressão do SE em sentenças finitas (*Aqui conserta sapatos*); 3) começa a haver inserção do clítico SE em sentenças infinitivas (*Nestas condições é impossível se fazer um trabalho decente*). Conforme a análise de Nunes (1990, p. 115), essas inovações distanciaram o PB do português europeu e gozam de inegável prestígio na variedade brasileira, embora repudiadas pelos gramáticos normativistas. De fato, no caso específico do SE em sentenças infinitivas, o levantamento feito por Cavalcante (2006, p. 17) para a variação Ø/SE com infinitivo (*Problema difícil de resolver/ Problema difícil de se resolver*) em amostras de fala (Nurc/RJ e Português Fundamental) e de escrita (jornais) do Português Brasileiro (PB) e do Português Europeu (PE) revela percentuais bem diferentes em cada variedade: o PE apresenta uma média de 8% de presença do SE nas amostras de fala e de escrita; no PB, a presença do clítico atinge uma média de 25% na fala e de 50% na escrita. A análise de Cavalcante (2006, p. 17) para o SE em sentenças infinitivas foi feita segundo o quadro teórico da Gramática Gerativa e está fundamentada em dois pontos:

(a) no tipo de SE que pode aparecer junto ao infinitivo: SE-passivo, SE-indefinido e SE-impessoal (cf. RAPOSO & URIAGEREKA, 1996; MARTINS, 2003);

(b) na natureza da concordância no PB e no PE (cf. GALVES, 1993; FIGUEIREDO SILVA, 1996).

Com base neste quadro teórico e nos resultados de um conjunto de mudanças ocorridas na gramática do PB, Cavalcante (2006, p. 17) argumenta a favor de que, no PE — um sistema em que a concordância é forte, capaz de licenciar e identificar sujeitos nulos — aparecem o SE-indefinido e o SE-impessoal; já no PB, o enfraquecimento da concordância faz com que apareça o SE-impessoal, como forma de identificar o referente

indeterminado da posição sujeito de infinitivo, em variação com os pronomes arbitrários *a gente* e *você*.

Cabe-nos apontar que as propostas de Galves (1987), Nunes (1990) e Cavalcante (2006) sobre a inserção do SE em sentenças infinitivas são igualmente compatíveis com o requisito verbal de agentividade humana proposto por Maldonado (2006). Vejamos alguns exemplos:

(143) (a) *É impossível se achar lugar aqui.*
(b) *É complicado se chegar na hora com esse trânsito.*
(c) *O João é difícil de se pagar.*
(d) *Nestas condições é impossível se fazer um trabalho decente.*

Em todos os enunciados de (143), os verbos presentes (*achar*, *chegar*, *pagar* e *fazer*) requerem um agente humano. De acordo com Bagno (2000, p. 240), a presença frequente de enunciados do gênero no PB pode ser explicada pela tendência que tem essa língua a explicitar o sujeito, já atestada nas análises de Kato & Tarallo (1986), Galves (1987, 1993), entre outras. Portanto, segundo Bagno (2000, p. 240), expressões como *problema difícil de se resolver* são interpretadas pelos falantes do PB como *problema difícil de* [alguém][a gente] resolver e seriam, pois, ativas. Essa afirmação de Bagno se contrapõe ao observado em algumas publicações de cunho prescritivo, como gramáticas e manuais de estilo, nos quais se atribui valor passivo a exemplos como *problema difícil de resolver*, *osso duro de roer*, etc. André (1997, p. 168) chega a usar a denominação passivas de infinitivo para expressões do gênero[106]. Martins (1997, p. 261)

[106] Mendikoetxea (1999, p. 1626) também propõe para o espanhol a existência de construções de infinitivo com sentido passivo, subdividindo-as em três variedades: a) complemento de um verbo causativo com *se* (*Pedro se dejó engañar por su amigo* [PB: *Pedro se deixou enganar por seu amigo*]); b) modificador de adjetivo (*El problema es fácil de resolver* [PB: *O problema é fácil de (se) resolver*]); c) modificador de nome (*Um proyecto a realizar (por un grupo de arquitectos*) [PB: *Um projeto a (se) realizar (por um grupo de arquitetos*)]).De nossa parte, classificamos o exemplo de **a** como uma construção média (cf. KEMMER, 1993, 1994), e os exemplos de **b** e **c** como construções ativas, levando em conta o requisito verbal de agentividade humana (cf. MALDONADO, 2006).

condena o uso do SE nessas expressões porque estas já têm valor passivo, de modo que o clítico seria desnecessário[107].

Numa perspectiva contrastiva, a frequente inserção do SE em construções com infinitivo do PB e a sua agramaticalidade no espanhol podem ser analisadas com base na inversa assimetria proposta por González (1994): no PB, a presença do SE tem como função sinalizar um sujeito humano, embora esquemático, que realiza a ação verbal; contrariamente, a ausência do clítico no espanhol corrobora a tendência nessa língua a apresentar sujeitos nulos, além de que nessa língua o infinitivo é, de fato, uma forma impessoal. Para concluir, respaldamos as afirmações de Nunes (1990) e Bagno (2000) sobre a generalização do SE inserido em construções infinitivas no PB; ressaltamos, ainda, que o fenômeno também tem efeitos sobre a aprendizagem de ELE por brasileiros, uma vez que é observável na produção não nativa desses aprendizes. Citamos alguns exemplos que computamos em Araújo Júnior (2006, p. 93):

(144) (a) *Pero cuando miramos las fotos en el ordenador nos quedamos surpresos y aflitos. Sólo había piedras y más piedras para* ***se estudiar****.* (C2: EC201152) [PB: *Mas quando olhamos as fotos no computador ficamos surpresos e aflitos. Só havia pedras e mais pedras para se estudar*.]

(b) *Él no tiene su oficina particular. Cuando hay alguno caso a* ***se resolver****, generalmente él se queda en la casa onde hay ocurrido el crimen.* (C2: ED101722) [PB: *Ele não tem um escritório particular. Quando há algum caso a se resolver, ele fica na casa onde ocorreu o crime*.]

II.4. Resumo do capítulo

Conforme especificamos no início deste capítulo (item II.1, p. 50), adotamos a proposta de Maldonado (2006) como ponto de partida para nossa pesquisa. A referida proposta, elaborada para o espanhol, relaciona a presença do *SE* nas construções médias, passivas e impessoais com o grau de elaboração da força indutora envolvida no evento. A partir dessa hipótese, o autor constrói um diagrama escalar (fig. 2.1, que aqui retomamos como fig. 2.8), que representa os distintos graus da referida força, do nível

[107] A Folha de São Paulo (2006, p. 139) tampouco recomenda o SE nesses casos, por considerá-lo "absolutamente dispensável".

mais alto ao mais baixo: seu ponto inicial é a construção absoluta (A) — na qual a indução energética não é conceitualizada — , passa por construções intermediárias (B a F), nas quais a indução é esquemática e, por fim, tem como ponto final a construção transitiva (G), na qual a força indutora está codificada no enunciado.

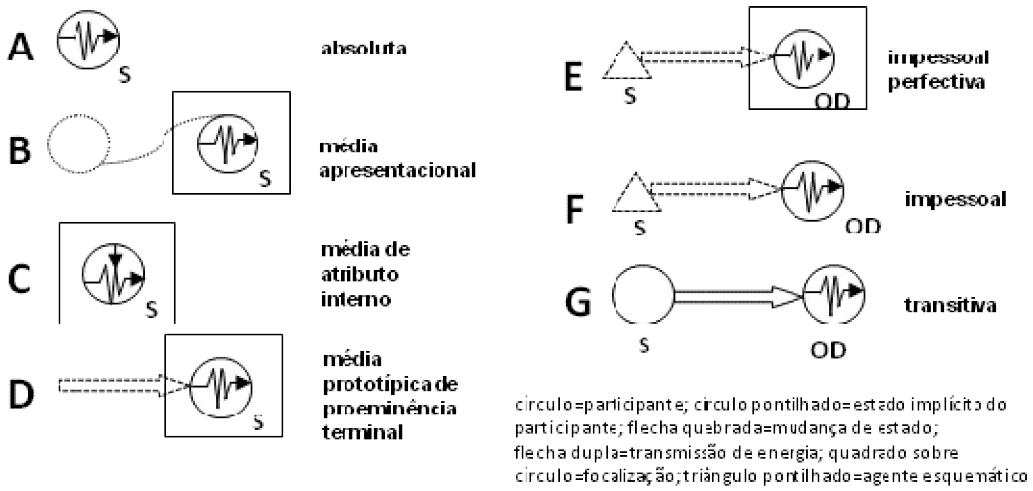


Fig. 2.8 – Níveis de proeminência da força indutiva (MALDONADO, 2006, p. 273)

Na primeira parte deste capítulo, tratamos de detalhar e exemplificar cada uma dessas construções no espanhol e verificar a aplicabilidade da proposta ao PB. Em suma, com base nas referências consultadas, podemos afirmar o seguinte:

a) No PB existe um tipo de construção absoluta não encontrada no espanhol (*Minha casa reformou em dois anos*. [E: **Mi casa reformó en dos años*.]). Esse enunciado é aceitável no espanhol com o uso do clítico (*Mi casa* ***se*** *reformó en dos años*.), porém a construção resultante já não é absoluta.
b) As médias apresentacionais (*Las Islas Fiji se encuentran en el Pacífico*. [PB: *As Ilhas Fiji se encontram no Pacífico*.]) são construções estativas que incidem no PB, porém não com a mesma frequência que em espanhol. No PB, a preferência seria por enunciados sem uso do clítico (*As Ilhas Fiji estão / ficam / estão localizadas no Pacífico*.).
c) As médias de atributo interno (MAI) (*Este pescado se come con dificultad*. [PB: *Este peixe se come com dificuldade*.]) possuem características semelhantes no espanhol e no PB: são construções estativas, que expressam eventos durativos e delimitados, com elemento temático pré-

verbal e do qual se predica uma propriedade. No PB, entretanto, a MAI pode ocorrer com temas indeterminados, o que nem sempre é aceitável no espanhol (*Romance policial se lê rápido*. [E: **Novela policíaca se lee rápido*.]), o que reforça a importância do estudo comparado dos recursos de generalização e especificação[108] nas duas línguas aqui focalizadas, conforme González (2006). Igualmente, a construção sem o clítico, que ocorre em muitos casos no PB, produziria enunciados agramaticais no espanhol (*Estes móveis Ø vendem bem*. [E: **Estos muebles Ø venden bien*.]).

d) A média de proeminência terminal (MPT) (*El mantel se manchó*. [PB: *A toalha de mesa (se) manchou*.]) codifica um evento simplificado ao extremo e com ênfase na porção terminal (mudança de estado), cuja força indutora é esquemática e não claramente identificável. A maior saliência do tema e sua concordância com o verbo levam a que muitos linguistas classifiquem essas construções como passivas; porém, segundo Maldonado (2006, p. 425), tal passividade é aparente, uma vez que resulta mais da perda de proeminência do indutor que da escolha do tema como figura do evento. No PB, ao menos em algumas variedades, também é frequente a ocorrência da MPT sem o clítico (*A roupa Ø molhou*; *A porta Ø abriu*; *A parede Ø manchou*), ao contrário do espanhol, onde sua presença é obrigatória.

e) No PB, a ausência do SE em muitas incidências de construções MAI e MPT não pode ser explicada unicamente pela perda da morfologia observável nessa língua. Conforme sugerem Negrão & Viotti (2010, p. 52), o fenômeno poderia estar vinculado a uma mudança de conceitualização: no caso, eventos como *Estes móveis vendem bem* (MAI) ou *A parede sujou* (MPT) estariam sendo conceitualizados no PB sem incorporar uma força indutora; ou seja, como construções absolutas.

f) Segundo o diagrama (fig. 2.8), a MPT constitui um ponto de inflexão no que diz respeito ao aumento ou decréscimo da força externa nos eventos

[108] Sobretudo mediante o uso de nominais nus, como no caso de "Romance policial", usado genericamente para designar toda uma classe; *nombres*/*sustantivos escuetos*, em espanhol, menos frequentes e mais presentes no âmbito da linguagem mais cristalizada, como é o caso dos refrãos do tipo *Perro que ladra no muerde*.

> representados. À medida que essa força ganha proeminência e torna-se evidente a intervenção humana na mudança de estado do elemento temático, estamos no terreno das construções impessoais. Conforme o aspecto, estas podem ser perfectivas (*La puerta se abrió con la llave*. [PB: *A porta (se) abriu com a chave*.]) ou imperfectivas (*Estos juguetes se fabrican con materiales reciclados*. [PB: *Estes brinquedos se fabricam com materiais reciclados*.]). A marcação perfectiva denota eventos demarcados, télicos e pontuais; a marcação imperfectiva costuma favorecer o que há de homogêneo no evento, projetando-o como repetitivo ou habitual (MALDONADO, 2006, p. 297). No PB, conforme González (1994) e Araújo Júnior (2006), embora haja incidências dessas construções com clítico, a preferência nessa língua é pela passiva perifrástica (*A porta foi aberta com a chave*; *Estes brinquedos são fabricados com materiais reciclados*).

Na segunda parte do capítulo, examinamos o contínuo passivo-impessoal a partir dos fatores definidos por Maldonado (2006) como os mais importantes para uma adequada classificação das construções-*SE*/SE desse intervalo, a saber: o requisito verbal de agentividade humana, o aspecto (léxico e morfológico), a concordância e a ordem. Assumimos para o espanhol e para o PB a hierarquia estipulada por Maldonado para esses fatores, segundo a qual o requisito de agentividade humana é o mais relevante, vindo na sequência o aspecto, a concordância e a ordem. Dedicamos bastante espaço à discussão da concordância, uma vez que esse critério ainda norteia muitos dos estudos, nas mais diversas perspectivas, quando se trata de diferenciar as impessoais das passivas. Em nossa análise, adotamos a posição de Maldonado (2006, p. 316) sobre esse critério: a concordância se estabelece sempre com o sintagma nominal expresso que tem maior proeminência numa construção, que não necessariamente é o sujeito. Nos eventos de baixa elaboração, como é o caso das construções-*SE*/SE, nos quais o sujeito se apresenta na forma de uma terceira pessoa genérica ou não identificada, a concordância passaria a realçar outro constituinte expresso, em geral o objeto direto. Por último, analisamos como a ordem dos constituintes, combinada a outros fatores (em

especial, o requisito de agentividade humana) pode determinar o tipo de construção-*SE*/SE. Nessa questão, fundamentando-nos em González (1994), destacamos as distintas preferências do espanhol e do PB no que se refere à anteposição de SNs: no espanhol, a preferência é pelas construções com clíticos; já no PB, restrições de ordem, assim como o apagamento dos clíticos nessa língua, levam a que construções alternativas ocupem esse espaço, tais como as passivas perifrásticas. Acerca das construções que são o objeto da nossa pesquisa — as passivas e impessoais com clítico —, endossamos a posição de Maldonado (2006) para o espanhol, também defendida para o português por Naro (1976), Nunes (1990), Raposo & Uriagereka (1996) e Martins (2005), entre outros: nas duas línguas, as construções usualmente classificadas como passivas-*SE*/SE (ou passivas pronominais/sintéticas), na realidade são construções ativas. Trata-se de construções que codificam um evento simplificado, de baixa elaboração, no qual a distinguibilidade entre os participantes é mínima (KEMMER, 1993, 1994) e cuja ênfase está na porção terminal (mudança de estado); em função dos critérios estipulados por Maldonado, essas construções podem ser médias de proeminência terminal (MPT) ou impessoais.

Na última parte do capítulo, discutimos as construções impessoais intransitivas nas duas línguas, com base na tipologia especificada por Nunes (1990) para o PB. Igualmente, abordamos dois fenômenos observáveis no PB que não ocorrem no espanhol, os quais distanciam essas línguas: o surgimento de construções impessoais sem o clítico (*Aqui vende móveis usados*. [E: **Aqui vende muebles usados*.]) e a inserção do clítico em sentenças infinitas (*Montevidéu é um bom lugar para se viver*. [E: **Montevideo es un buen lugar para se vivir/ vivirse*[109].]).

Com base nessas afirmações, no capítulo seguinte analisamos a incidência das construções-*SE*/SE em dois *corpora* de falantes nativos — um para o espanhol, outro para o PB —, ambos da modalidade oral. Nossas hipóteses acerca dos resultados são as seguintes:

1. Em termos quantitativos, haverá mais incidências no espanhol que no PB, confirmando as análises de González (1994) e Araújo Júnior (2006). A inferioridade numérica no PB resulta de processos de mudança na língua,

[109] Nestes casos, ainda haveria um problema de colocação pronominal, pois com o infinitivo o espanhol pediria a ênclise.

que têm como resultado a perda do SE em algumas construções ou o uso de construções alternativas sem o clítico.

2. Tanto no espanhol quanto no PB, a tendência é que as construções alvo com alto requisito verbal de agentividade humana superem aquelas nas quais esse requisito é baixo; em outras palavras, espera-se mais ocorrências de impessoais que de MPT em cada corpus. Tal se relaciona ao fato de que o espanhol e o PB, como línguas do sistema nominativo-acusativo, codificam prototipicamente um evento a partir da fonte de energia até o participante afetado[110]; as impessoais seguem esse modelo, embora com uma fonte de energia esquemática. Na MPT, contrariamente, temos um evento simplificado, que prioriza a porção terminal e, portanto, está mais distante do protótipo.
3. Com base no estudo de González (1994) e nas análises quantitativas de Nunes (1990), Bagno (2000) e Camacho (2006) para o PB, espera-se que nessa língua a porcentagem de construções impessoais discordantes supere a do espanhol.
4. Como a ordem SVO é a mais frequente no espanhol e no PB, a tendência nos dois *corpora*, para as construções alvo, é que haja maior percentual de SNs pospostos nas construções impessoais e de SNs antepostos nas MPT. Igualmente, levando-se em conta que a ordem no espanhol apresenta considerável flexibilidade, espera-se, nessa língua, um número considerável de SNs antepostos nas impessoais e de SNs pospostos nas MPT.
5. A partir dos estudos de Galves (1987), Nunes (1990) e Cavalcante (2006), esperamos considerável incidência de construções infinitivas com inserção do clítico no corpus do PB, assim como a sua ausência no corpus do espanhol. Numa perspectiva contrastiva, podemos explicar o fenômeno com base na inversa assimetria proposta por González (1994): no PB, a presença do SE sinaliza um sujeito humano, embora esquemático, que realiza a ação verbal; contrariamente, a ausência do clítico no espanhol ratifica a tendência nessa língua a apresentar sujeitos nulos; e

[110] Discutimos esse modelo de conceitualização no capítulo I (item I.3)

> podemos acrescentar, ainda, que reforça-se assim o caráter eminentemente impessoal do infinitivo no espanhol, ao contrário do que ocorre em português, língua que possui um infinitivo pessoal.

No próximo capítulo, averiguaremos se essas hipóteses são confirmadas pelos resultados da análise dos *corpora*. Igualmente, discutiremos outros pontos de interesse que surjam a partir desses dados.

CAPÍTULO III

As construções *SE*/SE nos *corpora*

III.1. Os *corpora* de estudo

Tanto para o espanhol quanto para o PB, trabalhamos com *corpora* de falantes nativos, já constituídos e na modalidade oral.

No caso do espanhol, nosso corpus de estudo é o ***PRESEEA-ALCALÁ***. Este, por sua vez, é parte integrante do *PRESEEA* (*Proyecto para el Estudio del Español de España y de América*), projeto surgido em 1993 e que conta com equipes de pesquisa e documentação na Espanha, nos Estados Unidos (Miami) e em alguns países hispano-americanos[111]. As 36 entrevistas que compõem o corpus de estudo foram realizadas em 1998, na cidade de Alcalá de Henares[112] (ver tabela 3.1 para informações adicionais).

Para o PB, utilizamos a **Amostra SP2010 (Piloto)**, que é parte do corpus que está sendo desenvolvido pelo GESOL-USP[113] (Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística da USP) com o objetivo de subsidiar pesquisas na área de sociolinguística variacionista — em especial, na descrição e análise dos fenômenos variáveis e processos de mudança em curso na variedade paulistana do PB. As 36 entrevistas que constituem nosso corpus foram realizadas na cidade de São Paulo, entre 2008 e 2011 (ver tabela 3.2 para informações adicionais).

Escolhemos esses *corpora* em função das seguintes características:

a) são mais recentes, portanto refletem o estado atual do espanhol e do PB, com maior probabilidade de incorporar fenômenos emergentes nessas línguas;
b) foram constituídos a partir dos mesmos critérios metodológicos;

---

[111] Argentina, Colômbia, Cuba, Chile, Equador, Guatemala, México, Paraguai, Peru, Porto Rico, Uruguai e Venezuela (fonte: http://www.linguas.net/portalpreseea/Inicio/tabid/441/language/es-ES/Default.aspx).

[112] A informação completa acerca da metodologia de coleta desses materiais está em Moreno Fernández et alii (2002, 2004).

[113] Na primeira fase do projeto (2009-2011), foram realizadas cerca de 120 entrevistas. Na fase atual (2011-2013), com financiamento da FAPESP, prevê-se a coleta de mais 60 entrevistas. Agradecemos essas informações a Lívia Oushiro, membro do GESOL-USP.

c) apresentam pouca disparidade no quesito extensão: a Amostra SP2010 (Piloto) (389.198 palavras) supera o *PRESEEA-ALCALÁ* (329.361 palavras) em apenas 18%; ambos são *corpora* médios, conforme a classificação proposta por Berber Sardinha (2004, p. 26)[114].

Corpus PRESEEA (Alcalá de Henares): Resumo das principais características					
Faixa etária	**Sexo**	**Nível de escolaridade**			
		Superior		Médio	
		entrevista	Nº de palavras	entrevista	Nº de palavras
Faixa 1 20-34 anos	masculino	E01-CPA-1H3	5.609	E19-CPA-1H2	4.847
		E02-CPA-1H3	8.130	E20-CPA-1H2	11.440
		E03-CPA-1H3	10.991	E21-CPA-1H2	7.970
	feminino	E04-CPA-1M3	5.820	E22-CPA-1M2	7.101
		E05-CPA-1M3	9.221	E23-CPA-1M2	9.722
		E06-CPA-1M3	9.401	E24-CPA-1M2	9.648
	Total da faixa 1		**49.172**		**50.728**
Faixa 2 35-54 anos	masculino	E07-CPA-2H3	13.200	E25-CPA-2H2	5.050
		E08-CPA-2H3	9.135	E26-CPA-2H2	11.585
		E09-CPA-2H3	8.597	E27-CPA-2H2	9.676
	feminino	E10-CPA-2M3	8.319	E28-CPA-2M2	6.472
		E11-CPA-2M3	8.710	E29-CPA-2M2	8.548
		E12-CPA-2M3	5.853	E30-CPA-2M2	10.423
	Total da faixa 2		**53.814**		**51.754**
Faixa 3 Acima de 55 anos	masculino	E13-CPA-3H3	10.841	E31-CPA-3H2	10.987
		E14-CPA-3H3	7.701	E32-CPA-3H2	9.153
		E15-CPA-3H3	11.153	E33-CPA-3H2	9.720
	feminino	E16-CPA-3M3	11.649	E34-CPA-3M2	13.644
		E17-CPA-3M3	12.715	E35-CPA-3M2	8.641
		E18-CPA-3M3	9.576	E36-CPA-3M2	8.113
	Total da faixa 3		**63.635**		**60.258**
Total por nível de escolaridade			**166.621**		**162.740**
Total geral			**329.361**		

Tabela 3.1 – Corpus PRESEEA (Alcalá de Henares): Resumo das principais características

[114] De acordo com o autor, estão nesse grupo os *corpora* que possuem entre 250.000 e 1 milhão de palavras.

Amostra SP2010 (Piloto)(GESOL-USP): Resumo das principais características					
Faixa etária	**Sexo**	**Nível de escolaridade**			
		Superior		Médio	
		entrevista	Nº de palavras	entrevista	Nº de palavras
Faixa 1 20-34 anos	masculino	E01-ASP-1H3	10.221	E19-ASP-1H2	10.561
		E02-ASP-1H3	8.735	E20-ASP-1H2	9.633
		E03-ASP-1H3	9.189	E21-ASP-1H2	10.220
	feminino	E04-ASP-1M3	9.936	E22-ASP-1M2	13.937
		E05-ASP-1M3	13.900	E23-ASP-1M2	12.608
		E06-ASP-1M3	11.575	E24-ASP-1M2	10.625
	Total da faixa 1		**63.556**		**67.584**
Faixa 2 35-49 anos	masculino	E07-ASP-2H3	12.549	E25-ASP-2H2	9.985
		E08-ASP-2H3	10.545	E26-ASP-2H2	12.614
		E09-ASP-2H3	13.236	E27-ASP-2H2	11.378
	feminino	E10-ASP-2M3	9.437	E28-ASP-2M2	9.890
		E11-ASP-2M3	11.435	E29-ASP-2M2	8.495
		E12-ASP-2M3	11.755	E30-ASP-2M2	11.031
	Total da faixa 2		**68.957**		**63.393**
Faixa 3 50-69 anos	masculino	E13-ASP-3H3	9.531	E31-ASP-3H2	10.402
		E14-ASP-3H3	12.489	E32-ASP-3H2	10.274
		E15-ASP-3H3	9.864	E33-ASP-3H2	12.054
	feminino	E16-ASP-3M3	9.327	E34-ASP-3M2	11.821
		E17-ASP-3M3	9.759	E35-ASP-3M2	10.351
		E18-ASP-3M3	8.651	E36-ASP-3M2	11.185
	Total da faixa 3		**59.621**		**66.087**
Total por nível de escolaridade			**192.134**		**197.064**
Total geral			**389.198**		

Tabela 3.2 – Amostra SP2010 (Piloto) (GESOL-USP): Resumo das principais características

Conforme se vê nas tabelas 3.1 e 3.2, atribuímos às entrevistas um código que obedece o seguinte padrão: a letra **E** (de entrevista) vem no início, acompanhada de um número de dois dígitos (de **01** a **36**) que identifica o colaborador; na sequência, três letras que identificam o corpus de estudo (**CPA** para o *PRESEEA-ALCALÁ*; **ASP** para a Amostra SP2010 (Piloto)); depois, um número indicativo da faixa etária (**1**, **2** ou **3**); em seguida, uma letra que designa o sexo (**H**, se masculino; **M**, se feminino); finalmente, um número que representa o nível de escolaridade do colaborador: **2** para o nível médio e **3** para o superior[115]. Utilizaremos esses códigos posteriormente para identificar os exemplos extraídos dos *corpora*.

[115] O número 1 seria atribuído aos colaboradores que concluíram apenas o ensino primário; estes, entretanto, estão excluídos dos nossos *corpora* de estudo.

Doravante, também faremos referência aos *corpora PRESEEA-ALCALÁ* e Amostra SP2010 (Piloto) como **CPA** e **ASP**, respectivamente.

III.2. Levantamento e triagem das construções *SE*/SE nos *corpora*

O levantamento das construções de interesse para nossa pesquisa foi feito em dois momentos. Na primeira etapa:

1) dividimos cada corpus em 6 *subcorpora*, considerando as faixas etárias e os níveis de escolaridade (ver as tabelas 3.3 e 3.4);
2) processamos cada subcorpus no programa Kitconcord[116], obtendo, assim, as concordâncias[117] por meio da lematização *SE[118] — esse processo nos permitiria acessar todas as combinações do clítico no espanhol (*SE* proclítico: *se lava*, *se bebia*, *se ha comprado*, etc.; *SE* enclítico: *escaparse*, *verse*, *irse*, *realizándose*, *perdiéndose*, etc.;) e no PB (SE proclítico: *se compra*, *se vai fazer*, etc.; SE mesoclítico: *realizar-se-á*, *conquistar-se-ão*, etc.; SE enclítico: *usar-se*, *vende-se*, *discutiram-se*, etc.) presentes nos *corpora*;
3) transferimos as concordâncias para uma planilha Excel, no intuito de facilitar o tratamento dos dados.

Na segunda etapa, executada manualmente, lemos as concordâncias e eliminamos aquelas sem interesse para o trabalho. No CPA, foram desprezadas as ocorrências do *SE* como variante de *LE*/*LES* (objeto indireto em construções do tipo *Se la dio*, *Se lo entregó*, etc.). Na ASP, foram eliminadas as incidências de SE como marcador condicional (*Se o tempo melhorar, vamos ao parque*). A síntese desse processo está nas tabelas 3.3 (CPA) e 3.4 (ASP):

---

[116] Programa desenvolvido por José Lopes Moreira Filho e disponível como *freeware* na internet. Está escrito totalmente em português e reúne as principais ferramentas utilizadas na área de Linguística de Corpus. Neste trabalho, utilizamos o programa como concordanciador.

[117] Entendemos por concordâncias as listagens de ocorrências de um item específico, denominado palavra de busca ou nódulo.

[118] Lematização é um procedimento que permite usar como palavra de busca todos os itens com um lema comum. Por exemplo, caso o analista use o lema *cant** (*cant* seguido de asterisco) como palavra de busca, as concordâncias produzidas terão como nódulo formas como *cantei*, *cantavam*, *cantariam*, *cantando*, *cantássemos*, *cantor*, *cantores*, *canto*, *cântico*, etc.

		Concordâncias *SE*: CPA		
Faixa etária	**Escolaridade**	*total*	*eliminadas*	*restantes*
20-34	Superior *(Subcorpus S2034)*	571	150	421
	Médio *(Subcorpus M2034)*	570	146	424
35-54	Superior *(Subcorpus S3554)*	633	149	484
	Médio *(Subcorpus M3554)*	590	145	445
>55	Superior *(Subcorpus S ac.55)*	870	248	622
	Médio *(Subcorpus M ac.55)*	765	196	569
RESUMO		3.999	1.034	2.965

Tabela 3.3 – Resumo das concordâncias para o corpus CPA (Alcalá de Henares)

		Concordâncias SE: ASP		
Faixa etária	**Escolaridade**	*total*	*eliminadas*	*restantes*
20-34	Superior *(Subcorpus S2034)*	417	288	129
	Médio *(Subcorpus M2034)*	419	296	123
35-49	Superior *(Subcorpus S3549)*	508	327	181
	Médio *(Subcorpus M3549)*	363	244	119
50-69	Superior *(Subcorpus S5069)*	425	263	162
	Médio *(Subcorpus M5069)*	506	320	186
RESUMO		2.638	1.738	900

Tabela 3.4 – Resumo das concordâncias para o corpus ASP (GESOL-USP)

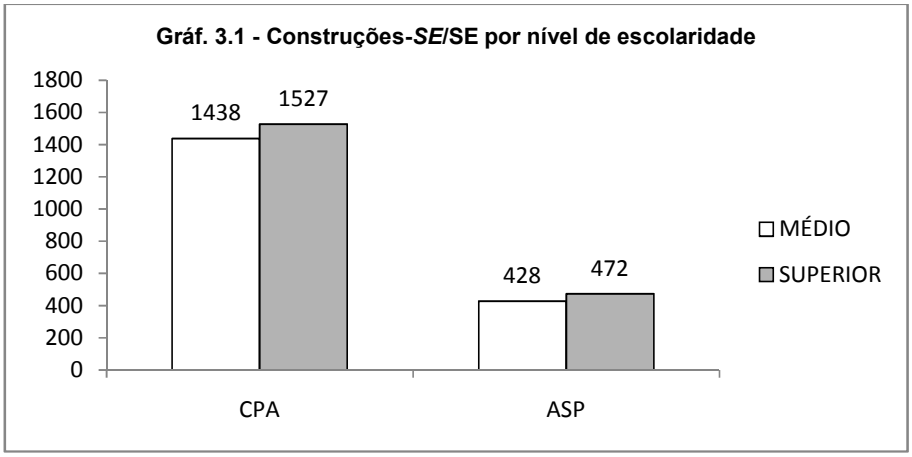
A tabela 3.5 nos fornece o número de incidências e percentuais de *SE*/SE por nível de escolaridade:

CPA			**ASP**		
Subcorpus	**Incidências**	**%**	**Subcorpus**	**Incidências**	**%**
M2034	424	14,3	M2034	123	13,7
M3554	445	15,0	M3549	119	13,2
Macima55	569	19,2	M5069	186	20,7
Total Médio	**1.438**	**48,5**	**Total Médio**	**428**	**47,6**
S2034	421	14,2	S2034	129	14,3
S3554	484	16,3	S3549	181	20,1
Sacima55	622	21,0	S5069	162	18,0
Total Superior	**1.527**	**51,5**	**Total Superior**	**472**	**52,4**
Total (M + S)	**2.965**	**100**	**Total (M + S)**	**900**	**100**

Tabela 3.5 – Construções-*SE*/SE nos *corpora* por nível de escolaridade

Conforme os dados da tabela 3.5, observando-se o total das construções com o clítico nos 2 *corpora*, conclui-se que, tanto no CPA quanto na ASP, o maior número de

incidências ocorre no nível superior. Entretanto, em cada corpus, a diferença entre os dois níveis é relativamente baixa: em termos percentuais, no CPA temos 51,5% contra 48,5%; na ASP, 52,4% contra 47,6% (gráfico 3.1). Ou seja, ao menos no caso dos *corpora* que estamos analisando, o nível de instrução escolar parece não ter tanta influência sobre a produção de construções-*SE*/SE.



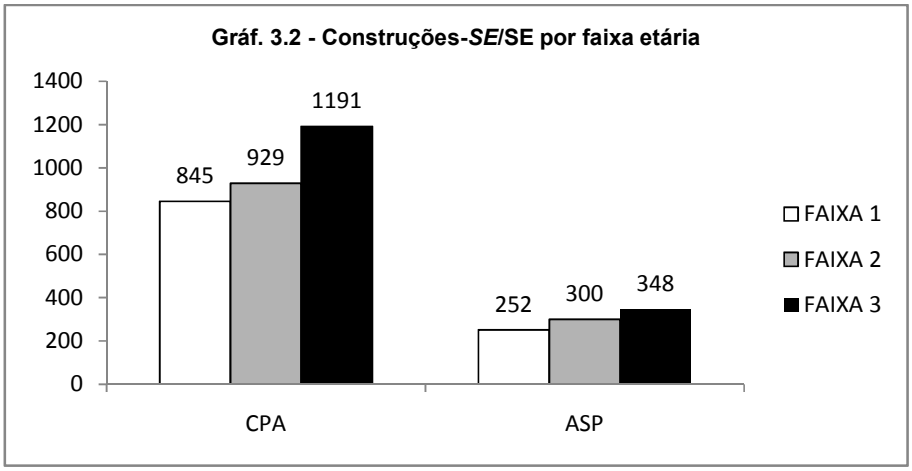
A tabela 3.6 nos fornece o número de incidências e percentuais de *SE*/SE por faixa etária:

CPA			ASP		
Subcorpus	**Incidências**	**%**	**Subcorpus**	**Incidências**	**%**
M2034	424	14,3	M2034	123	13,7
S2034	421	14,2	S2034	129	14,3
Total Faixa 1	**845**	**28,5**	**Total Faixa 1**	**252**	**28,0**
M3554	445	15,0	M3549	119	13,2
S3554	484	16,3	S3549	181	20,1
Total Faixa 2	**929**	**31,3**	**Total Faixa 2**	**300**	**33,3**
Macima55	569	19,2	M5069	186	20,7
Sacima55	622	21,0	S5069	162	18,0
Total Faixa 3	**1.191**	**40,2**	**Total Faixa 3**	**348**	**38,7**
Total (F1+F2+F3)	**2.965**	**100**	**Total (F1+F2+F3)**	**900**	**100**

Tabela 3.6 – Construções-*SE*/SE nos *corpora* por faixa etária

De acordo com os dados da tabela 3.6, os dois *corpora* apresentam comportamento semelhante: as ocorrências de construções com o clítico aumentam da

menor para a maior faixa etária. Os percentuais por faixa no CPA e na ASP também estão próximos: no CPA, para as faixas 1, 2 e 3 os valores são 28,5%, 31,3%, e 40,2%; na ASP, esses números correspondem a 28%, 33,3% e 38,7%. O gráfico 3.2 nos permite visualizar melhor esses dados:



Conforme os dados da tabelas 3.5 e 3.6, comparando-se o total das construções com o clítico nos 2 *corpora*, é notória a supremacia do CPA sobre a ASP, seja no cômputo global, no nível de escolaridade ou na faixa etária. No cômputo global, o CPA (2.965 ocorrências) supera em mais de 3 vezes a ASP (900 ocorrências). Essa relação se mantém no nível de escolaridade (tab. 3.5): para o nível médio, é de 3,4; para o nível superior, é de 3,2. Em se tratando da faixa etária (tab. 3.6), a relação cai, porém nunca é inferior ao dobro: para as faixas 1, 2 e 3, os valores são respectivamente 2,5, 2,2 e 2,6. Os resultados estão dentro do esperado para a ASP, conforme os estudos contrastivos de Araújo Júnior (2006) e González (1994), segundo os quais a perda ou apagamento dos clíticos (SE e os demais) no PB favoreceria a menor incidência de construções-SE nessa língua.

Cabe-nos destacar que, apesar da disparidade no total de ocorrências, observamos tendências semelhantes nos dois *corpora* de análise com respeito ao nível de escolaridade (gráf. 3.1) e à faixa etária (gráf. 3.2). No item seguinte, trataremos de classificar as construções com o clítico em cada corpus e observar se o mesmo padrão é mantido.

III.3. Classificação das construções-*SE*/SE nos *corpora*

A etapa final consistiu em classificar as ocorrências de *SE*/SE nas concordâncias remanescentes. Embasando-nos em Kemmer (1993, 1994) (ver cap. I, item I.4) e em Maldonado (2006) (ver cap. I, item I.5; cap. II, item II.2), reunimos as incidências, primeiramente, nos seguintes grupos:

a) **Reflexivas** (E: *Ana se imaginó estudiando en París* [PB: *Ana se imaginou estudando em Paris*]; *La mujer se vio en el espejo* [PB: *A mulher se viu no espelho*]);

b) **Médias** (E: *Los obreros se levantan temprano* [PB: Os operários se levantam cedo]; *Mi primo se involucró con las drogas* [PB: *Meu primo se envolveu com drogas*]);

c) **Impessoais intransitivas** (E: *Hoy se vive mejor que hace diez años* [PB: *Hoje se vive melhor do que há dez anos*]; *Se paga muy caro en esta tienda* [PB: *Paga-se/ Se paga muito caro nesta loja*]);

d) **Construções alvo**, entre as quais incluímos as ocorrências cuja classificação divide os linguistas e gramáticos (E: *En este artículo se dicen cosas horribles sobre la policía* [PB: *Neste artigo se dizem/diz coisas horríveis sobre a polícia*]; *La pared se ensució* [PB: *A parede (se) sujou*]): alguns as consideram passivas (E: FERNÁNDEZ RAMÍREZ, 1986; GILI GAYA, 1978; GÓMEZ TORREGO, 1998; CAMPOS, 1989; MENDIKOETXEA, 1999; PB: NEVES, 2000; BECHARA, 1976 e 1999; CUNHA, 1990), enquanto outros as classificam como impessoais ou médias (E: MALDONADO, 2006; PB: SAID ALI, 2006 e 2008; NARO, 1976; NUNES, 1990; BAGNO, 2000; CAMACHO, 2000 e 2006), conforme o caso[119]. Utilizamos o termo "alvo"

[119] Aqui nos referimos especificamente a Maldonado (2006), para quem o requisito verbal de agentividade humana é o fator crucial de classificação: enunciados como *Hoy se publica la lista de los aprobados en las oposiciones* [PB: *Hoje se publica/será publicada a lista dos aprovados no concurso*], nos quais o verbo tem alto requisito de agentividade humana, são classificados como impessoais; já enunciados nos quais esse requisito é baixo (*La puerta se abrió* [PB: *A porta (se) abriu*]) podem ser classificados como médias de proeminência terminal, desde que sua indução não seja humana ou o indutor humano não tenha controle sobre o evento.

porque são justamente essas construções que nos propusemos a analisar neste trabalho.

Na sequência, comentaremos os resultados das ocorrências de cada um desses grupos nos *corpora* de análise.

III.3.1. Reflexivas

Procedemos ao levantamento destas construções com base na análise de Kemmer (1993, 1994): nos eventos reflexivos, os papéis de trajetor/sujeito/agente e marco/objeto/paciente são preenchidos pela mesma entidade referencial e apresentam, portanto, baixa distinguibilidade; contudo, é possível operar uma separação conceitual, de modo a poder distinguir dois participantes no evento. No caso, o trajetor/sujeito/agente interage com uma representação de si mesmo situada em algum espaço mental distinto do discurso (MALDONADO: 2006, p. 270).

Neste grupo também foram incluídas as construções **recíprocas** (E: *Los ejecutivos se saludaron* [PB: *Os executivos se cumprimentaram*]). As construções **naturalmente recíprocas** (E: *Los novios se besaron* [PB: *Os namorados se beijaram*]) integram o grupo das médias, conforme a proposta de Kemmer (1993, 1994). Foram computadas construções reflexivas em todos os *subcorpora* do CPA (1) e da ASP (2):

(1) (a) *¿y sabes cómo **se conocieron**// te acuerdas?* (E22-CPA-1M2)[PB: *e você sabe como eles se conheceram// você (se) lembra?*]

(b) *bueno se va a ir a vivir para allá, **se está haciendo la casa**//(...)*(E29-CPA-2M2) [PB: *bom ele vai morar pra lá, está fazendo a casa//(...)*]

(c) *no **se podían ni mirar*** (E33-CPA-3H2) [PB: *não podiam nem se ver*.]

(2) (a) *(...) então o pessoal que fica lá mesmo vai pra conversa(r) pra **se encontra(r)** tipo um ponto de encontro do pessoal* (E22-ASP-1M2)

(b) *(...) ideal para mim seria as pessoa/ aquela que as pessoas **se respeitassem**... umas as outras... (o) que é difícil* (E28-ASP-2M2)

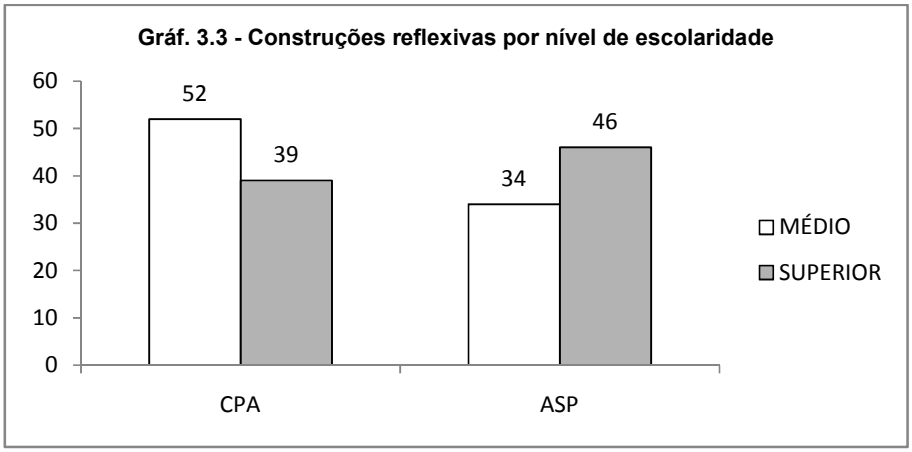
(c) *(...) você sai daí eu saio daqui e os dois caminhões **se cruzaram** na antiga Raposo Tavares né? (...)* (E15-ASP-3H3)

A tabela 3.7 fornece o número de construções reflexivas e seus percentuais por nível de escolaridade:

CPA			ASP		
Subcorpus	**Incidências**	**%**	**Subcorpus**	**Incidências**	**%**
M2034	8	8,8	M2034	13	16,2
M3554	20	22,0	M3549	11	13,8
Macima55	24	26,3	M5069	10	12,5
Total Médio	**52**	**57,1**	**Total Médio**	**34**	**42,5**
S2034	18	19,8	S2034	12	15,0
S3554	12	13,2	S3549	20	25,0
Sacima55	9	9,9	S5069	14	17,5
Total Superior	**39**	**42,9**	**Total Superior**	**46**	**57,5**
Total (M + S)	**91**	**100**	**Total (M + S)**	**80**	**100**
% referente ao total-*SE*		**3,07**	**% referente ao total-SE**		**8,9**

Tabela 3.7 – Construções reflexivas nos *corpora* por nível de escolaridade

O gráfico 3.3 nos permite uma melhor visualização desses dados:



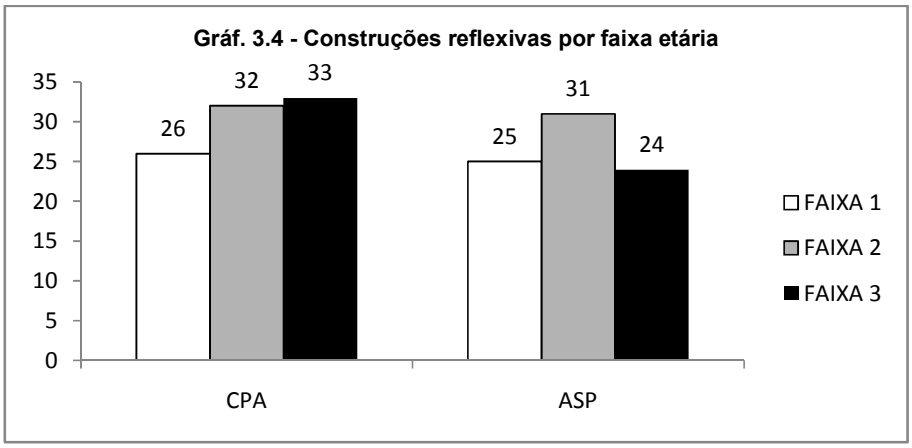
Ao considerarmos as reflexivas no cômputo geral, constatamos mais equilíbrio na relação entre os *corpora*: o CPA contabiliza 91 ocorrências, e a ASP tem 80; ou seja, o CPA supera a ASP em apenas 14%. No que se refere ao nível de escolaridade, os *corpora* apresentam resultados diferentes: no CPA, a maioria das ocorrências aparece no nível médio (57,1% contra 42,9%); já na ASP, o maior número de reflexivas está no nível superior (57,5% contra 42,5%).

Com respeito às incidências das reflexivas segundo a faixa etária, vejamos os dados que mostra a tabela 3.8:

CPA			ASP		
Subcorpus	**Incidências**	**%**	**Subcorpus**	**Incidências**	**%**
M2034	8	8,8	M2034	13	16,2
S2034	18	19,8	S2034	12	15,0
Total Faixa 1	**26**	**28,6**	**Total Faixa 1**	**25**	**31,2**
M3554	20	22,0	M3549	11	13,8
S3554	12	13,2	S3549	20	25,0
Total Faixa 2	**32**	**35,2**	**Total Faixa 2**	**31**	**38,8**
Macima55	24	26,3	M5069	10	12,5
Sacima55	9	9,9	S5069	14	17,5
Total Faixa 3	**33**	**36,2**	**Total Faixa 3**	**24**	**30,0**
Total (F1+F2+F3)	**91**	**100**	**Total (F1+F2+F3)**	**80**	**100**
% referente ao total-*SE*		**3,07**	**% referente ao total-SE**		**8,9**

Tabela 3.8 – Construções reflexivas nos *corpora* por faixa etária

O gráfico 3.4 nos permite uma melhor visualização desses dados:



Tomando-se o conjunto das reflexivas, os resultados nos *corpora* apresentam diferenças com respeito à faixa etária. No CPA, o número de ocorrências das reflexivas repete o observado no cômputo global das construções-*SE*: os percentuais crescem da faixa 1 à faixa 3, e totalizam 28,6%, 35,2% e 36,2% respectivamente. Na ASP, a faixa 2 (38,8%) supera as faixas 1 (31,2%) e 3 (30%). Entretanto, os resultados mais interessantes estão nos percentuais das reflexivas considerados em relação ao total de construções-*SE*/SE: de acordo com as tabelas 3.7 e 3.8, enquanto no CPA o percentual de reflexivas contabiliza apenas 3,07% do total, na ASP esse valor corresponde a 8,9%. Nossa hipótese é que o motivo dessa discrepância está possivelmente na distribuição

das construções-*SE*/SE em cada corpus. No CPA, haveria mais ocorrências de outras variedades de construções com o clítico (médias e impessoais, em seus vários tipos) dividindo o espaço com as reflexivas. Na ASP, algumas variedades incidiriam menos, seja por não serem próprias do PB (como as médias de exploração total), seja em decorrência do processo de apagamento do clítico observado nessa língua ou ainda pela preferência por construções alternativas (a passiva perifrástica, por exemplo); em consequência, a parcela referente às reflexivas tenderia a aumentar. Enfim, embora os resultados nesses *corpora* não possam ser tomados como representativos de ambas as línguas, o que eles parecem sugerir é que, ao menos para o PB, as reflexivas ainda gozariam de uma considerável produtividade, pelo menos na variedade de língua que predomina neste corpus.

III.3.2. Médias

Para levantar e catalogar as construções médias nos *corpora*, partimos da definição de Kemmer (1993, 1994) segundo a qual os eventos médios são aqueles nos quais fica difícil separar o trajetor/sujeito/agente do marco/objeto/paciente: ambos os participantes têm como referente uma única entidade cujos aspectos são conceitualmente indistinguíveis. No inventário dessas construções, adotamos como parâmetro as dez situações que, conforme Kemmer (1993, 1994) configuram um domínio semântico no qual a voz média apresenta marcação morfológica: (1) cuidados corporais (*peinarse*; *frotarse* [PB: *pentear-se*; *esfregar-se*]); (2) movimento não-translacional (*inclinarse* [PB: *inclinar-se*]); (3) mudança na postura corporal (*levantarse*; *sentarse* [PB: *levantar-se*; *sentar-se*]); (4) movimento translacional (*irse* [PB: *ir-se*]); (5) eventos naturalmente recíprocos (*abrazarse*; *besarse* [PB: *abraçar-se*; *beijar-se*]); (6) média indireta (*preguntarse* [PB: *perguntar-se*], referente a uma atividade mental); (7) média de emoção (*enfadarse* [PB: *irritar-se*]); (8) discurso emotivo (*quejarse* [PB: *queixar-se*]); (9) média de cognição (*acordarse* [PB: *lembrar-se*)]; (10) eventos espontâneos (*originarse* [PB: *originar-se*]). No intuito de simplificar, tabularemos essas ocorrências em conjunto e as chamaremos de **Médias Kemmer**.

Além disso, também foram computadas nos *corpora*, como médias, as seguintes construções propostas por Maldonado (2006):

a) **Construções de exploração total** (*Con lo nervioso que estaba, Miguel se fumó todo el paquete de cigarrillos* [PB: *De tão nervoso, Miguel fumou a carteira de cigarros inteirinha, até a última tragada*]);
b) **Construções de envolvimento total** (*El anciano se cantó un tango con toda el alma* [PB: *O ancião cantou um tango com toda a sua alma*]);
c) **Construções energéticas com verbos intransitivos** (*El niño patinó y se cayó al suelo* [PB: *A criança escorregou e caiu no chão*]);
d) **Média apresentacional** (*Las montañas se encuentran en el desierto* [PB: *As montanhas se encontram/ficam no deserto*]);
e) **Média de atributo interno (MAI)** (*Este pescado se come con dificultad* [PB: *Este peixe se come com dificuldade/é difícil de comer*]).

Conforme comentado no capítulo I (p. 36-39), as construções **a** e **b** são próprias do espanhol e não ocorrem no PB. A construção **c** (ver capítulo I, p. 39) pode ser encontrada no PB, porém não com a mesma produtividade observável no espanhol; no PB, é possível encontrá-la em enunciados com verbos como *rir* (*A mãe se riu ao ver o filho engatinhando*)[120]. A construção **d** foi abordada no capítulo II (item II.2.2, p. 60), ao comentarmos a proposta de Maldonado (2006). Em se tratando de **e**, adotamos a classificação de Maldonado (2006), que a considera uma variedade das médias; entretanto, autores como Mendikoetxea (1999) reconhecem o caráter médio dessa construção, porém a consideram um caso particular das passivas. A construção **e** foi comentada em detalhes no segundo capítulo deste trabalho (item II.2.3, p. 61)

A tabela 3.9 fornece o número de construções médias e seus percentuais por nível de escolaridade:

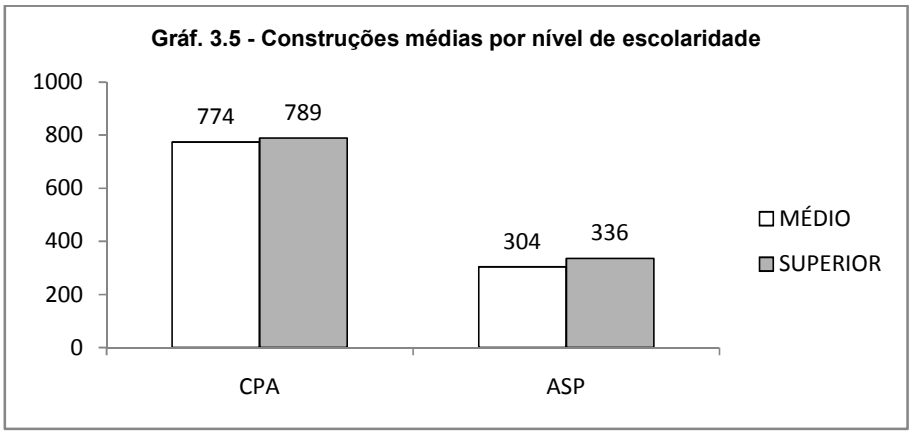
---

[120] No PB, esse uso é mais formal e literário, conforme se vê nos versos de "Evocação do Recife", de Manuel Bandeira: *Um dia eu vi uma moça nuinha no banho/ Fiquei parado o coração batendo/ Ela **se riu**/ Foi o meu primeiro alumbramento* (In: BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986). Também no PB encontramos uma ocorrência num dos versos da canção "Boca de Sapo", do cantor e compositor João Bosco: *Mas ela **se riu** feito Exu Caveira: marido infiel vai levar rasteira* (http://letras.mus.br). No PB coloquial, tal uso está em variação, podendo ser encontrado em certas regiões (o Nordeste, por exemplo) e certas faixas etárias. No PE, o uso em questão é mais corrente, inclusive na linguagem coloquial; citamos dois exemplos extraídos da Internet, em busca realizada em 25/10/13: *Até o Cristiano Ronaldo **se riu*** (http://barulhoesquisito.blogspot.com, em 24/10/2009); *Porém, precisamente por causa desta imagem de marca, houve quem achasse que Keaton nunca **se riu** nos seus filmes* (http://ohomemquesabiademasiado.blogspot.com, em 06/01/2011).

CPA			ASP		
Subcorpus	**Incidências**	**%**	**Subcorpus**	**Incidências**	**%**
M2034	222	14,2	M2034	93	14,5
M3554	244	15,6	M3549	80	12,5
Macima55	308	19,7	M5069	131	20,5
Total Médio	**774**	**49,5**	**Total Médio**	**304**	**47,5**
S2034	234	15,0	S2034	90	14,1
S3554	225	14,4	S3549	137	21,4
Sacima55	330	21,1	S5069	109	17,0
Total Superior	**789**	**50,5**	**Total Superior**	**336**	**52,5**
Total (M + S)	**1.563**	**100**	**Total (M + S)**	**640**	**100**
% referente ao total-*SE*		**52,7**	**% referente ao total-SE**		**71,1**

Tabela 3.9 – Construções médias nos *corpora* por nível de escolaridade

O gráfico 3.5 nos permite uma melhor visualização desses dados:



As incidências das médias no CPA superam as da ASP na contabilização total, no nível de escolaridade e na faixa etária. Na contagem total, o CPA (1.563 ocorrências) supera a ASP (640 ocorrências) em aproximadamente duas vezes e meia. Essa mesma relação se observa no nível médio de escolaridade, com 774 ocorrências do CPA contra 304 da ASP; no nível superior, esse valor cai para cerca de 2,3: são 789 incidências no CPA contra 336 na ASP. Comparando-se as ocorrências das médias em cada corpus, vemos que os percentuais do nível médio e do nível superior estão próximos, com pequena vantagem deste último: no CPA, temos 52,7% contra 49,5%; na ASP, 52,5%

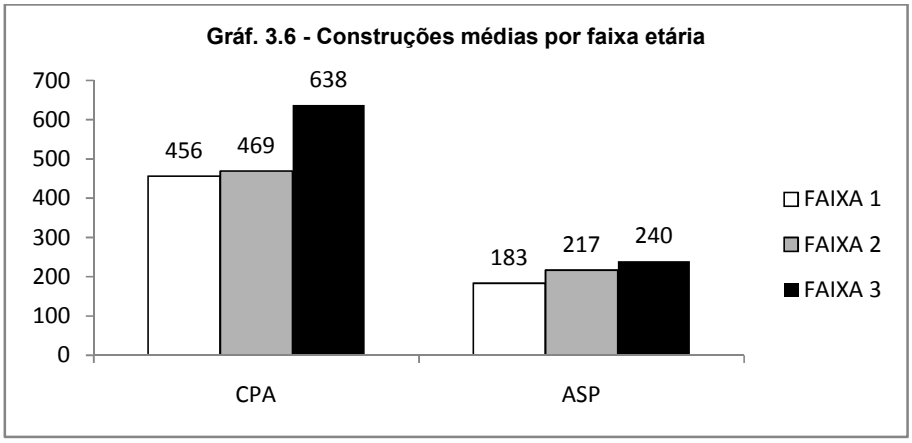
contra 47,5%. Tais resultados sugerem que o nível de escolaridade influenciaria pouco na produção de construções médias.

A tabela 3.10 fornece o número de construções médias e seus percentuais por faixa etária:

CPA			ASP		
Subcorpus	**Incidências**	**%**	**Subcorpus**	**Incidências**	**%**
M2034	222	14,2	M2034	93	14,5
S2034	234	15,0	S2034	90	14,1
Total Faixa 1	**456**	**29,2**	**Total Faixa 1**	**183**	**28,6**
M3554	244	15,6	M3549	80	12,5
S3554	225	14,4	S3549	137	21,4
Total Faixa 2	**469**	**30,0**	**Total Faixa 2**	**217**	**33,9**
Macima55	308	19,7	M5069	131	20,5
Sacima55	330	21,1	S5069	109	17,0
Total Faixa 3	**638**	**40,8**	**Total Faixa 3**	**240**	**37,5**
Total (F1+F2+F3)	**1.563**	**100**	**Total (F1+F2+F3)**	**640**	**100**
% referente ao total-*SE*		**52,07**	**% referente ao total-SE**		**71,1**

Tabela 3.10 – Construções médias nos *corpora* por faixa etária

Representamos esses resultados no gráfico 3.6:



Na contagem total, considerando-se a idade, a relação entre as incidências no CPA e na ASP é de aproximadamente 2,5 na faixa 1; 2,2 na faixa 2 e 2,7 na faixa 3. Comparando-se as ocorrências das médias em cada corpus, vemos que, tanto no CPA

quanto na ASP, os percentuais reproduzem o observado no cômputo global das construções-*SE*/SE; ou seja, crescem da faixa 1 à faixa 3. No CPA, correspondem a 29,2%, 30% e 40,8% respectivamente; na ASP, os valores são 28,6%, 33,9% e 37,5%.

De acordo com as tabelas 3.9 e 3.10, tomando-se o percentual das médias em relação ao total de construções-*SE* no CPA, chegamos ao valor de 52,07%. Fazendo-se o mesmo para a ASP, esse valor é ainda maior, totalizando 71,1%. Não resta dúvida de que as construções com clítico mais produzidas em ambos os *corpora* são as médias. A tabela 3.11 disponibiliza os totais das médias por tipo, com percentuais referentes ao conjunto dessas construções em cada corpus:

	CPA		**ASP**	
Tipologia	**Incidências**	**%**	**Incidências**	**%**
a) Médias Kemmer	1.430	91,5	639	99,8
b) Construções de exploração total	20	1,3	0	0
c) Construções de envolvimento total	0	0	0	0
d) Construções energéticas com verbos intr.	74	4,7	0	0
e) Média apresentacional	38	2,4	1	0,2
f) Média de atributo interno	1	0,1	0	0
TOTAIS	**1.563**	**100**	**640**	**100**

Tabela 3.11 – Construções médias por tipo nos *corpora*

De acordo com a tabela 3.11, observou-se, nos dois *corpora*, a supremacia das construções que denominamos médias Kemmer (**a**), com percentuais que superaram os 90%. A seguir, citamos exemplos de **a** no CPA (3) e na ASP (4):

(3) (a) *(...) éste:- éste es el-/ el otro joven que* ***se incorpora*** *a la tertulia ahora// durante un ratito* (E20-CPA-1H2) [PB: *este:- este é o outro jovem que se junta ao bate-papo agora// durante um tempinho*]

(b) *es que siempre/ donde esté la religión/ donde* ***se mezclen*** *las religiones ya sale todo al revés* (E20-CPA-1H2) [PB: *é que sempre/ onde estiver a religião/ onde se misturarem as religiões já sai tudo às avessas*]

(c) *yo sigo bastante estri- estricta para los horarios es verdad/ entonces* [mis hijos] ***se acuestan*** *muy pronto* (E11-CPA-2M3) [PB: *eu continuo bastante rígi- rígida com os horários é verdade/ então* [meus filhos] *se deitam muito cedo*]

(4) (a) *<T> eles vêm pra cá pa(ra) trabalha(r) e eles* ***se sujeitam*** *a mora(r) em dez quinze num quartozinho <T> tá?* (E30-ASP-2M2)

(b) *(...) e também porque <T> a gente gosta daqui acho que nem* ***se acostumaria*** *muito em outro bairro* (E04-ASP-1M3)

(c) *(...) quando eu tinha dez anos onze anos a minha mãe era semi-analfabeta (ela) eu falei que nasceu na fazenda veio pra cá* ***se tornou*** *tecelã nunca estudou (terminou) o primeiro ano primário (...)* (E15-ASP-3H3)

Em se tratando da construção **e**, encontramos alguns casos no CPA (exemplo (5)) e apenas uma incidência na ASP (exemplo (6)):

(5) (a) *el barrio más pobre ¿dónde* ***se situaría****/ en Alcalá?* (E02-CPA-1H3) [PB: *o bairro mais pobre, onde se situaria/ em Alcalá?*]

(b) *yo vivo en el centro// más o menos// en Cuatro Caños// y:/ bueno es una zona cercana al centro y: (lapso = 3)* ***se encuentra*** *a cinco minut- dos o tres minutos/ más o menos de lo que se considera el casco histórico (...)* (E05-CPA-1M3) [PB: *eu vivo no centro// mais ou menos// em Cuatro Caños// e:/ bom é uma zona próxima do centro e: (lapso = 3) se encontra a cinco minut- dois ou três minutos/ mais ou menos do que se considera o centro histórico (...)*]

(c) *(...) unos dicen que* ***se parecen*** *mucho a mí/ este pequeño* ***se parece*** *mucho a mí/ el segundo* (E36-CPA-3M2) [PB: *(...) uns dizem que parecem muito comigo/ este pequeno parece muito comigo/ o segundo*]

(6) *(...)porque <T> tem <I> a moda aqui em São Paulo ela a aliás em pelo menos no interior <T> que eu fui criada um pouquinho lá também <I> a moda* ***se faz*** *muito presente <I> né então <I> aquela coisa um faz... todos fazem (...)* (E05-ASP-1M3)

Com ocorrência apenas no CPA, as construções **b** e **d** estão representadas nos exemplos (7) e (8), respectivamente:

(7) (a) *(...)* [mi hija] *si tiene cinco duros rápido* ***se los gasta*** *(...)* (E35-CPA-3M2) [PB: [minha filha] *se tem qualquer trocado*[121] *gasta rapidinho até o último centavo (...)*]

(b) *(...) mi marido es muy serio es más serio que yo// bueno// parece que* ***se ha tragado*** *un paraguas (risa = todos) (...)* (E04-CPA-1M3) [PB: *meu marido é muito sério é mais sério do que eu// bom// parece que engoliu um guarda-chuva (riso=todos)(...)*]

(c) *(...) pues ya me aprovecho y tengo una canción que ya* ***se saben****// le pongo una letra y: quedamos como:- como reyes* (E16-CPA-3M3) [PB: *(...) pois eu já me aproveito e tenho uma canção que já sabem de cor e salteado// coloco uma letra nela e: ficamos bem na fita*]

[121] O *duro* era uma moeda espanhola que equivalia a 5 pesetas. Na frase original, a expressão *cinco duros* faz referência a uma quantia irrisória; daí optarmos por traduzi-la como "qualquer trocado".

(8) (a) *(...) yo me acuerdo el primero cuando* ***se le caía*** *el chupete (...) (*E26-CPA-2H2) [PB: *(...) eu lembro o primeiro quando lhe caia a chupeta/a chupeta dele caía (...)*][122]

(b) *y: / hablando del:- ((carraspeo)) de las aguas y esto y del:- y del clima/ el:-// el río//* ***se salía*** *mucho ¿verdad?* (E31-CPA-3H2) [PB: *e: / falando do:- ((pigarro)) das águas e isto e do:- e do clima/ o:- // o rio// transbordava muito, não é?*]

(c) *(...) mi padre sólo tenía madre / el padre* ***se había muerto*** *(...)* (E03-CPA-1H3) [PB: *(...) meu pai só tinha mãe / o pai tinha morrido (...)*]

Igualmente, está no CPA a única incidência da construção **f** em todo o levantamento:

(9) *(...) yo creo que la historia ha sido el primer comienzo ¿no? / o sea ha sido el- el punto con el que ha empezado todo el follón/ creo que eso no* ***se acaba*** *tan fácil (E20-CPA-1H2)* [PB: *(...) eu acho que a história foi o primeiro começo, né? / ou seja foi o- o ponto com o qual começou toda a confusão/ acho que isso não (se) acaba tão fácil*]

Por fim, não foram contabilizadas incidências de **c** em nenhum dos *corpora*. Resumindo, os resultados computados nos *corpora* para as médias com *SE*/SE corroboram o amplo domínio do espanhol sobre o PB no que se refere à produção dessas construções. González (1994) e Gancedo Álvares (2002) constataram a baixíssima incidência delas na produção em espanhol de brasileiros adultos. De acordo com nossas estatísticas, em todos os casos examinados — e nos quais houve incidências — o espanhol supera o PB. Nesse quesito, a discrepância observada entre as duas línguas — não somente no cômputo total, mas também nos itens escolaridade e faixa etária — poderia ser explicada pelo progressivo apagamento do clítico no PB. Por questões de concisão, não procedemos a uma análise desse apagamento em nosso estudo.

III.3.3. Impessoais intransitivas

No levantamento dessas construções nos *corpora*, partimos da tipologia apresentada no capítulo II (item II.3, p. 117), comum às duas línguas. Temos, portanto,

[122] Casos como os citados no exemplo, referentes à obliquidade no espanhol, foram estudados em Gancedo Álvarez (2002, 2008).

impessoais intransitivas[123]: com verbos transitivos usados intransitivamente (*Aquí se come mal* [PB: *Aqui se come mal*]); com verbos inergativos (*En este país se vive bien* [PB: *Neste país se vive bem*]); com verbos ergativos (*No se adelgaza al sudar* [PB: *Não se emagrece suando*]); com verbos que têm complemento preposicionado (*Aún no se pensó en las soluciones para este problema* [PB: *Ainda não se pensou nas soluções para este problema*]); com verbos copulativos (*Se es feliz cuando se tiene salud* [PB: *É-se feliz/A gente é feliz quando (se) tem saúde*]); com verbos em construções passivas perifrásticas (*Vivir es bueno cuando se es amado* [PB: *Viver é bom quando se é amado*]).

Além dessas, também foram contabilizadas na mesma categoria as impessoais com inserção do clítico[124], frequentes no PB e sem incidência no espanhol (*Esta cidade é um bom lugar para se viver* [E: **Esta ciudad es un buen lugar para se vivir/ Esta ciudad es un buen lugar para vivir*]).

A tabela 3.12 fornece o número de impessoais intransitivas e seus percentuais por nível de escolaridade:

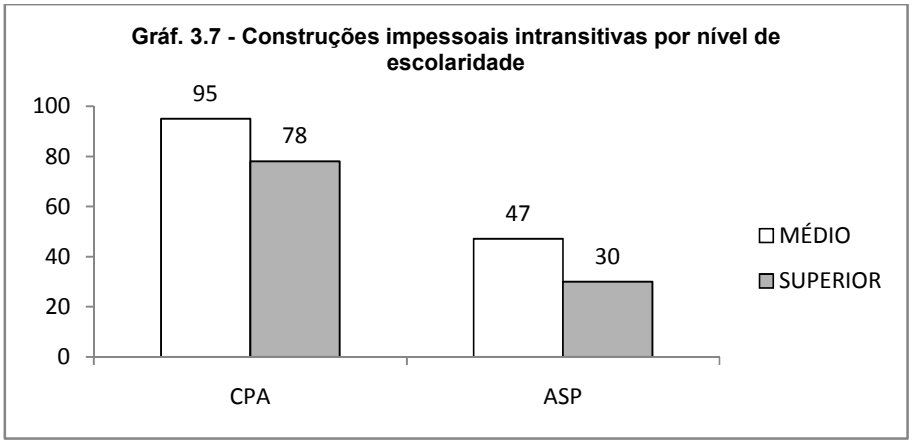
CPA			**ASP**		
Subcorpus	**Incidências**	**%**	**Subcorpus**	**Incidências**	**%**
M2034	41	23,7	M2034	8	10,4
M3554	26	15,0	M3549	16	20,7
Macima55	28	16,2	M5069	23	29,9
Total Médio	**95**	**54,9**	**Total Médio**	**47**	**61**
S2034	15	8,7	S2034	12	15,6
S3554	23	13,3	S3549	10	13,0
Sacima55	40	23,1	S5069	8	10,4
Total Superior	**78**	**45,1**	**Total Superior**	**30**	**39**
Total (M + S)	**173**	**100**	**Total (M + S)**	**77**	**100**
% referente ao total-*SE*		**5,83**	**% referente ao total-SE**		**8,55**

Tabela 3.12 – Construções impessoais intransitivas nos *corpora* por nível de escolaridade

As incidências das impessoais intransitivas no CPA superam as da ASP na contabilização total, no nível de escolaridade e na faixa etária. Na contabilização total, o CPA (173 ocorrências) supera a ASP (77 ocorrências) em mais que o dobro (2,2 vezes). Em se tratando do nível médio de escolaridade, o CPA (95) tem cerca do dobro de

[123] O conceito de intransitividade ao qual nos referimos é válido tanto para o PB quanto para o espanhol. Na nota 33 do capítulo II (item II.1) fornecemos uma definição para o termo.
[124] Estas construções foram tratadas no capítulo II (item II.3, p. 120-123).

ocorrências da ASP (47); no nível superior, o CPA suplanta a ASP em duas vezes e meia: são 78 incidências no primeiro contra apenas 30 na segunda. Esses dados estão representados no gráfico 3.7:



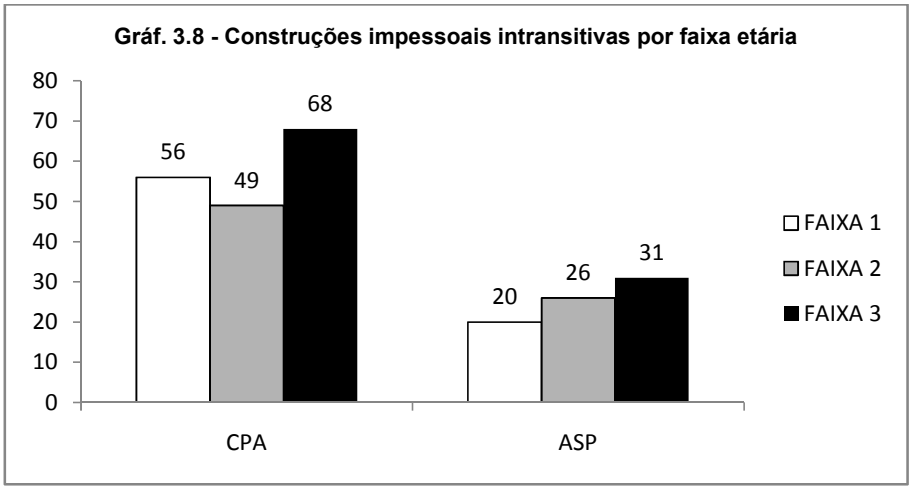
Comparando-se as ocorrências das impessoais intransitivas em cada corpus, observamos que em ambos o nível médio tem percentuais mais altos: no CPA, temos 54,9% contra 45,1%; na ASP, 61% contra 39%.

A tabela 3.13 fornece o número de construções impessoais intransitivas e seus percentuais por faixa etária:

CPA			ASP		
Subcorpus	**Incidências**	**%**	**Subcorpus**	**Incidências**	**%**
M2034	41	23,7	M2034	8	10,4
S2034	15	8,7	S2034	12	15,6
Total Faixa 1	**56**	**32,4**	**Total Faixa 1**	**20**	**26,0**
M3554	26	15,0	M3549	16	20,7
S3554	23	13,3	S3549	10	13,0
Total Faixa 2	**49**	**28,3**	**Total Faixa 2**	**26**	**33,7**
Macima55	28	16,2	M5069	23	29,9
Sacima55	40	23,1	S5069	8	10,4
Total Faixa 3	**68**	**39,3**	**Total Faixa 3**	**31**	**40,3**
Total (F1+F2+F3)	**173**	**100**	**Total (F1+F2+F3)**	**77**	**100**
% referente ao total-*SE*		**5,83**	**% referente ao total-SE**		**8,55**

Tabela 3.13 – Construções impessoais intransitivas nos *corpora* por faixa etária

Considerando-se a idade, nas faixas 2 e 3 o CPA contabiliza aproximadamente o dobro da ASP (faixa 2: 49 contra 26; faixa 3: 68 contra 31); na faixa 1, o CPA tem praticamente o triplo de ocorrências da ASP (56 contra 20). Comparando as ocorrências em cada corpus, tanto no CPA quanto na ASP a faixa 3 está à frente com o maior percentual: 39,3% no primeiro e 40,3% na segunda. No CPA, a faixa 1 vem na segunda posição (32,4%), seguida pela faixa 2 (28,3%); já na ASP ocorre o contrário: a faixa 2 (33,7%) ocupa a posição intermediária, e na sequência vem a faixa 1 (26%). O gráfico 3.8 nos permite visualizar esses dados:



Conforme mostrado nas tabelas 3.12 e 3.13, tomando-se o percentual das impessoais intransitivas em relação ao total de construções-*SE* no CPA, chegamos ao valor de 5,83%. Fazendo-se o mesmo para a ASP, esse total é maior e corresponde a 8,55%. Um dos fatores que possivelmente influencia a superioridade da ASP nesse quesito é a incidência significativa das impessoais intransitivas com inserção de clítico (*rua difícil de se estacionar*) nesse corpus; conforme já comentamos no capítulo II (p. 120-122), essas construções são próprias do PB e não ocorrem no espanhol.

A tabela 3.14 disponibiliza os totais das impessoais intransitivas por tipo:

	CPA		ASP	
Tipologia	**Incidências**	**%**	**Incidências**	**%**
a) Com verbos transitivos usados	46	26,6	36	46,7
b) Com verbos inergativos	46	26,6	6	7,8
c) Com verbos ergativos	12	7,0	1	1,3
d) Com complemento preposicionado	52	30,0	7	9,1
e) Com verbos copulativos	17	9,8	0	0
f) Em passivas perifrásticas	0	0	0	0
g) Com inserção de *SE*/SE	0	0	27	35,1
TOTAIS	**173**	**100**	**77**	**100**

Tabela 3.14 – Construções impessoais intransitivas por tipo nos *corpora*

De acordo com a tabela 3.14, os dois *corpora* apresentaram ocorrências na maior parte dos casos considerados. A construção **a** foi a que teve maior incidência, tanto no CPA (10a) quanto na ASP (10b):

(10) (a) *(...) y en- en estos- en estas zonas donde no* ***se puede aparcar*** *todos están en segunda fila (...)* (E15-CPA-3H3) [PB: *(...) e nestas zonas onde não se pode estacionar todos estão em fila dupla (...)*]

(b) *(...) é complicado* ***se fala se fala*** *muito assim né* ***se fala*** *muito assim* (E33-ASP-3H2)

Igualmente, pode-se observar que as incidências de **b**, **c** e **d** no CPA (11a, 12a e 13a) foram muito superiores às observadas na ASP (11b, 12b e 13b):

(11) (a) *no/ no porque había mucho trepa/// sinceramente cuando* ***se trabajaba*** *en la clandestinidad (...)* (E27-CPA-2H2) [PB: *não/ não porque tinha muito oportunista/// sinceramente quando se trabalhava na clandestinidade*]

(b) *assim não não [hes.]* ***se saía*** *muito... a gente não saía muito de casa não...* (E29-ASP-2M2)

(12) (a) *el* [hijo] *mayor// bueno/ el mayor le ha cambiado* [el carácter] */ normal se ha visto el cambio y// de un par de años aquí pues se le ha visto/ es normal// en el momento que* ***se crece*** *es/ más sensible (...)* (E09-CPA-2H3) [PB: *(...)o* [filho] *mais velho// bem/ o mais velho mudou* [o caráter] */ normal deu pra ver a mudança e// de uns dois anos pra cá aqui pois deu pra ver/ é normal// no momento que se cresce é/ mais sensível (...)*]

(b) *porque o rio Amazonas desceu não tinha/ não* ***se chegava*** *de balsa mais não chegava mercadoria pra Manaus (...)* (E14-CGU-3H3)

(13)(a) *se-**se depende** mucho de Madrid sí en cualquier momento (...)* (E33-CPA-3H2) [PB: *depende-se/a gente depende muito de Madri sim em qualquer momento (...)*]

(b) *(...) eu acho que São Paulo é muito isso São Paulo como sempre **se falou** de São Paulo é uma cidade que não pára... ela não pára* (E29-ASP-2M2)

A construção **e** não ocorreu na ASP, porém contou com algumas incidências no CPA, todas com o verbo *estar*. Citamos dois exemplos:

(14)(a) *(...) que si vives en Alcalá/ s:i es que en Alcalá **se está** muy bien* (E17-CPA-3M3) [PB: *(...) que se você mora em Alcalá/ s:e é que em Alcalá a gente está muito bem*]

(b) *(...) ahora no/ ahora me voy a la biblioteca porque **se está** mucho mejor (...)* (E24-CPA-1M2) [PB: *(...) agora não/ agora vou à biblioteca porque a gente está/ se sente muito melhor*]

A construção **f** não ocorreu em nenhum dos *corpora* que analisamos. Já a construção **g** não foi observada no CPA, o que era esperado. Na ASP, a frequência de **g** foi considerável, sendo superada nesse corpus apenas pelo padrão **a**. Citamos dois exemplos:

(15)(a) *(...) e não sabia fala(r) espanhol bem que espanhol é ridículo de **se aprende(r)** né espanhol é muito fácil (...)* (E21-ASP-1H2)

(b) *(...) gostaria de conhece(r) o sul... talvez falam que lá é bom de **se mora(r)** né?* (E03-ASP-1H3)

Em resumo, os resultados obtidos nos *corpora* para as impessoais intransitivas com *SE*/SE corroboram a supremacia do espanhol sobre o PB quanto à produção dessas construções. De acordo com nossas estatísticas, em todos os padrões comuns às duas línguas — e nos quais houve incidências — o espanhol suplanta o PB. A única exceção foi a construção **g**, típica do PB e sem ocorrências no espanhol.

Partindo do total de construções *SE*/SE levantadas, foi-nos possível fazer uma quantificação prévia das reflexivas, médias e impessoais intransitivas nos *subcorpora*. Ao subtrairmos essas construções do total em cada subcorpus, temos como diferença a quantidade de construções alvo, a serem analisadas no item subsequente. A tabela 3.15 nos mostra em detalhes esses valores para o CPA:

Subcorpus	Classificação das construções *SE*				TOTAL
	Reflexivas	Médias	Alvo	Imp. Intransit.	
M2034	8	222	153	41	424
M3554	20	244	155	26	445
Macima55	24	308	209	28	569
Total Médio	**52**	**774**	**517**	**95**	**1.438**
S2034	18	234	154	15	421
S3554	12	225	224	23	484
Sacima55	9	330	243	40	622
Total Superior	**39**	**789**	**621**	**78**	**1.527**
Total (M + S)	**91**	**1.563**	**1.138**	**173**	**2.965**
TOTAL %	**3,07**	**52,7**	**38,4**	**5,83**	**100**

Tabela 3.15 – CPA: Classificação prévia das construções-*SE*

A tabela 3.16 faz o mesmo para a ASP:

Subcorpus	Classificação das construções SE				TOTAL
	Reflexivas	Médias	Alvo	Imp. Intransit.	
M2034	13	93	9	8	123
M3549	11	80	12	16	119
M5069	10	131	22	23	186
Total Médio	**34**	**304**	**43**	**47**	**428**
S2034	12	90	15	12	129
S3549	20	137	14	10	181
S5069	14	109	31	8	162
Total Superior	**46**	**336**	**60**	**30**	**472**
Total (M + S)	**80**	**640**	**103**	**77**	**900**
TOTAL %	**8,9**	**71,1**	**11,4**	**8,6**	**100**

Tabela 3.16 – ASP: Classificação prévia das construções-SE

III.3.4. Construções alvo

No capítulo II, ao tratarmos do contínuo passivo-impessoal (item II.2.5), citamos e comentamos os fatores que Maldonado (2006, p. 312) considera determinantes para definir se dada construção-*SE* é passiva ou impessoal: o requisito de agentividade humana do verbo, o aspecto léxico e o aspecto morfológico, a concordância e a ordem dos constituintes no enunciado.

Dentre esses fatores, o autor (2006, p. 313) atribui maior peso ao requisito de agentividade humana na gênese das construções impessoais-*SE*: em enunciados cujos verbos possuem alta exigência de indutores humanos, o núcleo está na ação do agente e não na mudança de estado que venha a sofrer o tema. Portanto, para Maldonado (2006, p. 314), quanto maior o requisito verbal de agentividade humana, mais evidente é a leitura impessoal e ativa: esse critério, além de determinar a escolha do sujeito, asseguraria, igualmente, o caráter ativo da construção. Contrariamente, quando o requisito de agentividade humana do verbo é baixo, aumenta a proeminência do tema na construção. Como o participante temático desempenha a função de sujeito e desencadeia a concordância verbal, para muitos autores essas construções são passivas. Entretanto, Maldonado (2006, p. 425) afirma que tal passividade é aparente, uma vez que resulta mais da perda de proeminência do indutor que da escolha do tema como figura do evento; propõe, pois, a classificação das referidas construções como médias de proeminência terminal (MPT).

Para catalogar as construções alvo nos *corpora*, adotamos a classificação proposta por Maldonado para o espanhol, estendendo-a também ao PB. Portanto, tomando o requisito verbal de agentividade humana como critério preponderante, dividimos as construções alvo em duas categorias: **impessoais** e **MPT**. As tabelas 3.17 e 3.18 fornecem o número dessas construções e seus percentuais por nível de escolaridade, faixa etária e o total geral.

CPA					**ASP**				
Subcorpus	**Impes.**	**%**	**MPT**	**%**	**Subcorpus**	**Impes.**	**%**	**MPT**	**%**
M2034	139	12,2	14	1,23	M2034	8	7,8	1	0,97
M3554	140	12,3	15	1,32	M3549	12	11,6	0	0
Macima55	193	17,0	16	1,41	M5069	21	20,4	1	0,97
Tot. Médio	**472**	**41,5**	**45**	**4,0**	**Tot. Médio**	**41**	**39,8**	**2**	**1,94**
S2034	140	12,3	14	1,23	S2034	15	14,6	0	0
S3554	195	17,1	29	2,55	S3549	13	12,6	1	0,97
Sacima55	231	20,3	12	1,1	S5069	31	30,1	0	0
Tot. Superior	**566**	**49,7**	**55**	**4,8**	**Tot. Superior**	**59**	**57,3**	**1**	**0,97**
Total (M +S)	**1.038**	**91,2**	**100**	**8,8**	**Total (M +S)**	**100**	**97,1**	**3**	**2,9**
% Total-*SE*	**Impes.**	**35**	**MPT**	**3,4**	**% Total-SE**	**Impes.**	**11,1**	**MPT**	**0,3**

Tabela 3.17 – Construções alvo nos *corpora* segundo o nível de escolaridade

CPA					ASP				
Subcorpus	**Impes.**	**%**	**MPT**	**%**	**Subcorpus**	**Impes.**	**%**	**MPT**	**%**
M2034	139	12,2	14	1,23	M2034	8	7,8	1	0,97
S2034	140	12,3	14	1,23	S2034	15	14,6	0	0
Tot. Faixa 1	**279**	**24,5**	**28**	**2,46**	**Tot. Faixa 1**	**23**	**22,3**	**1**	**0,97**
M3554	140	12,3	15	1,32	M3549	12	11,6	0	0
S3554	195	17,1	29	2,55	S3549	13	12,6	1	0,97
Tot. Faixa 2	**335**	**29,4**	**44**	**3,9**	**Tot. Faixa 2**	**25**	**24,3**	**1**	**0,97**
Macima55	193	17,0	16	1,41	M5069	21	20,4	1	0,97
Sacima55	231	20,3	12	1,1	S5069	31	30,1	0	0
Tot. Faixa 3	**424**	**37,3**	**28**	**2,46**	**Tot. Faixa 3**	**52**	**50,5**	**1**	**0,97**
Total(F1+F2+F3)	**1.038**	**91,2**	**100**	**8,8**	**Total(F1+F2+F3)**	**100**	**97,1**	**3**	**2,9**
% Total-*SE*	**Impes.**	**35**	**MPT**	**3,4**	**% Total-SE**	**Impes.**	**11,1**	**MPT**	**0,3**

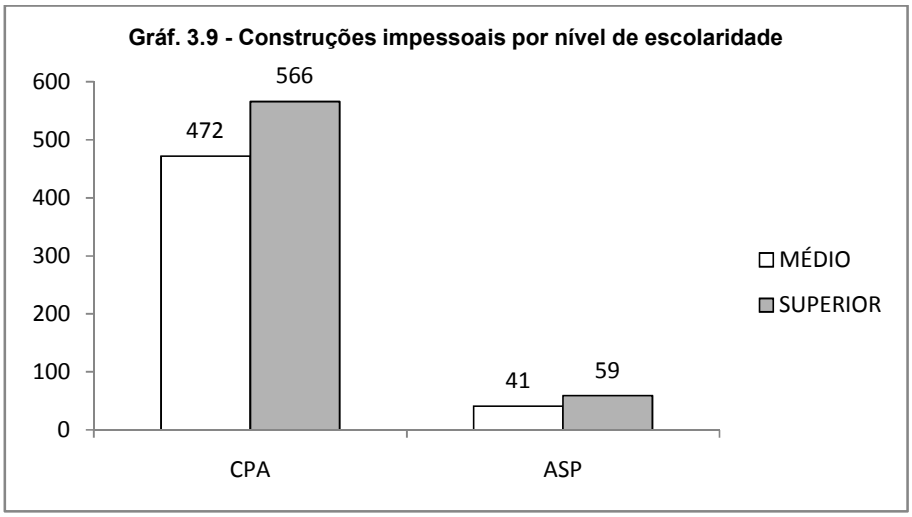
Tabela 3.18 – Construções alvo nos *corpora* segundo a faixa etária

Para maior clareza, comentaremos as impessoais e as MPT separadamente.

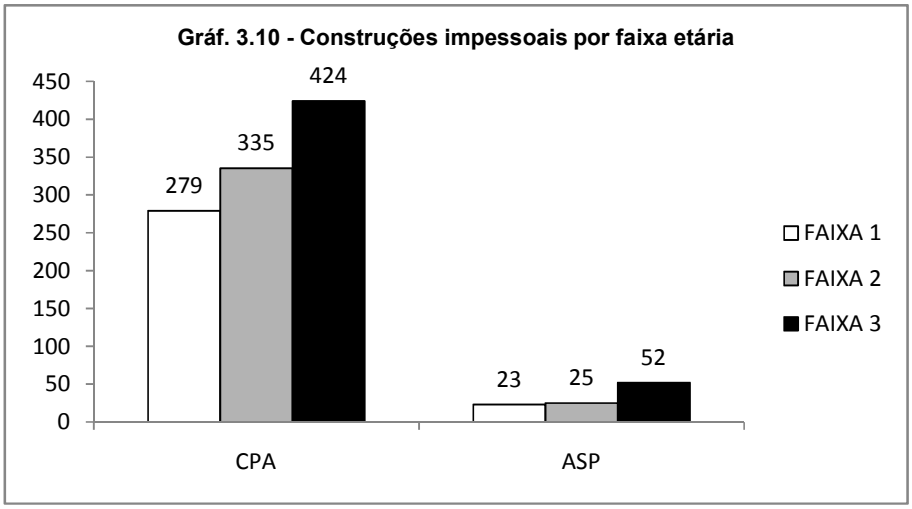
III.3.4.1. Impessoais

Nesta categoria incluímos as construções alvo cujos verbos possuem alto requisito de agentividade humana, tais como *ver* [PB: *ver*], *oír* [PB: *ouvir*], *decir* [PB: *dizer*], *hablar* [PB: *falar*], *hacer* [PB: *fazer*], *pagar* [PB: *pagar*], entre outros. Conforme mostram os dados da tabela 3.17, as incidências das impessoais no CPA superam em muito as da ASP na contabilização total, no nível de escolaridade e na faixa etária. Na contagem total, o CPA (1.038 ocorrências) supera a ASP (100 ocorrências) em cerca de dez vezes. Essa mesma relação se observa no nível superior de escolaridade, com 566 ocorrências do CPA contra 59 da ASP; no nível médio, esse valor se eleva para 11,5: são 472 incidências no CPA contra 41 na ASP. Representamos esses dados no gráfico 3.9:

Comparando-se as ocorrências das impessoais em cada corpus, observamos que em ambos o nível superior tem percentuais mais altos: no CPA, temos 49,7% contra 41,5%; na ASP, 57,3% contra 39,8%.



Na contabilização total, considerando-se a idade, a relação entre as incidências no CPA e na ASP é de aproximadamente 12 na faixa 1; 13 na faixa 2 e 8 na faixa 3. Com respeito às ocorrências das impessoais em cada corpus, o CPA e a ASP apresentam percentuais que reproduzem o observado no cômputo global das construções-*SE*/SE; ou seja, crescem da faixa 1 à faixa 3. No CPA, correspondem a 24,5%, 29,4% e 37,3% respectivamente; na ASP, os valores são 22,3%, 24,3% e 50,5%. O gráfico 3.10 nos permite visualizar melhor esses dados:



Conforme as tabelas 3.17 e 3.18, tomando-se o percentual das impessoais em relação ao total de construções-*SE* no CPA, obtém-se 35%. Fazendo-se o mesmo para a

ASP, esse valor é de apenas 11,1%. O baixo percentual das impessoais no PB está de acordo com nossas hipóteses e pode ser relacionado, em parte, à preferência dos falantes por construções alternativas sem o clítico (GONZÁLEZ, 1994; ARAÚJO JÚNIOR, 2006), como as passivas (*o consumo da maconha* ***foi liberado*** *no Uruguai*) e as impessoais na 3ª do plural (***liberaram*** *o consumo da maconha no Uruguai*) ou com referentes genéricos (*e se* ***o pessoal*** *libera a maconha aqui no Brasil?*); outro fator a considerar seriam as mudanças na língua, como a ocorrência de impessoais com apagamento do clítico (*diz Ø que o governo uruguaio liberou o consumo da maconha*), conforme apontadas por Galves (1987) e Nunes (1990).

No que se refere à **concordância**, contabilizamos apenas 25 incidências de impessoais discordantes no CPA. Na ASP, esse número foi menor ainda, totalizando 8 casos. Embora no cômputo global o CPA supere a ASP em cerca do triplo, em termos percentuais é a ASP que está à frente, com 8% de construções discordantes contra apenas 2,41% no CPA. A distribuição das ocorrências em cada corpus por nível de escolaridade e por faixa etária, assim como seus percentuais, é mostrada nas tabelas 3.19 e 3.20. Os percentuais foram calculados tomando como referência o conjunto de impessoais nos *corpora* (CPA=1.038; ASP=100) e, ao final, o total de construções-*SE*/SE.

CPA			**ASP**		
Subcorpus	**Incidências**	**%**	**Subcorpus**	**Incidências**	**%**
M2034	3	0,29	M2034	0	0
M3554	0	0	M3549	1	1,0
Macima55	5	0,48	M5069	1	1,0
Total Médio	**8**	**0,77**	**Total Médio**	**2**	**2,0**
S2034	3	0,29	S2034	0	0
S3554	6	0,58	S3549	1	1,0
Sacima55	8	0,77	S5069	5	5,0
Total Superior	**17**	**1,64**	**Total Superior**	**6**	**6,0**
Total (M + S)	**25**	**2,41**	**Total (M + S)**	**8**	**8,0**
% referente ao total-*SE*		**0,84**	**% referente ao total-SE**		**0,9**

Tabela 3.19 – Construções impessoais discordantes nos *corpora* por nível de escolaridade

CPA			ASP		
Subcorpus	**Incidências**	**%**	**Subcorpus**	**Incidências**	**%**
M2034	3	0,29	M2034	0	0
S2034	3	0,29	S2034	0	0
Total Faixa 1	**6**	**0,58**	**Total Faixa 1**	**0**	**0**
M3554	0	0	M3549	1	1,0
S3554	6	0,58	S3549	1	1,0
Total Faixa 2	**6**	**0,58**	**Total Faixa 2**	**2**	**2,0**
Macima55	5	0,48	M5069	1	1,0
Sacima55	8	0,77	S5069	5	5,0
Total Faixa 3	**13**	**1,25**	**Total Faixa 3**	**6**	**6,0**
Total (F1+F2+F3)	**25**	**2,41**	**Total (F1+F2+F3)**	**8**	**8,0**
% referente ao total-*SE*		**0,84**	**% referente ao total-SE**		**0,9**

Tabela 3.20 – Construções impessoais discordantes nos *corpora* por faixa etária

Se tomamos somente o conjunto de impessoais em cada corpus, o número percentual de construções discordantes da ASP supera o do CPA com respeito ao nível de escolaridade: no nível médio, a relação é de 2% na ASP contra 0,77% no CPA; no nível superior, 6% na ASP contra 1,64% no CPA. No que se refere à faixa etária, a superioridade da ASP se mantém, exceto na faixa 1, devido a que nesse subcorpus não houve construções discordantes. Na faixa 2, temos 2% da ASP contra 0,58% do CPA. Na faixa 3, a ASP totaliza 6% contra apenas 1,25% do CPA.

Tomando-se o conjunto das construções-SE/SE, esses percentuais estão próximos, com pequena vantagem da ASP (0,9%) sobre o CPA (0,84%). Portanto, os resultados encontrados estão de acordo com nossa hipótese de que no PB a porcentagem de construções discordantes é superior à observada no espanhol. A seguir, fornecemos exemplos de impessoais discordantes extraídas da ASP (17) e do CPA (16):

(16) (a) *(...) porque/ los barrios esos mientras* ***se está pagando*** *<u>los pisos</u> que siempre va uno// un poco apretadillo// pero luego ya se convierten en unos buenos barrios* (E33-CPA-3H2) [PB: *porque/ esses bairros enquanto se está pagando os apartamentos que sempre a pessoa vive um pouco apertadinha// mas logo já se transformam em bairros legais*]

(b) *(...) por ejemplo la que yo vivo es una vivienda de <u>las primeras</u> que* ***se hizo*** *(...)* (E08-CPA-2H3) [PB: *(...) por exemplo a que eu moro é uma casa das primeiras que se fez/foram feitas*]

(c) *(...) y es una pena porque antes había unas/ <u>normas de urbanidad</u>/ que* ***se enseñaba*** *en los colegios (...)* (E16-CPA-3M3) [PB: *(...) e é uma*

pena porque antes tinha umas normas de urbanidade que se ensinava nos colégios]

(17) (a) *tinha brincadeiras que hoje a gente não* ***se vê*** *mais né? (...)* (E32-ASP-3H2)[125]

(b) *que assim locadoras de bairro geralmente não* ***se encontra*** *né? mas lá assim (sei lá) tem tudo do Bergman (...)* (E11-ASP-2M3)

(c) *(...) o comércio <T> é muito rotativo* ***se constrói*** *as mesmas empresas as mesmas lojas?* (E18-ASP-3M3)

No CPA, contabilizamos as seguintes incidências nas quais a concordância não segue o padrão recomendado pelas gramáticas prescritivas:

(18) (a) *(...) la gran llegada a la plaza Cervantes/ donde* ***se cepillaron*** *a todos los de las autoescuelas* (E25-CPA-2H2) [PB: *(...) a grande chegada à praça Cervantes/ onde depenaram todos os das autoescolas*]

(b) *(...) sobre si existe vida:/ en algún otro planeta y tal/ hombre yo estoy convencido convencido de que: no a lo mejor se sepa dónde y tal pero pero que se tie-* ***se tienen*** *mogollón de pruebas* ***se tienen*** *mogollón de cosas y mogollón de estudios/ que actualmente nosotros nunca vamos a saber no?* (E20-CPA-1H2) [PB: *(...) sobre se existe vida:/ em algum outro planeta e tal/ meu eu to convencido convencido que: não talvez se saiba onde e tal mas mas que se têm um monte de provas se têm um monte de coisas e um monte de estudos/ que atualmente a gente nunca vai saber né?*]

Em (18a), embora haja marcação de caso acusativo, o falante usa o verbo no plural (*cepillaron*) para concordar com o SN plural (*todos*). Em (18b), a concordância não se estabelece com o SN singular (*mogollón*), e sim com seus complementos (*pruebas*, *cosas* e *estudios*).

Quanto ao **aspecto morfológico**, dividimos as impessoais em **perfectivas** e **imperfectivas**. As tabelas 3.21 e 3.22 mostram os totais dessas construções e seus percentuais por nível de escolaridade e faixa etária.

[125] Neste exemplo, veja-se o modo como o falante constrói o enunciado: de início, utiliza a expressão **a gente** para marcar a indeterminação e, em seguida, reformula usando o clítico **SE** (**se vê**).

CPA					ASP				
Subcorpus	**Perf.**	**%**	**Imperf.**	**%**	**Subcorpus**	**Perf.**	**%**	**Imperf.**	**%**
M2034	13	1,25	126	12,1	M2034	0	0	8	8
M3554	29	2,79	111	10,7	M3549	2	2	10	10
Macima55	27	2,6	166	16,0	M5069	1	1	20	20
Tot. Médio	**69**	**6,6**	**403**	**38,8**	**Tot. Médio**	**3**	**3**	**38**	**38**
S2034	10	0,96	130	12,5	S2034	1	1	14	14
S3554	45	4,33	150	14,4	S3549	1	1	12	12
Sacima55	30	2,89	201	19,4	S5069	5	5	26	26
Tot. Superior	**85**	**8,2**	**481**	**46,4**	**Tot. Superior**	**7**	**7**	**52**	**52**
Total (M +S)	**154**	**14,8**	**884**	**85,2**	**Total (M +S)**	**10**	**10**	**90**	**90**
% Total-*SE*	**Perf.**	**5,2**	**Imperf.**	**29,8**	**% Total-SE**	**Perf.**	**1,1**	**Imperf.**	**10**

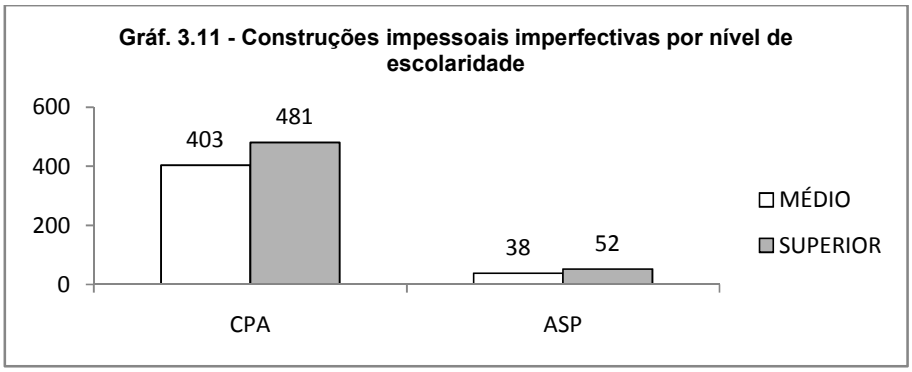
Tabela 3.21 – Construções impessoais perfectivas e imperfectivas nos *corpora* por escolaridade

CPA					ASP				
Subcorpus	**Perf.**	**%**	**Imperf.**	**%**	**Subcorpus**	**Perf.**	**%**	**Imperf.**	**%**
M2034	13	1,25	126	12,1	M2034	0	0	8	8
S2034	10	0,96	130	12,5	S2034	1	1	14	14
Tot. Faixa 1	**23**	**2,21**	**256**	**24,6**	**Tot. Faixa 1**	**1**	**1**	**22**	**22**
M3554	29	2,79	111	10,7	M3549	2	2	10	10
S3554	45	4,33	150	14,4	S3549	1	1	12	12
Tot. Faixa 2	**74**	**7,12**	**261**	**25,1**	**Tot. Faixa 2**	**3**	**3**	**22**	**22**
Macima55	27	2,6	166	16,0	M5069	1	1	20	20
Sacima55	30	2,89	201	19,4	S5069	5	5	26	26
Tot. Faixa 3	**57**	**5,49**	**367**	**35,4**	**Tot. Faixa 3**	**6**	**6**	**46**	**46**
Tot.(F1+F2+F3)	**154**	**14,8**	**884**	**85,2**	**Tot.(F1+F2+F3)**	**100**	**10,0**	**90**	**90,0**
% Total-*SE*	**Perf.**	**5,2**	**Imperf.**	**29,8**	**% Total-SE**	**Perf.**	**1,1**	**Imperf.**	**10,0**

Tabela 3.22 – Construções impessoais perfectivas e imperfectivas nos *corpora* por faixa etária

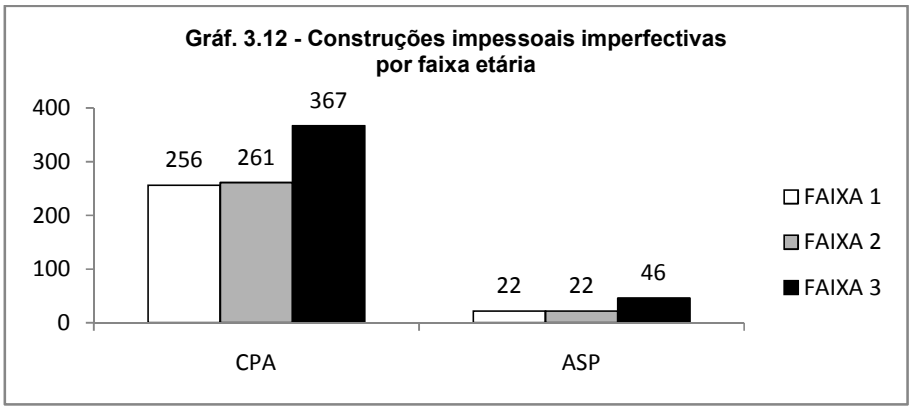
De acordo com esses dados, as impessoais imperfectivas superam as perfectivas no cômputo global, no nível de escolaridade e na faixa etária. Na contagem total, considerando apenas os casos de imperfectividade, o CPA (884 ocorrências) supera a ASP (90 ocorrências) em cerca de dez vezes. Essa mesma relação se observa no nível

médio de escolaridade, com 403 ocorrências do CPA contra 38 da ASP; no nível superior, esse valor decai para 9,2: são 481 incidências no CPA contra 52 na ASP. Representamos esses dados no gráfico 3.11:



Comparando-se as ocorrências das impessoais imperfectivas em cada corpus, observamos que em ambos o nível superior tem percentuais mais altos: no CPA, temos 46,4% de imperfectivas contra apenas 8,2% de perfectivas; na ASP, 52% contra 7%.

Na contabilização total, considerando-se a idade, a relação entre as incidências no CPA e na ASP é de aproximadamente 11,6 na faixa 1; 12 na faixa 2 e 8 na faixa 3. Com respeito às ocorrências das impessoais imperfectivas em cada corpus, o CPA apresenta percentuais que reproduzem o observado no cômputo global das construções-SE/SE; ou seja, crescem da faixa 1 à faixa 3 e correspondem a 24,6%, 25,1% e 35,4% respectivamente. Na ASP, os percentuais das faixas 1 e 2 são iguais (22%) e, na faixa 3, esse valor é maior que o dobro das anteriores, totalizando 46%. O gráfico 3.12 nos permite visualizar melhor esses dados:



Quanto à **ordem**, dividimos as impessoais em dois grupos: as construções que têm objeto direto anteposto ao verbo e as que apresentam esse objeto posposto. As tabelas 3.23 e 3.24 mostram os totais dessas construções e seus percentuais por nível de escolaridade e por faixa etária.

CPA					ASP				
Subcorpus	**Ant.**	**%**	**Posp.**	**%**	**Subcorpus**	**Ant.**	**%**	**Posp.**	**%**
M2034	52	5,01	87	8,38	M2034	4	4,0	4	4,0
M3554	42	4,05	98	9,44	M3549	1	1,0	11	11,0
Macima55	52	5,01	141	13,58	M5069	8	8,0	13	13,0
Tot. Médio	**146**	**14,1**	**326**	**31,4**	**Tot. Médio**	**13**	**13,0**	**28**	**28,0**
S2034	28	2,69	112	10,79	S2034	12	12,0	3	3,0
S3554	63	6,07	132	12,72	S3549	7	7,0	6	6,0
Sacima55	75	7,22	156	15,03	S5069	9	9,0	22	22,0
Tot. Superior	**166**	**16,0**	**400**	**38,5**	**Tot. Superior**	**28**	**28,0**	**31**	**31,0**
Total (M +S)	**312**	**30,0**	**726**	**70,0**	**Total (M +S)**	**41**	**41**	**59**	**59**
% Total-*SE*	**Ant.**	**10,5**	**Posp.**	**24,5**	**% Total-SE**	**Ant.**	**4,5**	**Posp.**	**6,5**

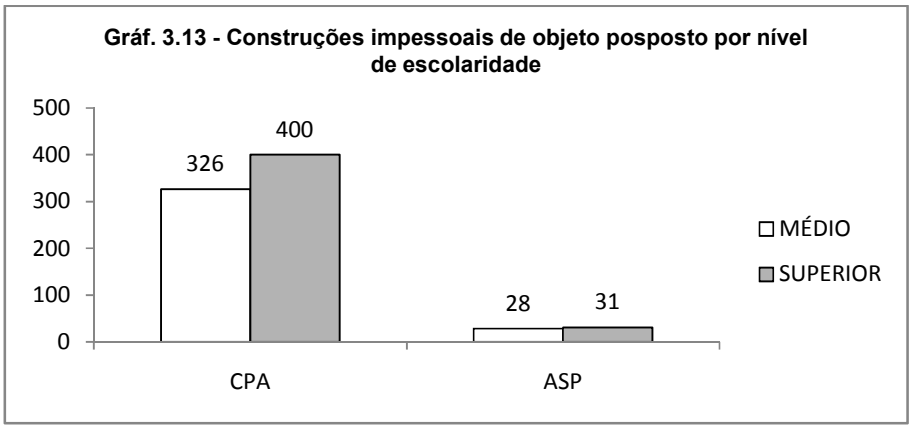
Tabela 3.23 – Construções impessoais nos *corpora* quanto à ordem e por escolaridade

CPA					ASP				
Subcorpus	**Ant.**	**%**	**Posp.**	**%**	**Subcorpus**	**Ant.**	**%**	**Posp.**	**%**
M2034	52	5,01	87	8,38	M2034	4	4,0	4	4,0
S2034	28	2,69	112	10,79	S2034	12	12,0	3	3,0
Tot. Faixa 1	**80**	**7,7**	**199**	**19,2**	**Tot. Faixa 1**	**16**	**16,0**	**7**	**7,0**
M3554	42	4,05	98	9,44	M3549	1	1,0	11	11,0
S3554	63	6,07	132	12,72	S3549	7	7,0	6	6,0
Tot. Faixa 2	**105**	**10,1**	**230**	**22,2**	**Tot. Faixa 2**	**8**	**8,0**	**17**	**17,0**
Macima55	52	5,01	141	13,58	M5069	8	8,0	13	13,0
Sacima55	75	7,22	156	15,03	S5069	9	9,0	22	22,0
Tot. Faixa 3	**127**	**12,2**	**297**	**28,6**	**Tot. Faixa 3**	**17**	**17,0**	**35**	**35,0**
Tot.(F1+F2+F3)	**312**	**30,0**	**726**	**70,0**	**Tot.(F1+F2+F3)**	**41**	**41**	**59**	**59**
% Total-*SE*	**Ant.**	**10,5**	**Posp.**	**24,5**	**% Total-SE**	**Ant.**	**4,5**	**Posp.**	**6,5**

Tabela 3.24 – Construções impessoais nos *corpora* quanto à ordem e por faixa etária

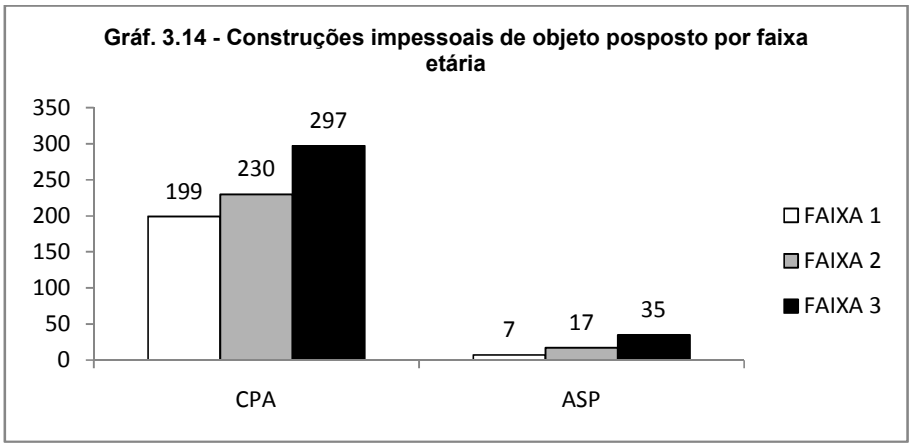
De acordo com os dados dessas tabelas, as impessoais com objeto direto posposto superam as com objeto direto anteposto no cômputo geral, no nível de escolaridade e na

faixa etária. No CPA, o percentual de impessoais com objeto posposto é de 70%, contra apenas 30% com objeto anteposto; na ASP, esses percentuais são de 59% e 41%. Na contagem total, considerando apenas os casos de posposição, o CPA (726 ocorrências) supera a ASP (59 ocorrências) em cerca de doze vezes. Essa mesma relação se observa no nível médio de escolaridade, com 326 ocorrências do CPA contra 28 da ASP; no nível superior, esse valor aumenta para 13: são 400 incidências no CPA contra 31 na ASP. Representamos esses dados no gráfico 3.13:



Comparando-se as ocorrências das impessoais com objeto posposto em cada corpus, observamos que, com respeito à escolaridade, os percentuais estão próximos, com pequena vantagem para o nível superior: no CPA, temos 38,5% contra 31,4%; na ASP, 31% contra 28%.

Na contabilização total, considerando-se a idade, a relação entre as incidências no CPA e na ASP é de aproximadamente 28,4 na faixa 1; 13,5 na faixa 2 e 8,5 na faixa 3. Com respeito às ocorrências das impessoais com objeto posposto em cada corpus, o CPA e a ASP apresentam percentuais que reproduzem o observado no cômputo global das construções-SE/SE; ou seja, crescem da faixa 1 à faixa 3. No CPA, correspondem a 19,2%, 22,2% e 28,6% respectivamente; na ASP, os valores são 7%, 17% e 35%. O gráfico 3.14 nos permite visualizar melhor esses dados:



A anteposição do objeto nas impessoais ocorreu por questões discursivas, em enunciados nos quais houve algum tipo de topicalização. Os padrões mais recorrentes nos *corpora* consistiram na simples anteposição do objeto (19a e 20a), na anteposição em construções com relativos (19b, 19c, 20b, 20c) e com tópicos resumidos por expressões como *todo* [PB: *tudo*], *nada* [PB: *nada*], *eso* [PB: *isso*], etc. (19d, 20d):

(19) (a) *y <u>montones de tratos</u>* ***se hacían*** *en un par de días// de compra y venta de-/ de mula (...)* (E32-CPA-3H2) [PB: *e negócios às pencas se faziam/eram feitos em dois dias*]

(b) *yo me fuerzo porque/ hay mucha- hay <u>mucha: cosas</u> que* ***se hablan*** *con la mímica ¿no? (...)* (E20-CPA-1H2) [PB: *eu me forço porque/ tem muita- tem muita: coisas que se falam por mímica né?*]

(c) *(...) parece ser que <u>lo</u> que* ***se está haciendo*** *es una ciudad universitaria otra vez (...)* (E32-CPA-3H2) [PB: *(...) parece que o que está se fazendo/está sendo feito é uma cidade universitária outra vez*]

(d) *Alcalá ¿qué no tiene?/ ¡ah:! tantas cosas/// a mí me gustaría/ paz tranquilidad/ y <u>eso</u> no* ***se puede dar****/ es muy difícil (...)* (E15-CPA-3H3) [PB: *o que Alcalá não tem?ah:! tantas coisas/// eu gostaria de/ paz tranquilidade/ e isso não se pode/é possível dar/ é muito difícil (...)*]

(20) (a) *eu acho assim <u>a diferença</u> <I>* ***se achava*** *nas casa as pessoas entende <I> (...)* (E34-ASP-3M2)

(b) *por exemplo os italianos qual foi a influência deles no <u>português</u> <R> que* ***se fala*** *hoje em São Paulo?* (E04-ASP-1M3)

(c) *(...) tenho um receio pessoal de fala(r) né... por exemplo <u>o</u> que* ***se tem*** *como mentalidade geral (...)* (E06-ASP-1M3)

(d) *(...)(...) Campinas... Alphaville não não <u>nada</u>* ***se compara*** *a São Paulo eu não troco isso aqui por nada não (...)* (E05-ASP-1M3)

No mais, como as impessoais-*SE*/SE são construções de sujeito/agente esquemático, elas oferecem mais restrições à aparição desses elementos no enunciado (**En esta escuela la autonomía de los profesores es algo que se respeta por el director* [PB: **Nesta escola a autonomia dos professores é algo que se respeita pelo diretor*])[126]. De fato, no corpus do PB não encontramos nenhuma ocorrência de impessoais com agente expresso. No corpus do espanhol, contabilizamos apenas 7 incidências do gênero (cerca de 0,24% do total), das quais citamos as seguintes:

(21) (a) *(...) entonces las ferias de Alcalá/ eran esperadas// durante los cuatro días que* ***se celebraban****// <u>por los alcalaínos más todos los pueblos de alrededor</u> que bajaban a Alcalá esos días a divertirse* (E32-CPA-3H2) [PB: *(...) então as feiras de Alcalá/ eram esperadas// durante os quatro dias que se celebravam eram celebradas pelos de Alcalá mais toda a gente das redondezas que vinha para Alcalá nesses dias pra se divertir*]

(b) *(...) el director siempre es un académico de número/ que* ***se propone*** *<u>por el consejo</u> y* ***se vota*** *<u>por el pleno</u>/ y luego* ***se ratifica*** *por el- <u>por el arzobispo</u> de Madrid (...)* (E13-CPA-3H3) [PB: *o diretor é sempre um acadêmico de número que é proposto pelo conselho e é votado pelo pleno/ e depois é ratificado pelo arcebispo de Madri*]

De acordo com nossa análise, a presença do agente nas impessoais se dá por razões discursivas. Em (21a), entendemos que sua função é introduzir informação nova: o falante deseja especificar que, além dos habitantes de Alcalá, pessoas das localidades vizinhas também participavam das feiras. Em (21b), a presença do agente tem clara função de contraste, uma vez que cada ação apresentada (*proponer*, *votar* e *ratificar*) é levada a cabo por instâncias diferentes.

Por fim, levando-se em conta todos os resultados referentes às impessoais, podemos sintetizá-los por meio das seguintes considerações:

a) no cômputo global, o CPA supera em dez vezes a ASP no número de ocorrências de construções impessoais;
b) tomados os percentuais em cada corpus, o CPA totaliza 35% de impessoais, contra aproximadamente 11% na ASP. O baixo percentual no corpus do PB pode ser atribuído, por um lado, à preferência nessa língua

[126] O exemplo citado tem maior aceitabilidade no caso de um sujeito/agente genérico: *En esta escuela la autonomía de los profesores es algo que se respeta por la dirección* [PB: ?*Nesta escola a autonomia dos professores é algo que se respeita pela direção*]. É o que mostraremos nos exemplos extraídos do CPA, na sequência.

por construções alternativas sem o clítico (passivas perifrásticas, impessoais na 3ª pessoa do plural, etc.) e, por outro lado, às mudanças na língua, como a ocorrência de impessoais com apagamento do clítico;

c) com respeito à escolaridade, o nível superior contabilizou maior número de incidências nos dois *corpora*, porém com percentuais não muito afastados daqueles encontrados no nível médio;

d) no que se refere à faixa etária, observou-se maior equilíbrio na distribuição do CPA. Na ASP, a maior concentração de ocorrências na faixa dos falantes com mais idade, em alguns casos superior à metade do total de incidências, sugere que os falantes mais jovens estejam produzindo menos as referidas construções;

e) o percentual de impessoais discordantes foi baixo nos dois *corpora*: 2,41% no CPA e 8% na ASP. Com base nos estudos que consultamos para o PB, já prevíamos que haveria maior grau de discordância na ASP;

f) em se tratando do aspecto, as impessoais imperfectivas foram predominantes no CPA e na ASP, com percentuais de aproximadamente 85% no primeiro corpus e 90% no segundo;

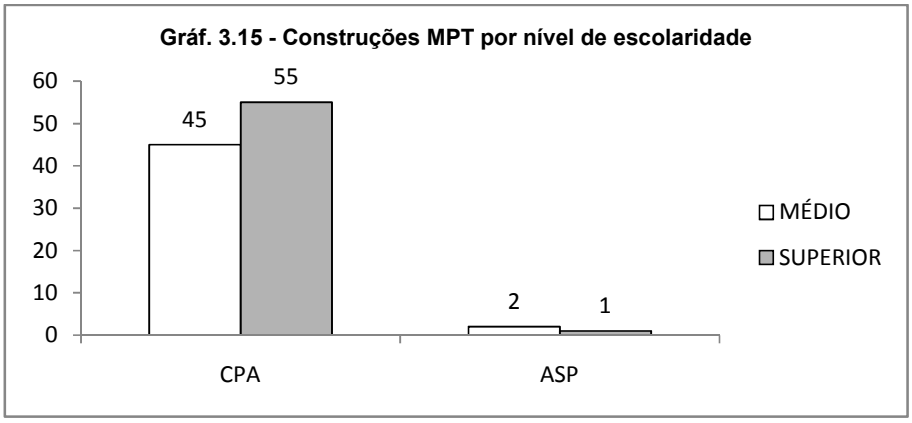
g) as impessoais com objeto posposto lideraram as estatísticas, contabilizando 70% no CPA e 60% na ASP; desse modo, a preferência nos dois *corpora* foi pela ordem SVO. A anteposição do objeto nessas construções ocorreu por questões discursivas, em enunciados nos quais houve algum tipo de topicalização;

h) a presença de agentes nas impessoais é de rara incidência e ocorre por questões discursivas: seja para introduzir no enunciado alguma entidade sem menção prévia, seja pela necessidade de contrastar agentes.

III.3.4.2. Médias de proeminência terminal (MPT)

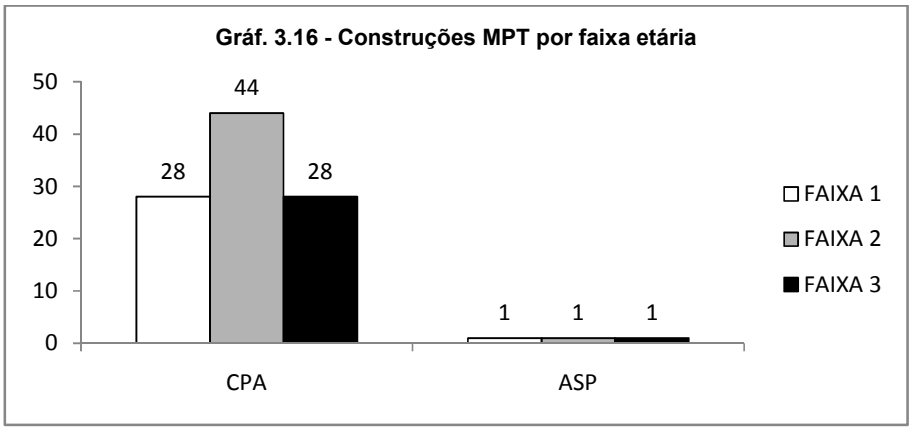
Nesta categoria incluímos as construções alvo cujos verbos possuem baixo requisito de agentividade humana, tais como *perder* [PB: *perder*], *deteriorar* [PB: *deteriorar*], *abrir* [PB: *abrir*], *cerrar* [PB: *fechar*], *estropear* [PB: *estragar*], *quemar* [PB: *queimar*], *romper* [PB: *quebrar*] entre outros. Conforme mostram os dados da tabela

3.17, as incidências das MPT no CPA superam em muito as da ASP na contabilização total, no nível de escolaridade e na faixa etária. Na contagem total, o CPA (100 ocorrências) suplanta a ASP (3 ocorrências) em mais de trinta vezes. Essa relação aumenta no nível superior de escolaridade, com 55 ocorrências do CPA contra apenas 1 da ASP; no nível médio, esse valor decai para 22,5: são 45 incidências no CPA contra 2 na ASP. Representamos esses dados no gráfico 3.15:



Comparando-se as ocorrências das MPT em cada corpus, observamos que, em termos percentuais, no CPA o nível superior suplanta o médio: 4,8% contra 4%. Na ASP, ocorre o oposto: das 3 ocorrências observadas, 2 se encontram no nível médio, que contabiliza 1,94% contra 0,97.

Na contabilização total, considerando-se a idade, a relação entre as incidências no CPA e na ASP é de 28 nas faixa 1 e 3; na faixa 2, esse valor aumenta para 44. Com respeito às ocorrências das MPT em cada corpus, o CPA apresenta percentuais iguais nas faixas 1 e 3 (28%), concentrando mais incidências na faixa 2 (44%). Na ASP, temos o mesmo percentual nas três faixas (0,97%). O gráfico 3.16 nos permite visualizar melhor esses dados:



Conforme as tabelas 3.17 e 3.18, se tomamos o percentual das MPT em relação ao total de construções-*SE* no CPA, obtemos apenas 3,4%. Fazendo-se o mesmo para a ASP, esse valor é ainda menor, contabilizando 0,3%. Assim como o observado para as impessoais, o baixo percentual das MPT no PB está em conformidade com nossas hipóteses e pode ser relacionado à preferência dos falantes por construções alternativas sem o clítico nessa língua, especialmente as passivas perifrásticas (GONZÁLEZ, 1994; ARAÚJO JÚNIOR, 2006). O uso das passivas, por sua vez, decorre do já mencionado apagamento do clítico no PB.

Quanto ao **aspecto morfológico**, dividimos as MPT em **perfectivas** (exemplos 22 [E] e 23 [PB]) e **imperfectivas** (exemplos 24 [E] e 25 [PB]):

(22) *(...) al lado del-/ del molino éste de:- / del puente Zulema que **se quemó** antes de ayer/ que hubo un incendio (...)* (E26-CPA-2H2) [PB: *(...) ao lado do-/ desse moinho que se incendiou anteontem/ que houve um incêndio*]

(23) *(...) elas duas que ficaram com sotaque o resto acho que já meio que **se perdeu** minha {mãe tinha} minha mãe perdeu o sotaque...* (E22-ASP-1M2)

(24) *porque vamos a cantar la melodía que fue: - // que fue la:- la- la última que aparece en la película yo no la he visto pero me la han contado// cuando **se está hundiendo** el barco//* (E16-CPA-3M3) [PB: *porque vamos cantar a melodia que foi:- // que foi a:- a- a última que aparece no filme eu não vi mas me contaram// quando o barco está afundando*]

(25) *(...) A. Jr. ele é médico infectologista mas nunca mais eu o vi então <E> a família a família foi se **se deteriorando** <D> acabando <D> cada um foi pra um lugar (...)* (E33-ASP-3H2)

As tabelas 3.25 e 3.26 mostram os totais das MPT e seus percentuais por nível de escolaridade e por faixa etária:

CPA					ASP				
Subcorpus	**Perf.**	**%**	**Imperf.**	**%**	**Subcorpus**	**Perf.**	**%**	**Imperf.**	**%**
M2034	12	12	2	2	M2034	1	33,3	0	0
M3554	12	12	3	3	M3549	0	0	0	0
Macima55	10	10	6	6	M5069	0	0	1	33,3
Tot. Médio	**34**	**34**	**11**	**11**	**Tot. Médio**	**1**	**33,3**	**1**	**33,3**
S2034	9	9	5	5	S2034	0	0	0	0
S3554	20	20	9	9	S3549	1	33,3	0	0
Sacima55	5	5	7	7	S5069	0	0	0	0
Tot. Superior	**34**	**34**	**21**	**21**	**Tot. Superior**	**1**	**33,3**	**0**	**0**
Total (M +S)	**68**	**68**	**32**	**32**	**Total (M +S)**	**2**	**66,7**	**1**	**33,3**
% Total-*SE*	**Perf.**	**2,3**	**Imperf.**	**1,08**	**% Total-SE**	**Perf.**	**0,22**	**Imperf.**	**0,11**

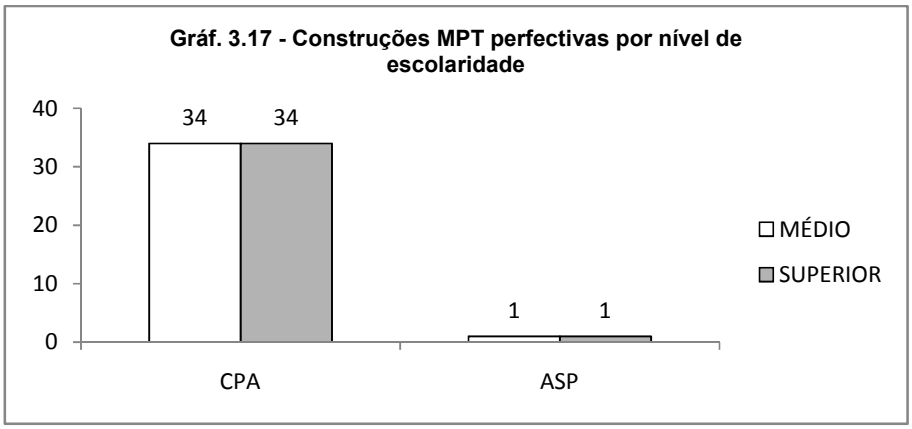
Tabela 3.25 – Construções MPT perfectivas e imperfectivas nos *corpora* por escolaridade

CPA					ASP				
Subcorpus	**Perf.**	**%**	**Imperf.**	**%**	**Subcorpus**	**Perf.**	**%**	**Imperf.**	**%**
M2034	12	12	2	2	M2034	1	33,3	0	0
S2034	9	9	5	5	S2034	0	0	0	0
Tot. Faixa 1	**21**	**21**	**7**	**7**	**Tot. Faixa 1**	**1**	**33,3**	**0**	**0**
M3554	12	12	3	3	M3549	0	0	0	0
S3554	20	20	9	9	S3549	1	33,3	0	0
Tot. Faixa 2	**32**	**32**	**12**	**12**	**Tot. Faixa 2**	**1**	**33,3**	**0**	**0**
Macima55	10	10	6	6	M5069	0	0	1	33,3
Sacima55	5	5	7	7	S5069	0	0	0	0
Tot. Faixa 3	**15**	**15**	**13**	**13**	**Tot. Faixa 3**	**0**	**0**	**1**	**33,3**
(F1+F2+F3)	**68**	**68**	**32**	**32**	**(F1+F2+F3)**	**2**	**66,7**	**1**	**33,3**
% Total-*SE*	**Perf.**	**2,3**	**Imperf.**	**1,08**	**% Total-SE**	**Perf.**	**0,22**	**Imperf.**	**0,11**

Tabela 3.26 – Construções MPT perfectivas e imperfectivas nos *corpora* por faixa etária

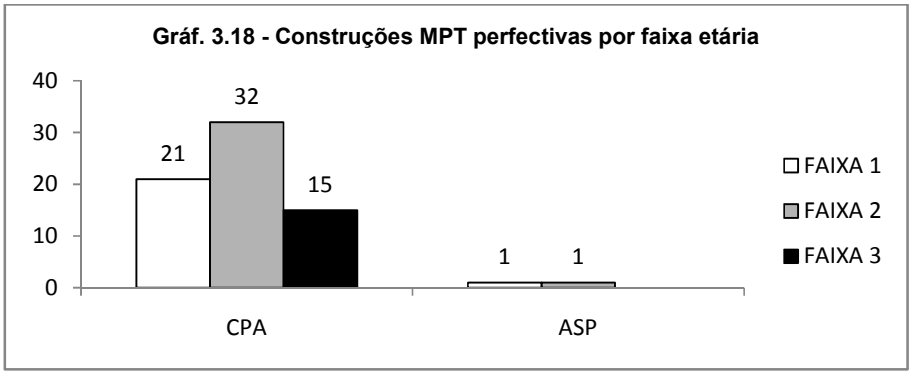
Segundo esses dados, as MPT perfectivas suplantam as imperfectivas no cômputo global, no nível de escolaridade e na faixa etária. Na contagem total, considerando apenas os casos de perfectividade, o CPA (68 ocorrências) supera a ASP (2 ocorrências) em cerca de 34 vezes. Essa mesma relação se observa nos níveis de escolaridade médio

(CPA: 34; ASP: 1) e superior (CPA: 34; ASP: 1). Representamos esses dados no gráfico 3.17:



Comparando-se as ocorrências das MPT perfectivas em cada corpus, observamos que em ambos o nível médio e o nível superior têm os mesmos percentuais: no CPA, esse valor é de 34%; na ASP, 33,3%.

Na contabilização total, considerando-se a idade, a relação entre as incidências no CPA e na ASP é de 21 e 32, nas faixas 1 e 2, respectivamente. Na faixa 3 o CPA contabiliza 15 ocorrências, e a ASP nenhuma. No referente às ocorrências das MPT perfectivas em cada corpus, o CPA apresenta maior percentual na faixa 2 (32%), vindo em seguida as faixas 1 (21%) e 3 (15%). Na ASP, os percentuais das faixas 1 e 2 são iguais (33,3%) e, na faixa 3, esse valor é nulo. O gráfico 3.18 representa graficamente esses dados:



Quanto à **ordem**, dividimos as MPT em dois grupos: as construções que têm sujeito anteposto ao verbo (exemplos 26 [E] e 27 [PB]) e as que apresentam esse sujeito posposto (exemplo 28 [E]):

(26) *(...) la atmósfera* ***se calienta*** *con tanto coche que hay:/ es lógico pienso* (E27-CPA-2H2) [PB: *(...) a atmosfera se aquece com tanto carro que tem:/ é lógico eu acho*]

(27) *(...) então <E> a família a família foi se* ***se deteriorando*** *<D> acabando <D> cada um foi pra um lugar (...) (E33-ASP-3H2)*

(28) *(...) y hoy en día pues prácticamente* ***se ha perdido*** *todo el concepto de feria/ de mercado (...) (E08-CPA-2H3)* [PB: *(...)*]

As tabelas 3.27 e 3.28 mostram os totais dessas construções e seus percentuais por nível de escolaridade e faixa etária:

CPA					ASP				
Subcorpus	**Ant.**	**%**	**Posp.**	**%**	**Subcorpus**	**Ant.**	**%**	**Posp.**	**%**
M2034	8	8	6	6	M2034	1	33,3	0	0
M3554	11	11	4	4	M3549	0	0	0	0
Macima55	10	10	6	6	M5069	1	33,3	0	0
Tot. Médio	**29**	**29**	**16**	**16**	**Tot. Médio**	**2**	**66,7**	**0**	**0**
S2034	6	6	8	8	S2034	0	0	0	0
S3554	13	13	16	16	S3549	1	33,3	0	0
Sacima55	6	6	6	6	S5069	0	0	0	0
Tot. Superior	**25**	**25**	**30**	**30**	**Tot. Superior**	**1**	**33,3**	**0**	**0**
Total (M +S)	**54**	**54**	**46**	**46**	**Total (M +S)**	**3**	**100**	**0**	**0**
% Total-*SE*	**Ant.**	**1,82**	**Posp.**	**1,55**	**% Total-SE**	**Ant.**	**3,3**	**Posp.**	**0**

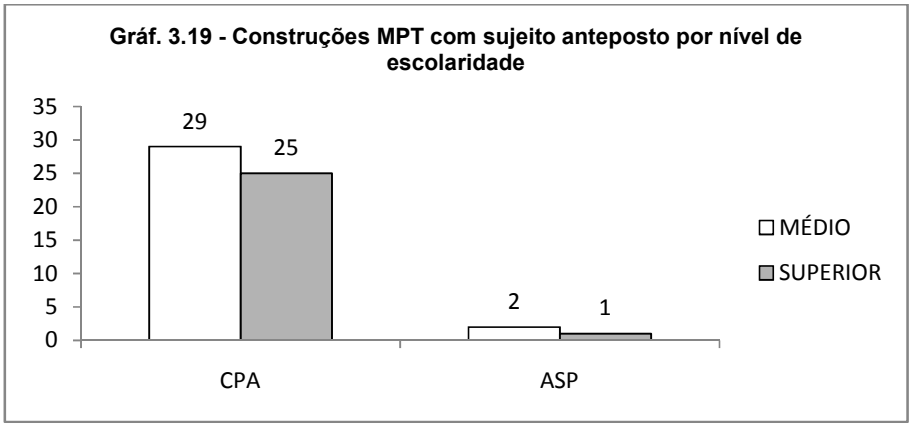
Tabela 3.27 – Construções MPT nos *corpora* quanto à ordem e por escolaridade

De acordo com os dados dessas tabelas, as MPT com sujeito anteposto superam as de sujeito posposto no cômputo geral, no nível de escolaridade e na faixa etária. Na contagem total, considerando apenas os casos de anteposição, o CPA (54 ocorrências) supera a ASP (3 ocorrências) em dezoito vezes.

CPA					ASP				
Subcorpus	**Ant.**	**%**	**Posp.**	**%**	**Subcorpus**	**Ant.**	**%**	**Posp.**	**%**
M2034	8	8	6	6	M2034	1	33,3	0	0
S2034	6	6	8	8	S2034	0	0	0	0
Tot. Faixa 1	**14**	**14**	**14**	**14**	**Tot. Faixa 1**	**1**	**33,3**	**0**	**0**
M3554	11	11	4	4	M3549	0	0	0	0
S3554	13	13	16	16	S3549	1	33,3	0	0
Tot. Faixa 2	**24**	**24**	**20**	**20**	**Tot. Faixa 2**	**1**	**33,3**	**0**	**0**
Macima55	10	10	6	6	M5069	1	33,3	0	0
Sacima55	6	6	6	6	S5069	0	0	0	0
Tot. Faixa 3	**16**	**16**	**12**	**12**	**Tot. Faixa 3**	**1**	**33,3**	**0**	**0**
Tot.(F1+F2+F3)	**54**	**54**	**46**	**46**	**Tot.(F1+F2+F3)**	**3**	**100**	**0**	**0**
% Total-*SE*	**Ant.**	**1,82**	**Posp.**	**1,55**	**% Total-SE**	**Ant.**	**3,3**	**Posp.**	**0**

Tabela 3.28 – Construções MPT nos *corpora* quanto à ordem e por faixa etária

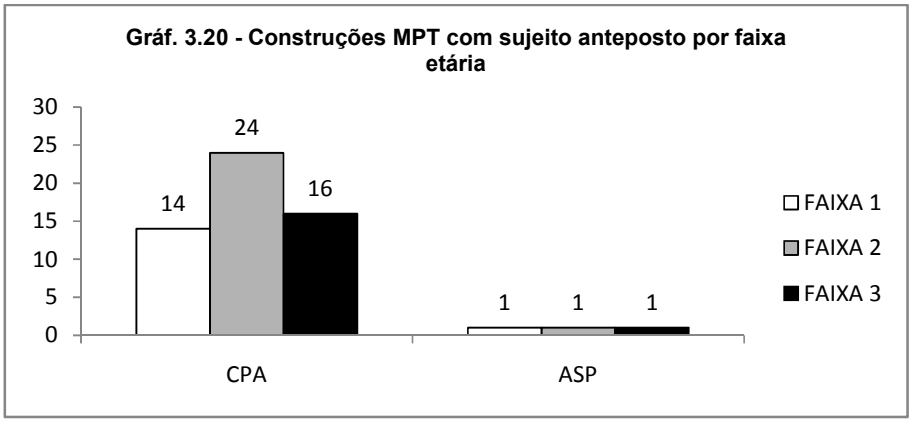
No nível médio de escolaridade, a relação entre o CPA (29 ocorrências) e a ASP (2 ocorrências) é de 14,5; no nível superior, esse valor é quase o dobro: são 25 incidências no CPA contra apenas 1 na ASP. Esses dados estão representados no gráfico 3.19:



Comparando-se as ocorrências das MPT com sujeito anteposto em cada corpus, observamos que, com respeito à escolaridade, no CPA os percentuais estão próximos, com pequena vantagem para o nível superior: 29% contra 25%. Na ASP, o maior percentual é do nível médio, com 66,7% contra 33,3% do nível superior.

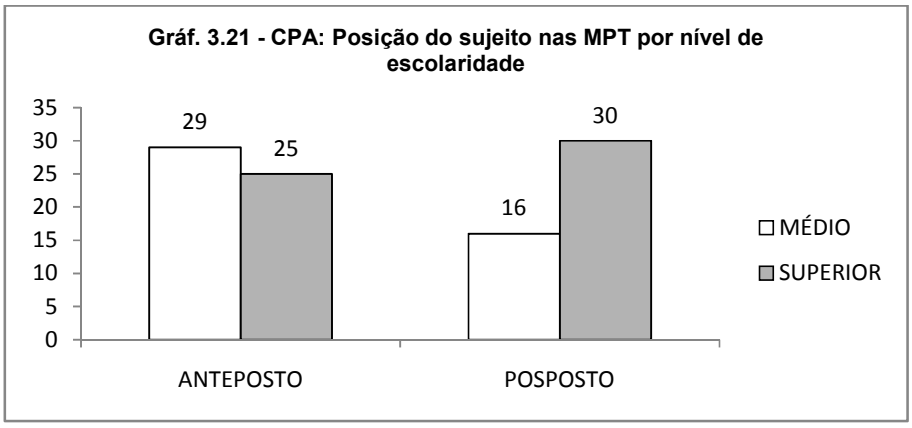
Na contabilização total, considerando-se a idade, a relação entre as incidências no CPA e na ASP é de 14 na faixa 1; 24 na faixa 2 e 16 na faixa 3. Em se tratando das

ocorrências de MPT com sujeito posposto em cada corpus, o CPA apresenta maior percentual na faixa 2 (24%); os valores das faixas 1 e 3 estão próximos, e totalizam 14% e 16%, respectivamente. Na ASP, o percentual é o mesmo nas três faixas e corresponde a 33,3%. O gráfico 3.20 nos permite visualizar melhor esses dados:

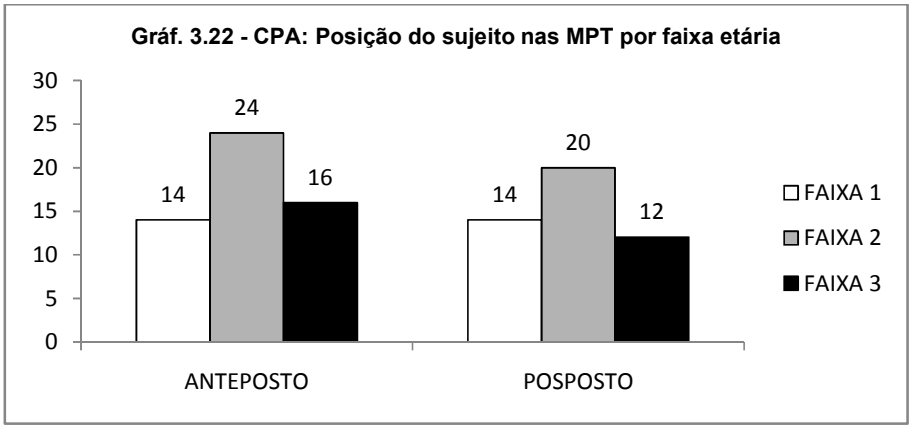


Na ASP não houve incidências de MPT com sujeito posposto. Esse resultado está de acordo com diversos estudos realizados para o PB, segundo os quais haveria tendência ao enrijecimento da ordem SV nessa língua. Em uma dessas análises, Kato & Tarallo (1987, apud GONZÁLEZ, 1994, p. 240) mostram que o enfraquecimento da flexão afeta a liberdade da ordem dos constituintes no PB, que apresenta baixa inversão do sujeito em estruturas transitivas.

No espanhol, contrariamente, a concordância é mais forte e, por conseguinte, haveria mais liberdade quanto à ordem. Nessa língua, portanto, a possibilidade de incidirem construções com sujeito posposto é maior que no PB. De fato, é o que vemos nos dados do CPA referentes à posição do sujeito nas MPT: no corpus em questão, as porcentagens de sujeitos antepostos e pospostos estão próximas na maioria dos casos observados. Com respeito ao nível de escolaridade, o maior percentual no nível médio foi de sujeitos antepostos (29%), quase o dobro dos pospostos (16%); no nível superior, ao contrário, o percentual de sujeitos pospostos (30%) superou o dos antepostos (25%). Esses dados estão representados no gráfico 3.21:



No que se refere à faixa etária, os percentuais de sujeitos antepostos e pospostos são iguais na faixa 1 (14%). Nas faixas 2 e 3, o percentual de sujeitos antepostos é mais alto, embora a diferença seja pequena: na faixa 2, contabilizamos 24% contra 20%; na faixa 3, 16% contra 12%. O gráfico 3.22 nos permite visualizar melhor esses dados:



Segundo nossos dados, a posposição do sujeito nas construções MPT ocorreu por questões discursivas, normalmente relacionadas à veiculação de informação nova. Citamos os seguintes exemplos:

(29) (a) *(...) [Alcalá] ha cambiado bastante/// pero ha cambiado porque:// (m:)/* ***se ha desmoronado*** *un poco* <u>*la moral*</u> *(...)* (E16-CPA-3M3) [PB: *(...) [Alcalá] mudou bastante/// mas mudou porque:// (m:)/ (se) deteriorou um pouco a moral*]

(b) *(...) en cualquier gran-/ gran ciudad//* ***se han ido perdiendo*** *pues a lo mejor* <u>*aquellos elementos un poco má:s- más populares*</u> (E08-CPA-2H3)

[PB: *em qualquer gran-/ grande cidade// foram se perdendo então talvez aqueles elementos um pouco ma:is- mais populares*]

Em alguns casos, a posposição tem função enfática, e o sujeito da construção funcionaria como foco do enunciado. É o caso do exemplo a seguir, no qual o falante endossa a opinião de seu interlocutor sobre os gastos excessivos com cerimônias antes celebradas com mais simplicidade:

(30) *bueno es que ahora ya/ es que* ***se ha desmadrado*** *todo// todo las bodas las comuniones los bautizos* (E28-CPA-2M2) [PB: *bom é que agora já/ é que se descontrolou (despirocou) tudo// tudo casamento primeira comunhão batizado*]

Finalmente, considerando todos os resultados referentes às construções MPT, podemos resumi-los por meio das seguintes considerações:

a) no cômputo global, o CPA supera em mais de trinta vezes a ASP no número de ocorrências de construções MPT;
b) tomados os percentuais em cada corpus, o CPA totaliza 3,4% de MPT, contra apenas 0,3% na ASP. O baixo percentual no corpus do PB pode estar relacionado à preferência dos falantes por construções alternativas sem o clítico nessa língua, especialmente as passivas perifrásticas;
c) com respeito à escolaridade, no CPA, o nível superior suplantou o médio em número de incidências, porém com pequena margem percentual. Na ASP, ocorreu o inverso; entretanto, como o número de incidências no corpus foi baixíssimo (3), não se pode afirmar que esse resultado representaria uma tendência;
d) no que se refere à faixa etária, no CPA, observou-se maior concentração de incidências na faixa intermediária, suplantando as outras em mais de 60%. Na ASP, o percentual de MPT foi o mesmo nas três faixas. Considerando o reduzido número de ocorrências no corpus (3), esse resultado sugere que os falantes, independente da faixa etária, estariam produzindo cada vez menos as referidas construções;
e) em se tratando do aspecto, as MPT perfectivas foram predominantes no CPA e na ASP, com percentuais de 68% no primeiro corpus e de aproximadamente 67% no segundo;

f) as MPT com sujeito anteposto lideraram as estatísticas. Na ASP, o percentual foi de 100%. No CPA, esse valor atingiu 54%, portanto, uma pequena margem sobre as MPT com sujeito posposto. Com base nesses resultados, pode-se afirmar que a preferência nos dois *corpora* foi pela ordem SV;

g) a posposição do sujeito nas construções MPT ocorreu por questões discursivas, normalmente relacionadas à veiculação de informação nova; em alguns casos, a posposição teve função enfática, com o sujeito funcionando como foco do enunciado.

III.4. Quadro final das construções-*SE*/SE nos *corpora*

No item anterior, tratamos da classificação das construções alvo nos *corpora* de estudo. Nesse processo, utilizando como critério o requisito verbal de agentividade humana, dividimos essas construções em dois grupos: as **impessoais**, com alto requisito de agentividade, e as **médias de proeminência terminal** (MPT), nas quais esse requisito é baixo.

Para obter o quadro final das construções-*SE*/SE nos *corpora*, agregamos os totais das impessoais e das MPT à classificação prévia, representada nas tabelas 3.15 (CPA) e 3.16 (ASP). O quadro final para o corpus CPA, portanto, pode ser visto nas tabelas 3.29 e 3.30:

Subcorpus	Classificação das construções-*SE*						TOTAL	%
	Reflexivas	%	Médias	%	Impessoais	%		
M2034	8	0,27	236	7,96	180	6,07	424	14,3
M3554	20	0,67	259	8,73	166	5,60	445	15,0
Macima55	24	0,81	324	10,93	221	7,45	569	19,2
Total Médio	**52**	**1,75**	**819**	**27,62**	**567**	**19,12**	**1.438**	**48,5**
S2034	18	0,61	248	8,36	155	5,23	421	14,2
S3554	12	0,40	254	8,57	218	7,35	484	16,3
Sacima55	9	0,30	342	11,53	271	9,14	622	21,0
Total Superior	**39**	**1,31**	**844**	**28,46**	**644**	**21,72**	**1.527**	**51,5**
Total (M + S)	**91**	**3,1**	**1.663**	**56,1**	**1.211**	**40,8**	**2.965**	**100**

Tabela 3.29 – CPA: Classificação final das construções-*SE* por nível de escolaridade

Subcorpus	Classificação das construções *SE*						TOTAL	%
	Reflexivas	%	Médias	%	Impessoais	%		
M2034	8	0,27	236	7,96	180	6,07	424	14,3
S2034	18	0,61	248	8,36	155	5,23	421	14,2
Total Faixa 1	**26**	**0,88**	**484**	**16,32**	**335**	**11,3**	**845**	**28,5**
M3554	20	0,67	259	8,73	166	5,60	445	15,0
S3554	12	0,40	254	8,57	218	7,35	484	16,3
Total Faixa 2	**32**	**1,07**	**513**	**17,3**	**384**	**12,95**	**929**	**31,3**
Macima55	24	0,81	324	10,93	221	7,45	569	19,2
Sacima55	9	0,30	342	11,53	271	9,14	622	21,0
Total Faixa 3	**33**	**1,11**	**666**	**22,46**	**492**	**16,59**	**1.191**	**40,2**
Tot.(F1+ F2+ F3)	**91**	**3,1**	**1.663**	**56,1**	**1.211**	**40,8**	**2.965**	**100**

Tabela 3.30 – CPA: Classificação final das construções *SE* por faixa etária

O quadro final para o corpus ASP está representado nas tabelas 3.31 e 3.32:

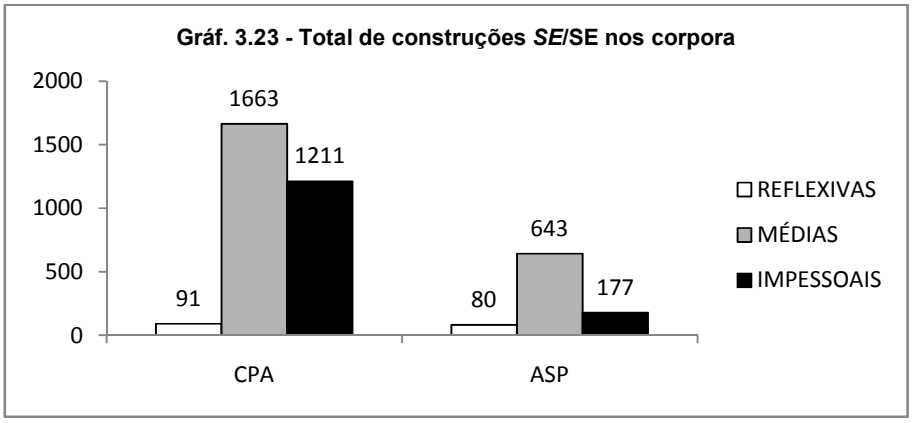
Subcorpus	Classificação das construções SE						TOTAL	%
	Reflexivas	%	Médias	%	Impessoais	%		
M2034	13	1,44	94	10,44	16	1,78	123	13,67
M3549	11	1,22	80	8,89	28	3,11	119	13,22
M5069	10	1,11	132	14,67	44	4,89	186	20,67
Total Médio	**34**	**3,77**	**306**	**34,0**	**88**	**9,78**	**428**	**47,56**
S2034	12	1,33	90	10,0	27	3,0	129	14,33
S3549	20	2,22	138	15,33	23	2,56	181	20,11
S5069	14	1,56	109	12,11	39	4,33	162	18,0
Total Superior	**46**	**5,11**	**337**	**37,44**	**89**	**9,89**	**472**	**52,44**
Total (M + S)	**80**	**8,9**	**643**	**71,4**	**177**	**19,7**	**900**	**100**

Tabela 3.31 – ASP: Classificação final das construções SE por nível de escolaridade

Subcorpus	Classificação das construções *SE*						TOTAL	%
	Reflexivas	%	Médias	%	Impessoais	%		
M2034	13	1,44	94	10,44	16	1,78	123	13,67
S2034	12	1,33	90	10,0	27	3,0	129	14,33
Total Faixa 1	**25**	**2,77**	**184**	**20,44**	**43**	**4,78**	**252**	**28**
M3549	11	1,22	80	8,89	28	3,11	119	13,22
S3549	20	2,22	138	15,33	23	2,56	181	20,11
Total Faixa 2	**31**	**3,44**	**218**	**24,22**	**51**	**5,67**	**300**	**33,33**
M5069	10	1,11	132	14,67	44	4,89	186	20,67
S5069	14	1,56	109	12,11	39	4,33	162	18,0
Total Faixa 3	**24**	**2,67**	**241**	**26,78**	**83**	**9,22**	**348**	**38,67**
Tot.(F1+ F2+ F3)	**80**	**8,9**	**643**	**71,4**	**177**	**19,7**	**900**	**100**

Tabela 3.32 – ASP: Classificação final das construções SE por faixa etária

O gráfico 3.23 representa graficamente os totais das construções reflexivas, médias e impessoais em cada corpus:



De acordo com os dados das tabelas e do gráfico, as construções médias são as mais numerosas tanto no CPA quanto na ASP, com percentuais de 56,1% e 71,4%. As impessoais vêm em segundo lugar, contabilizando 40,8% no CPA e 19,7% na ASP. Os menores índices são os das reflexivas, que correspondem a 3,1% no CPA e 8,9% na ASP. Tomando os percentuais das construções no CPA como referência e comparando-os com os da ASP, pode-se inferir que a disparidade entre os *corpora* se deve sobretudo à baixa produção das construções alvo — MPT e impessoais — no corpus do PB: as MPT respondem por escassos 0,3%, e as impessoais são inferiores a 20% das incidências. No item III.3.4, comentamos que esse fenômeno está em conformidade com nossas

hipóteses e que, em parte, poderia estar relacionado à preferência dos falantes por construções alternativas sem o clítico. Dentre essas construções, estaria a passiva perifrástica, conforme mostram os seguintes exemplos do corpus:

(31) (a) *(...) aí fui transferido de de setor <P> em setor <P> acabei chegando no estúdio de montagem porque <P> antigamente os anúncios que* ***são feitos*** *hoje* ***eram todos feitos*** *a mão né grandes anúncios era Ródia Souza Cruz Rastro Walita tudo* ***era feito*** *a mão (...)* (E33-ASP-3H2)

(b) *(...) se os homens fosse... decentes... né? não existiria favela... paRte de projetos espaciais... ó o dinheiro que* ***é gasto*** *nisso... se* ***fosse aplicado*** *[ruído] aqui para o bem comum do da do povo (...)* (E32-ASP-3H2)

Também encontramos enunciados nos quais a impessoalidade está caracterizada pela presença de referentes genéricos (você, a gente, o pessoal, a pessoa, o cara, etc.):

(32) (a) *(...) mas se* ***você*** *começa(r) a passa(r) em pontos estratégicos e algumas ruas do bairro...* ***você*** *percebe <T> que a moradia já é outra por <T> quê?* ***o pessoal*** *vendeu aquelas casas velhas que eram cortiços... <T> e tem uns lugares que* ***eles*** *fizeram aquelas condomínios de casa... teve lugar <T> que* ***a pessoa*** *comprou e já construiu uma sabe? (...)* (E30-ASP-2M2)

(b) *hoje em dia* ***a gente*** *tem que toma(r) cuidado que qualque(r) um tem um gravador* (E24-ASP-1M2)

(c) ***o cara*** *coloca a caneta aqui né?* (E24-ASP-1M2)

Houve igualmente incidência de construções impessoais com a 3ª pessoa do plural:

(33) (a) *(...) o meu pai/* ***tiravam*** *sarro dele (por)que ele trabalhava no Jardins... <R> num supermercado... <F> de empacotador <R> tal...* ***tiravam*** *sarro dele... (...)* (E26-ASP-2H2)

(b) *ah não foi uma oportunidade mesmo que apareceu que* ***(es)tavam loteando*** *lá uns terrenos e* ***venderam*** *num preço bom aí eles adquiriram lá* (E27-ASP-2H2)

Em nossas hipóteses, também consideramos fatores relacionados com a mudança no PB, tais como a ocorrência de impessoais e médias com apagamento do clítico:

(34) (a) *assim digamos assim (xxx) não é uma coisa que a gente vai usa(r) e o que a gente/ acho que o Word o Excel essas coisa que* ***Ø*** *devia ensina(r) tipo aprofunda(r) mesmo* (E22-ASP-1M2) [impessoal]

(b) *eles não vieram na intenção de trabalho eles já vieram só na intenção de* ***Ø*** *casarem daí chegando aqui* ***Ø*** *casaram e aí sim na sequência eles*

arrumaram conseguiram um trabalho começaram (E20-ASP-1H2) [média]

(c) *(...) claro com todo respeito o advogado ele precisa come(r) precisa* ***Ø*** *vesti(r) precisa dormi(r) <R> como qualque(r) outra pessoa inclusive o enfermeiro (...)* (E02-ASP-1H3) [média]

(d) *(es)tá chovendo muito choveu tanto na semana passada que ficou uma piscina na minha casa ó pra você ve(r)* ***Ø*** *molharam todos os armários <F> a cama os colchões tudo (...)* (E17-ASP-3M3)

III.5. Resumo do capítulo

Uma vez extraídos e tabulados os resultados da análise dos *corpora*, o passo seguinte foi verificar se estes estavam de acordo com as hipóteses que fizemos no capítulo anterior (item II.4, p. 127-129). Desse processo, resultaram as considerações na sequência.

Na hipótese [1] afirmamos que, em termos quantitativos, haveria mais incidências de construções com o *SE* no espanhol que no PB, confirmando as análises de González (1994) e Araújo Júnior (2006). Os resultados obtidos confirmaram essa hipótese, com 2.965 ocorrências no corpus do espanhol e apenas 900 no corpus do PB. A supremacia do espanhol se confirmou não somente com respeito aos totais, como também por construção, conforme se pode ver comparando as tabelas 3.29 e 3.30 com as tabelas 3.31 e 3.32. Igualmente, foi dito que a inferioridade numérica no PB resulta de processos de mudança na língua, que têm como resultado a perda do SE em algumas construções ou o uso de construções alternativas sem o clítico. Sobre a questão, não procedemos a uma análise quantitativa do apagamento do SE ou das ocorrências de construções alternativas, porém fornecemos exemplos dos dois casos ao final do item III.4.

Na hipótese [2] dissemos que, tanto no espanhol quanto no PB, a tendência era que as construções alvo com alto requisito verbal de agentividade humana superassem aquelas nas quais esse requisito é baixo; em outras palavras, esperava-se mais ocorrências de impessoais que de MPT em cada corpus. Tal resultado se relacionaria ao fato de que o espanhol e o PB, como línguas do sistema nominativo-acusativo, codificam

prototipicamente um evento a partir da fonte de energia até o participante afetado: as impessoais seguem esse modelo, embora com uma fonte de energia esquemática; nas MPT, contrariamente, teríamos um evento simplificado, com ênfase na porção terminal e, portanto, mais distante do protótipo. Os dados das tabelas 3.17 e 3.18 comprovam a hipótese com folga: tanto no espanhol como no PB, as impessoais incidiram com percentuais superiores a 90%, com relação ao total de construções alvo em cada corpus: 91,2% para o espanhol e 97,1% para o PB. As MPT contabilizaram apenas 8,8% no espanhol e 2,9% no PB.

Em se tratando da hipótese [3], baseando-nos no estudo de González (1994) e nas análises quantitativas de Nunes (1990), Bagno (2000) e Camacho (2006) para o PB, previmos que nessa língua a porcentagem de construções impessoais discordantes superaria a do espanhol. De fato, essa expectativa se cumpriu: no total de incidências, contabilizamos 25 construções sem concordância no espanhol e apenas 8 no PB. Conforme as tabelas 3.19 e 3.20, em termos percentuais e com relação ao total de impessoais em cada corpus, o PB apresenta 8,0% de construções discordantes, contra 2,41% no espanhol. Acerca desses resultados, o índice de discordância para o PB ficou bem abaixo do esperado, se comparado ao percentual de 75% de discordâncias observado na análise de Bagno (2000). No cômputo global, relativo ao total de construções *SE*/SE de cada corpus, os percentuais de discordância ficaram muito próximos: 0,9% para o PB e 0,84% para o espanhol.

Acerca da hipótese [4], partindo do fato de que a ordem SVO é a mais frequente no espanhol e no PB, afirmamos que, para as construções alvo, a tendência nos dois *corpora* era que houvesse maior percentual de SNs pospostos nas impessoais e de SNs antepostos nas MPT. Igualmente, levando-se em conta que a ordem no espanhol apresenta considerável flexibilidade, esperava-se, nessa língua, um número considerável de SNs antepostos nas impessoais e de SNs pospostos nas MPT. A hipótese em questão se verificou nas duas línguas. No grupo das impessoais, o espanhol apresentou 70% de posposição contra 30% de SNs antepostos; no PB, esses percentuais foram de 59% para a posposição e 41% para a anteposição. A anteposição dos SNs objetos nos dois *corpora* ocorreu por questões discursivas, em enunciados nos quais houve algum tipo de topicalização (na p. 164, detalhamos o fenômeno e damos exemplos). No grupo das MPT,

o PB apresentou 100% de SNs antepostos na função de sujeito. Esse resultado está de acordo com diversos estudos realizados para o PB, que apontam o enrijecimento da ordem SV nessa língua. Por exemplo, Kato & Tarallo (1987, apud GONZÁLEZ, 1994, p. 240) mostram que o enfraquecimento da flexão afeta a liberdade da ordem dos constituintes no PB, que apresentaria, pois, baixa inversão do sujeito em construções transitivas. No espanhol, conforme previsto, o número de SNs antepostos foi superior (54%), porém as incidências de SNs pospostos foi considerável, atingindo 46%. O resultado espelha o fato de que, no espanhol, a concordância é mais forte e, consequentemente, haveria mais liberdade quanto à ordem dos constituintes na construção. A posposição do SN sujeito nas MPT ocorreu por questões discursivas, relacionadas à inserção de informação nova (na p. 174, detalhamos o fenômeno e damos exemplos)

Finalmente, na hipótese [5], estimamos considerável incidência de construções infinitivas com inserção do clítico no corpus do PB, assim como a sua ausência no corpus do espanhol. Essa hipótese, no caso do PB, teve por base os estudos de Galves (1987), Nunes (1990) e Cavalcante (2006). De fato, no espanhol não contabilizamos nenhuma incidência da referida construção. Já no PB, considerando as incidências das impessoais intransitivas (tabela 3.14), as construções com inserção de clítico respondem por aproximadamente 35% do total. Numa perspectiva contrastiva, explicamos o fenômeno com base na inversa assimetria proposta por González (1994): no PB, a presença do SE sinaliza um sujeito humano, embora esquemático, que realiza a ação verbal; contrariamente, a ausência do clítico no espanhol ratifica a tendência nessa língua a apresentar sujeitos nulos. Além disso, conta para o caso do português o fato de existir nessa língua a possibilidade de flexionar o infinitivo em determinados casos, o que faz dele uma forma mais pessoal do que impessoal, como é o caso do espanhol.

Ora discorremos sobre como os resultados da análise dos *corpora* se comportam com referência ao nível de escolaridade e a faixa etária dos falantes. Acerca da escolaridade, resumimos as tabelas 3.29 e 3.31 em apenas uma (tabela 3.33), de modo a podermos visualizar comparativamente os resultados nos dois corpora. Na tabela 3.33, calculamos os percentuais por construção e também com relação ao total:

CPA					ASP				
Construção	Nível de escolaridade				Construção	Nível de escolaridade			
	Nível médio		Nível superior			Nível médio		Nível superior	
	Inc.	%	Inc.	%		Inc.	%	Inc.	%
Reflexivas	52	57	39	43	Reflexivas	34	42	46	58
Médias	819	49	844	51	Médias	306	48	337	52
Impessoais	567	47	644	53	Impessoais	88	50	89	50
Total	**1.438**	**48**	**1527**	**52**	**Total**	**428**	**48**	**472**	**52**

Tabela 3.33 – Incidências e percentuais das construções-*SE*/SE nos *corpora* quanto à escolaridade

De acordo com a tabela 3.33, podemos considerar que, em termos percentuais, não há diferenças consideráveis entre o nível superior e o médio, tanto no CPA quanto na ASP. Daí concluirmos que a influência da escolaridade tem pouca relevância, ao menos nos *corpora* analisados. Os resultados apontam uma pequena vantagem do nível superior sobre o médio, à exceção das reflexivas: no CPA o percentual é maior no nível médio (57% contra 43%); na ASP, o percentual do nível superior é maior (58% contra 42%) e com uma vantagem que supera a observada nas outras construções e no total.

No caso da faixa etária, os resultados das tabelas 3.30 e 3.32 estão resumidos na tabela 3.34, de maneira que possamos cotejar esses resultados nos dois *corpora*.

CPA							ASP						
Construção	Faixas etárias						Construção	Faixas etárias					
	Faixa 1		Faixa 2		Faixa 3			Faixa 1		Faixa 2		Faixa 3	
	Inc.	%	Inc.	%	Inc.	%		Inc.	%	Inc.	%	Inc.	%
Reflexivas	26	29	32	35	33	36	Reflexivas	25	31	31	39	24	30
Médias	484	29	513	31	666	40	Médias	184	29	218	34	241	37
Impessoais	335	28	384	32	492	40	Impessoais	43	24	51	29	83	47
Total	**845**	**29**	**929**	**31**	**1191**	**40**	**Total**	**252**	**28**	**300**	**33**	**348**	**39**

Tabela 3.34 – Incidências e percentuais das construções-*SE*/SE nos *corpora* quanto à faixa etária

Nessa tabela, tal como foi feito para a tabela 3.33, calculamos os percentuais por construção e também com relação ao total.

De acordo com a tabela 3.34, podemos ver que, nos dois *corpora*, os maiores percentuais de incidências se concentram na faixa 3, onde estão os falantes mais

velhos[127]. Essa tendência só não se verifica para as construções reflexivas no corpus do PB, cujo maior percentual está na faixa 2 (39%), seguido das faixas 1 (31%) e 3 (30%). Embora a vantagem da faixa 3 sobre as demais não chegue a ser considerável, podemos assumir que os *corpora* analisados são mais sensíveis à faixa etária que à escolaridade. No caso do PB, tal afirmação corrobora a hipótese do declínio da produção de construções com o SE ao longo do tempo, conforme apontado em Nunes (1990).

[127] Em sua dissertação de mestrado, defendida no mesmo programa em que se realiza esta tese e, intitulada *Clítico, objeto nulo ou pronome tônico? Quanto e como a variação/mudança no paradigma do preenchimento pronominal do objeto acusativo de 3ª pessoa no português brasileiro se reflete na aquisição/aprendizagem do espanhol pelos aprendizes brasileiros ao longo das gerações*, Adriana Martins Simões também constatou uma diferença considerável no emprego de clíticos objeto direto nas gerações mais velhas. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-16112010-164450/?&lang=fr.

CONCLUSÕES

Terminado o nosso estudo sobre as construções passivas e impessoais com SE/SE no espanhol e no PB, fazemos as seguintes observações finais, à guisa de conclusão:

1. Como hipótese central do nosso trabalho, assumimos que houve perda do valor passivo das construções com o clítico no espanhol e no português, de modo que estas vêm passando a ser interpretadas como impessoais nessas línguas. No caso do português, tal hipótese foi endossada pelos estudos de Naro (1976), Nunes (1990), Raposo & Uriagereka (1996), Bagno (2000), Martins (2003, 2005) e Cavalcante (2006). No caso do espanhol, pela análise de Maldonado (2006). Ainda na referida hipótese, afirmamos que a interpretação das passivas como impessoais teria diferentes implicações nas línguas consideradas: no espanhol, o *SE* se mantém; no PB, esse clítico se apaga em alguns casos e, em outros, sinaliza um sujeito humano genérico na construção.

1.1. Primeiramente, discorremos sobre a presença do clítico no espanhol e seu apagamento no PB em determinados casos. Na descrição das construções-*SE*/SE que realizamos no capítulo II, com base na proposta de Maldonado (2006), mostramos que em praticamente todas elas o clítico é obrigatório no espanhol (*La ropa se mojó* / **La ropa Ø mojó*); já no PB, construções com o SE coexistem em variação com outras nas quais esse clítico não aparece (*A roupa se molhou* / *A roupa Ø molhou*). Os resultados da análise dos *corpora* também confirmaram a hipótese central. Com respeito ao total de construções com clítico mapeadas nos *corpora* — reflexivas, médias e impessoais — , houve mais incidências no corpus do espanhol, corroborando, pois, as análises de González (1994) e Araújo Júnior (2006): foram 2.965 ocorrências no corpus do espanhol e apenas 900 no corpus do PB. A supremacia do espanhol se confirmou não somente com respeito aos totais, como também por construção: a relação entre os totais de ocorrências no CPA (espanhol) e na ASP (PB) foi de 1,14 para as reflexivas; 2,6 para as médias e 6,8 para as impessoais. Portanto, em se tratando da produção de construções-*SE*/SE, sobretudo as impessoais, fica evidente o baixo índice observado no PB. Segundo González (1994) e Araújo Júnior (2006), essa inferioridade numérica pode ser relacionada, em parte, à preferência dos falantes por construções alternativas sem o

clítico, como as passivas perifrásticas (*o consumo da maconha* ***foi liberado*** *no Uruguai*) e as impessoais na 3ª do plural (***liberaram*** *o consumo da maconha no Uruguai*) ou com referentes genéricos (*e se* ***o pessoal*** *libera a maconha aqui no Brasil?*); outro fator a considerar seriam as mudanças na língua, como a ocorrência de impessoais com apagamento do clítico (*diz Ø que o governo uruguaio liberou o consumo da maconha*), conforme apontadas por Galves (1987) e Nunes (1990). Sobre a questão, não executamos uma análise quantitativa do apagamento do SE ou das ocorrências de construções alternativas, porém fornecemos exemplos dos *corpora* para esses casos no capítulo III (item III.4 – exemplos de (31) a (34)).

1.2. No que diz respeito à inserção do clítico em construções infinitivas com um valor nominativo (*Esta rua é difícil de se encontrar*), estimamos considerável incidência de construções infinitivas com inserção do clítico no corpus do PB, assim como a sua ausência no corpus do espanhol. Essa hipótese, no caso do PB, teve por base os estudos de Galves (1987), Nunes (1990) e Cavalcante (2006). De fato, no espanhol não contabilizamos nenhuma incidência da referida construção. Já no PB, sua considerável incidência no corpus reforça a afirmação de Nunes (1990) de que essa construção goza de inegável prestígio nessa língua. O percentual da construção foi de 3%, com relação ao total de incidências no corpus; considerando apenas as ocorrência das impessoais intransitivas, esse valor aumenta para 35%. Numa perspectiva contrastiva, explicamos o fenômeno com base na inversa assimetria proposta por González (1994): no PB, a presença do SE sinaliza um sujeito humano, embora esquemático, que realiza a ação verbal; contrariamente, a ausência do clítico no espanhol ratifica a tendência nessa língua a apresentar sujeitos nulos. Além disso, conta para o caso do português o fato de existir nessa língua a possibilidade de flexionar o infinitivo em determinados casos, o que faz dele uma forma mais pessoal do que impessoal, como é o caso do espanhol.

2. Nosso ponto de partida para descrever as construções-*SE*/SE no espanhol e no PB foi a proposta de Maldonado (2006). De acordo com o diagrama construído pelo autor (fig. 2.1 ou fig. 2.8, cap. II), temos diferentes construções conforme o grau de elaboração da força indutora envolvida no evento: o ponto inicial é a construção absoluta, na qual a indução energética não é conceitualizada (*El jardín floreció.* [PB: *O jardim floresceu.*]); e o seu ponto final é a construção transitiva, na qual a força indutora está codificada no

enunciado (*Miguel preparó la cena.* [PB: *Miguel preparou o jantar.*]). Após verificar a aplicabilidade dessa proposta ao PB, chegamos aos resultados que comentamos a seguir:

2.1. No PB existe um tipo de construção, bastante produtiva, não encontrada no espanhol (*Minha casa reformou em dois anos.* [E: **Mi casa reformó en dos años.*]). De acordo com Negrão & Viotti (2010), tais construções não se explicam unicamente pelo fato de o PB estar perdendo o clítico de 3ª pessoa em alguns contextos linguísticos (*Minha casa **se** reformou...* → *Minha casa Ø reformou...*): trata-se de um *construal* no qual nenhuma força é conceitualizada, podendo assim ser classificado como **absoluto** (LANGACKER, 1991).

2.2. As médias apresentacionais (*Las Islas Fiji se encuentran en el Pacífico*. [PB: *As Ilhas Fiji se encontram no Pacífico*.]) são construções estativas que incidem no PB, porém não com a mesma frequência que em espanhol. No PB, a preferência seria por enunciados sem uso do clítico (*As Ilhas Fiji estão/ ficam localizadas no Pacífico*.). No corpus do PB, o percentual da construção foi de apenas 0,1% com respeito ao total de incidências, e de 0,16% em relação ao conjunto das médias. No corpus do espanhol, os percentuais foram de aproximadamente 1,3% no cômputo total e de 2,3% considerando apenas o grupo das médias.

2.3. As médias de atributo interno (MAI) (*Este pescado se come con dificultad*. [PB: *Este peixe se come com dificuldade*.]) são construções estativas que possuem características semelhantes no espanhol e no PB. No PB, entretanto, a MAI pode ocorrer com temas indeterminados, não específicos, o que nem sempre é aceitável no espanhol (*Romance policial se lê rápido*. [E: **Novela policíaca se lee rápido*.]). Igualmente, a construção sem o clítico, que ocorre em muitos casos no PB, produziria enunciados agramaticais no espanhol (*Estes móveis Ø vendem bem*. [E: **Estos muebles Ø venden bien*.]). No corpus do PB não houve ocorrências de MAI. No corpus do espanhol contabilizamos apenas uma incidência, que em termos percentuais corresponderiam a 0,03% do total e 0,06% do conjunto das médias.

2.4. A média de proeminência terminal (MPT) (*El mantel se manchó*. [PB: *A toalha de mesa (se) manchou*.]) codifica um evento simplificado ao extremo e com ênfase na porção terminal, cuja força indutora é esquemática e não claramente identificável. Em muitas análises as MPT são consideradas passivas, devido à maior saliência do tema e

sua concordância com o verbo; para Maldonado (2006), entretanto, tal passividade é aparente, uma vez que resulta mais da perda de proeminência do indutor que da escolha do tema como figura do evento. No PB, conforme González (1994) e Araújo Júnior (2006), embora haja incidências dessas construções com clítico, a preferência é pela passiva perifrástica (*A porta foi aberta com a chave*; *Estes brinquedos são fabricados com materiais reciclados*). Nessa língua, ao menos em algumas variedades, também é frequente a ocorrência da MPT sem o clítico (*A porta Ø abriu*; *A parede Ø manchou*), ao contrário do espanhol, onde sua presença é obrigatória (*La puerta* ***se*** *abrió*; *La pared* ***se*** *manchó*). No corpus do PB, as MPT totalizaram apenas 0,3% no cômputo global e 0,47% no conjunto das médias. Para o corpus do espanhol, os percentuais foram maiores: 3,4% com relação ao total e 6% no grupo das médias.

2.5. No PB, a ausência do SE em muitas incidências de construções MAI e MPT não pode ser explicada unicamente pela perda da morfologia observável nessa língua. O fenômeno poderia estar vinculado a uma mudança de conceitualização: no caso, eventos como *Estes móveis vendem bem* (MAI) ou *A parede sujou* (MPT) estariam sendo conceitualizados no PB sem incorporar uma força indutora; ou seja, como construções absolutas.

3. Conforme o diagrama (fig. 2.1 ou fig. 2.8, cap. II), o segmento que vai da MPT (*La puerta se cerró* [PB: *A porta (se) fechou*]) às impessoais (*Se pagó la deuda* [PB: *Pagou-se a dívida*]; *Se alquilan sombrillas* [PB: Aluga(m)-se sombrinhas]) é definido por Maldonado (2006) como **contínuo passivo-impessoal**. Assumimos para o PB a hierarquia de fatores estipulada por esse autor para o espanhol, no intuito de classificar adequadamente as construções-*SE*/SE do intervalo considerado, as quais denominamos **construções alvo**. O requisito verbal de agentividade humana é o critério mais relevante, e com base nele dividimos as construções alvo em impessoais (alto requisito de agentividade) e MPT (baixo requisito de agentividade). Os fatores que vêm na sequência são o aspecto, a concordância e a ordem. Resumimos a seguir o que observamos na análise acerca desses fatores.

3.1. Tanto no espanhol como no PB, as construções alvo com alto requisito verbal de agentividade humana tendem a predominar sobre aquelas nas quais esse requisito é baixo; em outras palavras, há maior ocorrência de impessoais que de MPT nessas

línguas. Tal resultado se relaciona ao fato de que o espanhol e o PB, como línguas do sistema nominativo-acusativo, codificam prototipicamente um evento a partir da fonte de energia até o participante afetado: as impessoais seguem esse modelo, embora com uma fonte de energia esquemática; nas MPT, contrariamente, teríamos um evento simplificado, com ênfase na porção terminal e, portanto, mais distante do protótipo. Os dados dos *corpora* (tabelas 3.17 e 3.18) confirmam com folga a tendência apontada: tanto no espanhol como no PB, as impessoais incidiram com percentuais superiores a 90%, com relação ao total de construções alvo em cada corpus: 91,2% para o espanhol e 97,1% para o PB. As MPT contabilizaram apenas 8,8% no espanhol e 2,9% no PB.

3.2. Em nossa análise, adotamos a posição de Maldonado (2006) sobre a concordância: esta se estabelece sempre com o sintagma nominal expresso que tem maior proeminência numa construção, que não necessariamente é o sujeito. Nos eventos de baixa elaboração, como é o caso das construções-*SE*/SE, nos quais o sujeito se apresenta na forma de uma terceira pessoa genérica ou não identificada, a concordância passaria a realçar outro constituinte expresso, em geral o objeto direto. Tal afirmação pôde ser comprovada nos corpora, conforme exemplos citados no texto ((16) a (18) do capítulo III, item III.3.4.1). Com base no estudo de González (1994) e nas análises quantitativas de Nunes (1990), Bagno (2000) e Camacho (2006) para o PB, previmos que nessa língua a porcentagem de construções impessoais discordantes superaria a do espanhol. De fato, essa expectativa se confirmou: no total de incidências, contabilizamos 25 construções sem concordância no espanhol e apenas 8 no PB; em termos percentuais e com relação ao total de impessoais em cada corpus (tabelas 3.19 e 3.20), o PB apresenta 8,0% de construções discordantes, contra 2,41% no espanhol.

3.3. Como decorrência de que a ordem SVO é a mais frequente no espanhol e no PB, a tendência observada nos dois *corpora* para as construções alvo foi o maior percentual de objetos pospostos nas impessoais e de sujeitos antepostos nas MPT. Igualmente, levando-se em conta que a ordem no espanhol apresenta considerável flexibilidade, observou-se no corpus dessa língua um número considerável de objetos antepostos nas impessoais e de sujeitos pospostos nas MPT. No grupo das impessoais, o espanhol apresentou 70% de objetos pospostos contra 30% de anteposições; no PB, esses percentuais foram de 59% para a posposição e 41% para a anteposição. A anteposição

dos objetos nos dois *corpora* ocorreu por questões discursivas, em enunciados nos quais houve algum tipo de topicalização (exemplos (19) e (21) do capítulo III, item III.3.4.1). No grupo das MPT, o PB apresentou 100% de sujeitos antepostos. Esse resultado está de acordo com diversos estudos realizados para o PB, que apontam o enrijecimento da ordem SV nessa língua. Por exemplo, Kato & Tarallo (1987, apud GONZÁLEZ, 1994, p. 240) mostram que o enfraquecimento da flexão afeta a liberdade da ordem dos constituintes no PB, que apresentaria, pois, baixa inversão do sujeito em construções transitivas. No espanhol, conforme previsto, o número de sujeitos antepostos foi superior (54%), porém as incidências de sujeitos pospostos foi considerável, atingindo 46%. O resultado espelha o fato de que, no espanhol, a concordância é mais forte e, consequentemente, haveria mais liberdade quanto à ordem dos constituintes na construção. A posposição do SN sujeito nas MPT ocorreu por questões discursivas, relacionadas à inserção de informação nova (exemplos (29) e (31) do capítulo III, item III.3.4.2).

4. De acordo com os resultados, ao menos nos *corpora* analisados, o nível de escolaridade não teve efeitos significativos. Em termos percentuais (tabela 3.33), não há diferenças consideráveis entre o nível superior e o médio, tanto no corpus do espanhol quanto no corpus do PB. Os resultados apontam uma pequena vantagem do nível superior sobre o médio, à exceção das reflexivas: no espanhol o percentual é maior no nível médio (57% contra 43%); no PB, o percentual do nível superior é maior (58% contra 42%) e com vantagem que supera a observada nas construções médias, impessoais e no total.

5. No que se refere à faixa etária, os maiores percentuais de incidências nos dois *corpora* se concentram na faixa 3 (tabela 3.34), onde estão os falantes mais velhos. Embora a vantagem da faixa 3 sobre as demais não chegue a ser considerável, podemos assumir que os *corpora* analisados são mais sensíveis à faixa etária que à escolaridade. No caso do PB, tal afirmação corrobora a hipótese do declínio da produção de construções com o SE ao longo do tempo, conforme apontado em Nunes (1990).

6. Sobre a questão presente no título da nossa pesquisa, se as passivas e impessoais com *SE*/SE são categorias perfeitamente separáveis ou se podem ser vistas como parte de um contínuo, endossamos a posição de Maldonado (2006): no caso, não há propriamente

um contraste entre uma construção passiva e uma ativa — ambas são ativas, e o que as distingue é o grau de elaboração do agente indutor esquemático: nas chamadas passivas que, em realidade, seriam construções médias de proeminência terminal (MPT), esse indutor é difuso, normalmente tem traço [-humano] e, quando [+humano], não tem controle sobre o evento; nas impessoais, contrariamente, o agente é obrigatoriamente [+humano]. Por isso mesmo, o requisito verbal de agentividade humana é o critério preponderante na distinção dessas construções. Como é possível ter um agente com distintos graus de esquematicidade, a proposta do contínuo nos parece a mais adequada. Finalmente, convém ressaltar que, por mais preciso que seja o requisito de agentividade como critério de classificação, a própria ideia de um contínuo sugere que sempre haverá uma zona nebulosa na qual a MPT e a impessoal se sobrepõem.

7. Conforme mostrado, a proposta de Maldonado (2006), embora aplicável no PB, não reflete exatamente as mudanças que vêm ocorrendo nessa língua. No diagrama (fig. 2.1 ou fig. 2.8) para o espanhol, todas as construções intermediárias (no intervalo B-F) exigem o uso obrigatório do *SE*; ou seja, em todas elas, com diferentes graus de esquematicidade, a força indutora é conceitualizada. No PB, diversamente, em todas as construções do intervalo há possibilidade de omitir o clítico e é de fato o que parece acontecer cada vez mais nessa língua. Essa constatação parece sugerir que, no PB, há uma mudança em curso no que diz respeito à conceitualização dessas construções: em alguns casos, estaríamos passando de uma elaboração que sinaliza, por meio do clítico, a presença de um agente esquemático na construção, para outra elaboração na qual nenhum agente é conceitualizado — o *construal* absoluto. Portanto, não cabe dúvida de que um estudo minucioso do apagamento dos clíticos no PB — e do SE em particular — combinando a descrição do fenômeno na literatura com análises de *corpora*, traria respostas adicionais à nossa pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

Referências bibliográficas

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1994.

ALCINA FRANCH, Juan; BLECUA, José M. *Gramática española*. 11.ed. Barcelona: Ariel, 2001. p. 916-923.

ARAÚJO JÚNIOR, Benivaldo J. *As passivas na produção escrita de brasileiros aprendizes de Espanhol como língua estrangeira*. São Paulo, 2006. 111f. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BAGNO, Marcos. *Dramática da língua portuguesa*. São Paulo: Loyola, 2000.

BARRENECHEA, Ana M. ; MANACORDA DE ROSETTI, Mabel V. *Estudios de gramática estructural*. Buenos Aires: Paidós, 1969. p. 71-73.

_____ . La voz pasiva en el español hablado en Buenos Aires. In: BARRENECHEA et alii. *Estudios lingüísticos y dialectológicos*. Buenos Aires: Hachette, 1979. p. 61-72.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 20.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BERBER SARDINHA, Tony. *Linguística de Corpus*. Barueri: Manole, 2004.

BURZIO, Luigi. *Italian syntax. A government-binding approach*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.

CAMACHO, Roberto G. Construções passiva e impessoal: distinções funcionais. *Alfa*, São Paulo, v. 44, p. 215-233, 2000.

_____ . A gradação tipológica das construções de voz. *Gragoatá*, Niterói, n. 21, p. 167-189, 2. sem. 2006

CAMARA JR., Joaquim M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975. p. 173-176.

CAMPOS, Héctor. Impersonal Passive 'se' in Spanish. *Linguisticae investigations*, v. 13, n. 1, p. 1-21, 1989.

CAVALCANTE, Silvia R. O. *O uso de* se *com infinitivo na história do português: do português clássico ao português europeu e brasileiro modernos*. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas, 2006.

CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. 12.ed. Rio de Janeiro: FAE, 1990.

_____ ; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CYRINO, Sonia M. L. Construções com *SE* e promoção de argumento no português brasileiro: uma investigação diacrônica. *Revista da ABRALIN*, v. 6, n. 2, p. 85-116, jul./dez. 2007.

DUARTE, Yara. As passivas do português e do inglês: uma análise funcional. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 139-167, agosto 1990.

FAGAN, Sarah. The English Middle. *Linguistic Inquiry*, v. 19, p. 181-203.

FERNÁNDEZ RAMÍREZ, Salvador. *Gramática Española: El Verbo y la Oración*. 2.ed. Madrid: Arco Libros, 1986.

FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. (Dir.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (v. 1)*: Sintaxis básica de las clases de palabras*. Madrid: Espasa, 1999, p. 1209-1273.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 59-90.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. *A posição sujeito no português brasileiro*. Série Pesquisas. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

GALVES, Charlotte M. C. A sintaxe do português brasileiro. *Ensaios de Lingüística*, Belo Horizonte, v. 13, p. 31-50, 1987.

_____ . O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 387-408, 1993.

_____ . *Ensaios sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GANCEDO ÁLVAREZ, María Alicia. *La oblicuidad, construções de dativos na interlíngua de estudantes brasileiros de espanhol*. São Paulo, 2002. 134 f. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____ . *Conseqüências sintáticas e semânticas das relações de possessão em espanhol e na produção não nativa de brasileiros*. São Paulo, 2008. 156f. Tese (Doutorado em Língua Espanhola) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

GILI GAYA, Samuel. *Curso superior de sintaxis española*. 12.ed. Barcelona: Bibliograf, 1978. p. 121-129.

GIVÓN, Talmy. Topic, pronoum and grammatical agreement. In: LI, Charles; THOMPSON, Sandra (eds.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.

_____ . *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GÓMEZ TORREGO, Leonardo. *La impersonalidad gramatical: descripción y norma*. 3.ed. Madrid: Arco Libros, 1998. (Cuadernos de Lengua Española).

GONZALEZ, Neide T. M. *Cadê o pronome? — O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos*. São Paulo, 1994. 451 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____ . Pero ¿qué gramática es ésta? Los sujetos pronominales y los clíticos en la interlengua de brasileños adultos aprendices de Español/LE. In: *RILCE: 14.2: Español como lengua extranjera: investigación y docencia*, p. 243-263. Pamplona: Universidad de Navarra, 1998.

_____ . Quantas caras tem a transferência? Os clíticos no processo de aquisição/ aprendizagem do Espanhol/Língua Estrangeira. In: BRUNO, Fátima A.T. Cabral (Org.) *Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras: Reflexão e Prática*. São Carlos: Claraluz, 2005, p. 53-70.

_____ . Genericidad vs. Especificidad: estudio contrastivo de algunos enunciados en portugués brasileño y en español. In: XIV CONGRESO INTERNACIONAL ALFAL, 2005, Monterrey, México. *Anais...* Monterrey, México, 2006. CD-ROM.

GRIMSHAW, Jane B. On the Lexical Representation of Romance Reflexive Clitics. In: BRESNAN, Joan (Ed.) *Mental Representations of Grammatical Relations*. Cambridge: MIT Press, 1982, p. 87-148.

GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador. *Temas, remas, focos, tópicos y comentarios*. Madrid: Arco Libros, 1997. (Cuadernos de Lengua Española).

HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v. 56, n. 2, p. 251-299, jun. 1980.

KÄRDE, S. *Quelques manières d'exprimer l'idée d'un sujet indéterminé ou général en espagnol*. Tese de Doutorado. Uppsala, 1943.

KANY, Charles E. *Sintaxis hispanoamericana*. Versão espanhola de: Martín Blanco Álvarez. Madrid: Gredos, 1969. Original inglês.

KATO, Mary A.; TARALLO, Fernando. Anything YOU can do in Brazilian Portuguese. In: Jaeggli, Osvaldo; SILVA-CORVALAN, Carmen (Orgs.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986, p. 343-358.

_____ . Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects. Cópia reprográfica de trabalho apresentado em colóquio na Pennsylvania University e em Georgetown, 1987.

KEMMER, Suzanne. *The middle voice*. John Benjamins: Philadelphia, 1993. (Typological studies in language, 23)

_____ . Middle voice, Transitivity, and the Elaboration of Events. In: FOX, Barbara; HOPPER, Paul J. (Ed.) *Voice: Form and Function*. John Benjamins: Amsterdam/ Philadelphia, 1994. (Typological studies in language, 27)

KEYSER, Samuel J.; ROEPER, Thomas. On the middle and ergative constructions in English. *Linguistic Inquiry*, vol. 15, n. 3, p. 381-416, 1984.

KLIFFER, Michael D. Reflexive deletion in Brazilian Portuguese. In: CRESSEY, W.W.; NAPOLI, D. J. (Ed.) *Linguistic Symposium on Romance Languages: 9.* Washington, DC: Georgetown UP, 1981, p. 318-330.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar. Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v.1.

_____ . *Foundations of Cognitive Grammar. Descriptive Application*. Stanford: Stanford University Press, 1991. v.2.

LYONS, John. *Linguistique générale*. Paris: Larousse, 1970.

MALDONADO, Ricardo. Se gramaticalizó: A Diachronic Account of Energetic Reflexives in Spanish. *Proceedings of the IV Pacific Linguistics Conference*. Eugene: University of Oregon, p. 339-360, 1989.

_____. *A media voz. Problemas conceptuales del clítico* se. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006.

_____ . La gramática cognitiva. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (Dir.) *Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos, 2012, p. 213-247.

MARTÍN ZORRAQUINO, María Antonia. *Las construcciones pronominales en español*. Madrid: Gredos, 1979.

MARTINS, Ana Maria. Construções com se: mudança e variação no português europeu. In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês (Ed.) *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus.* Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, p.163-178, 2003.

_____ . Passive and impersonal *se* in the history of Portuguese. Lisboa, 2005. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/english/sectores/variacao/ .../martins_passive_2005.pdf>. Acesso em: 15/03/2011.

MATEUS, Maria Helena M. et alii. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

MATTE BON, Francisco. *Gramática comunicativa del español*. Madrid: Edelsa, 1992. v.1, p. 101.

MENDES, Ronald. SP2010 - *Construção de uma amostra da fala paulistana. Projeto de Pesquisa apresentado à FAPESP (Proc. no. 2011/09278-6)*. São Paulo, 2011.

MENDIKOETXEA, Amaya. Construcciones con se: medias, pasivas e impersonales. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. (Dir.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (v.2)*: Las construcciones sintácticas fundamentales; Relaciones temporales, aspectuales y modales*. Madrid: Espasa, 1999, p. 1635-1722.

MIGUEL, Elena de. El aspecto léxico. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. (Dir.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (v.2)*: Las construcciones sintácticas fundamentales; Relaciones temporales, aspectuales y modales*. Madrid: Espasa, 1999, p. 2978-3060.

_____ . Relazioni tra il lessico e la sintassi: classi aspettuali di verbi ed il passivo spagnolo. In: *Studi italiani di lingüística teorica ed applicata*, v. 29, n. 2, p. 201-217, 2000.

MOINO, R. E. L. Passivas nos discursos oral e escrito: No princípio era o verbo. E o verbo se fez adjetivo? Ou... O que estamos fazendo no oral! In: TARALLO, Fernando. (Org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p. 35-50.

MOLINA REDONDO, José A. de. *Usos de "se"*. 3.ed. Madrid: SGEL, 1974.

MONGE, Félix. Las frases pronominales de sentido impersonal en español. In: *Archivo de Filología Aragonesa* VII: 7-102. Zaragoza, 1955.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco et alii. *La lengua hablada en Alcalá de Henares. Corpus PRESEEA-ALCALÁ. I. Hablantes de Instrucción Superior.* Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2002. CD-ROM.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco et alii. *La lengua hablada en Alcalá de Henares. Corpus PRESEEA-ALCALÁ. II. Hablantes de Instrucción Media.* Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2004. CD-ROM.

NARO, Anthony J. The Genesis of the Reflexive Impersonal in Portuguese: A Study in Syntactic Change as a Surface Phenomenon. In: *Language*, v. 52, n. 4, p. 779-810, dez. 1976.

NEGRÃO, Esmeralda V.; VIOTTI, Evani. A estrutura sintática das sentenças absolutas no português brasileiro. In: *Linguística*, v. 23, p. 37-58, junio 2010.

NEVES, Maria H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NUNES, Jairo M. *O famigerado se. Uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Campinas, 1990. 172f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas.

OTERO, Carlos; STROZER, Judith. Linguistic Analysis and the Teaching of "Se". *Hispania*, v. 56, n. 4, p. 1050-1054, dec. 1973.

PERLMUTTER, David. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. In: *Proceedings of the 4th Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*, p. 157-189, 1978.

PEZATTI, Erotilde G. A ordem de palavrase o caráter nominativo/ergativo do português falado. Alfa, São Paulo, v. 37, p. 159-178, 1993.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. *Los pronombres*. Madrid: Edi6, 1986.

PRESEEA. Guía PRESEEA para la investigación lingüística. Vers. 2.0. 22-01-2011. Disponível em : <http://www.linguas.net/preseea>. Acesso em 10/03/2012.

RAPOPORT, Tova R. The English Middle and Agentivity. *Linguistic Inquiry*, v. 30, n. 1, p. 147-155, 1999.

RAPOSO, Eduardo P. *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

_____; URIAGEREKA, Juan. Indefinite SE. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 14, n. 4, p. 749-810, nov. 1996.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española: Sintaxis*. Madrid: Espasa, 2009. v.1, 2.

SAID ALI, Manuel . *Investigações filológicas*. 3.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p.158-164.

_____ . *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 7.ed. Rio de Janeiro: ABL / Biblioteca Nacional, 2008. p. 101-119.

SHIBATANI, Masayoshi (1985). Passive and related constructions: A prototype analysis. *Language*, vol. 61, p. 821-848.

SUÑER, Margarita. Impersonal *SE* passives and the licensing of empty categories. *Probus*, Holland: Foris Publications, p. 209-231, 1990.

TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics*. *Concept Structuring Systems*. Cambridge: MIT Press, 2003. vol. 1

VENDLER, Zeno. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1967.

Bibliografia consultada

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Estudios de gramática funcional del español*. Madrid: Gredos, 1970.

BARBEITO, Vanina ; MIÑONES, Laura. Rasgos del Paciente en las construcciones pasivas con *se*. In: *Actas del IX Congreso de la Sociedad Argentina de Lingüística (CD)*, 2002 (Córdoba).

BARRENECHEA, Ana M. ; MANACORDA DE ROSETTI, Mabel V. *Estudios de gramática estructural*. Buenos Aires: Paidós, 1969.

_____ . La voz pasiva en el español hablado en Buenos Aires. In: BARRENECHEA et alii. *Estudios lingüísticos y dialectológicos*. Buenos Aires: Hachette, 1979. p. 61-72.

BELLO, Andrés. *Gramática de la lengua castellana*. Madrid: EDAF, 1984.

BRIZ, Antonio; Grupo Val.Es.Co. *Corpus de conversaciones coloquiales*. Madrid: Arco Libros, 2002.

CAMARA JR., Joaquim M. *Princípios de linguística geral*. 7.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CAMARA JR., Joaquim M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

CAMPOS, Héctor. Transitividad e intransitividad. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. (Dir.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (v.2)*: Las construcciones sintácticas fundamentales; Relaciones temporales, aspectuales y modales*. Madrid: Espasa, 1999, p. 1519-1574.

CANÇADO, Márcia. O Papel do Léxico em uma Teoria dos Papéis Temáticos. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 16, n. 2, 2000.

_____. Uma aplicação da teoria generalizada dos papéis temáticos: Verbos psicológicos. *Revista do Gel*, n. especial, 2002, p. 93-125.

_____. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MÜLLER, Ana L.; NEGRÃO, Esmeralda V.; FOLTRAN, Maria José (Org.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 95-124.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Trad. Fabiana Komesu (Coord.). São Paulo: Contexto, 2004.

COMRIE, Bernard. In defense of spontaneous demotion: the impersonal passive. In: *Syntax and Semantics*, v. 9, Academic Press, INC, 1977. p. 47-58.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael J. (Org.) *Corpus do Português* [on line]. <www.corpusdoportugues.org>. Acesso no período de 15/04/11 a 20/04/11.

DUARTE, Maria Eugênia L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando. (Org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p. 19-34.

DUBOIS, Jean et alii *Dicionario de lingüística*. Trad. de Barros, F. P. et alii. São Paulo: Cultrix.

DUTRA, Rosália. Considerações sobre o "se": o pronome camaleão. In: MAGRO, M. C.; DUTRA, Rosália (Org.) *Ensaios de lingüística 5. Cadernos de linguística e teoria da literatura*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, Departamento de Linguística e Teoria da Literatura, Ano III, 5: 74-87, dez. 1981.

GALVEZ, Charlotte. A interpretação "reflexiva" do pronome no português do Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 249-264, ago.1986.

_____. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 34, p. 19-31, jan. jun. 1998.

GIVÓN, Talmy. Typology and functional domains. *Studies in Language*, [S.I.], v.5, p. 163-193, 1981.

_____ . The pragmatics of de-transitive voice: functional and typological aspects of inversion. (Introduction). In: _____ . (Ed.). *Voice and Inversion*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1994. p. 3-46.

GÓMEZ TORREGO, Leonardo. *La impersonalidad gramatical: descripción y norma*. 3.ed. Madrid: Arco Libros, 1998. (Cuadernos de Lengua Española).

_____ . *Valores gramaticales de "SE"*. Madrid: Arco Libros, 1992. (Cuadernos de Lengua Española).

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos*. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

LÁZARO CARRETER, Fernando. *Estudios de Lingüística*. Barcelona: Crítica, 1981.

LENZ, Rodolfo. *La oración y sus partes: estudios de gramática general y castellana*. 2.ed. Madrid: Junta para la Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas/ Centro de Estudios Históricos, 1925.

MARÍN, Francisco M. (Org.) *Corpus Oral de Referencia de la Lengua Española Contemporánea*. [on line] <http://www.lllf.uam.es/ESP/Corlec.html>. Acesso no período de 15/04/11 a 20/04/11.

MENDIKOETXEA, Amaya. Construcciones inacusativas y pasivas. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. (Dir.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (v.2)*: Las construcciones sintácticas fundamentales; Relaciones temporales, aspectuales y modales*. Madrid: Espasa, 1999, p. 1575-1629.

MIGUEL, Elena de. El operador aspectual se. *Revista Española de Lingüística*, v. 30, n. 1, p. 13-43, 2000.

NUNES, Jairo M. Ainda o famigerado *SE*. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 201-240, 1995.

PEUL/UFRJ. Banco de Datos [on line]. *Amostra Censo*. <http://www.letras.ufrj.br/peul/amostras%201.html>. Acesso no período de 15/04/11 a 20/04/11.

PONTES, Eunice. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. Complementos argumentales del verbo: directo, indirecto, suplemento y agente. 3.ed. Madrid: Arco Libros, 1997. (Cuadernos de Lengua Española).
PRETI, Dino; QUADROS, Marli; URBANO, Hudinilson (Org.). *Projeto NURC: Documentação eletrônica*. Núcleo USP, 2002.
REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Banco de Datos (CREA) [on line]. *Corpus de Referencia del Español Actual*. < http://corpus.rae.es/creanet.html >. Acesso no período de 15/04/11 a 20/04/11.
REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1973.
RODRIGUES, André F. *Como elaborar referência bibliográfica*. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2008.
SAID ALI, Manuel. *Grammatica Historica da Lingua Portugueza*. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1931.
_____. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 7.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica,1971.
SAMPER PADILLA, José A.; HERNÁNDEZ CABRERA, Clara E.; TROYA DÉNIS, Magnolia (Ed.). *Macrocorpus de la Norma Lingüística Culta de las Principales Ciudades del Mundo Hispánico*. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria / Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina, 1998.

Livros didáticos e paradidáticos consultados

ANDRÉ, Hildebrando A. de. *Gramática ilustrada*. 5.ed. São Paulo: Moderna, 1997.
ARAGONÉS, Luis; PALENCIA, Ramón. *Gramática de uso de español para extranjeros*. Madrid: SM, 2007.
CASTRO, Francisca. *Uso de la gramática española: avanzado*. Madrid: Edelsa, 1997.
CERROLAZA, Matilde; CERROLAZA, Óscar; LLOVET, Begoña. *Planet@ 4: Libro de referencia gramatical*. Madrid: Edelsa, 2000.
CEREJA, William R.; MAGALHÃES, Thereza C. *Gramática: texto, reflexão e uso*. 2.ed. São Paulo: Atual, 2004.

CHAMORRO GUERRERO et alii. *Abanico: Curso Avanzado de Español Lengua Extranjera. Libro del Alumno*. 6.ed. Barcelona: Difusión, 2001.

CORONADO GONZÁLEZ, Mª Luisa; GARCÍA GONZÁLEZ, Javier; ZARZALEJOS ALONSO, Alejandro R. *Materia prima*. 3.ed. 2001. Madrid: SGEL, 2001.

DOMÍNGUEZ, Pablo.; BAZO, Plácido. *Claves del Español: Gramática Práctica*. Madrid: Santillana, 1994.

FANJUL, Adrián (Org.) *Gramática y práctica de español para brasileños*. São Paulo: Moderna, 2006.

FARACO, Carlos E. ; MOURA, Francisco Marto de. *Gramática nova*. 14.ed. São Paulo: Ática, 2004.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Manual da Redação*. São Paulo: Publifolha, 2006.

LUFT, Celso P. *Moderna gramática brasileira*. São Paulo: Globo, 1996.

MARTÍN PERIS, Ernesto; SANS BAULENAS, Neus. *Gente 1. Libro del Alumno*. 2.ed. Barcelona: Difusión, 1998a.

MARTÍN PERIS, Ernesto; SANS BAULENAS, Neus. *Gente 1. Libro de Trabajo y Resumen Gramatical*. 2.ed. Barcelona: Difusión, 1998b.

MARTINS, Eduardo. *O Estado de São Paulo: Manual de Redação e Estilo*. 3.ed. São Paulo: o Estado de São Paulo, 1997.

NETO, Pasquale C.; INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Scipione, 2004.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. 15.ed. São Paulo: Scipione, 2004.

SACCONI, Luiz A. *Gramática essencial ilustrada*. São Paulo: Moderna, 1998.

SÁNCHEZ, Aquilino; SARMIENTO, Ramón. *Gramática básica del español*. 10.ed. Madrid: SGEL, 2001.